

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**Wesley de Jesus Barbosa**

**O IDIOTA DE JESUS:**  
**A HIPÓTESE LITERÁRIA E A HIPÓTESE MÉDICA COMO INDICATIVOS**  
**DE UMA POSIÇÃO TRANSVALORADA EM NIETZSCHE**

**ORIENTADOR: Jorge Luiz Viesenteiner**

**Março**

**2020**

Wesley de Jesus Barbosa

**O IDIOTA DE JESUS: A HIPÓTESE LITERÁRIA E A  
HIPÓTESE MÉDICA COMO INDICATIVOS DE UMA  
POSIÇÃO TRANSVALORADA EM NIETZSCHE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Filosofia.

Aprovada em 14 de abril de 2020.

Comissão Examinadora:



---

**Prof. Dr. Wander Andrade de Paula**  
Presidente da Comissão e Examinador Interno (UFES)



---

**Prof. Dr. Jorge Luiz Viesenteiner**  
Orientador (UFES)



---

**Prof. Dr. Henry Martin Burnett Junior**  
Examinador Externo (UNIFESP)

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema  
Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e  
elaborada pelo autor

---

BARBOSA, W., 1980-  
B238i O Idiota de Jesus: a hipótese literária e a hipótese médica  
como indicativos de uma posição transvalorada em  
Nietzsche / Wesley de Jesus Barbosa. BARBOSA. -  
2020.  
187 f.

Orientador: Jorge Luiz VIESENTEINER.  
Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade  
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e  
Naturais.

a. Filosofia Alemã - Século XIX. 2. Filosofia na literatura.  
3. Filosofia Russa. 4. Filosofia e Religião. 5. Psiquiatria - Filosofia. 6. Psiquiatria na  
literatura. I. VIESENTEINER, Jorge Luis. II. Universidade Federal do Espírito  
Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 101

---

Wesley de Jesus Barbosa

**O IDIOTA DE JESUS:  
A HIPÓTESE LITERÁRIA E A HIPÓTESE MÉDICA COMO INDICATIVOS  
DE UMA POSIÇÃO TRANSVALORADA EM NIETZSCHE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo, para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Orientador: Jorge Luiz Viesenteiner.

Exemplar correspondente à redação final  
da dissertação de mestrado defendida  
e aprovada pela comissão julgadora em \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luis Viesenteiner \_\_\_\_\_

Prof. Dr.: Henry Martin Burnett (UNIFESP) \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Wander Andrade de Paula (UFES) \_\_\_\_\_

Prof. Dr. José Renato Salatiel(UFES) \_\_\_\_\_

*À Sofia Gaudio Barbosa Vaz.*

## AGRADECIMENTOS

O caminho até aqui não foi curto, nem solitário. É porque vivemos em sociedade que podemos nos fortalecer como indivíduos, sujeitos que protagonizam no ato da vida a sua história, uma singular existência interconectada ao todo social, político, cultural. A ideia de meritocracia é falaciosa e desonesta, pois projeta no eu totalitário e despótico os louros de uma vitória que em hipótese alguma se deu no silêncio da caverna do eremita. Mesmo o eremita é produto do social. Por isso, devo expressar aqui todo o meu reconhecimento àqueles/àquelas que ofereceram seus braços para impor mais vigor a minha caminhada. Temo ser injusto e não me lembrar de todas e todos, desde já peço desculpas por quaisquer impropérios.

Primeiramente agradeço a meus pais, Antonio Gaudio Barbosa e Olinete de Jesus Dutra Barbosa, pela graça biológica da vida, assim como o seu compromisso por ter entendido a importância de, ainda bem jovem, me matricular numa escola que, indubitavelmente, me ofertou os códigos linguísticos necessários à entrada no mundo das letras. Sou grato a todas/todos os meus professores do Ensino Básico, principalmente as alfabetizadoras, que sequer lembro o nome, mas deixarei registrado em sua honra e glória, o heroísmo de seu trabalho na formação intelectual do povo brasileiro. Referirei-me aos nomes das escolas as quais estudei e elas trabalharam, para homenageá-las pelo seu primoroso ministério como educadoras. Endosso a importância das escolas públicas como instituições disciplinares significativas na construção da dignidade humana. Tais professoras e professores sem as quais não teria lido um livro na vida trabalhavam nas escolas: Escola Municipal de Ensino Infantil Ana Rocha Lira, Escola Estadual de Ensino Fundamental Angélica Paixão, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Silva Mello ( Polivalente de Guarapari), Escola Municipal de Ensino Fundamental General Costa e Silva e Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC) Dr. Roberto Calmon, todas no município de Guarapari.

Agradeço ao Departamento de Assistência Estudantil (DAE) da UFES por ter me concedido o direito social a alguns subsídios enquanto estudante de graduação do curso de Psicologia que, do contrário, não teria conseguido seguir na pesquisa de mestrado. Sou grato a todas/todos os funcionários das empresas terceirizadas da universidade, que limpam os banheiros, os corredores, fazem a comida do Restaurante Universitário (RU), cuidam do jardim. Não poderia deixar de lembrar das cantinas, do

Baiano, sempre solícito e alegre na Cantina do Onofre e o Mauro, do mesmo modo gentil e brincalhão, na cantina do Centro de Educação Física. Gratidão aos servidores das Bibliotecas Central, e setoriais das Humanas, das Artes, da Educação Física, do Centro de Ciências da Saúde, da Educação, sem estes espaços teria sido mais difícil estudar, mas, uma dica: dentro de biblioteca não se conversa, nem um pouquinho, principalmente quem trabalha nelas!

Além de tocar uma graduação e um mestrado ao mesmo tempo tive que trabalhar, pois o governo não me concedeu uma bolsa de estudos porque acha que faz um favor ao estudante repassando-lhe R\$ 1500,00, burocraticamente suados, e não o contrário, que nós que nos dispomos a pensar e estudar que trabalhamos para o desenvolvimento da sociedade como um todo e, portanto, deveríamos ser fartamente recompensados por isso. Assim, expresse minha profunda gratidão a Cíntia Trazzi e Ricardo Trazzi, gestores do Projeto Universidade Para Todos (PUPT), assim como toda a equipe pedagógica e docente, pela ideia extraordinária do cursinho comunitário que remunera os professores estimulando o seu trabalho para a conquista de resultados objetivos, com uma clientela diferenciada, os estudantes de escola pública; e, também, pela educação, empatia, doçura na administração, transformando um escritório numa porta sempre aberta para o conforto e regozijo de todas/todos, de maneira que uma certa paz, uma tranquilidade mágica, toma a alma do sujeito que lá adentra, seja no espaço do trabalho burocrático, seja na sala de aula. A ideia é muito bonita e o trabalho é bastante gratificante. Agradeço a Vasconcelos pelo mesmo acolhimento na unidade do PUPT em Serra.

O Brasil poderia ser uma superpotência mundial se valorizasse seus intelectuais, os pensadores destas terras não são todos eles abastados. Trabalhei duro até aqui, muitos finais de semana a fio, com alegria e otimismo, com paciência e dedicação. O problema é que uma noite inteira de trabalho me impedia de estudar no outro dia e quando as datas estavam apertadas demais o esforço era hercúleo. Sem dinheiro algum, pois o cursinho não funciona o ano todo encontrei saídas econômicas trabalhando na noite como *barman*. Meu especial agradecimento a Bárbara Drumond, gerente da casa de shows, *Fluente*, que entendeu a minha dor e deu uma solucionabilidade eficaz a meu problema confiando na minha pessoa e acreditando na minha capacidade de evoluir no trabalho. Depois foi aberta outra casa, o *Bolt*, a qual fui remanejado para compor a equipe junto a nossa gerente. Ora, sou grato a Rick Soares e Dessa, proprietários do

Grupo Antimofa ( *Fluente, Bolt e Stone Pub*), assim como os diversos *freelancer* que por lá passaram e que sou grato pelas experiências, não lembrarei todos os nomes, mas citarei alguns: Will, Rafael, Dominique Sabino, Vinicius Littig, Vladmyr Miraloso Porto Lobianco, Gláucio Buhr, Tatiana Manzoli, Jorge Pinto Junior ( Tran), Tuzão.

Ao meu orientador, Jorge Luiz Viesenteiner, meu mais estimado respeito pela competência e erudição e, principalmente, pela gentileza e educação no trato com nossas dúvidas e incertezas como orientando. Nunca fui sufocado por uma orientação o tempo todo demandante, punitiva, ofegante pela denúncia permanente de nossa insuficiência produtiva e pequenez intelectual em termos cognitivos e de títulos. Há hierarquia na vida, ela sempre esteve colocada ali, não como uma mão pronta a violentar, mas como uma parceria que exige respeito, para do encontro do diálogo, se fortalecer: quem não está pronto para ouvir não tem tanta credibilidade para falar, para mandar é preciso saber obedecer.<sup>1</sup> Os encontros foram poucos, ao ar livre, fumando cachimbo, não podia pretender algo melhor! Só de imaginar um orientador na minha cola todo dia dizendo o que tenho de fazer da minha vida me dava crise de pânico. Os diálogos constituíram-se profícuos, de grande valor à pesquisa, outrossim, inesgotavelmente pertinentes à vida. Muito obrigado!

Importante registrar as contribuições no campo epistemológico promovidas pelos professores doutores do departamento de filosofia Bárbara Botter, José Renato Salatiel e Pedro Luchi. Bárbara pela alegria, amor e carinho com a filosofia socrático-platônica, assim como sua paixão pela sala de aula ajudando na construção de um país que nem é sua pátria. Salatiel pela amabilidade, cordialidade e seriedade no trato com a filosofia analítica, assim como respeito à multiplicidade de ideias e profícuo entusiasmo ao debate democrático. Por fim, Pe. Luchi pelo vigor no ministério da sala de aula, pelo conhecimento adquirido, produzido e transmitido, pela jovialidade como os saberes ainda pulsam em suas veias.

Já supunha desde o início que a sessão de agradecimentos tendia a ser longa, então tenham um pouco de paciência, considero esse registro histórico oportuno e justo. Grato ao professor Dr. Ueber Oliveira do Departamento de História da Universidade

---

1 BM 19 (“Em todo querer a questão é simplesmente mandar e obedecer, sobre a base, como disse, de uma estrutura social de muitas ‘almas’: razão porque um filósofo deve se arrojar o direito de o querer em si no âmbito da moral – moral, entenda-se, como a teoria das relações de dominação sob as quais se origina o fenômeno ‘vida’.”)

Federal do Espírito Santo pelos diálogos sobre política, pesquisa e metodologia, me foram bastante relevantes. Agradeço do fundo do coração pela ajuda dos tempos difíceis. A mão solidária jamais será esquecida, retribuirei o gesto, não como a pagar uma dívida, mas como a expressar meu amor e carinho.

A graduação em psicologia me levou ao encontro do mais fundo de mim mesmo. Já conhecia Nietzsche, mas a psicologia me aguçou esse mergulho no abismo de que sou. Talvez, este mestrado tenha sido premeditado nos passos travessos de uma aula e outra entre o CEMUNI VI e o IC – II e III. Adorei o curso e todas as pessoas que nele se encontram e passaram pela minha vida de algum modo. Agradeço pela companhia, pela paciência, pelos diálogos, por terem me ensinado muito do que sei da clínica e da vida, do que aprendi sobre Deus e a liberdade. Desde já, de coração alegre, grato a Gabriela Bastianello, Dheborah Cristo Borges, Cristiane Tedesco, Izabelli Martins Pancieri, Mayara Santiago, Tuhany Sabino, Getúlio Souza, Carolina Roseiro, Gustavo Badaró, Erly Neto, Larissa Araújo, Thiago Folz, Ana Luiza Magalhães Gonçalves, Larissa Zandonadi Coutinho, Pedro Victor (PV), Valéria Moreira (Val).

Gostaria de enumerar alguns professores marcantes do Departamento de Psicologia e do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento, o faço não para desmerecer os outros, remeto-me a eles/elas por terem me dado pistas para a aventura do mestrado. Desde já sou grato a todos/ todas que me deram aula. Mas lembro-me de uma aula de Processos Cognitivos ainda no segundo período com a professora Dra. Gilead Tavares em que ela cutucava as alunas perguntando sobre “quem ou o que pensa!”. Uma pergunta inusitada e eu, cartesiano até os ossos naquela época, pensei, mas fiquei quieto, macaco velho que sou!: - *a mente, óbvio*. Ela: o corpo não pensa? As estudantes: o corpo executa os comandos da mente. Ela: a mente tem um lugar? As estudantes: na cabeça. Ela: onde na cabeça? As estudantes: no cérebro. Ela: o cérebro é corpo ou é mente? Essa aula me marcou bastante, desmontou tudo que eu tinha como indubitável, tive que pensar o pensamento de outro modo. Importante as contribuições das professoras doutoras Ana Heckert e Luizane Guedes, assim como do professor Adriano Jardins no que concerne, principalmente, às discussões sobre as questões de negritude e relações étnico-raciais, que serviram para desmontar o meu olhar sobre mim mesmo acerca do meu racismo obrigando-me a um permanente revisitar-me. Muito obrigado às professoras doutoras Mariana Bonomo e Cláudia Pedroza pelo trato com a coisa pública, a responsabilidade profissional com a

universidade e a sociedade pagadora de impostos. À Mariana, aquelas aulas de projetos sociais foram primordiais; à Claudia, as conversas de supervisão disparavam reflexões importantes sobre a necessidade de um olhar complexo sobre a realidade e sobre as dimensões múltiplas do sofrimento. Carinho especial às professoras doutoras Janaína Mariano César e Luziane de Assis Siqueira pelas práticas de cuidado de si, pelas aulas que não parecem aulas, pela postura ética de inserir no debate psicológico as conexões transporte do corpo agenciamento da máquina totalitária do capital, a primeira com a discussão de infância, criança, autonomia e proteção da criança, a segunda com os aportes a Hannah Arendt e Foucault e o cuidado de si como cuidado do mundo. Ainda, meus singelos agradecimentos à professora doutora Cristina Lavrador que tive a oportunidade de compartilhar experiências numa matéria de Saúde Mental, ali aprendi sobre a loucura, como a loucura nos é insuportável, como os valores judaico-cristãos impregnam nossa leitura apontando formas de existência como dimensões do pecado; fui confrontado comigo mesmo, com minha razão despótica, intransigente, pouco empática, minha escuta avançou, pois tive que acolher a fala com a angústia de uma falta de paciência; aprendi sobre autonomia e vida no mundo da desrazão. Acho que gosto de psicanálise, mas se dizer psicanalista é muito aprisionante para mim, todavia, grato aos professores doutores: Ana Augusta pela imersão inicial nas teorias da constituição do sujeito, a Ariana Lucero pelo projeto de pesquisa em psicose infantil, a Jorge dos Santos pela novidade de um Foucault, Cangilhem, Jaspers e a psicopatologia, a Luis Francisco Camargo pela introdução a Lacan e a seara de uma análise que avança ao deserto de ser, a Fábio Bispo pela primorosa contribuição ao conhecimento psicanalítico lançando mão do laço social como ferramenta diagnóstica, interpretativa e de constituição do sujeito.

Não poderia deixar de lembrar e agradecer aos *vagabundos* pelo longo período em que vivemos juntos, bebendo, fumando, compartilhando experiências, ajudando-se na pobreza, agarrando-se um ao outro quando o mundo parecia desmoronar. Homens sem os quais a caminhada teria sido muito mais difícil, homens que se enfiariam na frente de uma bala para me proteger. Aos *vagabundos* se enunciam as palavras amizade, companheirismo, alegria e justiça social. Obrigado a Márcio Cuca, apesar da doideira, uma das pessoas mais coerentes, justas e sensíveis que conheci. Obrigado a Wander Demartini Nunes pela lealdade incondicional, a Ernesto Charpinel pela força das palavras, pela paixão pela vida, pelo carinho de sempre querer estar por perto.

Por fim, e não menos especial, meus magnânimos agradecimentos a *mozão*, Thalita Farias Oliveira por todo este tempo em que estivemos juntos, me aguentando no meu silêncio reflexivo, na minha presença sempre preocupada, às vezes, hostil e esnobe. Todas as formas de carinho, sua juventude inventiva, os passeios no parque, as praias, os debates, são sentidos do amor que entre nós se construiu numa parceria que comunga projetos de vida, amizade e paixão. Ajudamo-nos na fraqueza sempre com a palavra amiga para não desanimar. Porque o mundo todo torce contra, mas nós torcemos juntos, um pelo outro, independente do tamanho do desafio. Muito obrigado por ter sido o braço poderoso que perseverou comigo entre os pedregulhos da guerra, até o fim, nunca sequer conjecturando desistir ou ir pelo caminho mais simples. Até aqui, graduação em Psicologia e mestrado em filosofia estivemos juntos como uma rocha inquebrantável que luta contra a pobreza material, as animosidades da sociedade e sua pouca empatia, a ignorância intelectual na qual as elites brasileiras gostariam de nos aprisionar. Resistimos e resistiremos sempre, pois sabemos que o poder do lápis e a sabedoria das palavras são nossas armas na luta contra as injustiças sociais, e que ninguém pode nos tomar aquilo que aprendemos no banco das escolas: a nossa mais sublime riqueza. Ensinares outros e serviremos de inspiração para aqueles que são vítimas das mais cruéis violências de um país, indubitavelmente, racista, oligarca, machista, que não oferece o mínimo para os que mais precisam. *Mozão*, muito obrigado: te amo!

*“Idiota é quem faz idiotice!” (GUMP, Forrest)*

*“Não há direito natural: esta expressão não passa de uma antiga tolice bem digna do procurador-geral que me acusou há dias passados e cujo o avô enriqueceu num confisco de Luis XIV. Só há direito quando há uma lei que proíbe de fazer tal coisa, sob pena de punição. Antes da lei, não há de natural outra coisa que a força do leão ou a necessidade da criatura que tem fome, que tem frio, que tem, em suma, uma necessidade... Não, as pessoas que se honram não passam de velhacos que tiveram a felicidade de não serem apanhados em flagrante delito. O acusador que a sociedade lança sobre mim enriqueceu mediante uma infâmia... Eu cometi uma tentativa de assassinato e estou justamente condenado, mas, comparando-se com esta ação solitária, Valenod, que me condenou, é cem vezes mais nocivo à sociedade.” (STENDHAL, O Vermelho e o Negro, p. 343)*

## RESUMO

A presente dissertação de mestrado trata de como o tipo Jesus elaborado por Nietzsche em seu *O Anticristo* apresenta-se como desprovido de vontade de poder. A hipótese literária e a hipótese médica enunciam-se como ferramentas para a análise do *tipo*, porém não inserem-se no debate como a provocar dicotomias, ao contrário, servem como indicativos a uma posição transvalorada. Ou seja, na medida em que a não reação de Jesus remete-se a uma transvaloração de todos os valores porque rompe com os preceitos morais e a cultura do ressentimento, o texto dissertativo, outrossim, comunica-se com o objetivo geral no sentido de romper as fissuras inserindo no corpo semântico uma interpretação que não qualifique esta ou aquela tese como mais profícuas ao trabalho numa perspectiva de uma nulidade de contraponto. Mas que obedecendo aos limites de uma insustentável leveza da interpretação justifique-se pelos conceitos da hipótese médica sem perder a liberdade literária. No campo de forças destas duas hipóteses se perde o dualismo em prol de um acontecimento primordial: a interpretação.

A hipótese literária de Renato Nunes Bittencourt busca em Dostoiévski a comunhão tipológica de Jesus pela análise do príncipe Michkin, protagonista do livro *Idiota*. Assim, criei as categorias o esquecido, o sujeito privado, o não-reativo, o apolítico e o pueril para analisar a dinâmica psicológica de Michkin e Jesus. Tais características não são axiomas, são tentativas de fixar temporariamente uma interpretação, já sabendo que o real é inapreensível numa formalidade conceitual determinística e transcendental. Esta hipótese fora significativa na recuperação de *O Anticristo* como texto filosófico, na medida em que desmontou a carapaça preconceituosa criada para desmerecer o trabalho do filósofo afirmando a inautenticidade do texto como mero panfleto blasfemo ou delírio de uma mente que já mostrava sinais de que sucumbiria. Mas este argumento tem seus limites hermenêuticos.

A hipótese médica de Allan Sena passa pelos textos de Morel e Féré defendendo a tese de que o idiota de Jesus não é uma referência ao príncipe Michkin, mas uma construção produzida pelo contato de Nietzsche com a literatura médica muito em voga entre os intelectuais do século XIX. Aliás, o próprio Dostoiévski, segundo Sena, teria formulado o príncipe Michkin sob tal influência. Que a idiotia, portanto, corresponderia a um transtorno psiquiátrico que retardaria o desenvolvimento da pessoa numa época ainda bem infantil.

Todavia, a novidade desta dissertação e pretensão a uma *filosofia do futuro*, não é polarizar o debate, mas inseri-lo num acontecimento hermenêutico. Dando a literatura a sua rigorosidade epistemológica entrelaçando-a a uma teoria médica tão dura na sua verdade que talvez precisasse da leveza da ambiguidade das palavras que criam mundos de metáforas. Porque a medicina tão verdadeira na sua utilidade deu palpites sobre o mundo e as pessoas que, muito diferente de explicar objetivamente a realidade, acabou por mascará-la em preconceitos e esteriótipos. E os poetas, despreocupados com o real, inventaram fábulas para falar do mundo. Ciência e arte não se anulam como sistemas ou hipóteses explicativas, elas interpretam o mundo, a seu modo, e tais modos não são melhores ou piores. A vida sem arte seria lastimável. A vida sem a medicina seria curta demais. A hipótese literária e a hipótese médica indicam uma posição transvalorada não apenas porque sustentam que a beatitude do tipo Jesus efetiva-se por sua vivência desprovida de vontade de poder, mas porque enquanto arranjos deste texto argumentativo enveredam-se pelos contornos ousados de uma insustentável leveza da interpretação.

**Palavras-chave:** vontade de poder, hipótese literária, hipótese médica, Jesus, Míchkin, valores morais e ressentimento.

## ABSTRACT

The present master's thesis deals with how the Jesus type elaborated by Nietzsche in his *The Antichrist* presents himself as completely without the will to power. The literary hypothesis and the medical hypothesis are enunciated as tools for the analysis of the type, however they are not inserted in the debate as provoking dichotomies, on the contrary, they serve as indicatives to a position that is undervalued. In other words, to the extent that Jesus' non-reaction leads to a transvaluation of all values because it breaks with the moral precepts and the culture of resentment, the essay text, moreover, communicates with the general objective in the sense of break the fissures by inserting an interpretation in the semantic body that does not qualify this or that thesis as more useful to the work in a perspective of nullity of counterpoint. But that, obeying the limits of an unsustainable lightness of interpretation, be justified by the concepts of the medical hypothesis without losing literary freedom. In the force field of these two hypotheses, dualism is lost in favor of a primordial event: interpretation.

Renato Nunes Bittencourt's literary hypothesis seeks in Dostoevsky the typological communion of Jesus through the analysis of Prince Michkin, protagonist of the book *The Idiot*. Thus, I created the categories the forgotten, the private, the non-reactive, the non-political and the childlike to analyze the psychological dynamics of Michkin and Jesus. Such characteristics are not axioms, they are attempts to temporarily fix an interpretation, already knowing that the real is understandable in a deterministic and transcendental conceptual formality. This hypothesis had been significant in the recovery of *The Antichrist* as a philosophical text, insofar as it dismantled the prejudiced shell created to discredit the work of the philosopher, affirming the inauthenticity of the text as a mere blasphemous pamphlet or delirium of a mind that already showed signs that it would succumb. . But this argument has its hermeneutical limits.

The medical hypothesis of Allan Sena goes through the texts of Morel and Féré defending the thesis that the idiot of Jesus is not a reference to Prince Michkin, but a construction produced by Nietzsche's contact with medical literature very in vogue among intellectuals of the century XIX. In fact, Dostoevsky himself, according to Sena, would have formulated Prince Michkin under such influence. That idiocy, therefore, would correspond to a psychiatric disorder that would delay the person's development in a still very childish time.

However, the novelty of this dissertation and claim to a philosophy of the future is not to polarize the debate, but to insert it into a hermeneutical event. Giving literature its epistemological rigor by intertwining it with a medical theory so harsh in its truth that perhaps it needed the lightness of the ambiguity of the words that create worlds of metaphors. Because medicine, so true in its usefulness, gave hints about the world and people that, very different from explaining reality objectively, ended up masking it in prejudices and stereotypes. And the poets, unconcerned with the real, invented fables to talk about the world. Science and art do not cancel each other out as systems or explanatory hypotheses, they interpret the world in their own way, and such ways are not better or worse. Life without art would be pitiful. Life without medicine would be too short. The literary hypothesis and the medical hypothesis indicate an overrated position not only because they maintain that the beatitude of the Jesus type is effected by his experience completely lacking the will to power, but because as arrangements of this argumentative text they embark on the daring contours of an unsustainable lightness of interpretation.

**Keywords:** will to power, literary hypothesis, medical hypothesis, Jesus, Míchkin, moral values and resentment.

## LISTA DE ABREVIATURAS

**KSA** – *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe in 15 Bänden*. Hrsg. Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin/New York: DTV & Walter de Gruyter, 1980.

**KSB** – *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe*. Hrsg. Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin/New York: DTV & Walter de Gruyter, 1986.

**KGB** – *Nietzsche Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe*. Herausgegeben von: Colli, Giorgio und Montinari, Mazzino. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1975.

**NT** – *O nascimento da tragédia*

**FT** – *A filosofia na época trágica dos gregos*

**CP** – *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*

**Co. Ext. I** – *Considerações Extemporâneas I: David Strauss, o confessor e o escritor*

**Co. Ext. II** – *Considerações Extemporâneas II: Da utilidade e desvantagem da historia para a vida*

**VM** – *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*

**HHI** – *Humano, demasiado humano I*

**OS** – *Humano, demasiado Humano II: Opiniões e sentenças diversas*

**AS** – *Humano, demasiado Humano II: O andarilho e sua sombra*

**A** – *Aurora*

**GC** – *A gaia ciência*

**ZA** – *Assim falou Zaratustra*

**BM** – *Além de bem e mal*

**GM** – *Genealogia da moral*

**CW** – *O caso Wagner*

**CI** – *Crepúsculo dos ídolos*

**NW** – *Nietzsche contra Wagner*

**AC** – *O Anticristo*

**EH** – *Ecce Homo*

**FP** – *Fragmentos póstumos* (seguido da numeração do fragmento e da época em que foi escrito).

## **SUMÁRIO**

**AGRADECIMENTOS, 6**

**RESUMO, 13**

**ABSTRACT, 15**

**LISTA DE ABREVIATURAS, 17**

**SUMÁRIO, 19**

**ADVERTÊNCIAS, 20**

**INTRODUÇÃO, 23**

**1 – NIETZSCHE E DOSTOIÉVSKI, 34**

**1.1 - A descoberta de Dostoiévski, 35**

**1.2 - O Príncipe Míchkin e o Tipo Jesus, 45**

1.2.1 – O Idiota, 50

1.2.1.1 – O esquecido, 53

1.2.1.2 - O sujeito privado, 59

1.2.1.3 - O não-reativo, 66

1.2.1.4 - O apolítico, 75

1.2.1.5 - O pueril, 88

1.2.1.5.1 – O além-do-homem e a criança, 95

1.2.2 - Idiotia como diagnóstico psiquiátrico, 101

**2 - O TIPO JESUS COMO COMPLETAMENTE DESPROVIDO DE VONTADE PODER, 111**

**2.1 – Teoria da degenerescência, 117**

**2.2 – Hiperexcitabilidade e esgotamento, 124**

**2.3 – Jesus e o tipo fisiologicamente obstruído, 136**

2.3.1 – Ausência de Vontade de Poder no Redentor, 142

**CONSIDERAÇÕES FINAIS, 156**

**APÊNDICE I, 162**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 182**

## ADVERTÊNCIAS

Nietzsche não é um autor simples e qualquer leitura apressada de seu texto levará a conclusões e equívocos hermenêuticos que em mãos de pessoas mal intencionadas e desonestas intelectualmente causariam estragos hediondos. Para dar alguns poucos exemplos, produtos da cultura do ressentimento e afoitos demais no deleite da letra nietzschiana, tem-se a apropriação de alguns trechos pelo Partido Nacional Socialista Alemão (NAZI) para legitimar e justificar a superioridade ariana. Como se os valores aristocráticos e cavaleirescos da *Genealogia da Moral* remetesse-se a torpeza dos malditos vermes que imbuídos do mais profundo sentimento de vingança e ódio ao Tratado de Versalles e aos semitas, tivessem tomado o poder como a fundar no Terceiro *Reich* a cultura excelsa da besta loura. Esta rápida demais e a pressa é algo que não coaduna-se ao interpretar da filosofia nietzschiana. Os alemães não eram tão elogiados por Nietzsche, aliás, eram e são, produto da cultura religiosa de Lutero, portanto, medíocres e ressentidos. A besta loura talvez fossem os Gregos Antigos ou os Godos ou os Vinkings, mas qualquer afirmação destas é insuficiente, pois ele elabora *tipos*, que constituem uma estratégia filosófico-literária para referir-se ao mundo sem grandes pretensões substancialistas, há uma crítica à História da Filosofia, assim como a modernidade cartesiano newtoniana (ao longo da dissertação apresento alguns dos *tipos* nietzschianos e os discuto).

Outro exemplo, ainda, é a insistente e intransigente interpretação dos marxistas sobre os textos do autor alemão. Porque se os nazistas tomaram posse dos argumentos de Nietzsche, não o fizeram de modo ingênuo, ali já estava o mentor por trás da grande celeuma do século XX, ou seja, o antissemitismo e a guerra de domínio como baluartes da vontade de poder. Pois, seus ataques contundentes ao socialismo como apêndice de um cristianismo ateu que serve ao nivelamento e a formação do rebanho demonstram como o seu aristocratismo corrobora para a formação dos campos de trabalho, concentração e extermínio dos judeus e de todos aqueles tidos como fracos por Hitler. De novo, vontade de poder não tem esse sentido, esta veloz demais, calma: para Nietzsche vontade de poder é vida. A vida toma seus contornos de beleza e exuberância, dor e sofrimento, porque o tempo todo, está sendo confrontada, ameaçada e para continuar existindo amplia, pela luta, sua força, pela vontade de poder.

Deste modo gostaríamos de advertir alguns leitores biliosos ou outros que curiosos pelo assunto não estejam devidamente familiarizados com a delicadeza estilística do pensador, mas motivaram-se a aprender e encantar-se por este tipo de filosofia bem diferente e singular, que a leitura pode ser arriscada e sem volta, porém bastante instigante. Primeiramente, não recomendo, como se, se pudesse definir de antemão como cada sujeito deva ler essa dissertação, assim, de coração aberto e alegria no olhar, se pode começar a leitura neste momento, sem mais delongas. Entretanto, se a leitura não estiver se desenvolvendo e sentimentos de ódio, raiva, vontade de bater e agredir, palpitação acelerada e aumento da pressão intracraniana se apresentarem recorrentemente (Nietzsche brinca com os sentidos produzidos pela cultura ocidental para mobilizar afetos e transformar a leitura intelectual numa atividade corporal, visceral, emocional – isto também é uma crítica à tradição, filosofia é paixão!); recomendo então, que pare a leitura e siga alguns destes passos. Às vezes, uma música boa não nos é absorvida como magnânima, precisamos nos habituar a ouvi-la, aprender sobre suas sutilezas com paciência e sabedoria. Com Nietzsche não é diferente, o tempo talvez nos ensine a lê-lo questionando os valores morais de uma cultura forjada na caldeira do ressentimento nos colocando em questão e nos perguntando sobre o porquê destes afetos. Dito isso, explicarei qual o caminho metodológico dos textos que li para escrever esta dissertação e que o leitor deveria se apropriar para avançar na leitura conseguindo estabelecer suas próprias análises se desvencilhando da carga mortificante do ressentimento.

Considero importante o leitor começar por Dostoiévski e depois ir para Nietzsche. Leia primeiramente *Memórias do Subsolo* e em seguida *Genealogia da Moral*. Depois *O Idiota* e *O Anticristo*. Tais leituras não são rápidas e talvez seja preciso mais de uma entrada nos textos. Ao final da dissertação deixei registrado um Apêndice que discute os encontros de Nietzsche com a literatura de Dostoiévski, pode ajudar bastante. Na bibliografia há algumas referências importantes e a visita a Bittencourt e Sena contribuirão para o desenvolvimento da leitura da dissertação.

Por fim, é importante ressaltar que qualquer posição rígida demais tende a promover uma impossibilidade hermenêutica de acesso a Nietzsche. Assim, é significativo estar aberto a novas experiências, desgarrar-se de algumas certezas, colocar em dúvida nossas verdades. Pois, se o leitor ateu imaginar encontrar alguma verdade sobre o ateísmo, talvez se decepcione. E o leitor cristão que começa

decepcionado já pela leitura do título do texto talvez se surpreenda ao final. Mas não é nada disso, é porque fomos educados na cultura moral dos dualismos que não conseguimos vislumbrar o mundo para *além de bem e mal*. E esta dissertação trata da superação desta moral de rebanho, castradora e simplificadora do real, a qual o idiota de Jesus apresenta-se como sugestão interpretativa para a transvaloração de todos os valores. Boa leitura!

## INTRODUÇÃO

A pesquisa investigará como se deu a descoberta de Dostoiévski por Nietzsche para explicar como o ressentimento promoveu a inversão dos valores morais (*Memórias do Subsolo* e *Genealogia da Moral*) para em seguida verificar se o príncipe Michkin (*O Idiota*) e o Redentor (*O Anticristo*) corresponderiam a superação deste homem adoecido e, se significarem tal superação, demonstrar se Nietzsche abandona o além-do-homem como vontade de poder como anunciado pelo Zarathustra em prol do tipo Jesus. Pois, supomos que a descoberta do autor russo promoveu uma intensificação do pensamento de Nietzsche, no sentido de que deram pistas para um mergulho mais profundo na investigação do homem moralizado e ressentido e, concomitantemente, na elaboração das noções que concernem a sua superação.

Neste sentido, a alusão aos livros do autor russo serão primordiais para discutirmos os conceitos nietzschianos. Ora, é de significativa relevância na abordagem do ressentimento recuperarmos *Memórias do Subsolo*, assim como a *Genealogia da Moral* e lermos as obras juntas. É na sua *Genealogia* que Nietzsche se debruça querendo lançar mão de uma história arquetípica a qual explicasse como o sacerdote judeu, um fraco, decadente, de moral reativa promoveu a inversão dos valores morais transformando os valores nobres e guerreiros, de elevada estirpe senhorial, em valores decaídos. Pois, o que passou a valer foi a caridade, a igualdade, o instinto de rebanho ao invés do *pathos* da distância típicos da besta louca que vivia uma existência errante, de luta, perdas e ganhos, um animal de rapina voraz por espólios e controle dos fracos. “Foram os ‘bons’ mesmos, isto é, os nobres, os poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, e vulgar e plebeu. Desse *pathos* da distância é que eles tomaram para si o direito de criar valores, cunhar nomes para os valores: que lhes importava a utilidade!”<sup>2</sup> A transvaloração dos valores morais, que os nobres foram obrigados a se rebaixar ao nível dos escravos transformando os valores *Bom* em *Mau*, serviu para amansar um animal bestial e selvagem. Os sacerdotes, incapazes de uma guerra aberta, contra o vigor físico destes belíssimos guerreiros salteadores, tramaram uma vingança, por inveja a essa exuberante saúde. Uma vingança que se deu nos subterrâneos, na alcova, sem que os outros soubessem, por processo de

envenenamento pelo próprio ódio, pela bile comprimida que se esvai preenchendo de amargura todo o corpo.

A rebelião escrava da moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtém reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesmo, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” – e este Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores – esse necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação.<sup>3</sup>

Dostoiévski aborda o mesmo tema em *Memórias do Subsolo*, novela escrita em 1864 em que o autor narra, em primeira pessoa, o relato de um homem ressentido e fraco, que vive uma vida mesquinha a qual inveja as proezas dos outros, e é incapaz de uma atitude que impulse a sua própria vida. Numa parte do discurso, o autor desconhecido, descreve o esbarrão de um homem, que jogava sinuca, em outro que atrapalhava o jogo. Este, ao invés de reagir, expondo veementemente sua insatisfação com a forma como foi tratado, simplesmente vai para casa e passa a remoer seu ódio vingativo. O desejo pleno e total de sua vida passou a ser a execução de uma retaliação ao homem que o havia insultado. “Só Deus sabe o que eu não daria naquele momento por uma briga de verdade, mais correta, mais decente, mais, por assim dizer, *literária!* Trataram me como se eu fosse uma mosca. Aquele oficial era alto; quanto a mim, sou baixinho e franzino. A briga, aliás, estava a meu favor: bastava protestar e seria atirado pela janela. Mas mudei de ideia e preferi... sumir dali, morrendo de raiva.”<sup>4</sup> E como fraco, de moral reativa, não se sentia capaz de convocá-lo para uma conversa franca na qual pudessem, como cavaleiros de elevada estirpe senhorial, resolver a pendência, mesmo que fosse num duelo com armas de fogo. E a partir da resolução da pendência, fosse como fosse, pudessem esquecer e tocar a vida de forma saudável e jovial. O homem ressentido é fisiologicamente doente, pois o tempo todo vive envenenando-se pela toxina de sua existência vulgar. Não é capaz de esquecer porque é incapaz de colocar para fora esta força, diz sempre um Não ao outro ao invés de afirmar um Sim a si mesmo. Sua vida depende da comparação com os outros, é um típico animal de rebanho. Ao final, elaboradas todas as estratégias, formulada todas as chances do encontro, num corredor pequeno, numa rua que ele sabia que o detrator iria passar, ele

---

3 GM I 10

4DOSTÓIEVSKI, Fiodor. *Memórias do subsolo*. São Paulo:editora 34, 2017, p. 63

ia seguir em direção ao seu algoz e esbarrar nele, eliminando assim seu veneno maldito. O algoz nem se lembrava daquele verme que o incomodara num dia qualquer de seu treino de sinuca, e caminhava no seu rumo habitual enquanto o vingador, cheio de memória e ressentimento, vinha na direção oposta e na hora do desfecho, o grande esbarrão, o extraordinário acerto de contas que iria explodir numa liberação de força e energia, não passou de um frágil toque no qual passou despercebido ao homem que passava.

O modo deselegante como o oficial desloca o protagonista como se esse fosse um objeto insignificante transtorna-o profundamente, e essa personalidade ressentida se sente profundamente humilhada por essa vexatória situação, tratada como uma mosca. Conforme a sua confissão pessoal, a sua não-reação ao ato humilhante do oficial deveu-se não a uma covardia física, mas a uma covardia moral.<sup>5</sup>

O homem do ressentimento não esquece. Dostoiévski expõe de forma brilhante em sua novela e Nietzsche explica em sua *Genealogia*. O russo descreve de forma literária um homem invejoso, mesquinho, fraco e ressentido que vive amargurado porque o tempo todo se compara aos outros; o alemão elabora uma interpretação sobre como a mnemotécnica da dor foi capaz de reparar o contrato credor/devedor e, portanto, criar memória e possibilidade de fazer promessa. O primeiro conta em suas *memórias* o imobilismo do sujeito que, ao invés de agir, permanece pensando, racionando, envenenando-se, planejando subterraneamente uma reparação gloriosa; o segundo explica como essa capacidade de fazer memória, que, aliás, para Nietzsche faz do homem um animal interessante, foi manipulada pelo sacerdote judeu, ou seja, ao crucificar Jesus promoveu a espiritualização da dívida lançando mão do sentimento de culpa, mas agora, uma culpa que não pode ser reparada. Dostoiévski inventa um homem triste que quer se elevar, ele sofre por sua mesquinhez, mas sua razão é seu espírito de peso, quando pôde exercer uma atitude valorosa, bêbado, junto à prostituta, prometendo-lhe retirá-la daquela vida, vai para casa e se arrepende, quando a mulher o procura, ele a escorraça, a humilha como a se vingar, “humilharam-me, e eu também queria humilhar; amassaram-me como um trapo, e eu queria mostrar como queria mandar...”<sup>6</sup>; Nietzsche nos conduz a uma urgente necessidade de superação do homem, pois já nos encontramos impregnados demais de uma moral de rebanho, de uma culpa,

---

5 BITTENCOURT, Renato Nunes . *A tipologia do ressentimento em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Húmus, v. 1, n. 2, 2011, p. 74.

6 DOSTÓIEVSKI, Fiodor. *Memórias do subsolo*. São Paulo:editora 34, 2017, p. 137.

de um flagrante desejo de verdades e certezas, de memórias e ressentimentos. O encontro de Nietzsche com Dostoiévski não se verificou trivial, algo de extraordinário aconteceu no pensamento de Nietzsche. E “o registro desse arrebatamento tem por objetivo introduzir a hipótese de acordo com a qual a psicologia do ressentimento, justamente o *tour de force* do talento de Nietzsche como psicólogo, encontra sua versão literária perfeita e acabada no personagem central das *Memórias do Subsolo*, como se essa novela traçasse os contornos de uma figura prototipicamente ressentida, no exato sentido nietzschiano desse termo”.<sup>7</sup> Ora, o homem de memória é decaído e fraco, algo abominável a raça dos cavaleiros de grande saúde, mas a humanidade não mais detém esse vigor físico e, portanto, esta doente, precisa ser superada. Assim, o completamente oposto deste homem de memória, é o homem que esquece, de moral ativa, o além-do-homem, ou seja, o idiota, o qual vislumbramos estudar a partir deste ponto.

É o idiota aquele que é incapaz de reagir às ofensas, sua força ativa não lhe permite envenenar-se pelo ódio porque o tempo todo coloca para fora sua força viril antissocial e bárbara, o idiota é cheio de espontaneísmo. Deste pressuposto da idiotia, pretendemos abordar o homem do esquecimento a partir da narrativa de Dostoiévski em sua obra *O Idiota*. Focaremos nos detalhes da narrativa no que concerne aos aspectos infantis do príncipe Míchkin que preferia, desde a sua estadia na Suíça por problemas de saúde (epilepsia) até sua conturbada presença em São Petersburgo, as crianças à vida em sociedade. Considerava que o ambiente dos adultos não lhe era agradável, nunca se sentia a vontade. Enquanto com as crianças, ao contrário, tudo constituía-se fácil e de rápida resolução, pois com as crianças não há joguinhos indiretos, palavras adequadas para esta ou aquela ocasião, no universo infantil existe as crianças e a vida, sem anteparos separando-as, a vida acontece como um devir, que necessita vir-a-ser numa permanente transitoriedade.

O Jesus de Nietzsche em muito se diferencia do cristo batizado pela instituição. “ O cristianismo de fato nega a igreja...”<sup>8</sup> Paulo moralizou Jesus, o colocou como profeta do além-mundo, o anunciador da boa nova que é negação deste mundo, que pune ao inferno os pecadores, que julga estabelecendo penas jubilosas para que os que andaram na linha possam saborear a eterna desgraça deste maldito pecador e ter uma

---

7 GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. *Nietzsche como Psicólogo*. Vale do Rio dos Sinos: Ed. Unisinos, 2001, p. 76.

8 AC 27

eterna felicidade garantida pela justiça divina, uma deliciosa e reconfortante vingança. Jesus não veio para condenar os pecadores, mas para perdoá-los. A vivência crística de Jesus fundou-se na não-reação aos ofensores, no perdão as prostitutas, aos bandidos, aos miseráveis, porque a prática evangélica é profundo amor. Ao Redentor não cabe julgar porque a ele só é dado amar. Neste sentido, Jesus não anunciou o outro mundo, muito pelo contrário, disse que a boa nova está aqui, dentro de nós, no mais íntimo do sujeito, como uma existência gloriosa de fecundo amor. Viver este amor é apoderar-se de Deus, um Deus que não está fora, em outro mundo, mas que vive dentro de nós. O tipo Jesus é dotado de força ativa enquanto o cristianismo institucionalizado, de inspiração paulina, é moralizante, julga salvando alguns e condenando outros, segundo suas premissas de certo e errado, no fundo no fundo, um tribunal de homens invejosos e caluniadores da vida, homens impotentes e medrosos. O sacerdote judeu e cristão são providos de força reativa, ao invés de lançar para fora tal energia, a direcionam para dentro, requerendo da razão uma estratégia, maquinam uma lição, uma lição de moral, uma vingança, esse direcionar-se para dentro envenena o corpo que ao reagir, o faz como retaliação porque sente ódio e inveja.

O que os Evangelhos tornam instintivo é precisamente o oposto de todo o esforço heroico, de todo gosto pelo conflito: a incapacidade de resistência converteu-se aqui em algo moral: ( “não resistas ao mal” – a mais profunda sentença dos Evangelhos, talvez a verdadeira chave para eles) a saber, na bem-aventurança da paz, da bondade, na incapacidade para a inimizade. Qual o significado da “boa-nova”? – Que a verdadeira vida, a vida eterna foi encontrada – não foi meramente prometida, esta aqui, esta em você; é a vida que se encontra no amor livre de todos os retraimentos e exclusões, livre de todas as distancias.<sup>9</sup>

A rebelião de Jesus foi contra os sacerdotes, contra os homens elevados de Israel, os santos de Israel, as castas e os privilégios sacerdotais, assim assimilaram sua mensagem e o mandaram para a cruz. “Esse santo anarquista incitou o povo de baixaza abissal, os réprobos e ‘pecadores’, os *chandala* do judaísmo a emergirem em revolta contra a ordem estabelecida das coisas – e com uma linguagem que, se os evangelhos merecem algum crédito, hoje o conduziria a Sibéria -, esse homem certamente era um criminoso político, ao menos tanto quanto era possível o ser em uma comunidade tão absurdamente apolítica.”<sup>10</sup> O dilema anarquista anunciado por Jesus não era nada escandalosamente violento no sentido de uma reação de combate a um inimigo real, sua subversão dava-se na incapacidade de reagir, pois como idiota combatia o tirano com

---

9 AC 29

10 AC 27

amor. Esse homem não se colocava como inimigo, era sempre brando e pacífico, que proclamou a todos os cantos a vida em plenitude no amor, amor supramoral, que não julga para amar, que ama sem excluir, que é sempre presente. Míchkin não reagia às manobras, as ofensas, porque estava embriagado deste amor, um amor ingênuo, que sendo infantil é de elevado valor. Entretanto, tanto o Redentor quanto o príncipe tiveram suas existências atravessadas por um falatório miúdo, de gente poderosa e rica, mas pobre e mesquinha, sujeitos decaídos que não viam nele o além-do-homem, muito pelo contrário, acusavam-no uma idiotia. “Ele é uma criança completa e inclusive daquelas que dão pena, tem uns ataques de uma doença qualquer; (...)”<sup>11</sup> Tanto Jesus quanto Míchkin são uma mistura de sublime, enfermo e infantil.

As frequentes crises de sua doença fizeram dele um idiota completo (foi “idiota” mesmo que o príncipe disse). Por último, contou que Pavlischov se encontrara certa vez em Berlim com o professor Schneider, suíço, que se dedicava precisamente a essas doenças, possui um estabelecimento na Suíça, no cantão de Wally, trata por seu método especial com água fria, ginástica, trata de idiotice e loucura (...).<sup>12</sup>

Por isso, o cristo não podia reagir aos políticos gestores da época, nem condenar este ou aquele, cabia, somente, amar, e cada vez mais amor é cada vez mais se recolher em si mesmo para sentir essa dádiva. Que crucifiquem o Jesus, já não faz diferença, pois o cristo encontra-se totalmente embriagado de si mesmo, que é recolher-se no próprio amor. Jesus anunciava que Deus prefere as criancinhas, que elas são bem vindas ao reino dos céus e gostava de estar perto delas. “É possível que na santa fábula e disfarce da vida de Jesus esteja oculto o mais doloroso caso de martírio do *conhecimento sobre o amor*: o martírio do coração mais inocente e desejoso, que nenhum amor humano havia satisfeito, (...)”<sup>13</sup> O amor do tipo Jesus é elevado porque é pueril, não é moral, não sucumbe ao julgamento ou avaliação para amar, não cria inimizades, porque a Cesar deve-lhe ser dado aquilo que lhe pertence.

15. Reuniram-se então os fariseus para deliberar entre si sobre a maneira de surpreender Jesus nas suas próprias palavras. 16. Enviaram seus discípulos com os herodianos, que lhe disseram: Mestre, sabemos que és verdadeiro e ensinas o caminho de Deus em toda a verdade, sem te preocupares com ninguém, porque não olhas para a aparência dos homens. 17. Dize-nos, pois, o que te parece: É permitido ou não pagar o imposto a César? 18. Jesus, percebendo a

---

11 DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora, v. 34, 2002, p. 74

12 DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora, v. 34, 2002, p. 49.

13 BM 269.

sua malícia, respondeu: Por que me tentais, hipócritas? 19. Mostrai-me a moeda com que se paga o imposto! Apresentaram-lhe um denário. 20. Perguntou Jesus: De quem é esta imagem e esta inscrição? 21. De César, responderam-lhe. Disse-lhes então Jesus: Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.<sup>14</sup>

Os elementos da narrativa de Dostoiévski em *O Idiota* encontram-se no tipo psicológico de Jesus. Míchkin é o nascimento deste novo homem, pois esquece, não entra no jogo venenoso dessa sociedade, não reage, é o Redentor, o Cristo prostrado no mundo afirmando esse mundo apesar de todas as suas desgraças. O príncipe Michkin e o tipo Jesus não ressentem, não se envenenam interiorizando a força, ao contrário, não reagem. Estão alheios ao mundo porque preferem encontrar-se juntos a si mesmos, em seu âmago, no profundo de si, para sentirem Deus na sua plenitude de amor. Esse contato com Deus dissipa uma força ativa na qual é não reação. Bem diferente é o sacerdote judeu e cristão, este homem impotente, produto desta catequese paulina, pois não reagem imediatamente, não porque sejam fortes o suficiente para amar seus inimigos, não reagem por fraqueza e vão ensimesmar-se, não para o contato com Deus, mas para planejar e ficar pensando, confabulando, imaginando, ou seja, procurando dentro de si tudo que há de maldade e ódio para desferir sua reação, muito tempo depois, de surpresa e, de preferência, num ataque pelas costas. Existiam pessoas inimigas do príncipe Míchkin, mas ele não considerava nenhuma delas inimigas, pois sequer percebia que determinados sujeitos lhes eram perigosos e levianos. Aglaia, numa explosão de energia, numa reunião em sociedade, expôs certa vez, indignada, porque o ultrajavam claramente e o príncipe não respondia no mesmo tom:

Aqui não há uma única pessoa que mereça tais palavras! – estourou Aglaia. – Todos aqui, todos não valem seu dedo mínimo, nem a sua inteligência, nem o seu coração! Você é o mais honesto de todos, o mais decente de todos, o melhor de todos, o mais bondoso de todos, o mais inteligente de todos! Aqui há pessoas indignas de abaixar-se e apanhar o lenço que você agora deixou cair... Por que se humilha e se coloca abaixo de todos? Por que se aniquila, por que não existe orgulho em você?<sup>15</sup>

Além do contato com a obra de Dostoiévski, Nietzsche leu *Minha Religião* de Tolstói, na qual Jesus aparece com características marcadamente anarquistas, de profundo amor e negação às instituições políticas da época. Chamava-lhe atenção nos evangelhos, mesmo antes da conversão, as passagens de amor, humildade e altruísmo de Jesus. E, também, a desconexão entre a doutrina de Jesus e a doutrina da Igreja, com sua

---

14 Mt. 22, 15-21.

15 DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora, v. 34, 2002, p. 385.

dogmática, sua ritualística e seu sistema de poder. Elementos desta concepção Tolstoiniana aparecem em Nietzsche.

As similitudes entre os autores russos e a construção do projeto psicológico do redentor por Nietzsche conduz o leitor que queira realizar um estudo de literatura comparada à conclusão de que Nietzsche foi influenciado por Dostoiévski e Tolstoi. Mas outros componentes deste imbróglio elucidam-se, ou seja, há influência dos russos, pois são autores de uma envergadura colossal no qual dificilmente não causariam nenhum impacto no alemão; entretanto, a tese levantada por Alan Sena, intitulada *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor* é bem curiosa e instigante. Sena defende a formulação de que o tipo psicológico do redentor se deu muito mais pela influência da psiquiatria clássica do século XIX e suas noções, eminentemente, fisiologistas, que pela influência dos russos. “(...), o que se observa geralmente é que muitos intérpretes passaram a associar vários atributos utilizados pelo filósofo para caracterizar a idiotia com um sentido usual, e não com o sentido específico que eles possuem no interior da filosofia de Nietzsche. Dessa forma, a ‘pureza’, ‘inocência’ e ‘infantilidade’ da idiotia de Jesus passaram a ser cada vez mais relacionados com um aspecto muito mais literário e metafórico – ou mesmo religioso ( herético), justamente pelo tipo de aproximação que se faz com as obras de Dostoiévski e Tolstói, em detrimento, portanto, do aspecto que, em nossa proposta interpretativa, deveria ser primeiramente levado em consideração, ou seja, o aspecto propriamente fisiopsicológico da investigação”.<sup>16</sup> O conceito de idiotia usado para referir-se ao tipo psicológico de Jesus teria sido recuperado dos manuais de psiquiatria médica franceses, haja vista as contribuições de Féré com o conceito de hiperexcitabilidade, nas obras *Sensation e mouvement* e *Dégénérescence et criminalité*, no qual levaria o paciente a um quadro doentio de não reação. Em sua dissertação, Sena defende que os evangelhos devem ser lidos com o olhar do filólogo, pois muito do que está ali consiste em grosseiras falsificações as quais podem ser descobertas realizando algumas comparações no próprio texto. Todavia, os evangelhos devem ser lidos defronte o olhar da fisiologia médica, no que concerne, principalmente, a elaboração do tipo psicológico de Jesus.

Existe uma morfologia e uma teoria da vontade de poder nas quais é possível dividi-la em três tipos: o tipo ascendente, o tipo médio - conservador e o tipo

---

16 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 283.

descendente, os degenerados. Assim, o tipo fisiologicamente degenerado sofre de uma alta carga de irritabilidade porque é ressentido, isto o levará a uma explosão de ódio, a uma hiperexcitabilidade e esgotamento do corpo. Para evitar este quadro hiperexcitável, muitos destes degenerados desejam movimentos com o mínimo de esforço, pois lhes é insuportável, fisiologicamente, suportar a dor. Sem nenhum *quantum* de energia, completamente esgotados, não conseguem reagir aos estímulos do meio. A degenerescência é, segundo Fére, hereditária e o quadro degenerativo piora com o avançar das gerações até chegar ao estágio mais grave de idiotia em que o sujeito se torna impotente sexualmente e não reage a mais nada por estar completamente esgotado. “Essa tese de Morel irá ressoar (...) nas investigações empreendidas por Fére: quanto mais grave a degenerescência, maior a hiperexcitabilidade e o consequente esgotamento do sujeito, daí a necessidade de estímulos fortes : o álcool e outros agentes tóxicos, que só aceleram ainda mais a degradação”.<sup>17</sup> Destarte,

(...), a interrupção de desenvolvimento na infância que caracteriza a idiotia, diz respeito não só as faculdades intelectuais, instintivas, perceptivas, morais, etc., mas também as faculdades reprodutivas. A idiotia é, portanto, em última instância, uma interrupção global do desenvolvimento de todas as faculdades e habilidades que o ser humano adulto pode vir a usufruir.<sup>18</sup>

Para Sena, na Jerusalém antiga encontravam-se todos os tipos de degenerados, loucos, epiléticos e idiotas e, Jesus se enquadraria no tipo psicofisiológico do idiota. Ou seja, Jesus não reage, segundo a exposição de *O Anticristo*, não porque não queira, mas porque não pode; fisiologicamente, ele é incapaz de realizar tal feito, é desprovido de vontade de poder, objetivo no qual buscaremos demonstrar na segunda parte desta dissertação. O argumento de Sena serve para confrontar a hipótese de Bittencourt, mas isto não quer dizer que a hipótese médica anule o valor da hipótese literária. Não é intuito deste trabalho provocar um simples binarismo, mas dialogar os argumentos na tentativa de encaminhar uma proposta interpretativa transvalorada em que seja possível dispor dos argumentos de modo a sustentar o modo de ser do tipo Jesus, não porque tenhamos descoberto todas as nuances e definimos a verdade dos acontecimentos. As duas hipóteses perfazem um caminho que é apenas esquemático, não há uma noção de progresso a qual a concepção de Sena fosse melhor que a de Bittencourt, são apostas hermenêuticas que se cruzam em aproximações e confrontos. Assim, para Sena a não

---

17 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 321.

18 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 322.

reação encontra-se como uma impossibilidade da vontade, pois o organismo encontra-se em profundo quadro de degenerescência. O tipo Jesus seria degenerado, com nível desenvolvimental ainda infantil, isto é, que suas atitudes psicofisiológicas corresponderiam a de uma criança. É importante ressaltar que o príncipe Míchkin é narrado com aspectos infantis, assim como o Jesus de *O Anticristo* e, em ambos há essa prerrogativa da não reação enquanto condição de uma hiperexcitabilidade mórbida. Michkin era epilético e Jesus, idiota, o anunciador da boa nova, a nova aliança com Deus e, por isso, porque é próprio dos espíritos religiosos, expressavam também o seu aspecto decadente, degenerado e mórbido. Os rituais religiosos tentam recrutar cargas cada vez mais fortes de energia para que o último *quantum* do sujeito degenerado seja liberado dando a sensação de um aumento de poder, entretanto, após a liberação de energia o doente entra numa depressão melancólica e num estado de esgotamento.

A Igreja só precisa de um tipo de homem, ela o acolhe, o alimenta e o adentra: ‘ – o homem religioso, tal como a Igreja o quer, é um típico *décadent*’.<sup>19</sup> A experiência religiosa familiar ao homem *décadent*, seus momentos de sublime comunhão com uma força “divina”, nada mais é do que um efeito natural da fraqueza dos nervos, da neurastenia, uma crise, seja individual, seja coletiva quando ocasionada pelo efeito mórbido e exagerado do fenômeno também natural da sugestão mental(...). A realidade psicológica do cristão, o seu “mundo interior”, seus afetos, sentimentos, emoções, imaginação e paixão, descomedidos, são sintomas de uma mente doentia. Uma realidade psicológica que tem como causa um esgotamento, preferencialmente hereditário, associado a uma hiperexcitabilidade, a uma extrema e mórbida irritabilidade dos nervos: “o mundo interior” ( *die “innere Welt”*) do homem religioso assemelha-se totalmente ao mundo interior dos hiperexcitados ( *Überreizten*) e esgotados ( *Erschöpften*).<sup>20</sup>

Por isto tudo, o objetivo principal do trabalho é investigar se o tipo Jesus d’*O Anticristo* de Nietzsche seria desprovido de vontade de poder. Para isso, portanto, o trabalho analisará como foi a descoberta de Dostoiévski por Nietzsche, pois o tipo Jesus do filósofo é bastante parecido com o príncipe Míchkin do russo, ou seja, talvez fossem desprovidos de vontade de poder. Ora, e a partir daí se formularia a seguinte pergunta: teria Nietzsche, nas suas obras finais ( *O Anticristo*) abandonado o conceito de vontade de poder e autossuperação indicando que o além-do-homem não seria o Zaratustra, mas o tipo Jesus com sua prática crística de amor a qual fortaleceria seu *pathos* da distancia num estar recolhido em si mesmo, alheio ao mundo de mazelas políticas, sociais,

---

19 AC 51

20 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 277.

econômicas? Para a execução de tal tarefa se pode apontar outros objetivos, secundários, mas intrinsecamente necessários ao estudo. Elencamos tais objetivos como:

- a) Discutir o conceito de ressentimento em Dostoiévski e em Nietzsche para encaminhar o problema do príncipe Míchkin e do tipo psicológico de Jesus como seu oposto;
- b) Apresentar o conceito de hiperexcitabilidade elaborado por Féré para demonstrar como a fisiologia do século XIX influenciou na formulação nietzschiana do tipo Jesus como desprovido de vontade de poder.

O trabalho obedecerá, esquematicamente, a seguinte metodologia. Será dividido em dois capítulos centrais nos quais o primeiro se dedicará a leitura conjunta das obras de Dostoiévski e Nietzsche até a elaboração do tipo Jesus. O segundo procurará discutir uma questão colocada pelo filósofo Stegmaier deixada em aberto no segundo capítulo do livro *As Linhas Fundamentais do Pensamento de Nietzsche*, haja vista, *A Crítica de Nietzsche da Razão da sua Vida – Para a Interpretação de O Anticristo e Ecce homo*, que levanta a hipótese de que o tipo Jesus seria desprovido de vontade de poder.

## 1- NIETZSCHE E DOSTOIÉVSKI

A polêmica levantada por Nietzsche em sua *Genealogia da Moral* sobre o ressentimento e a inversão dos valores morais, uma interpretação que tem suas limitações no que concerne a testá-la factualmente, nos parece bastante atual e, portanto, eminentemente oportuna.<sup>21</sup> O ódio, a vingança, o ficar remoendo-se de inveja diante da glória do outro, pois não se é capaz de ir à luta para transformar a vida em algo esplêndido e magnânimo; a mesquinharia de um ciúme por causa de uma inclusão pífia de uns poucos sujeitos no mercado de consumo; a ignorância intelectual e a impotência corpórea psicológica para ir à guerra e conquistar os espólios pela força e saúde dos guerreiros; a pequenez dos ínfimos que se veem como grandes e sábios; esta atualidade, estes tempos de intensa mediocridade amplificam a obra de Nietzsche, não como a comprovar empiricamente seus argumentos, mas como a exibir de forma caricata, jocosa e eloquente as pistas lançadas pelo filósofo, amplifica no sentido de uma música mais alta que já não é mais possível não ouvir. “ – ‘ Eu nada vejo, mas por isso ouço

---

21 O método genealógico rompe com uma concepção de história que pretendesse buscar a origem dos fatos, como se neste lugar da causa primeira estivesse o ancoradouro no qual pudéssemos aderir e ter paz porque desvelamos a verdade por trás das coisas. O método é de interpretação perspectivística, sempre em disputa com outras perspectivas, nunca uma narrativa que expusesse fidedignamente o acontecido enquanto tal porque conseguiu descrever de uma vez por todas o fenômeno histórico. Este esforço do erudito, dominado por uma vontade de verdade, é ingênuo, pois esta terra firme das certezas é impossível e impróprio à vida. Nelson José Batista da Silva em sua dissertação intitulada, *Memória, esquecimento e criação em Nietzsche*, elucida sobre como o método genealógico não se perde em uma história concatenadamente organizada, ao contrário, procura nos escombros os elementos caóticos, díspares, irregulares. Pois, a vida não é essa previsibilidade indubitável, formalmente coesa, a vida escapa, percorre outros domínios, retorna a alguma regularidade. Da Silva cita na página 7: “Fazer a genealogia dos valores, da moral, do ascetismo, do conhecimento não será, portanto, partir em busca de sua origem”, negligenciando como inacessíveis todos os episódios da história: será, ao contrário, se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos começos (...). O genealogista precisa da história para conjurar a quimera da origem (...).” (FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*, 1989, p. 19.) Não há essência das coisas, os valores morais foram construídos historicamente, o genealogista busca os sedimentos capazes de mostrar como os valores foram elaborados. A História, a essência, a verdade, as religiões, a culpa, não são categorias ontológicas nas quais uma investigação séria conduziria ao sentido exato do que é, são valores morais impostos ao homem de rebanho. Portanto, a *Genealogia da Moral* não é um livro de História, no sentido Positivista ou no sentido mais tradicional do termo, no qual bastaria identificar, factualmente, os acontecimentos na marcha dos séculos; se não há essência por trás das coisas, mas valores, a *Genealogia da Moral* é uma crítica aos valores, que cria outros valores. Na página 16, Da Silva aborda: “(...) ao analisarmos aquilo que foi escrito sobre nosso passado, não encontramos nas coisas um segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas.” (FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*, p. 18.) A crítica ao valor dos valores morais é um ataque severo a toda tentativa de minar a vida, Nietzsche elucida: “Enunciemo-la, esta nova exigência: necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão – para isso é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram (moral como consequência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal-entendido; mas também moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno), um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado”. (GM, Prólogo 6)

muito bem. É um cochichar e sussurrar cauteloso, sonso, manso, vindo de todos os cantos e quinas. Parece-me que mentem; uma suavidade visguenta escorre de cada som. A fraqueza é mentirosamente mudada em mérito, não há dúvida – é como você disse’-”<sup>22</sup> O homem moralizado, com todas as pinceladas, todos os acordes e timbres, todas as formas e contornos, esta aí, exibindo sua decadência para constatação de qualquer olho capaz de ver minimamente alguns limites.

### 1.1 - A Descoberta de Dostoiévski

O fato desta atualidade ser tão exuberante não traduz Nietzsche como um mago ou adivinho, sua leitura de seu tempo histórico acerta os ponteiros de uma era a qual ainda não a superamos, somos filhos do ressentimento. “Antes direi ao ouvido dos psicólogos, supondo que desejem algum dia estudar de perto o ressentimento: hoje esta planta floresce do modo mais esplêndido entre os anarquistas e antissemitas, aliás onde sempre floresceu, na sombra, como a violeta, embora com outro cheiro.”<sup>23</sup> Os destemidos guerreiros, ávidos por aventuras, completamente prontos para a vida, se perderam quando da vitória do sacerdote judeu. A cada passo desta trama, desta esperteza, dos fisiologicamente obstruídos, se moralizou o homem, a ponto dele temer o futuro, não para deste medo recrutar de seu corpo toda a força e saúde e desferir seu grito de glória numa luta real no campo aberto da própria existência; o temor do fraco direciona-se ao além-mundo, a Deus e ao inferno, sua guerra é contra conceitos ardilosos e impossíveis de ser vencidos. O olhar clínico de Nietzsche se permitiu ver os grandes alicerces desta humanidade doente e decaída, suas lentes de filólogo e fisiologista abriram de uma vez por todas, a ferida moral, sempre infeccionada, alimentada a cada dia com mais germes de podridão pelo sacerdote.

Como a doença é da essência do cristianismo, também o típico estado cristão, a fé, tem de ser uma forma de doença, todos os caminhos retos, honestos, científicos para o conhecimento têm de ser rejeitados como caminhos proibidos pela Igreja. (...) O pietista, o sacerdote de ambos os sexos, é falso porque é doente: seu instinto exige que em nenhum ponto a verdade obtenha seu direito.<sup>24</sup>

---

22 GM I, 14

23 GM I, 11

24 AC 52

As considerações nietzschianas não se deram como um acontecimento no vácuo, como um pensador dos novecentos, não é de se duvidar que tenha sido influenciado pela maiúscula e diversificada produção intelectual daquele século e, evidente, dos tempos anteriores. Uma porção dos leitores de Nietzsche apostam numa influência significativa dos autores russos, em especial, Tolstói<sup>25</sup> e Dostoiévski.

Não há dúvidas de que Nietzsche foi um pensador genial. Isso, porém, não significa que ele tenha inventado todos os elementos que utiliza em sua filosofia ou desenvolvido suas ideias de forma autóctone. Antes, para a construção de seu pensamento, ele lança mão daquilo que a filosofia, a ciência, a literatura e outras formas de expressão da cultura da época colocam à sua disposição.<sup>26</sup>

Neste sentido, é verossímil considerar que as similitudes entre as obras *Genealogia da Moral* de Nietzsche e *Memórias do Subsolo* de Dostoiévski, assim como, *O Anticristo* e *O Idiota*, não são triviais e alguns autores vão confirmar a influência do russo sobre o alemão. A psicologia de Dostoiévski consegue dar pistas de problemas filosóficos interessantes ao trabalho nietzschiano. A descoberta de Dostoiévski significou uma intensificação do pensamento do alemão, no sentido de que o pensamento russo, escondido no texto literário, promove uma transformação existencial no leitor, pois o convoca a restituir sua humanidade chocando-o com temas duros como o debate político dos novecentos no que concerne ao absolutismo da família Romanov, a justiça, a liberdade, o heroísmo russo, a miséria social, a arte, a vida, a história, o mal, a beleza; porém, em especial, em Dostoiévski, vê-se o leitor confrontado com a sua humanidade mais bárbara e torpe, com sua própria miséria psicológica. É possível especular um Nietzsche completamente embriagado de êxtase com a leitura do russo, tanto por sua estética, o estilo dostoiévskiano é soberbo, quanto por suas reflexões psicológicas profundamente enriquecedoras e perturbadoras. Dostoiévski devolve ao leitor a nossa dor.

Mais ainda, é preciso reconhecer que o “valioso material psicológico”<sup>27</sup> que Nietzsche identifica no livro *L'esprit souterrain*, ao ser utilizado em seus escritos, entra em associação com várias peculiaridades do seu modo próprio de fazer filosofia, dentre as quais destacamos: primeiro, que nos seus escritos não são encontrados indivíduos concretos ou personagens, como no caso dos livros de Dostoiévski, mas *tipos de homem*, e segundo, que Nietzsche acentua a correlação entre psicologia e *fisiologia*, já perceptível em Dostoiévski.<sup>28</sup>

---

25 Instrutivo consultar o Apêndice I.

26 PASCHOAL, Antonio Edmilson. *Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do “homem do ressentimento”*. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 181-198, jan./jun. 2010, p. 200.

27 KSB VIII, p. 483

28 PASCHOAL, Antonio Edmilson. *Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do “homem do ressentimento”*. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 181-198, jan./jun. 2010, p. 213.

Importante salientar que os *Tipos* desenvolvidos por Nietzsche são um recurso que funcionam como uma lente de aumento na qual ampliaria a imagem para se ver melhor. Expressa formas de vida, modos psicológicos de estar no mundo. Tem a dimensão de estacionar o que é sempre travessia, para enquanto puder manter-se fixo termos um grão de análise. “Se do ponto de vista de sua criação um tipo corresponde a uma obra de arte, do ponto de vista de seu uso ele corresponde a uma semiótica, um modo de comunicação que momentaneamente estabiliza um fenômeno, por si fluido, com o intuito de facilitar a sua compreensão.”<sup>29</sup> O tipo ressentido, o tipo Jesus, o tipo Zaratustra, o tipo homem, o além-do-homem, essas não são imagens que em si mesmas são reais no sentido de serem um objeto no qual bastaria ao observador analítico acessá-lo com um método coerente para descrever sua essência e suas vicissitudes. O tipo não é uma substância, nem um recurso para vislumbrar uma verdade transcendental, o tipo é um recurso analítico estético que vai ao mundo explicá-lo, mas o faz revigorando na forma textual, a vida. Logo, no tipo surgem as zombarias, os deboches, a acidez, a poesia.

Como um modo de comunicação, ele é também um instrumento de trabalho que, tendo em vista a própria precariedade das formas de vida e o caráter passageiro de todo acontecer<sup>30</sup>, se apresenta como um meio para a manutenção [erhaltungsmittel]<sup>31</sup> de uma hipótese pelo tempo suficiente para ela atuar num determinado jogo.<sup>32</sup>

Deste modo, os tipos psicológicos de Nietzsche e as personagens dostoiévskianas combinam, se articulam, intertextualizam. Aproximá-los, os ler juntos, enriquece os sentidos, aprofundam a pesquisa, desmascaram os semblantes velados de um mundo hipócrita demais com sua moralização dos costumes. Assim, “ (...)um *tipo de homem*, este corresponde à caracterização de um perfil psicológico que, no seu extremo, ganha contornos de máscara ou de caricatura.”<sup>33</sup> O homem de consciência hipertrofiada é uma destas personagens caricatas de Dostoiévski na qual o exagero é tão absurdo que o fenômeno evidencia-se límpido.

---

29 PASCHOAL, Antonio Edmilson. *Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do “homem do ressentimento”*. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 181-198, jan./jun. 2010, p. 214.

30 KSA X, 644

31 KSA XI, 219

32 PASCHOAL, Antonio Edmilson. *Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do “homem do ressentimento”*. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 181-198, jan./jun. 2010, p. 214.

33 PASCHOAL, Antonio Edmilson. *Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do “homem do ressentimento”*. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 181-198, jan./jun. 2010, p. 214.

O problema da hipertrofia da consciência é elencado pelos autores. O homem de consciência hipertrofiada é produto da vitória dos escravos sobre os senhores. A maquinação, o planejamento, a revolta subterrânea dos néscios e rastejantes contra toda a altura deu-se por sua capacidade de elaborar dentro de si os mais fantasiosos raciocínios. Sua força não é ativa, mas reativa, pois ao invés de liberar seu *quantum* de energia para fora, o interiorizam, por medrosos que são, pensam demais nas consequências, atrofiaram os instintos, temem o futuro, hipertrofiaram a consciência. “(...) ele entende do silêncio, do não-esquecimento, da espera, do momentâneo apequenamento e da humilhação própria. Uma raça de tais homens do ressentimento resultará necessariamente mais inteligente que qualquer raça nobre, e venerará a inteligência numa medida muito maior(...)”<sup>34</sup> Este animal bilioso não esquece, vive atormentado por lembranças, por coisinhas pequeninas de um passado já esquecido e empoeirado, quer vingança. “Vale dizer, ele não consegue esquecer as desditas sofridas e livrar-se do rancor e da sede de vingança.”<sup>35</sup> Nietzsche explica o surgimento deste homem em sua *Genealogia* descrevendo as artimanhas do sacerdote judeu e cristão e os seus caminhos nebulosos: o contrato credor devedor, a espiritualização da dívida, o Paulo falsário e a Igreja. Pois,

(...) é na medida em que fornece material para a caracterização daquele tipo de homem que Dostoiévski se apresenta como uma fonte para Nietzsche e que podem ser indicados pontos de semelhança entre o “homem de consciência hipertrofiada” e o “homem do ressentimento”.<sup>36</sup>

Dostoiévski narra a história de um homem doente nas *Memórias do Subsolo*. A novela, contada em primeira pessoa, começa com: “Sou um homem doente... Um homem mau. Um homem desagradável.”<sup>37</sup> O narrador expõe a sua pequenez, como é um sujeito insignificante, fala as proezas que deixou de realizar, o emprego que o atormenta o tempo todo, mas não toma nenhuma atitude para sair dali, fazer outra coisa. Demonstra-se sempre um fracassado e invejoso. Precisa de sempre se comparar aos outros e compreende que os outros são maiores e altivos, felizes e bem sucedidos. Enquanto ele, não conseguiu nada e vive num lugar muito aquém do que mereceria.

---

34 GM I, 10

35 PASCHOAL, Antonio Edmilson. *Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do “homem do ressentimento”*. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 181-198, jan./jun. 2010, p. 211.

36 PASCHOAL, Antonio Edmilson. *Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do “homem do ressentimento”*. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 181-198, jan./jun. 2010, p. 215.

37 DOSTÓIEVSKI, Fiodor. *Memórias do subsolo*. São Paulo: editora 34, 2017, p. 15.

Dostoiévski consegue traduzir o quadro psicológico deste sujeito *decadént* de forma muito original e singular.

Naturalmente, resta-lhe sacudir-lhe a patinha em relação a tudo e, com um sorriso de fictício desprezo, no qual ele mesmo não acredita, esgueirar-se vergonhosamente para a sua fendazinha. Ali, no seu ignóbil e fétido subsolo, o nosso camundongo, ofendido, machucado, coberto de zombarias, imerge logo num rancor frígido, envenenado e, sobretudo, sempiterno. Há de lembrar, quarenta anos seguidos, a sua ofensa, até os derradeiros e mais vergonhosos pormenores; e cada vez acrescentará por sua conta novos pormenores, ainda mais vergonhosos, zombando maldosamente de si mesmo e irritando-se com a sua própria imaginação. Ele próprio se envergonhará dessa imaginação, mas, assim mesmo, tudo lembrará, tudo examinará, e há de inventar sobre si mesmo fatos inverossímeis, com o pretexto de que também estes poderiam ter ocorrido, e nada perdoará. Possivelmente, começará a vingar-se, mas de certo modo interrompido, com miuçaldas, por trás do fogão, incógnito, não acreditando no direito nem no êxito da vingança e sabendo de antemão que todas essas tentativas de vindita vão fazê-lo sofrer cem vezes mais que ao objeto da sua vingança, pois este talvez não precise sequer coçar-se.<sup>38</sup>

E assim segue o homem do ressentimento, envenenando-se, elaborando nesta consciência imensa uma reparação, um acerto de contas. Ele não esquece, é escravo da memória, uma memória que se infla, cresce. “Todos os instintos que não se descarregam para fora *voltam-se para dentro* – isto é o que chamo de *interiorização do homem*: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua alma.”<sup>39</sup> Este animal moribundo já não reage, mantêm-se de uma forma circunspecta e sorridente para os outros, mas internamente encontra-se apodrecido e sem forças para superar a doença e dar outro contorno a vida. O veneno que o contamina o impede de ser de outro jeito e na rigidez de suas conjecturas vive a inveja, o ressentimento e a vingança como sofrimentos de uma existência cruel e injusta. “Tem-se, portanto, no livro de Dostoiévski, a descrição de um homem fraco que se vê enredado num círculo vicioso, pois a mesma fraqueza que o levou ao acúmulo de veneno o impede de livrar-se dele.”<sup>40</sup> O homem de consciência hipertrofiada é o homem do ressentimento, o sacerdote judeu e cristão, esse homem decadente e fraco, o escravo. Enquanto o homem de hipoconsciência é o nobre, o sujeito que esquece, os fisiologicamente saudáveis, os cavaleiros de elevada estirpe senhorial.

É também no contexto de tal ampliação e ressignificação que Nietzsche vai referir-se ao esquecimento como o resultado de um excedente de uma “força plástica, remodeladora [e] regeneradora”, própria das naturezas fortes e plenas,

---

38 DOSTÓIEVSKI, Fiodor. *Memórias do subsolo*. São Paulo: editora 34, 2017, p. 23.

39 GM I, 16

40 PASCHOAL, Antonio Edmilson. *Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do “homem do ressentimento”*. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 181-198, jan./jun. 2010, p. 212.

como um fator que permite a esse homem sacudir para longe de si “muitos vermes que em outros, ao contrário, se enterrariam”<sup>41, 42</sup>

O autor das *Memórias* continua sua narrativa decadente, conta que uma vez encontrara-se com uns amigos do colégio, que iam armar uma farra e se divertir porque Zvierkóv iria mudar de cidade, pois tinha conseguido uma ascensão profissional. Porém, ele, que desde o colégio era um ressentido, que vivia pelos cantos matutando sua derrota social, não seria bem-vindo. Todavia, se convidou! Queria demonstrar como encontrava-se bem melhor que eles, porém o que ocorria era que eles constituíam-se muito mais altivos e ricos, bem-sucedidos. Ele, por inveja, comparava-se a eles tentando aparentar uma condição distinta. Como pobre não detinha o dinheiro para a bebedeira e como necessitava mostrar uma condição social outra maquinou por pedir um adiantamento ou um empréstimo, uma situação humilhante. Mostrava-se ansioso pelo dia, lembrava como odiava a escola e aquelas pessoas, como zombavam dele, como o faziam sentir-se alguém que não pertencia àquele grupo. Planejava as palavras, como se portar, idealizava as reações, imaginava-se portando-se altivamente, olhando de cima para aqueles vermes rastejantes.

Dostoiévski penetra no tipo psicológico do ressentido de uma forma incomparável. A narrativa em primeira pessoa, sem um nome que pudesse identificar quem quer que fosse, talvez, dê o tom de suas intenções, haja vista, desmascarar isto que nos tornamos quando da inversão dos valores morais. Um tipo completamente doente, impotente, mórbido. Dostoiévski não fala de um homem qualquer, anônimo, sem qualquer similitude com a humanidade decaída, ele escancara o homem a uma imagem escandalosamente grande para se ver e sentir. Não é estranho que Nietzsche tenha se referido a ele como o grande psicólogo, “o único psicólogo o qual se tem algo a aprender”.

(...) Dostoiévski, por sua agudeza psicológica, é capaz de até mesmo descrever as reações psicossomáticas que a erupção do ressentimento causa nessa pessoa atormentada, incapaz de dar vazão aos seus ímpetos rancorosos e vingativos.<sup>43</sup>

O homem de consciência hipertrofiada não é, apenas, reativo. Seria cruelmente injusto reduzir o homem a uma ou duas condições psicológicas, ele é uma

---

41 GMI 10

42 PASCHOAL, Antonio Edmilson. *Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do “homem do ressentimento”*. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 181-198, jan./jun. 2010, p. 217.

43BITTENCOURT, Renato Nunes . *A tipologia do ressentimento em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Húmus, v. 1, n. 2, 2011, p. 74.

multiplicidade, um emaranhado de coisas, uma justaposição de diversos eventos, fenômenos sempre em disputa, pois a vida pulula neste corpo subjugado pela consciência. Corpo e consciência são uma unidade, a consciência não impõe ao corpo sua vontade, o corpo é vontade da consciência que é, pois “certamente tanto as virtudes do corpo como as da consciência poderiam conviver entrelaçadas nas disposições de ânimo de um indivíduo”.<sup>44</sup> A força reativa do ressentimento convive em disputa com a força ativa. Entretanto, a inversão dos valores morais conduziu ao sujeito uma predominância da força reativa, assim como da consciência em relação ao corpo. Ou seja, a força direcionada para fora como demonstração da vontade de poder de uma vida plena e pulsante inverteu-se para dentro tomando posse de uma condição fisiológica degenerada.

O sacerdote ascético é a encarnação do desejo de ser outro, de ser-estar em outro lugar, é o mais alto grau desse desejo, sua verdadeira febre e paixão: mas precisamente o poder de seu desejo é o grilhão que o prende aqui; precisamente por isso ele se torna o instrumento que deve trabalhar para a criação de condições mais propícias para o ser-aqui e o ser-homem – precisamente com este *poder* ele mantém apegado à vida todo o rebanho de malogrados, desgraçados, deformados, sofrendores de toda espécie, ao colocar-se instintivamente à sua frente como pastor. Já me entenderam: este sacerdote ascético, este aparente inimigo da vida, este negador – ele exatamente esta entre as grandes potências *conservadoras* e *afirmadoras da vida*...<sup>45</sup>

Assim, mesmo o protagonista da novela dostoiévskiana não é só isso, um verme, um inseto. Uma forma abjeta e mesquinha de vida, outras disposições de humor encontram-se permanentemente dispostas no protagonista da novela.

É importante esclarecer, todavia, que a questão da potência e da fraqueza no âmbito da conjugação das forças vitais do ser humano, no contexto da interpretação nietzschiana, não se fundamenta segundo princípios axiológicos estanques: uma pessoa contém na sua afetividade tanto as disposições ativas (fortes e assimiladoras de vivências) como as reativas (virulentas e depressivas), sendo “nobre” quando consegue fazer prevalecer as suas disposições ativas, e sendo “fraca” quando são as disposições reativas que coordenam as suas valorações pessoais.<sup>46</sup>

Por exemplo, o narrador personagem, tantas páginas de suas memórias, lamentando-se, remoendo, se envenenando, palavra após palavra mostrando o seu mais fundo ódio, a sua mais profunda inveja, a sua mais intransigente decadência e impotência; ele, logo ele, no qual nada poderíamos esperar, a não ser reação, demonstra

---

44 BITTENCOURT, Renato Nunes . *A tipologia do ressentimento em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Húmus, v. 1, n. 2, 2011, p. 76.

45 GM III, 13

46 BITTENCOURT, Renato Nunes . *A tipologia do ressentimento em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Húmus, v. 1, n. 2, 2011, p. 78.

afetos verdadeiramente ativos, dir-se-ia até leves e alegres. Logo após sua humilhante bebedeira, procura a esmo, a deriva na rua, outro lugar no qual pudesse terminar aquela desagradável noite. Com a prostituta, a humilhou, tentou retirar-lhe a sua dignidade, quis se fazer senhor para se vingar. Porém, enquanto conversavam sobre casamento e família, e as crianças, o amor que ali se nutria, algo de não ressentido, de uma força que direciona-se para fora, com alguma jovialidade, emergia daquele corpo. “Passará o primeiro amor conjugal, é verdade, mas então chegará um amor ainda melhor. Ambas as almas se unirão, todos os seus interesses serão comuns, e um não terá qualquer segredo para com o outro.”<sup>47</sup> Explanava com carinho, com uma certa doçura, achava graça da vida. É verdade que ela constata que aquilo se assemelhava a um livro que ele teria lido, “- É que você... fala como se estivesse lendo um livro.”<sup>48</sup>, e a hipótese não é absurda! Mas não dá para anular o valor altivo e cativante como ele descrevia os aspectos de uma vida feliz, em família. Talvez, seu desejo mais pessoal, que impotente como era, nunca tenha tentado essa tal felicidade. Todavia, o relato, seja por quais motivos fossem, corrobora com Bittencourt na tese de que mesmo rastejantes, alçamos voo, que mesmo uma existência afetadamente reativa pode ser, e, efetivamente, é, ativa.

Então, até o trabalho dá alegria, e é com alegria também que às vezes se recusa o próprio pão para dá-lo aos filhos. E eles, depois, vão amar-nos por isto, mais tarde. É, pois, para nós próprios que amamos. As crianças crescem, e nós sentimos que somos para elas um exemplo, um apoio; e, mesmo que a gente morra, elas hão de trazer consigo, pela vida toda, os nossos sentimentos e as nossas ideias, do modo como as receberam de nós, e serão feitos a nossa imagem e semelhança. Quer dizer que isto é um alto dever. Como é possível, no caso, um pai não se unir mais intimamente à mãe? Dizem alguns que é coisa árdua criar filhos. Mas quem é que o diz? É uma felicidade dos céus! Você gosta de crianças pequenas, Liza? Eu gosto delas terrivelmente. Você sabe... um menino assim, todo rosadinho, a sugar-lhe o seio... E qual o marido que não sente o coração voltar-se para a esposa, vendo-a sentada com o filho dele?! A criança rosadinha, rechonchudinha, revira-se, dengosa, pezinhos e mãozinhas gorduchinhos, uinhas bem limpas, pequenas, tão pequenas que se tornam até engraçadas, e olhinhos que já parecem compreender tudo.<sup>49</sup>

Se o fraco tem seus momentos de altivez, de modo similar, o nobre, também tem seus momentos de baixeza. A diferença entre ambos ocorre porque o primeiro, cheio de memória, mesmo no ápice de seu voo de liberdade, tem algo de plúmbeo agarrado ao seu corpo, que o puxa para baixo; mesmo na sua altivez mais jovial, o ressentimento, a culpa, o insistente ter que comparar-se ao outro, o amesquinamento, a negação da vida, o afugentam a golpes de chicote, ranger de dentes e orações de pedido de perdão por

---

47 DOSTÓIEVSKI, Fiodor. *Memórias do subsolo*. São Paulo: editora 34, 2017, p. 112.

48 DOSTÓIEVSKI, Fiodor. *Memórias do subsolo*. São Paulo: editora 34, 2017, p. 113.

49 DOSTÓIEVSKI, Fiodor. *Memórias do subsolo*. São Paulo: editora 34, 2017, p. 113.

culpa de viver esta vida. O nobre em seus momentos de rastejante réptil sofre menos porque esquece, não tem um inferno para temer, nem um juiz celestial para condená-lo por sua felicidade enquanto guerreiro e salteador, seus próprios deuses não distam muito de seu modo de ver o mundo, assim, quando atormentados por esse rebuliço da má consciência, já inventam novas formas de vida, outras aventuras, superam, avançam dia a dia, pois amam a vida, a conquistam passo a passo, minuto a minuto, não porque planejam uma estabilidade que fosse uma felicidade, a vida enquanto força, vontade de poder, é luta, guerra, disputa, devir. “O ‘homem fraco’ não é capaz de assimilar a ideia de que a vida se constitui pela superação dos limites pessoais, sendo contrária a um dos mais vigorosos lemas nietzschianos: ‘Da Escola de Guerra da Vida – o que não me mata me fortalece.’”<sup>50 51</sup>. A felicidade do nobre é ter o que conquistar, espoliar, guerrear, estabilidade é morte e tristeza, ou seja, tempo disponível para modificar a direção vetorial da força para dentro num permanente pensar, planejar, ressentir, ao invés, de lutar, guerrear e superar.

Não podemos esquecer, todavia, que mesmo a tipologia axiológica da “nobreza” também pode vir a sofrer de efeitos do ressentimento na afetividade, mas tal estímulo psíquico é rapidamente assimilado pela estrutura psicofisiológica, favorecendo assim a instigação para a realização de novas experiências, pois a personalidade que estabelece valorações afirmativas é capaz de esquecer os efeitos deletérios das impressões mais turbulentas.<sup>52 53</sup>

O narrador d’as *Memórias* é um fraco, ele mesmo se define como tal, sua força é reativa, acumula-se, envenenando todo o corpo, para depois voltar-se para fora, se assim o conseguir. Entretanto, o forte não é, apenas, aquele que impõe pela força os seus desígnios aos fracos, o poderoso é aquele que consegue enfrentar a altura da vida e sente o peso de gravidade sobre seu corpo; cairá, rastejará na terra quente e seca do deserto da dor, mas de novo, alçará voo; o guerreiro se desgruda do passado, esquece, para emergir futuro; ele se adapta, readapta, retorna, avança, voa, rasteja, é, o que for necessário ser, para realizar a vida enquanto um acontecimento único, a-histórico, incomparável. “Nos termos dessa teoria nietzschiana do ativo e do reativo, forte não é aquele que é capaz de sujeitar o outro pela violência, ou de impor de modo impiedoso e desconsiderado seus apetites de poder, seus interesses. Em sentido próprio, forte é aquele que possui uma

---

50 CI, Máximas e Sátiras, 8.

51 BITTENCOURT, Renato Nunes . *A tipologia do ressentimento em Doitóiévski e Nietzsche*. Revista Húmus, v. 1, n. 2, 2011, p. 78.

52 GM II 1

53 BITTENCOURT, Renato Nunes . *A tipologia do ressentimento em Doitóiévski e Nietzsche*. Revista Húmus, v. 1, n. 2, 2011, p. 81.

força plástica de esquecimento e assimilação mais inteira, mais organicamente sadia”.<sup>54</sup> O tipo fraco é nascido da inversão dos valores morais, a culpa, o medo, a pequenez diante da vida, deve-se a essa cultura sorrateiramente fabricada pelo sacerdote judeu e cristão. Este homem adoecido foi doutrinado pelo caluniador da vida e como animal de rebanho segue na linha, pelo menos a vista dos outros, a hipocrisia é baluarte desta humanidade, porque teme ser punido e condenado. Se condenado em vida há uma situação vexatória na qual se deve desvencilhar, a vergonha é quase uma sentença de morte, este animal se compara aos outros espécimes de mesma estirpe, não consegue estabelecer um *pathos* da distância e se afirmar como tal, completamente distinto de todo o resto. Se condenado no juízo final, no além-mundo, segundo a mitologia, deverá arcar com as punições de uma eternidade de dor e sofrimento para redenção de sua maldade.

Esse medo exerce grande influência sobre a vida prática do “homem de rebanho”, pois quem aceita seguir os mandamentos morais impostos pela casta religiosa acredita que, se porventura ele infringir as regras estabelecidas, ele terá que prestar contas por essa ação numa dada circunstância.<sup>55</sup>

O homem que não esquece foi escravizado pela memória e, portanto, tem dificuldades de vislumbrar novas formas de vida. Prisioneiro do espírito de vingança, nega todo presente em prol de todo passado, sempre numa imaginação doentia, estéril, mortificante. Esquecer não é uma falha neuronal, mas uma ação ativa a qual os processos digestórios do acúmulo de memória levam a um esquecimento, a uma limpeza dos conteúdos pesados e opulentos. Esquecidos, o animal pode realizar novas memórias, ou seja, experimentar novas formas de vida. Esquecer como ato criador, como necessária medida para os corpos saudáveis, para novas valorações. O sujeito que desenvolveu o esquecimento se tornou menos adoecido, menos rancoroso, menos ressentido.

Precisamente este animal que necessita esquecer, no qual esquecer é uma força, uma forma de saúde *forte*, desenvolveu em si uma faculdade oposta, uma memória, com cujo auxílio o esquecimento é suspenso em determinados casos – nos casos em que se deve prometer: não sendo um simples não-mais-poder-livrar-se da impressão uma vez recebida, não a simples indigestão da palavra uma vez empenhada, da qual não conseguimos dar conta, mas sim um ativo

---

54 GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo. Editora da Unisinos, 2001, p. 84-85.

55 BITTENCOURT, Renato Nunes. *A tipologia do ressentimento em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Húmus, v. 1, n. 2, 2011, p. 83.

não-mais-querer-livra-se, um prosseguir-querendo o já querido, uma verdadeira memória da vontade: (...)<sup>56</sup>

O distanciamento saudável do ressentimento levaria a uma não-reação e a um comportamento infantil, no sentido de que a criança não recupera do outrora o sentido de seu presente, não avalia o brincar buscando na regra preestabelecida o valor do certo e do errado como condições para o sorrir, não mede a alegria do instante com o metro do rancor reativo, para a criança o mundo é sempre criação, novidade, invenção. Ela esquece! Se permite viver como um espírito livre.

O tema da criança enquanto essa espontaneidade e liberdade é tratado, tanto por Nietzsche quanto por Dostoiévski. Ambos exploram o tema em diferentes momentos de suas obras. Neste trabalho dissertativo nos atentaremos a como a criança é compreendida dentro destes aspectos do esquecimento, das novas formas de vida, da não reatividade ou da não interiorização da culpa como ressentimento, da força ativa, de um dizer Sim a si mesmo antes de comparar-se aos outros. Ora, se em *Genealogia da Moral e Memórias do Subsolo* o diagnóstico é o de um homem decaído e doente, de moral reativa, n'*O Anticristo* e n'*O Idiota* anuncia-se um outro homem, de moral ativa mais atuante, que esquece, que cria outras formas de vida e, talvez, constituísse a superação do homem. O debate acerca da influência deste livro de Dostoiévski na construção do tipo psicológico do redentor no *Anticristo*, assim como as semelhanças entre o tipo Jesus e o Príncipe Míchkin; a reatividade, o esquecimento e a puerilidade de ambos; e os anseios e nuances do advento de um novo homem serão assuntos nos quais nos dedicaremos na próxima sessão.

## 1.2 - O Príncipe Míchkin e o Tipo Jesus

O protagonista das *Memórias* e o tipo ressentido elaborado por Nietzsche em sua *Genealogia* correspondem ao diagnóstico da doença que encaminhou o homem a sua decadência, a sua concepção negadora da vida. Por outro lado, o príncipe Míchkin de *O Idiota* de Dostoiévski assim como o tipo Jesus de *O Anticristo* de Nietzsche corresponderiam, pelo menos preliminarmente, no campo das hipóteses, ao além-do-homem, no sentido de que não reagiriam, que sendo desprovidos de vontade de poder não deslocariam o sentido da força para dentro, ressentindo. Entretanto, o além-do-

---

56 GM II, 1

homem retorna ao homem porque a toda altura corresponde uma carga plúmbea inerente à vida. Assim, o idiota como oposição ao tipo ressentido é apenas um recurso didático no sentido de mostrar as localizações dos textos, gostaríamos de pontuar que no tipo Jesus/Michkin há ressentimento e nos ressentidos existe força ativa, tudo isso não de forma estanque, mas na dimensão do devir. A vida não é algo redutível a um dos lados da dicotomia, a vida sequer é dicotomizável: ela é uma amplitude bastante grande de acontecimentos, encontros, experiências, modos de ser. O tipo Jesus/ Michkin recebem a carga do outro e não reagem, nem interiorizando o rancor para depois desferir sua vingança imaginária (força reativa), nem indo para o duelo como exigência dos senhores para reparação de sua honra. O príncipe Míchkin e o tipo Jesus estão embriagados de amor, um amor que toma o corpo e o conduz a uma prática de vida, de perdão. Tanto um como o outro são capazes de esquecer e criar novas formas de vida.

A hipótese levantada por Renato Nunes Bittencourt é a de que apesar da influência de diversos saberes sobre a constituição do pensamento de Nietzsche, ele teria apostado na literatura como dispositivo à elaboração de sua genealogia da psicologia do ressentimento e do tipo Jesus. Portanto, a influência de Dostoiévski sobre o alemão seria indubitável sendo pressuposto necessário e indissociável na formação intelectual do pensador.

Entretanto, apesar de se aproveitar das contribuições teológicas de Strauss e de Renan, Nietzsche descarta veementemente a pertinência filológica, filosófica e psicológica das considerações de tais autores, direcionando o seu enfoque axiológico para outra dimensão cultural, que possivelmente capacitaria a compreensão da obra de Jesus, da dimensão simbólica e da realidade existencial na qual ele viveu: a literatura.<sup>57</sup>

Nesse sentido, dois autores denunciam-se como ancoradouros desta dissertação, ou seja, serão peças primordiais no debate acerca do tipo psicológico do redentor e servirão como apoio e recurso de transição textual de uma interpretação mais próxima a uma ideia de metáfora com seu método intuitivo e outra mais perto de uma concepção médica e fisiológica.

Renato Nunes Bittencourt em seu artigo *Nietzsche e a intuição psicológica como método para a compreensão da tipologia existencial da personalidade de Jesus*, debruça-se sobre a busca das características do tipo psicológico do redentor considerando como ferramenta fundamental para tal empreitada, não o rigor científico e

---

57 BITTENCOURT, Renato Nunes. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Ítaca, n. 15, 2010, p. 111.

acadêmico da filologia, da fisiologia ou da história, mas a intuição psicológica. Segundo ele, recurso usado pelo próprio Nietzsche para elaborar o seu tipo Jesus. Isto porque os evangelhos sofreram adulterações e agora é impossível restaurar o documento original ou ir retirando camada por camada as mutilações que sofreram até chegar à fonte original, identificando os autores, os tempos históricos em que as intervenções foram feitas, assim como que modificações e para que fins. Este trabalho é irrealizável e sustenta Bittencourt que a saída mais salutar seria confiar na intuição como método.

(...), se o método historiográfico apresenta suas falhas naturais, haveria a possibilidade de se contornar essa aporia através da ousada utilização do método psicológico no estudo da tipologia evangélica de Jesus, opção que se caracteriza pela supressão de todo apego aos dados factuais em prol da capacidade de se detectar os traços atemporais presentes no modo de ser de Jesus.<sup>58</sup>

Método bastante curioso, até herege, para os rigores científicos e metodológicos de uma tradição que aprendeu a construir o real dentro de laboratórios fechados com todas as variáveis duramente controladas. Entretanto, o autor argumenta que invalidar tal aposta como suspeita por não perseguir a verdade ou uma explicação coerente do fenômeno é um preconceito intelectual, parte, inclusive, do severo combate no qual Nietzsche travou contra a metafísica, a verdade por trás das coisas, a substância que almejamos pelo uso correto da razão que nos livrará da inverdade das aparências, os conceitos transcendentais, universais, etc. A interpretação que tenha o rigor do método é uma perspectiva que não é melhor nem pior, boa ou ruim, certa ou errada com relação à outra que seja intuitiva: é mais uma perspectiva.

Podemos considerar que o fato de se considerar o desenvolvimento de uma interpretação cristológica pautada na exegese filológica e metodológica como a única forma possível de se compreender o cerne da tipologia crística, em detrimento de uma possível interpretação psicológica baseada na ‘intuição’, por si só já é um preconceito intelectual caracterizado pelo esforço de se sustentar a tão ansiada pretensa interpretação unívoca de um dado acontecimento em detrimento de outras possibilidades hermenêuticas.<sup>59</sup>

Ora, por que suporia o historiador que sua análise indica a verdade do fato histórico se toda interpretação é uma manipulação? O texto é usado, desmontado,

---

58 BITTENCOURT, Renato Nunes. *Nietzsche e a intuição psicológica como método para a compreensão da tipologia existencial da personalidade de Jesus*. Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613, v. 8, n. 15, p. 86-96, 2013, p. 87.

59 BITTENCOURT, Renato Nunes. *Nietzsche e a intuição psicológica como método para a compreensão da tipologia existencial da personalidade de Jesus*. Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613, v. 8, n. 15, p. 86-96, 2013, p. 91.

remontado, encaixado, segundo os objetivos argumentativos do estudioso, o texto não é uma prova que por si mesma apresenta o real. O texto é uma invenção humana que captura elementos do real falsificando-o, ou melhor, significando-o a partir de suas premissas, de suas razões, de suas paixões, todo real é possível, o que não pode ser possível é alguém determinar que real é possível e qual não é porque se acha porta-voz de uma certeza indubitável. Não é porque seja intencional (às vezes é, o trabalho do clero não foi ingênuo), mas o real não é apreensível pela linguagem, ele se dá antes e quando tentamos explicá-lo algo escapa. O real é algo que acontece no corpo antes da intelecção, o real não se pensa, se sente. Quando o sentir dá lugar ao pensar o real se perde na nossa cognição intelectual. O pensamento ocidental precisa de corpo, de hormônios, suor, ação, paixão, o pensamento precisa de vida. “Toda interpretação é uma ‘manipulação’, pois não existe o ‘texto em si’, assim como uma interpretação puramente objetiva.”<sup>60</sup>

Nada impede que as ferramentas científicas contribuam ao método intuitivo, elas são importantes, negá-las seria estupidez e, mesmo, irresponsabilidade. Nesse sentido, corroboro o meu argumento de que Bittencourt não está na ponta oposta do abismo hermenêutico aberto pelo tipo Jesus. Sena e Bittencourt dialogam, sustentam perspectivas, enriquecem o debate. “Tal circunstância, todavia, não impede o uso positivo da técnica filológica na decifração dos sentidos múltiplos subjacentes a um texto.”<sup>61</sup> O método intuitivo busca recuperar os traços psicológicos do redentor, trazer à tona os aspectos atemporais, tarefa esta indigna dos acadêmicos, pois suas estratégias são mecânicas demais, exigem uma certa repetição do fenômeno para constatar, da sua regularidade endógena, uma lei universal, como se a lei já existisse antes, no próprio fenômeno, bastava apenas investigar para ver a beleza matemática do Deus Criador, tudo ordenado, organizado, regularizado. Investigar o tipo Jesus é trafegar por labirintos perigosos, que escapam à regularidade científica, pois porque é uma fé, os documentos foram adulterados, as línguas são diversas, as interpretações são múltiplas e por isso, talvez, não dessem conta da empreitada.

---

60 BITTENCOURT, Renato Nunes. *Nietzsche e a intuição psicológica como método para a compreensão da tipologia existencial da personalidade de Jesus*. Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613, v. 8, n. 15, p. 86-96, 2013, p. 90.

61 BITTENCOURT, Renato Nunes. *Nietzsche e a intuição psicológica como método para a compreensão da tipologia existencial da personalidade de Jesus*. Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613, v. 8, n. 15, p. 86-96, 2013, p. 89.

Mas sim a ‘intuição’, processo que transcende a racionalidade formal; a intuição, por ser de natureza atemporal, permitiria a percepção imediata da psicologia crística, estabelecendo uma conexão imediata com a mente beatífica de Jesus.<sup>62</sup>

Não deixaria de salientar que uma aposta tão ousada como esta não nos conduziria a uma interpretação mística, por demais florida, cheia de contornos, bastante colorida ( Nietzsche gostava de contornos e flores coloridas no seu jardim aforístico!)! Porém, como pretendemos uma análise que tenha alguma consistência teórica e seja acolhida pela academia, preferiremos seguir não pelo caminho da poesia, apenas ( a poesia não pode ser negligenciada enquanto saber como pretendem alguns por aí). Neste sentido, caminhar junto, ombro a ombro, com Bittencourt e Sena, é formular uma interpretação que enriqueça o texto com vida sem irmos por veredas muito pessoalistas, como poetas que gostaríamos de ser; e sem substancializarmos demais nossa hermenêutica quando apostamos na tese médico fisiológica, como transcendentalistas que fomos educados a ser. “Porém, ao menos se pode visar o estabelecimento de uma interpretação forte, que promova a potência da vida, e que permita a ampliação do campo de interpretações do objeto de estudo.”<sup>63</sup>

Ora, Renato Nunes Bittencourt com sua hipótese literária e Allan Sena com seu enfoque na degenerescência fisiológica não significam uma oposição abismal, a influencia russa é inegável, porém a leitura de *O Idiota* não é consensual.<sup>64</sup> Todavia, gostaríamos de ratificar que a hipótese literária não é nula, Nietzsche escrevia aforismos, o que indica o uso de recursos literários como ferramenta diagnóstica e hermenêutico filosófica; por outro lado, a tese médico fisiológica não é uma absurda aposta perspectivista. E mais, a nosso ver, elas não se polarizam, muito pelo contrário, se coadunam, se comunicam em diversos momentos, dialogam. Temos que lembrar que nosso problema é o de se o tipo Jesus é desprovido de vontade de poder. Avancemos no debate.

---

62 BITTENCOURT, Renato Nunes. *Nietzsche e a intuição psicológica como método para a compreensão da tipologia existencial da personalidade de Jesus*. Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613, v. 8, n. 15, p. 86-96, 2013, p. 90.

63 BITTENCOURT, Renato Nunes. *Nietzsche e a intuição psicológica como método para a compreensão da tipologia existencial da personalidade de Jesus*. Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613, v. 8, n. 15, p. 86-96, 2013, p. 90.

64 Interessante consultar o Apêndice I.

### 1.2.1 – O Idiota<sup>65</sup>

O romance *O Idiota* de Dostoiévski narra a história do príncipe Míchkin. Um sujeito excêntrico, que tinha alguma dificuldade para conviver em sociedade. Evidentemente que Dostoiévski pretende fazer uma crítica feroz aos valores e a constituição moral da sociedade russa. Com o seu talento, o escritor pormenoriza os aspectos desta sociedade petersburguesa. Uma sociedade em franca decadência, pois sua nobreza decaía<sup>66</sup>, aos poucos a burguesia tomava espaço, assim como o czar via como necessária a modernização econômica da Rússia e, por isso, promoveu uma efêmera industrialização impondo o decreto que deu fim a servidão dos *mujiques* requerendo uma ancoragem consumista, para uma espiral de crescimento econômico positiva. Ao mesmo tempo em que a modernização servia para acolher os anseios de um grupo, operava para conter um possível levante popular, a miséria se aprofundava e a violência do Estado continha todas as formas de liberdade. A literatura serviu em muitos aspectos para debater os grandes temas da Rússia. Como a liberdade de expressão era cerceada, os autores camuflavam o debate político por trás da ficção. “Um pouco antes da viagem de Dostoiévski ao exterior, em 3 de setembro de 1863, Karakózov foi enforcado publicamente em Petersburgo. Assim, as afirmações de que ‘não há pena de morte na Rússia e de que Míchkin só a teria visto no exterior foram uma saída de Dostoiévski para proteger da intervenção da censura as partes do romance em que Míchkin discute a pena de morte.’<sup>67</sup> Temas como o filoeslavismo que sustentava a ideia de que a Grande Mãe Rússia não poderia ser corrompida pelos valores da Europa Ocidental<sup>68</sup>, o

---

65 Instrutivo consultar o Apêndice I.

66 Quando se fala de uma nobreza que decaía, não expressamos aqui o tipo nobre da *Genealogia*. O tipo nobre, por sua saúde exuberante, quando desce abismos, supera e retoma o seu voo. O tipo nobre cria novos valores para continuar a sua marcha em glorificação da vida. O nobre russo, assim como o nobre europeu constituído na modernidade são decadentes, ressentidos, glutões. Vivem a fazer intriga e fofoca porque estão entediados demais com a vida fácil de comer e beber sem saber de onde vem o dinheiro para sustentar a sua engorda. Vivem se comparando aos outros, tanto do ponto de vista dos privilégios e dos conchavos políticos quanto das roupas, dos bailes, dos livros que se tem na biblioteca ou dos vinhos da adega, da pomposidade do rebuscar as palavras para sorver suspiros de afã das damas quando proferem elogios hipócritas àqueles com mais poder na hierarquia social.

67 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 41 ( nota 20).

68 “- Em literatura não sou um mestre, mas a meu ver a literatura russa é toda não russa, talvez com exceção apenas de Lomonósov, Púchkin e Gógol.”( DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 376).

Ocidentalismo ligado as ideias liberais disseminadas pela Revolução Francesa (1789)<sup>69</sup>, o republicanismo/parlamentarismo<sup>70</sup>, o federalismo, a não intervenção do Estado na economia ( o liberalismo econômico e o capitalismo monopolista)<sup>71</sup> e na vida das pessoas<sup>72</sup>, o socialismo<sup>73</sup>, o anarquismo e o comunismo; tudo isso fervilhavam na

---

69 “- Permita – objetava com ardor Ievguiêni Pávlovitch -, eu não estou falando nada contra o liberalismo. Liberalismo não é defeito; é uma pequena parte de um todo que sem ele se desintegra ou morre; o liberalismo tem tanto direito de existir quanto o conservadorismo mais bem-comportado; contudo eu ataco o liberalismo russo e, reitero, que o ataco propriamente porque o liberal russo não é um liberal *russo* mas um liberal *não russo*. Apresentem-me um liberal russo e no mesmo instante eu dou um beijo nele na vossa presença.”.( DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 375).

70 “- Sabe, gosto demais de ler nos jornais sobre o parlamentarismo inglês, isto é, não no sentido daquilo que discutem lá( sabe, eu não sou político), mas de como eles se explicam entre si, se comportam, por assim dizer, como políticos: ‘ o nobre visconde, sentado em frente’, ‘ o nobre conde, que compartilha o meu pensamento’, ‘meu nobre oponente, que surpreendeu a Europa com a sua proposta’, isto é, todas essas expressões , todo esse parlamentarismo de um povo livre – eis o que é sedutor para o irmão aqui.”.( DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 418).

71 “- Não das vias férreas de comunicação, meu jovem adolescente porém apaixonado, mas de todo o sentido a que as estradas férreas podem servir, por assim dizer, como um quadro, como uma expressão artística. São as sociedades humanas, dizem, que tem pressa, estrondeiam, martelam, correm céleres para a felicidade! ‘A sociedade humana está ficando demasiadamente barulhenta e industrial, nela há pouca paz de espírito’ – queixa-se um pensador distanciado. ‘Suponhamos, mas o ruído das carroças que transportam comida para a humanidade faminta talvez seja melhor que a paz de espírito’ – responde-lhe em tom triunfal outro pensador, que viaja por todas as partes e dele se afasta com vaidade. Eu não acredito, torpe Liébediev, nas carroças que transportam comida para a humanidade! Porquanto as carroças que transportam comida para a humanidade, sem o fundamento moral do ato, podem excluir com o maior sangue frio uma parte considerável da humanidade do prazer do transportado, o que já aconteceu... (...) – (...) já existiu Malthus, amigo da humanidade. Mas, com a instabilidade dos fundamentos morais, esse amigo da humanidade é um antropófago da humanidade, sem falar da sua vaidade; porque vá você ofender a vaidade de algum desses amigos da humanidade, e imediatamente ele estará disposto a incendiar os quatro extremos do mundo por uma pequena vingança – (...)”.( DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 321).

72 “Pois bem, meu fato consiste em que o liberalismo russo não é um atentado contra a ordem vigente das coisas, mas um atentado contra a própria essência das nossas coisas, contra as próprias coisas, e não apenas contra a ordem, não contra a ordem russa mas contra a própria Rússia. Meu liberal chegou a tal ponto que nega a própria Rússia, isto é, odeia e espanca a própria mãe. (...) Ele odeia os costumes populares, a história russa, tudo.”.( DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 377).

73 “Mas não foi de literatura que começamos a falar, começamos a falar dos socialistas, e foi deles que a conversa começou; pois bem, eu afirmo que entre nós não há nenhum socialista russo; não há e nem houve, porque todos os nossos socialistas também são oriundos dos senhores de terra e dos seminaristas. Todos os nossos socialistas rematados, proclamados, tanto os daqui quanto os estrangeiros, não passam de liberais oriundos da casta dos senhores de terra dos tempos do de direito servil.”.( DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 377). E, “porque até o socialismo é criação do Catolicismo e da essência católica! Ele, como seu irmão o ateísmo, também foi gerado pelo desespero, em contraposição ao Catolicismo no sentido moral, para substituir o poder moral perdido da religião, para saciar a sede espiritual da humanidade sequiosa e salvá-la não por intermédio de Cristo, mas igualmente da violência! Isso também é liberdade por meio da violência, isso também é unificação por meio da espada e do sangue.”(DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 609.)

literatura, e como é arte, ficção, fantasia, não se suporia de que falassem de coisas sérias e perigosas como uma revolução social, o ateísmo ou o niilismo.

No salão dos Iepántchin, perante a alta sociedade petersburguesa, ele ( príncipe Míckkin) defende ideias políticas e culturais muito semelhantes às do filoeslavismo. Essa corrente político-filosófica defendia, entre outras coisas, uma via própria de desenvolvimento para a Rússia desvinculada da experiência da Europa Ocidental, uma concepção de exclusividade da história russa baseada num modo de vida comunitário, na ausência de conquistas e luta social no início de sua história, na obediência do povo aos poderes e na Igreja Ortodoxa como integridade viva (...).<sup>74</sup>

O príncipe não reagia ao mal, não devolvia a agressão na mesma moeda. Comportava-se como uma criança, ingenuamente, sem malícia, de um modo totalmente distinto daquele que seria necessário para viver naquela sociedade. Parecia viver uma realidade privada, incomunicável com o mundo externo, uma interioridade encapsulada em si mesma. Muitos, indelicados, impacientes e arrogantes, o tempo todo se referirão ao príncipe como idiota. E a acepção do termo ao longo do texto vai sofrendo mutação. O termo é polissêmico e Dostoiévski soube traduzir essa polissemia como acontecimentos subjacentes ao enredo do romance. Portanto, o príncipe Míchkin ora é tratado como idiota no sentido de imbecil, ora como inocente e infantil, ora como doente mental por causa dos seus ataques de epilepsia, o tom da palavra idiota no texto não é frugal, significa um arranjo semântico para os diversos contextos, um ingrediente a mais na intensidade da trama.

O termo “idiota” possui, na verdade, três acepções no romance *O idiota*: 1) a de “tolo”, “imbecil”, “simplório”, que corresponde ao uso mais comum e ordinário do termo, designando alguém que ignora as mais básicas convenções sociais; 2) a de “ingênuo” e “inocente”, que caracteriza a pureza e a simplicidade infantil do príncipe; 3) e a de “doente mental”, “alienado”, ligada diretamente à condição de epiléptico do personagem.<sup>75</sup>

Não é de se admirar que o príncipe sentia-se a vontade com as crianças e, em sociedade, algo o incomodava. O mundo dos adultos de São Petersburgo tem algo de leviano, de uma crueldade assustadora. Inadvertidamente, isso incomodava ao príncipe. Para se ter uma ideia do nível rasteiro dessa sociedade de adultos, certa vez, numa reunião de pessoas ilustres, começou-se um jogo no qual os participantes deveriam confessar algo inconfessável que realizaram durante a vida. Fierdischenko confessara que roubou um dinheiro, sem necessidade alguma. E que quando deram pela falta dos

---

74 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 11.

75 SENA, Allan Davy Santos. *O Jesus de Nietzsche e o príncipe Míchkin de Dostoiévski*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche, v. 3, n. 1, p. 21-40, 2010, p. 31(notas).

rublos, os patrões indagaram àqueles que socialmente seriam os torpes, a criadagem, e que ele, inclusive, persuadira Dária, uma das empregadas, a assumir o furto. Ele sabia dos maus tratos os quais os servos eram submetidos e mesmo assim, quis brincar, zombar, se aventurar.<sup>76</sup>

Passo pelo cômodo do canto, vejo três rublos em cima da escrivaninha de Mária Ivanovna, uma nota verde: ela a havia tirado para pagar alguma coisa da casa. No cômodo não havia ninguenzinho. Peguei a nota e a pus no bolso, para quê não sei. O que me deu na telha não entendo. Apenas voltei o mais depressa e me sentei à mesa. Fiquei um tempão sentado e esperando numa inquietação bastante forte, jogando conversa fora, contando piada, rindo; depois sentei ao lado dos senhores. Meia hora depois, aproximadamente, deram pela falta e começaram a perguntar às criadas. Desconfiaram da criada Dária. Eu exprimi uma curiosidade incomum e minha simpatia e me lembro inclusive de que quando Dária ficou totalmente atrapalhada, passei a persuadi-la a que assumisse a culpa(...). Na mesma noite eu bebi aqueles três rublos em um restaurante. Entrei e pedi uma garrafa de Lafite(...).<sup>77</sup>

Este é o ambiente apodrecido em que encontra-se o príncipe. Mesmo que Míchkin não portasse as suas especificidades características ( esquecido, privado, não reativo, apolítico e pueril) e fosse um sujeito com valores um pouco mais “elevados”, destoaria gravemente deste ambiente declinante. Entretanto, o príncipe por sua constituição de homem privado será tido como uma figura extremante bizarra e extravagante por esta nobreza.

#### 1.2.1.1 – O esquecido

A mnemotécnica da dor fabricou memória, o homem interessante passou a fazer promessa, tomou empréstimos, não pagou, cometeu um delito contra o grupo social, aplicaram-lhe um castigo feroz, mais memória; o débito pagável transformou-se em não pagável pela espiritualização da dívida pela culpa como pecado, mais memória; o sabido do sacerdote cristão e seu fiel escudeiro Paulo falsificaram a vivência crística de Jesus e todos os dias, por séculos a fio, o homem é lembrado de que o próprio Deus foi assassinado pela redenção dos pecados da humanidade, mais memória. A exigência do permanente lembrar, do nada esquecer, condiciona o homem a uma vida mesquinha, decadente, rotineira, às vezes, rancorosa e ressentida.

---

76 “Em abril de 1863 foram abolidos apenas os castigos à base do chicote e da chibata, que eram de fato uma variedade da pena de morte”. (DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora, v. 34, 2002, p. 41 notas)

77 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 179.

Anna Paula de Ramos Campos em sua dissertação *Nietzsche e o Esquecimento* procura investigar como esquecer não é uma falha da memória como pretendiam supor os neurologistas, mas uma força plástica, necessária à vida, condição *sine qua non* para o saudável despojar-se do sujeito. Se esquece para aprender novas coisas, se esquece para se livrar de pesos que adoecem o corpo, aniquilando o desenvolvimento de outras formas de vida, - o protagonista das *Memórias* encontrava-se prisioneiro de um tipo de vida adoecido e mórbido -, esquecer é um recurso dos saudáveis, pois conseguem se livrar das pulgas mentecaptas que lhe aborrecem o espírito.

O esquecimento salutar, ao qual nos referimos, estaria presente no homem como algo constituinte de sua condição humana, mas no homem que se identifica com a moral escrava, essa capacidade acaba por se enfraquecer. O homem da moral escrava não é dado à sua capacidade plástica e criadora do novo, ou seja, ao esquecimento. Ao contrário, é dado à criação de uma memória reforçada pelo castigo, pela ideia de pecado, por cada —tu deves criado pelos propagadores desse tipo de moral. Uma moral que se utilizou da força da memória, que se instaurou com tal intensidade, não permitindo ao homem esquecer aquilo que foi vivenciado um dia, para que se lembre sempre dos princípios que devem nortear sua conduta moral e cristã.<sup>78</sup>

Portanto, esquecer é uma força ativa, direciona-se para fora, avança do corpo para o exterior, para que o vento leve as lembranças para os cantos gelados e inóspitos do mundo e lá se dissolva em névoa, “não se trata por ora, do esquecimento que consiste em não lembrar simplesmente, mas sim do esquecimento ativo, como uma força ativa, capaz de remover registros enfraquecedores e desnecessários, fornecendo espaço psíquico para novas experiências.”<sup>79</sup> O animal homem teve seus instintos tolhidos pela moralidade dos costumes. Sua disposição instintual foi amansada para que a besta louca pudesse conviver em sociedade. As diversas formas de vida reduziram-se a algumas poucas, pois impedido de esquecer acaba por retornar ao passado, mas o passado não existe, ele tem que ser superado para que haja mais vida.

Vida é jogo, vir-a-ser, devir. Não se tem uma vida como uma felicidade regozijante, ela toda de uma vez, como uma projeção do agora no porvir, como quem compra uma ilha paradisíaca no Caribe, na Polinésia Francesa ou no Mar Egeu e agora usufrui das benesses de toda uma história de planejamento, enfim, a aposentadoria!<sup>80</sup> A

---

78 CAMPOS, Anna Paula de Ramos. *Nietzsche e o esquecimento*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014, p.28.

79 CAMPOS, Anna Paula de Ramos. *Nietzsche e o esquecimento*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014, p.12.

80 Consideramos conveniente realizar este comentário porque tememos que sujeitos mal intencionados se apropriem de determinadas falas para justificar seus absurdos políticos. E nestes tempos de ameaça de vigilância policialesca sobre a produção do conhecimento por um Estado que nega ou distorce

vida impõe-se titanicamente como guerra, luta, esforço. Todos os dias as batalhas se enumeram, umas deixam de existir, outras surgem, neste movimento de uma luta que cessa em prol de outra que se anuncia, que se tem o próprio do conduzir da vida.

Esta “astúcia” das raças nobres, a maneira louca, absurda, repentina como se manifesta, o elemento incalculável, improvável, de suas empresas – Péricles destaca elogiosamente a despreocupação dos atenienses -, sua indiferença e seu desprezo por segurança, corpo, vida, bem-estar, sua terrível jovialidade e intensidade do prazer no destruir, nas volúpias da vitória e da crueldade – para aqueles que sofriam com isso, tudo se juntava na imagem do “bárbaro”, do “inimigo mau”, como o “godo”, o “vândalo”.<sup>81</sup>

Uma pessoa não pode lutar todas as guerras de uma vida inteira, ou ela se desvincula de algumas para estar disponível a outras, ou ela se agarra a conflitos pretéritos e neles se mortifica angustiando-se de dor e vontade de vingança. “Assim, o papel do esquecimento nesse caso seria o de eliminar os antagonismos, e o combate de todas as forças presentes no jogo incessante do vir-a-ser.”<sup>82</sup>

Vida é dor. Mas para o homem que não esquece, este sofrimento absurdo não pode ser algo intrínseco a vida, sua condição própria, sem um algo por trás que justificasse toda esta hedionda angústia. Se a cultura judaico-cristã elaborou falsificações úteis justificadoras da dor, a ciência, mesmo como contraponto sério as explicações místicas, mitológicas, religiosas, supersticiosas, não escapou de aprofundar nossa capacidade mnemônica, assim como oferecer outras justificações que confortem a dor. O mundo passou a ser medido, calculado, desenhado em gráficos. Nenhum quinhão a mais, nenhum quinhão a menos, a vida foi enquadrada na camisa de força do cálculo,

---

compreensões já consolidadas como a esfericidade da terra, as vacinas, a genética, a adaptação das espécies e sua guerra para se consolidar no meio; a história política e os direitos políticos e sociais conquistados pelos grupos identitários ; assim como a legislação trabalhista e previdenciárias como Direitos Humanos e condição estrutural para a manutenção do funcionamento da economia capitalista garantindo o mínimo de mercado consumidor e, portanto, evitando uma insurreição popular e que, tudo isso nada tem de comunismo ou socialismo, mas que são invenções da criativa inteligência dos economistas de mercado, Keynes para ser mais fidedigno; nestes tempos de tais perspectivas preferimos nos precaver de possíveis maus entendidos ou desonestidade intelectual. Quando nos referimos a aposentaria pretendemos dizer que a vida enquanto jogo não acaba, não se estagna. Mas que a aposentaria é e, lutamos para que continue sendo, um direito dos trabalhadores. Até mesmo porque o mercado fabrica rebanhos úteis ao seu funcionamento dificultando que a vida se manifeste como jogo, castrando a jovialidade que poderia se impor como força ativa no operário. A aposentaria é condição para que ele vislumbre novas formas de vida, se liberte de algumas algemas. Portanto, o sentido irônico do termo aposentadoria que damos ao texto refere-se a um apequenamento da vida, típico do homem de consciência hipertrofiada que acha que pode planejar para conquistar segurança e tranquilidade num futuro, mas que em momento algum negamos a aposentadoria como um direito.

81 GM I, 11.

82 CAMPOS, Anna Paula de Ramos. *Nietzsche e o esquecimento*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014, p.21.

da curva Normal. Com isso, se perdeu um pouco dos instintos, do viver do jogo erro acerto, da intuição, da vida artística. Não se fez aquilo porque já se sabia por experiências laboratoriais anteriores que iria dar errado, assim se perde a experiência de desfrutar um bom cigarro (causa câncer), ou um exímio charuto (causa câncer), ou uma bebedeira com os amigos (causa câncer), de respirar a vida. Ora, a vida não causa câncer! E se causar, lutemos contra o câncer e o superemos. Porém, o homem moderno, preso nessa ânsia por uma vida mais longa e feliz, esquece-se de esquecer os montinhos amesquinhadores, a carga plúmbea da memória.

O *sacta simplicitas*! [Ó santa simplicidade!] Em que curiosa simplificação e falsificação vive o homem! Impossível se maravilhar o bastante, quando se abrem os olhos para esse prodígio! Como tornamos tudo claro, livre, leve e simples a nossa volta! Como soubemos dar a nossos sentidos um passe livre para tudo que é superficial, e a nosso pensamento um divino desejo de saltos caprichosos e pseudoconclusões! – como conseguimos desde o princípio manter nossa ignorância, para gozar de uma quase inconcebível liberdade, imprevidência, despreocupação, impetuosidade, jovialidade na vida, para gozar a vida! E foi apenas sobre essa base de ignorância, agora firme e granítica, que a ciência pôde assentar até o momento, a vontade de saber sobre a base de uma vontade bem mais forte, a vontade de não-saber, de incerteza, de inverdade! Não como seu oposto, mas como – seu refinamento!<sup>83</sup>

Memória e esquecimento são forças necessárias à vida. “Tanto a memória quanto o esquecimento constituem-se como forças operantes da vontade de poder que constitui o todo humano.”<sup>84</sup> A moralização dos costumes fomentou o viver em sociedade, já não mais há possibilidade de uma existência de outra ordem, se tem que cumprir contratos, pagar contas, a memória é vital nestas condições. Entretanto, o esquecimento se apresenta como força ativa do organismo, precisamente, para garantir a continuação da vida. Um corpo como só memória constituir-se-ia o mais triste de todos os bichos, imagine lembrar-se de tudo, de cada centímetro, de cada milímetro, de cada segundo de cada minuto de todos os dias, de toda uma história pessoal, de todas as desavenças, irritações, impropérios, palavras ditas de forma injusta, dívidas, livros, pessoas, tudo, tudo, tudo, sem escapar nada... Por outro lado, estar cravado na estaca de todo instante não gera futuro porque não constrói história. Nesse sentido, a balança que pesa pela memória é a do homem dócil e ressentido, moralizado pela Igreja, inserido numa realidade social dada. Pesar o lado do esquecimento é inverter a noção de

---

83 BM 24

84 CAMPOS, Anna Paula de Ramos. *Nietzsche e o esquecimento*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014, p.49.

esquecimento como culpa e erro, e assumi-lo como postulado de uma vida que quer revigorar-se ampliando sua força.

Ou seja, esquecer é digerir o alimento ingerido. O que serviu ou esta servindo, que permaneça, mas isto que inibe a força, que solapa a vida, deve ser eliminado para que a natureza dê outro sentido. O que faz mal: causa enjojo, diarreia, acidez estomacal, esofagal, intestinal, o corpo sente a carga putrefata e doente, e a elimina. O mesmo, sapientemente, deveríamos fazer com as memórias, esquecer algumas. Todavia, nossos instintos mais primitivos foram tolhidos e o fenômeno natural que seria esquecer é sucumbido pelo poder artificialmente implantado da memória. Assim como o intestino elimina espaço para que novos dejetos se aloquem, a vida tem que se livrar de lembranças indesejadas para transmutar-se em novidades.

Em *Genealogia da moral*, Nietzsche coloca-se claramente a favor do esquecimento como —digestão, quando diz ser esse uma fonte de alívio, de limpeza e saúde da ordem psíquica. Para ele, o esquecimento como atividade, assimilação encontraria no âmbito humano uma utilidade. A utilidade estaria relacionada a uma capacidade de higiene do espaço psíquico, expelindo de seu interior toda a mobília que apenas estivesse causando uma poluição visual, ou seja, eliminando tudo o que estivesse obstruindo o espaço psíquico.<sup>85</sup>

O príncipe Míchkin esquece, dispõe-se a novas experiências, não volta-se para o passado remoendo rancor, destilando veneno. Depois de um covarde artigo escrito para caluniar, ofender e difamar o nobre protagonista; o autor, bastante mal intencionado, confabulando retirar dinheiro do príncipe como meio de reparação pelos ataques, arguindo que escreveria outro texto, de outro modo, exige entrar e ser recebido, o que Liébediev se opõe. Entretanto, o príncipe, como se nada disso tivesse conhecimento, como se nenhum documento lera, os recebe educadamente como um bom cavalheiro. Ele esqueceu ou a carga de inverdades não o aniquilara. Aliás, é próprio de uma força ativa direcionar-se para fora, ou seja, Míchkin não absorveu o caso como uma memória na qual armazenada, fosse motivo para uma vingança imaginária. Ele esqueceu ou deixou por menos, até perdoou.

- E o senhor, príncipe, se permitiu inclusive esquecer – deslizou de repente entre as cadeiras um Liébediev inconstante e quase febricitante -, se permitiu esquecer que só a sua boa vontade e a inigualável bondade do seu coração

---

85 CAMPOS, Anna Paula de Ramos. *Nietzsche e o esquecimento*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014, p.43.

permitiram que o senhor os recebesse e os ouvisse e eles não tem para isso nenhum direito de exigir tal coisa (...).<sup>86</sup>

Em outro momento do texto, Míchkin tenta visitar Aglaia, ia todos os dias a casa dela, mas não conseguia vê-la, pois estava proibido pela família de promover tal encontro. Todas as vezes que ia era punido e no outro dia, sem que se lembrasse da proibição do dia anterior, ia novamente. Não insistia no sentido de forçar a barra, tentar um tensionamento para que uma das partes, com o tempo, cedesse. De fato, como comportamento atípico de um idiota, ia porque esquecia, como se nunca existisse um dia anterior para outorgar suas premissas ao dia posterior. “Mas sabemos igualmente que nesses mesmos dias várias vezes, e até muitas, ele ia de repente à casa do Iepántchin sem escondê-lo de Nastácia Filíppovna, o que por pouco não a levava ao desespero. Sabemos que os Iepántchin, enquanto permaneciam em Pávlovsk, não o recebiam, negavam-lhe constantemente encontro com Aglaia Ivánovna; que saía sem dizer palavra, e que no dia seguinte tornava a voltar a casa deles, como se tivesse esquecido inteiramente a negativa da véspera e, é claro, recebia nova negativa.”<sup>87</sup>

O aspecto esquecido do príncipe não corresponde aos anseios da vida em sociedade. A sociedade exige como frumento de boas maneiras e educação, que se lembre de sutis informações, tanto no que concerne a se vestir, se portar a mesa, comer e beber; como em falar, se tem as informações instaladas no aparelho psíquico para que se saiba o que comentar e o que não é conveniente explicar. Esse filtro moral é desajustado no príncipe, ou ele não lembra, ou ele lembra, mas usa a informação de um modo inadequado ainda, para o convívio em sociedade. Ou seja, ele se lembrava do artigo difamando-o, porém não se opôs a receber os detratores. Inclusive, debateu pormenores do texto, apontando as calúnias e equívocos. O homem do ressentimento não trata os assuntos desta forma transparente e tranquila, como está pesado de memória não receberia os ofensores, isto, em si, já formalizaria parte da vingança, e trancar-se-ia em casa para pensar uma forma de reparação.

O modo desmemoriado do protagonista pressupõe um valor que lhe é próprio. Isto é, esquecer e cometer as suas gafes condizem com o seu tipo de existência

---

86 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 308.

87 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 641.

totalmente singular, única, privada. Sua forma de ser é esquecendo. Todavia, a sociedade não está disposta a ser empática, seja com o outro, seja ele quem for ou com o príncipe. Nesta realidade russa se poderia dispor-se a ser empático se o outro for capaz de oferecer algo valioso em troca: dinheiro, poder, prestígio social. O príncipe Míchkin, inicialmente, não tinha nada a oferecer, além da sua amizade, com a herança passa a ter numerário para comprar um acolhimento melhor. Porém, não usava o dinheiro desta forma leviana e até previsível, justificável por aquela classe. Considerava outros valores como defensáveis e dignos, como a amizade e a lealdade. Tudo isto remete-se a um homem de caráter privado no qual buscaremos analisar.

#### 1.2.1.2 – O sujeito privado

Idiota tem esse significado de homem privado, alheio às convenções sociais. Preocupado sobejamente com suas questões interiores. O tato para manusear os delicados sentidos semânticos do viver em sociedade são inexistentes ou muito difíceis para a compreensão deste sujeito. Assim, a atribuição de idiota toma contornos pejorativos, de alguém que é “estúpido” e “burro”, que não recebeu da melhor maneira a educação para se portar em público.

Vivendo em uma atmosfera social marcada pelo oportunismo dos indivíduos e pelo ímpeto destes em fazer imperar os seus mais vis desejos egoístas, a conjunção de inocência e de sublimidade da personalidade de Míchkin faz com que este se torne uma pessoa existencialmente deslocada, fazendo-o sentir-se como que “sobrando” na vida em sociedade.<sup>88</sup>

E se viver em qualquer sociedade exige que se aprenda os trejeitos e costumes, há tempos instalados na cultura, viver em meio a alta sociedade russa exige habilidades extraordinárias, o que o príncipe Michkin não detinha. O problema é que o universo existencial do príncipe, bastante particular, não era compreendido por ser distinto demais. O comportamento de rebanho exige que todos os componentes do grupo habituem-se a realizar os atos que lhe são próprios, que vá ao ritmo dos que sucumbiram à disciplina, que não invente coisas novas, que repita o que os outros fazem. “Esse processo intuitivo de desvelamento de uma ‘verdade interior’, para muito além da esfera da lógica formal e da racionalidade, não pode ser adquirida pela cultura estabelecida, pelo estudo e pela erudição, mas pelo ‘coração’, pois é uma experiência da

---

<sup>88</sup> BITTENCOURT, Renato Nunes. *A Psicologia da Idiotia em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120, p.105.

interioridade.”<sup>89</sup> Se o sujeito destoa, estabelece o seu *pathos* da distância, o grupo não fará bom julgamento, porque todo aquele que for forte para se distanciar do rebanho será tratado como inferior, ruim, mal, arrogante, soberbo, isto graças à inversão dos valores morais como já exposto. Entretanto, este ainda não é o caso do príncipe, ele não destoa porque é um guerreiro poderoso, ele simplesmente não entende o mundo bizarro das pessoas, pois o mundo é ele mesmo, sua genuína singularidade. Ri quando riem dele, “eu até o ouvi – secundou Aglaia. Todas voltaram a rir. O príncipe riu com elas.”<sup>90</sup>, não reage, é circunspecto.

Neste primeiro contato com a generala, teve o prazer de conhecer as graciosas filhas da família e enquanto aconteciam as apresentações, uma delas, Adelaida, como pintora que era, pediu ao príncipe que lhe sugerisse um tema para um quadro. O príncipe comentou que não sabia olhar. E dando início ao relato de sua vida no exterior demonstrou seu retraimento: “- Não sei; lá apenas recuperei a saúde; não sei se aprendi a olhar. Aliás, eu fui muito feliz quase o tempo todo.”<sup>91</sup> Isto é, de seu mundo particular não consegue ver a exterioridade, extensividade do mundo, assim como o tipo Jesus. “(...)o Nazareno se expressava através de verdades interiores, não de conceitos lógicos demonstrativos ao modo de um dialético que pretende persuadir os seus interlocutores através da racionalidade discursiva e da persuasão.”<sup>92</sup> A felicidade é algo típico na fala do protagonista, repetidas vezes retoma o assunto, contrariando os olhares externos que não entendem como ele, um idiota, um epilético, é feliz. Toda a estranheza de seu comportamento privado o desloca socialmente e, óbvio, sofrerá retaliação por causa disto. Aglaia terá um cuidado maior com ele, já que está apaixonada e, aliás, se apaixonou pelas peculiaridades do príncipe. “Eu lhe devo dizer ainda que nunca encontrei uma pessoa na vida semelhante a ele pela simplicidade nobre e pela credulidade infinita. Depois das palavras dele eu adivinhei que quem quiser poderá enganá-lo, e quem quer que o engane ele depois perdoará, a todo e qualquer um, e foi

---

89 BITTENCOURT, Renato Nunes. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Ítaca, n. 15, 2010, p. 119.

90 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 79.

91 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 81.

92 BITTENCOURT, Renato Nunes. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Ítaca, n. 15, 2010, p. 119.

por isso que o amei...”<sup>93</sup> Ela o encorajará a não diminuir-se, a não se desculpar tanto, a se impor...

- Já que diz que foi feliz, logo, não viveu menos e sim mais; por que então se curva e se desculpa? – perguntou Aglaia de modo severo e importuno – E por favor não se preocupe se esta nos ensinando, nisso não há nenhum triunfo de sua parte. Com seu quietismo pode-se passar cem anos enchendo a vida de felicidade. Tanto faz mostrar ao senhor a execução de uma pena de morte quanto de um dedinho, porque o senhor irá tirar tanto de um quanto do outro um pensamento igualmente lisonjeiro e ainda ficará satisfeito. Desse jeito dá pra viver.<sup>94</sup>

Não ser atravessado pelo crivo do social condena o sujeito a lançar para fora qualquer palavra, a que considera melhor para exprimir aquilo que esta sentindo. Coloca as ideias da forma mais instintual obedecendo ao ritmo fisiológico do movimento da boca que balbucia a palavra, pois não analisa pormenorizadamente se para aquele contexto serve aquela forma de se colocar. A sinceridade lhe é capilar, assim como nas crianças, - comentaremos mais detalhadamente a frente sobre como lhe era dificultoso estar com os adultos, que preferia as crianças. “Agora eu vejo que não se pode considerá-lo não só um malfeitor como também um homem demasiadamente estragado. Para mim o senhor é apenas uma pessoa das mais comuns que pode existir, apenas muito fraca e nem um pouco original.”<sup>95</sup> Gánia, evidentemente, vai remoer o assunto, não respondeu imediatamente, depois disparará seu ódio ressentido.

Esse homem singular, avesso ao mundo, perdeu ou não adquiriu a capacidade de ressentir a angústia. Num certo momento, punha-se a desconfiar se não estavam armando alguma para ele, muito provável que sim, porém não considerava honesto esse olhar venenoso sobre os outros. O julgamento perpétuo de todos contra todos, as intrigas, picuinhas, reais ou fantasiosas, que, nós, os filhos do ressentimento ficamos matutando em nossa caixa neuronal treinada nas sinapses de memória, é ausente ou coadjuvante no herói de Dostoiévski, de modo que ao constatar que assim se movimentava seus pensamentos, sentiu-se o pior dos homens.

Estava com essa impressão: não teria alguém armado essa questão agora, precisamente nesse momento e nessa hora, de antemão, justamente para essas testemunhas e, talvez, visando à sua esperada desonra e não ao triunfo? Mas

---

93 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 632.

94 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 85.

95 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 155.

ele estava demasiadamente triste por sua “cisma monstruosa e maldosa”. Ele, morreria, parece, se alguém soubesse que estava com esse pensamento na cabeça, e nesse instante, logo que entraram os novos visitantes, estava sinceramente disposto a se considerar o último dos últimos no sentido moral entre todos os que estavam ao seu redor.<sup>96</sup>

O príncipe não sabe, não conjectura, não predispõe ou utiliza, de um, enfim, sexto sentido para medir, calcular, analisar o que desemboca no mundo, nas pessoas. Os tempos distantes como o futuro planejado por uma mente engenhosa ou o passado recuperado pelo fraco que muda a direção vetorial do ressentimento não tem importância, porque Míchkin é presentificação, ele age neste instante como uma vida plenificada, toda ela acontecendo ali, mas porque acontece, não é de uma vez por todas, como uma substância, deixa de ser para de novo ser no outro instante num eterno devir. Por isso ele esquece! Ele sequer se atenta para o que as pessoas sentem por ele, se o amam, se o odeiam, se o querem enganar, se se preocupam. “(...), entre o Iepántchin, como entre todos sem exceção, havia a compreensão de que o príncipe, por sua simplicidade, não tinha a menor condição de perceber pessoalmente que estavam preocupados com ele.”<sup>97</sup> Sua displicência sensitiva de baixa habilidade social o condenará a uma posição aquém dos homens de valor. Todavia, a ironia e crítica colocada por Dostoiévski são bastante fecundas, pois estes que condenam o último nome da casa Míchkin a condição de idiota não são os verdadeiros representantes de uma sociedade e humanidade elevadas e nobres. O príncipe com sua existência privada é um idiota ou é a sociedade russa que é baixa demais para um tipo tão elevado? É o tipo Jesus um idiota ou são os poderosos de Jerusalém e os sacerdotes judeus inferiores demais para o Redentor?

A “verdade” para Jesus é, portanto, uma experiência interior, capitaneada pela intuição individual diante das suas contínuas vivências, livre de qualquer grande interferência da realidade exterior no processo de desenvolvimento das suas vivências beatíficas, e não uma mera adequação entre o entendimento humano e a realidade externa. Nessas condições, podemos dizer que Jesus de modo algum nega o valor da “cultura”, pois nem mesmo a “conhece”.<sup>98</sup>

Mesmo não sendo tão atingido pelas hostilidades desta sociedade, pois possuía amortecedores eficazes, aliás, eles mesmos as causas das arengas, gostava de estar

---

96 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 296.

97 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 587.

98 BITTENCOURT, Renato Nunes. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Ítaca, n. 15, 2010, p. 120.

sozinho, recolhido, longe. A melhor forma de gozar o prazer desta vida privada. Pensou em retornar a Suíça, para perto das crianças. Retirar-se de cena e viver sua resignação.

O príncipe estava muito contente por finalmente o terem deixado só<sup>99</sup>; ele desceu da varanda, atravessou o caminho e entrou no parque; queria ponderar e decidir um passo a ser dado. Mas esse “passo” não era daqueles que se ponderam e sim daqueles que justamente não se ponderam e simplesmente se decide por ele: súbito sentiu uma terrível vontade de largar tudo ali e voltar para o lugar de onde viera, para algum lugar mais distante, para os confins, partir agora mesmo sem se despedir de ninguém.<sup>100</sup>

Assim, o homem de caráter privado não é uma condição exclusiva da psique do príncipe Míchkin, ele encontra-se também no tipo Jesus. Apesar das adulterações dos evangelhos, é possível retirar algumas interpretações. Pois, segundo Nietzsche: “- Somente nós, espíritos tornados livres, temos o pressuposto para entender algo que dezenove séculos entenderam errado – (...)”.<sup>101</sup> A boa nova não é o advento do outro mundo, uma esperança cega no nada, negadora da vida. A mensagem de Jesus não é uma indicação do caminho correto sob a pena de condenação para os que andarem pelo caminho errado. A vivência crística é uma prática de vida, uma vida que se dá neste mundo, agora. Como esquecimento e perdão, como um não se agarrar a noções fixas e engessadas de mundo, como uma prática que cria seus próprios valores.

- Seria possível, com alguma tolerância de expressão, chamar Jesus um “espírito livre” – ele não faz caso do que é fixo: a palavra mata, tudo que é fixo mata. O conceito, a experiência “vida” no único modo como ele a conhece, nele se opõe a toda espécie de palavra, fórmula, dogma, fé, lei. Ele fala apenas do que é mais íntimo: “vida”, “verdade”, “luz” é a sua palavra para o que é mais íntimo – todo o resto, a realidade inteira, toda a natureza, a própria linguagem, tem para ele apenas o valor de um signo, de uma metáfora.<sup>102</sup>

Toda igreja, Estado, sacerdote, fanático religioso, porta-voz da verdade, da essência são completamente díspares da experiência crística. Pois estes, enquanto arautos de uma única e fossilizada concepção moral acabam combatendo outras perspectivas. Jesus não combatia o mundo, este lhe era desconhecido. “A cultura não

---

99 Este trecho, no livro da Editora 34, tem uma nota de rodapé o qual os editores da edição russa (Opulskaia, G. F. Kogan, A. L. Grigóriev e G.M. Fridlénder) explicam que essa passagem não apenas se parece com o evangelho de Mateus quando Jesus se retira para o jardim Getsêmani, mas indica a contraposição de Cristo com relação a este mundo. “Retirou-se Jesus com eles para um lugar chamado Getsêmani e disse-lhes: assentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar...” (Mt 26,36) Na mesma nota, o autores lembram o evangelho de João que corrobora ainda mais o argumento: “Ele lhes disse: vós sois cá de baixo, eu sou lá de cima. Vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo.” (Jo 8,23).

100 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 348.

101 AC 36

102 AC 32

lhe é conhecida sequer de ouvir falar, ele não precisa lutar contra ela – ele não a nega...”<sup>103</sup> Ele ama, esta é sua prática. Amor que o preenche numa completude, que sendo só amor, uma interioridade de amor, quando ao mundo se refere, também é amor. Quando se ama não há inimigos, assassinos, usurpadores, todos são dignos deste reino, o “reino dos céus”, ou seja, uma experiência privada de embriaguez em amor. O reino dos céus está aqui, foi encontrado, está no coração de cada homem. “Que significa a ‘boa nova’? A vida verdadeira, a vida eterna foi encontrada – não é prometida, está aqui, está em vocês: como vida no amor, no amor sem subtração nem exclusão, sem distância.”<sup>104</sup>

Os valores evangélicos propostos e demonstrados publicamente por Jesus eram do âmbito do íntimo humano, sem qualquer correspondência com a realidade efetiva, de maneira que o seu apregoado “Reino dos Céus”, segundo a interpretação de Nietzsche, representa uma vivência simbólica, na qual o indivíduo que compreendesse a intensidade do contato com o divino se sentiria imerso em um estado de espírito de grande júbilo que potencializa a sua capacidade de valorar sem depender de qualquer determinação externa.<sup>105</sup>

O cristianismo institucionalizado é uma religião de sentimentos reativos, dos fracos, dos que se comparam. Jesus é força ativa, uma singularidade que se afirma, que estabelece um *pathos* da distância, pois por constituir-se privadamente, não reage, “dá a outra face pra bater”.<sup>106</sup> O Jesus de Nazaré não é útil aos interesses políticos sacerdotais. O amor enquanto experiência interna, o reino de Deus como um paraíso de amor, sem a necessidade de intermediários, sem recursos financeiros para adentrar na adega dessa elevação espiritual terrestre, e “- suas provas (de) ‘luzes’ interiores, interiores sentimentos de prazer e autoafirmações, todas elas ‘provas da força’ - ”<sup>107</sup>, o reino dos céus no coração de cada um, todos os dias, sem punição e inferno, “O ‘reino do céu’ é um estado do coração – não algo que virá ‘acima da terra’ ou ‘ após a morte’.”<sup>108</sup>: tudo tinha que ser modificado de modo a atingir os objetivos parasitários dos eclesiásticos.

Se entendo algo desse grande simbolista, é que ele tomou apenas realidades internas como realidades, como ‘verdades’ – que entendeu todo o resto, tudo natural, temporal, espacial, histórico, apenas como signo, como ocasião para metáforas. O conceito de ‘filho do homem’ não é de uma pessoa concreta que

---

103 AC 32

104 AC 29

105 BITTENCOURT, Renato Nunes. *A Psicologia da Idiotia em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120, p.111.

106 Mt 5,39

107 AC 32

108 AC 34

faz parte da história, de algo individual, único, mas uma 'eterna' factualidade, um símbolo psicológico redimido do conceito de tempo. <sup>109</sup>

Bittencourt sustenta que a vivência crística é interior, idiota, no sentido de que ser essa interioridade é ser estranho à sociedade. O idiota não acessa o mundo de forma imediata ou mediata, o que é extenso lhe é alheio, indistinto, inapreensível. Portanto, essa experiência privada é o contato pleno com Deus, pois o Reino dos céus está em nós. A beatitude constitui-se a descoberta deste reino de Deus e, assim, o despreendimento total de noções como o além-mundo, concepções lembradas e recuperadas pelo cristianismo para manter o animal manso. “A beatitude, portanto, exclui de sua experiência afetiva e cognitiva toda consideração pela morte, e até mesmo pela vida enquanto mera extensividade, pois a alegria evangélica transfigura a própria individualidade, imergindo-a no divino.”<sup>110</sup> Ora, o único cristão da história do cristianismo não poderia ser outro senão o anticristo aos olhos do sacerdócio ou o cristianismo institucionalizado o anticristo aos olhos do Cristo. Pois sua boa nova opunha-se ao modo de vida daqueles sacerdotes sedentos por vingança. Há um antagonismo entre os ensinamentos de Jesus e o cristianismo, um abismo quase intransponível. Um evangelho de puro amor, uma alegria suprema de perdão enquanto uma exuberância interna dos afetos, nada mais inumano e desvantajoso aos poderosos.

Ao fazer do perdão incondicional um mecanismo de obtenção da beatitude, Jesus revela essa disposição “nobre” em seu modo de ser, pois a sua felicidade sagrada não depende da realidade externa para se concretizar, tampouco o seu plano existencial depende das figurações extrínsecas; pelo contrário, a axiologia crística é do âmbito da interioridade, não como antítese do externo, mas como não-reconhecimento de tudo o que é regido pela lógica padronizada dos costumes formais, pela moralidade estabelecida. <sup>111</sup>

O idiota, Míchkin e o tipo Jesus, como existências privadas, desenvolveram outro comportamento, o caráter apolítico. A história, a política, os negócios lhes são estranhos, longínquos, há uma certa dificuldade, inabilidade com estas questões. É digno de nota que a separação na qual me dediquei em *O Esquecido*, *O homem privado*, *O não reativo*, *O Apolítico*, *O pueril e O doente*, são meramente esquemáticos. Em momento algum quis criar categorias nas quais pudesse definir os pressupostos e enquadrar as personagens nelas, de forma rígida. O idiota compreende todas essas

---

109 AC 34

110 BITTENCOURT, Renato Nunes. A *Psicologia da Idiotia em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120, p.114.

111 BITTENCOURT, Renato Nunes. A *Psicologia da Idiotia em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120, p.113.

possibilidades e ainda outras. E ao ser uma não exclui a outra, isto é, porque estou no tópico que se refere ao homem de caráter privado, isto não significa que o príncipe não seja também apolítico e pueril, por exemplo, e que não pudesse falar deles, os eventos dão-se intrincadamente, um esta no outro, reforçam o outro. Mais a frente, nos dedicaremos mais a fundo a forma apolítica da idiotia, por agora, gostaria de demonstrar como essa vida interior, totalizada nela mesma, condiciona o organismo ao apolítico, pois o mundo dos acordos e negócios humanos não são seu foco, seu motivo existencial.

O tipo “idiota” se caracteriza por não se importar com as tramas históricas e políticas vigentes na sua sociedade, pois que o foco de sua atenção psíquica está direcionado para aspectos intensivos de sua própria intimidade afetiva, adotando uma postura existencial reservada, circunstância que desagrade aos costumes morais sustentados por ideários normativos, que em nenhum momento sabe viver a alegria e o amor.<sup>112</sup>

O Príncipe Míchkin e o tipo Jesus, mesmo não plenamente cômico, estabelecem distinção. Criam seus próprios valores, são uma espontaneidade que não se nivela, não se arrebanha, logo não se permite adestrar. “Nas palavras de Giacóia, o além-do-homem se constitui um contra-ideal da tendência ao nivelamento e à uniformização que, para Nietzsche, caracteriza a moderna sociedade de massa<sup>113</sup>.”<sup>114</sup> Ou seja, para os que vivem o rebanho e aceitam o chicote da moral escrava, todos que recusarem a tais práticas serão rebeldes. De novo, o príncipe e o Redentor não reagem, nem como cavaleiros de elevada estirpe senhorial, nem como ressentidos, eles, simplesmente, não reagem. O agressor para regozijar-se de seu esplendor sádico necessita que o açoitado reaja de algum jeito, indo para o embate aos berros e forçando seus grilhões em fúria pela urgente reparação homem a homem ou planejando uma vingança silenciosa terrena ou divina (o julgamento final que humilhará todos os devassos e covardes); o príncipe e Jesus não respondem da forma como se espera. Eles não reagem!

### 1.2.1.3 – O não reativo

Não reagir é um atributo ou uma qualidade que, neste primeiro momento, com os elementos teóricos que elaboramos até aqui, constituem-se características de um homem elevado, diferente de todo o habitual: o idiota. O homem disciplinado na

---

112 BITTENCOURT, Renato Nunes. *A Psicologia da Idiotia em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120, p.109.

113 GIACÓIA JR, O. *Nietzsche*. São Paulo: Publifolha, 2000, p. 57.

114 CAMPOS, Anna Paula de Ramos. *Nietzsche e o esquecimento*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014, p.32.

mnemotécnica da dor ou essa besta oprimida no processo de adestramento não ajustam o comportamento deste animal a uma não reatividade. De qualquer modo reagimos, mesmo que seja como um fraco. “(...) a ‘idiotia’ é uma tipologia psicológica caracterizada pela capacidade pessoal de se compreender a existência através de uma perspectiva valorativa sustentada por um viés ‘extra-moral’, e a experiência originária da práxis crística ocorre através dessa singular disposição psicológica.<sup>115</sup> O príncipe Míchkin sofre as mais nefastas agressões, muitas delas, completamente gratuitas, e ele não responde no mesmo tom, não se enfurece na mesma frequência. “(...)o príncipe se envolve em uma série de infortúnios por conta de seu caráter insólito, marcado pela absoluta falta de resistência aos seus mais violentos opositores.”<sup>116</sup>

Mas ele não reage, também, porque quisesse estabelecer um ensinamento de algo no qual se pudesse atribuir como certo, um valor elevado, uma filosofia de vida. Ele não pretende ensinar nada, ele não sabe de nada, não é um guru, um sábio, um profeta. Sua existência privada não tem relação nenhuma com o mundo, não se direciona a ele como a demonstrar uma verdade na qual os outros deveriam seguir para garantia de sua felicidade.

Reagir não serve como reparação pelo dano. O dano já foi praticado, reagir, enfrentar, brigar, espernear, nada que se puder fazer anulará o débito da agressão, nem outra agressão. É porque fomos forjados na caldeira da culpa, do ressentimento e dos valores morais judaico-cristãos, que não conseguimos supor uma lógica não punitivista, não reativa, não prisional, não manicomial. Nossa condição decaída exige uma reparação, um acerto de contas. Curiosamente, reagir não torna o agredido melhor disposto, ele se sente mal. E o agressor não avançou a um patamar superior porque sofreu a retaliação, ele só quererá mais vingança. O príncipe, como Jesus, constituir-se-iam aqueles capazes de superar todas as agressões, não ressentido-as, mas esquecendo-as. O uso da força ativa do esquecimento lhes potencializa a não reatividade mantendo-os sem mágoa, numa condição de significativa leveza por seu distanciamento existencial do resto. Tais valores seriam elevados e para Bittencourt perfazem os aspectos do homem que superou o homem.

---

115 BITTENCOURT, Renato Nunes. A *Psicologia da Idiotia em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120, p.104.

116 BITTENCOURT, Renato Nunes. A *Psicologia da Idiotia em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120, p.105.

A não-reatividade de Jesus diante das inúmeras atribuições impostas por seus “adversários” representaria, na verdade, sua capacidade de superar todo tipo de ressentimento aos que foram efetivamente contrários ao seu projeto de beatitude para os que estavam dispostos a acompanhá-lo em sua trajetória evangélica, situação que, conforme a análise nietzschiana, não lhe retira a sua disposição “nobre”, considerada como instância intensiva e extra-social.<sup>117</sup>

É bastante interessante como alguém discutiria esse tema da não reatividade, algo incomum a nossa condição fisiopsicológica, sem comprometer-se a escrever um tratado médico psiquiátrico, ou um constructo teórico de Direito Penal, ou um relatório de testes psicométricos ou experimentais, mas lançando mão da literatura, uma forma de escrita que já foi acusada de farsa. E Dostoiévski colocou o tema de forma sublime, inclusive fornecendo pistas para estudiosos de outras áreas refletirem e investigarem. Isto é, o uso do dispositivo literário elabora pistas, conteúdos, conceitos que servem de sedimentos, ideias a serem analisadas por outros intelectuais, de outras áreas, de outras perspectivas. A hipótese literária emite pseudópodes para muitas direções, alcançando, inclusive, a hipótese médica. As novidades da hipótese médica da psiquiatria do século XIX emergiram criações literárias. Os saltos de uma hipótese sobre outra não se justificam como a fagocitar uma pela outra na necessidade de um existir pela aniquilação do outro. As aproximações por pseudópodes levam ao toque de membranas e as trocas de proteínas, ácidos nucleicos, estruturas ribossômicas de transportes de material genético. Nesta dissertação, gostaríamos de perseverar numa vida que, ao invés de fagocitar a vida, se alimenta dela numa necessária e urgente troca de informações para colocar em dúvida as pretensões de objetividade da psiquiatria, desmistificando de seu âmago, o seu DNA perspectivo, temporal e histórico, nem um pouco universal: literário até! Por outro lado, queremos também, mostrar dos interstícios das organelas do poema-célula, o rigor e seriedade da escrita literária. Do *crossing-over* do DNA de cada uma destas duas hipóteses que desvelamos seu parentesco, sua cumplicidade e que, qualquer tentativa de dicotomização, só deixam mais evidentes a nossa concepção epistemológica hipócrita de mundo ao querer atribuir valores de verdade a tais noções passageiras, mutantes. Analisemos ainda mais alguns trechos da obra de Dostoiévski!

O príncipe foi espancado, esculachado, humilhado. Em todas essas situações reagiu de outra maneira que não a esperada, que seria a de uma reação contundente e destemida. Sequer uma vingança, por menor que fosse. “- (...) Estão lhe preparando

---

117 BITTENCOURT, Renato Nunes. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Ítaca, n. 15, 2010, p. 118.

uma rasteira, príncipe! Preparando impiedosamente uma rasteira. E... é uma pena que o senhor esteja tão tranquilo. Mas infelizmente com o senhor não pode ser diferente!”<sup>118</sup> Os outros temem por ele, se indignam por sua passividade. O convocam a ação, a uma revanche, mas ele, o idiota, mantém-se convicto em sua interioridade. Ele pede desculpas, quando são os outros os agressores. Ele que se sente mal quando estão lhe extorquindo e ele dificulta o processo criando subterfúgios. “ – Oh, não preciso de tão grandes desculpas – apressou-se em responder o príncipe. – Eu de fato compreendo que o senhor está em grandes dificuldades e por isso me insultou. Mas vamos para a sua casa.(...)”<sup>119</sup>

O insultam como a um verme. Despeja-se a raiva toda nele. Depois ele perdoará, tem o coração bom, todos o compreendem assim. Uma presa fácil para as aves de rapina prontas para atacar o animal indefeso, entretanto, depois correm atrás do herói requerendo seu afeto, suas (des) culpas. A não reação incomoda, desestabiliza, recruta formas de energia que os ofensores não conhecem.

- Ora, não me digas que tu vais me atravessar eternamente o caminho! – berrou Gánia, largou a mão de Vária e, no último acesso de fúria, com a mão livre deu uma bofetada com toda a força no príncipe.<sup>120</sup>

Algumas páginas depois Gánia suplica ao príncipe o seu perdão. Inquestionavelmente recebido! O príncipe não guarda para si os afetos ruins, se livra deles, os esquece, perdoa, não os entende. Se livra do rancor inebriante e garante sua saúde mental. É feliz! Não há dúvida disso, uma felicidade que independe dos outros, da sociedade, é uma felicidade como o “reino dos céus” do tipo Jesus nietzschiano. Conseguir sacudir as pulgas e carrapatos desgarrando-se do passado bilioso é uma atitude forte, ativa, jovial, na qual poucos são capazes.

- Vamos, desculpe, vamos, desculpe! – insistia impacientemente Gánia. – Bem, se quiser eu beijo a sua mão! O príncipe estava estupefato e calado, abraçou Gánia com os dois braços. Os dois se beijaram sinceramente.<sup>121</sup>

A crença na vingança faz o homem do ressentimento encontrar o alívio para a dor. Se algum mal fora feito, basta a punição, o castigo e tudo estará reparado. E aí

---

118 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 582.

119 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 115.

120 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 148.

121 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 151.

encontra-se o grave engano, não há reparação para os eventos do passado, eles não existem mais, não adianta recrutá-los, lembrá-los, isso é adoecedor. Pois assim, o sofrimento não estanca. Se naquele momento da ferida se cuidasse dela para não contaminar todo o corpo e na primeira cicatriz esquecesse-se das causas, se levaria uma vida mais saudável. Todavia, o homem de consciência hipertrofiada não se desvincula do siso, fica amargurando, e o sacerdote, esse oportunista, não cuida do doente, seu objetivo não é sarar a dor, mas alimentá-la corroborando para a mentira do além-mundo. O príncipe explica com sua prática de vida que a idiotia talvez fosse uma saída terrena mais eficaz para a felicidade que a promessa do além-mundo, uma existência singular apartada do homem ressentido. Uma existência espontânea e leve. “ - Eh-eh-eh! Por que o senhor foi dar com a língua nos dentes! – gritou ele com um despeito raivoso. – O senhor não sabe de nada! Idiota! – resmungou consigo (Gavrila Ardaliónovitch). / - A culpa é minha, falei absolutamente sem pensar; é que veio a calhar. (...)”<sup>122</sup>

Dostoiévski chega ao extremo absurdo da não reação quando o sujeito tem a sua integridade física, a sua vida ameaçada. Mesmo quando viu o ataque de faca se projetando, o príncipe não se contrapôs conscientemente. Seu corpo, percebendo a ameaça incontestável, recrutou esforços para reagir, não como uma oposição, mas como um ataque epilético. No exato instante que Rogójin ia desferir o golpe, o príncipe desaba num ataque espasmódico. “Os olhos de Rogójin brilharam e um riso furioso lhe deformou o rosto. Sua mão direita ergueu-se e alguma coisa brilhou dentro dela; o príncipe não pensou em detê-la. Lembrava-se apenas de que parecia haver gritado: - Parfen, não acredito!...”<sup>123</sup> Porém, aqui não encontra-se ainda a caricatura mais bruxuleante da personagem do romance. Em que medida perdoaríamos um assassino? E se estivéssemos lado a lado com ele e se ele matou alguém que amamos, o perdoaríamos, o deixaríamos quieto e ainda cuidaríamos dele em sua loucura de arrependimento? Assim se comportou Míchkin, mesmo reassumindo sua condição idiota como nos tempos da Suíça, - e salientamos que no momento oportuno discutiremos as referências de Dostoiévski a uma idiotia enquanto diagnóstico clínico -, cuidava do devastado assassino, absorto em seu arrependimento. Rogójin matara Natácia Filippovna, esta injustiçada que desde o começo fora digna de atenção e carinho

---

122 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 105.

123 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 271.

do príncipe. Mas ele não retaliou, julgou, condenou, apenas retornou ao seu mundo interno mais íntimo desligando-se totalmente do mundo e das pessoas.

Ao menos quando, já depois de muitas horas, abriu-se a porta e pessoas entraram, estas encontraram o assassino completamente sem sentidos e febril. O príncipe estava sentado ao lado dele na esteira imóvel e calado, e sempre que o doente gritava ou delirava, ele se apressava em lhe passar a mão trêmula pelos cabelos e faces, como se o afagasse e o acalmasse. No entanto já não compreendia nada do que lhe perguntavam e não reconhecia as pessoas que entravam e o rodeavam. Se o próprio Schneider chegasse agora da Suíça e olhasse para o seu ex-discípulo e paciente, ele, lembrando o estado em que o príncipe às vezes ficava no primeiro ano de tratamento na Suíça, agora desistiria e diria como naqueles tempos: “Idiota”.<sup>124</sup>

A discussão se Nietzsche leu Dostoiévski é relevante se considerarmos os textos (*O Idiota* e *O Anticristo*) e mesmo sem termos bastante precisão sobre como fora o encontro com, especificamente, a obra *O Idiota*, se de forma direta ou indireta, muitas ideias nos livros se coadunam. Ora, Dostoiévski adivinhou o tipo Jesus de Nietzsche. Míchkin é o Jesus, o que não se põe em luta, o que não tem inimigos, capaz de perdoar assassinos, de perdoar o seu assassino. “Esse ‘portador da boa nova’ morreu como viveu, como ensinou – não para ‘redimir os homens’, mas para mostrar como se deve viver.”<sup>125</sup> A falsificação implementada, desde os discípulos, corromperam a imagem de Jesus, Paulo é o responsável por aplicar contornos de recompensa e punição ao Redentor. O ato supremo de sua prática crística, a cruz, não foi perdoado pelos discípulos e as gerações vindouras. Todo o trabalho do Redentor de anular e extinguir toda a vida ressentida foi por água abaixo, quando a vingança demonstrou ser o recurso usado por aqueles que deveriam ter aprendido a perdoar, a não reagir.

Evidentemente, a pequena comunidade não compreendeu o principal, o que havia de exemplar nessa forma de morrer, a liberdade, a superioridade sobre todo o sentimento de *ressentiment* (ressentimento): sinal de como o entendia pouco! Jesus não podia querer outra coisa, com sua morte, senão dar publicamente a mais forte demonstração, a prova de sua doutrina... Mas seus discípulos estavam longe de perdoar essa morte – o que teria sido evangélico no mais alto sentido. (...) Precisamente o sentimento mais ‘inevangélico’, a vingança, tornou a prevalecer.”<sup>126</sup>

A vida evangélica não é algo que se faz proselitismo, pregação, convencimento. Ela é uma prática de amor, de não resistência, de não violência. Uma prática desprovida de vontade de poder porque não parece dispor-se a aumentar a força para dominar e subjugar. Jesus é o oposto do bicho homem, naturalmente um animal pronto para a

---

124 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 679.

125 AC 35

126 AC 40

guerra, o domínio e controle dos fracos. Jesus é o oposto do resultado do amansamento da besta louca. “Justamente o contrário de todo pelear, de todo sentir-se-em-luta, tornou-se aí instinto ( ‘não resistas ao mal’<sup>127</sup>, a frase mais profunda dos evangelhos, sua chave em certo sentido), a beatitude na paz, na brandura, no não poder ser inimigo.”<sup>128</sup>

Daí se percebe o grande espanto que causou Jesus. O Jesus que se pretendia não seria o não reativo, o que perdoa, o que está alheio ao grande jogo político do mundo. De que serviria um Deus que se fez homem, se ele vive uma interioridade, o “reino de Deus”, uma felicidade privada, que não se disporia a emplacar uma luta política por independência ou por garantias sociais, uma luta muito mais para se vingar dos ultrajes sofridos pelos judeus ao longo da história do que propriamente afirmar o valor soberano de um povo! E, um Jesus que não condena porque não julga, ele perdoa, pois não consegue desgrudar-se de seu mundo particular para ir ao mundo fundar o certo e o errado, o bem e o mal. Sua prática crística era avessa aos interesses judeus, pois se valia de um modo distinto do dos homens.

Em vista de tais conceitos, podemos considerar que decorria daí a insatisfação que o seu projeto existencial gerou nalguns segmentos judaicos que, a princípio, eram aparentemente favoráveis aos seus ensinamentos, pois acreditavam na iminência de Jesus instaurar o “Reino de Deus” na Terra através das armas, proporcionando assim a consequente sublevação contra o domínio romano. Os movimentos patrióticos dos judeus, apesar dos traços heroicos manifestados nas lutas de independência, eram sustentados pelo espírito de ressentimento contra a figura do invasor, que catalisava em torno de seu poder estabelecido o virulento ódio da sociedade judaica.<sup>129</sup>

Jesus e o príncipe Míchkin são incompreendidos pela sociedade, pois a sua forma de valorar distingue-se absolutamente. “O ‘idiota’ não reage ao ofensor não por causa de uma fraqueza vital, mas porque ele não *reconhece* o ‘ofensor’ como tal.”<sup>130</sup> Como seria possível, ao invés de odiar os inimigos, amá-lo? Como não reagir, se defender, lutar pela existência que é a única coisa realmente certa que de fato temos? Como ser manso com o agressor, como ser solícito com o pederasta, como não sentir raiva! Como realizar o esforço de transformar a não reação em instinto sem a garantia inventada por Paulo do além-mundo, mas contentar-se com essa estaca presa ao

---

127 Mt 5,39

128 AC 29

129 BITTENCOURT, Renato Nunes. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Ítaca, n. 15, 2010, p. 131.

130 BITTENCOURT, Renato Nunes. *A Psicologia da Idiotia em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120, p.111.

instante, essa prática livre de toda autoridade, de todo dogma, de todo sacerdote, inundada de alegria e amor, não porque se compara, mas porque é privatista! Como é não ter inimigos! “Ele não resiste, não defende seu direito, não dá um passo para evitar o pior, mais ainda, ele procura o pior...E ele pede, ele sofre, ele ama com aqueles, naqueles que lhe fazem mal... As palavras que ele diz ao ladrão na cruz contém todo o evangelho.”<sup>131</sup> O evangelho de Jesus não é uma predisposição a falatório de fanático religioso, é um recolher-se em seu próprio coração para encontrar a paz.

– Uma tal fé não se encoleriza, não repreende, não se defende: não traz “a espada”<sup>132</sup> – não faz ideia de como poderia vir a separar. Não prova a si mesma, seja por milagres, seja por recompensa e promessa, menos ainda ‘pela Escritura’: ela própria é, a cada momento, seu milagre, sua recompensa, seu ‘reino de Deus’. Essa fé não formula a si mesma – ela vive, ela se opõe a fórmulas.<sup>133</sup>

A humanidade do tipo Jesus não corresponde a do tipo ressentido, animal de rebanho. “Na experiência evangélica de Jesus, o ‘Reino de Deus’ não pode ser pensado como promessa de um paraíso ultramundano, mas como vivência plena e atemporal do amor e da renúncia a toda oposição, a toda forma de ressentimento.”<sup>134</sup> Ora, teria Nietzsche anunciado o tipo Jesus como o além-do-homem? Se nos momentos finais Nietzsche abandonou o projeto de superação do homem no tipo Zaratustra, o da transvaloração de todos os valores, por que apostaria no tipo Jesus como advento do novo homem se ele é desprovido de vontade de poder? O comportamento não reativo em si mesmo seria capaz de gerar valores? A nulidade da força do tipo Jesus não enuncia o novo homem e não explica ou justifica um suposto abandono do projeto da vontade de poder no Zaratustra. O tipo Jesus, ao que tudo indica, sofre de uma degenerescência fisiológica. Mas investiguemos um pouco mais as características do idiota.

A prática evangélica tal como interpretada por Nietzsche em sua cristologia sustentada por uma compreensão extra-moral é precisamente a capacidade de o indivíduo que aplica a doutrina evangélica viver em estado de beatitude, de silêncio, de quietude, de amor incondicional, e essas qualidades se granjeiam mediante a compreensão de que jamais ocorreu qualquer tipo de ruptura entre a

---

131 AC 35

132 Mt 10,40

133 AC 32

134 BITTENCOURT, Renato Nunes. *A Psicologia da Idiotia em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120, p.115.

dimensão humana e a dimensão divina, instâncias intrinsecamente complementares.<sup>135</sup>

Ora, o sentido dado por Bittencourt à palavra idiota refere-se a uma compreensão ética na qual tanto Míchkin quanto Jesus configurariam o além-do-homem, pois conseguiram livrar-se das amarras construídas pela inversão dos valores morais. “Fato que deve ser destacado é que, no contexto nietzschiano, esse termo adquire uma poderosa conotação filosófica, uma espécie de tipologia ética que rompe sutilmente com os padrões gregários estabelecidos.”<sup>136</sup> Porém, Bittencourt não explica como um sujeito desprovido de vontade de poder é a superação do homem. Isto é, o homem que superou o homem transvalorou todos os valores e agora produz seus próprios valores. Todavia, não é de fácil compreensão ajustar a nulidade de força do tipo Jesus como capaz de produzir valores. Os aspectos da idiotia que analisamos seriam valores morais próprios de um corpo de nula vontade de poder? Pois bem, mas como poderia o além-do-homem ser uma superação se a sua vontade de vida que é vontade de poder, aumento da força e do vigor para glorificar a vida, é eliminada? As pistas parecem indicar que Bittencourt, fortemente comprometido com a tese literária, exalta o tipo “idiota” como uma metáfora da assunção do novo homem. Mas sua liberdade hermenêutica, intuitiva, poética talvez, não esclarecem todos os sentidos. E talvez ele não quisesse mesmo tornar cristalina a explicação, afinal, as hipóteses transcendentalistas e substancialistas perfazem a crítica de Nietzsche a toda a história do conhecimento, na qual ele endossa.

O idiota além de não reagir, de ter um mundo privado, diferencia-se de todo o resto, ainda, e por causa dessas questões, por ser apolítico, ou seja, de não ter tato para os negócios de Estado e de comércio ou dinheiro. Em outra cena, o príncipe, vítima de extorsão, ao invés de indignar-se e revoltar-se, de anunciar que iria chamar a autoridade policial ou coisa do tipo, se sente resignado e triste por ter exposto que daria o dinheiro, porém havia mostrado em público o tipo de calhorda que ali se encontrava a sua frente.

No entanto, mal ele se sentou em seu lugar um arrependimento ardente e doído lhe traspassou o coração. Além do fato de haver ‘ofendido’ Burdovski, ao supor nele, de forma tão pública, uma doença da qual ele mesmo se tratara na Suíça -, além disso, o oferecimento dos dez mil rublos em lugar da escola fora

---

135 BITTENCOURT, Renato Nunes. *A Psicologia da Idiotia em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120, p.115.

136 BITTENCOURT, Renato Nunes. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Ítaca, n. 15, 2010, p. 124.

feito em sua opinião, de forma grosseira e descuidada como uma esmola, e precisamente pelo fato de que isso foi dito em público.<sup>137</sup>

Apesar de estar cercado de canalhas e, sabe disto, não reage, não se impõe, não denuncia as injustiças das quais é vítima. Para o príncipe, esses desajustes e desconexões na sua relação em sociedade são menores, externos, o seu mundo é outro, distante, de pouco contato com essa realidade distópica. Mas os aspectos mais estridentes de uma interpretação sobre a idiotia do príncipe ocorrem quanto ao trato com os negócios.

#### 1.2.1.4 – O apolítico

O homem cuja realidade subsumi-se em si mesmo não será um grande habilidoso para lidar com questões políticas e econômicas. Duas das invenções humanas mais significativas, a primeira como o intrincado jogo de relações, acordos e disputas que vislumbram a organização de um Estado capaz de gerir todos os grandes aspectos da vida em um determinado espaço geográfico evitando o permanente conflito militar e a dissolução da sociedade; o outro como a capacidade de elaborar técnicas de controle, domínio e manipulação da natureza gerando produtos e riquezas indispensáveis à sobrevivência humana, assim como o enriquecimento pela troca e comércio. Em ambos, a atenção e a esperteza necessitam estar alerta o tempo todo, porque a manipulação, a mentira, o *toma lá dá cá*, a falsidade, o *duas caras*, são condições aprendidas necessárias a ascensão nestes espaços de poder.

O príncipe não sabe de nada disso. “O caráter de ‘homem-privado’, apolítico, próprio do tipo ‘idiota’ é perfeitamente exemplificado pela completa falta de tato, de compreensão do valoroso príncipe a respeito do mundo dos ‘grandes’”<sup>138</sup>. Não vê no dinheiro tão grande valor como almejam os agraciados pela benesse das compras, do luxo, da ostentação. Durante um tempo de sua vida fora, literalmente, sustentado pelo senhor Schneider. Na Rússia recebeu uma herança que se a ele serviu para levar sua vidinha, aos outros se tornou motivos de comentários e olhares gordos e interesseiros. Alguém que sabe da sede do homem por poder político-militar e dinheiro tomaria

---

137 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 317.

138 BITTENCOURT, Renato Nunes. *A Psicologia da Idiotia em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120, p.105.

precauções acerca de possíveis ataques e estratégias manipuladoras de oportunistas as quais requeressem parte de seus recursos. O príncipe Míchkin não arquitetou nenhum estratagema de defesa, até caiu nos golpes e, inclusive, sabia que o estavam enganando. “- Vai ver que ele mesmo viria aqui e confessaria entre lágrimas com a cabeça em seu peito! Ai, como és simplório, como és simplório! Estão sempre te enganando como... como... e tu não te envergonhas te confiar nele? Será que não percebes que ele te ludibriou inteiramente? / - Eu sei bem que às vezes ele me engana – pronunciou sem querer o príncipe a meia-voz -, e ele sabe que eu sei disso... – acrescentou sem concluir.”<sup>139</sup> Não calculava se o dinheiro que dava, lhe faria falta ou, se acabasse, como iria conseguir outros recursos, em que poderia trabalhar ou que amigos procuraria no sentido de alguma garantia econômica concedida pelo Estado por sua condição de nobre. Apesar de sua filiação e riqueza vincularem-se a comerciantes, a alcunha de príncipe na monarquia russa lhe outorgava vantagens por sua superioridade social.

A displicência no manejo com os negócios, a pouca ou nenhuma importância a isso, conduz o leitor a certa angústia e desespero. Parece que Dostoiévski consegue fazer o leitor torcer para que o príncipe não fique pobre, mas ele só faz *trapalhadas* e ninguém ajuda, ou como só ele é responsável por seus próprios recursos, a ele cabe cuidar destes valores. Nosso olhar cristão, moralizado, manicomial, não consegue se desvencilhar de uma interpretação tuteladora com relação ao príncipe, como se ele, um idiota, não fosse capaz de cuidar de seu dinheiro. É impressionante como a leitura de Dostoiévski não é passiva, meramente intelectual, ele consegue recrutar afetos estonteantes no leitor. Míchkin não se preocupa se o dinheiro irá acabar, não é um homem da bolsa de valores, a vida que acontece agora não exige um planejamento tão há longo prazo. Se o dinheiro acabar, acabou! Paciência!

A sociedade petersburguesa, movida por aparências, não recepcionou o príncipe com a cortesia que um ser humano, seja ele quem for e que quantidades de dinheiro têm, merece. O valor do humano enquanto somente humano não constituía-se arcabouço interpretativo para aquelas pessoas, a humanidade mais digna era a dos nobres. Assim, logo de sua chegada da Suíça, em condições paupérrimas, o receberam, mas com certo receio e esnobismo. Porém, logo tem a notícia de que tinha de ir a Moscou assinar os

---

139 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 381.

papéis de sua herança. O cenário mudou! Outrossim, os mais espertalhões, supondo uma certa estupidez do nosso herói, recrutarão esforços pra lhe extorquir certa quantia. Os golpes mais bem arquitetados atingem o príncipe e, ele caía, não se ofendia muito, por o enganarem. De início, surgem credores cobrando dívidas do falecido:

(...) apareceram, por exemplo, credores do falecido comerciantes apoiados em documentos discutíveis, insignificantes, e apareceram outros depois de terem farejado o príncipe e sem quaisquer documentos – e o que aconteceu? O príncipe satisfaz a quase todos, apesar das recomendações dos amigos, para os quais essa gentinha e todos esses tais credores não tinham quaisquer direitos; e satisfaz unicamente porque de fato se verificou que algumas dessas pessoas realmente haviam sofrido.<sup>140</sup>

Efetivamente, se soube que o príncipe agraciava a todos que contassem qualquer historinha afirmando precisar de um empréstimo. Não iria cobrar o dinheiro, não pedia para assinar contrato, penhorar imóveis, ajuizar recursos, exigir testemunhas, protocolar documento em cartório, coagir, mesmo que verbalmente, sobre taxas, atrasos e datas para o cumprimento do acordo. Nada! Sequer possuía um advogado do qual pudesse pagar honorários para lhe oferecer consultoria ou administrar sua herança, - é de se imaginar que esse hipotético gestor iria enriquecer a custa dele! Mas, enfim, nenhuma estratégia de combate a essa canalha golpista de estelionatários e falsários fora inventada por Míchkin. Ele até queria ajudar, às vezes se achava até obrigado a isto! Já sabia que determinados encontros devia-se a pedir algum dinheiro, que se queria extorquir, e ele nem se irritava, não considerava imoral, antiético, criminoso. Simplesmente concedia o dinheiro aludindo a palavras de amizade e amor.

– Talvez o senhor esteja querendo dinheiro emprestado, não é? – sugeriu o príncipe com muita seriedade e simplicidade, inclusive com um pouco de timidez.

Keller teve um estremecimento; encarou o príncipe com a surpresa de antes e bateu forte com o punho na mesa.

- Então é assim que o senhor faz um homem perder a tramontana! Ora, príncipe: um jeito tão simplório, tamanha ingenuidade que não se via nem na idade de ouro, e de repente penetra o homem de cabo a rabo como uma seta, com uma psicologia tão profunda na observação. Mas me permita, príncipe, isso exige um esclarecimento, porque eu... eu estou simplesmente desnortado! É claro que ao fim e ao cabo o meu objetivo era pedir dinheiro emprestado, mas o senhor me perguntou sobre o dinheiro de um jeito como se não visse nisso nada de censurável, como se tudo isso devesse ser assim mesmo?<sup>141</sup>

É importante salientar, para os leitores um pouco mais relapsos, que Míchkin não está comprando a amizade de ninguém. Ele não precisa destas pessoas, o mundo

---

140 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 217.

141 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 350.

dele se resolve nele mesmo, numa outra forma de se constituir, diferente da São Petersburgo novecentista. Dar um dinheiro aqui, outro ali, fomenta a sua característica de não reação, de mundo privado, de apolítico. Imagine o estelionatário, do alto de sua engenharia de discursos e elaborações, pronto a desferir o golpe, e quando acha que conseguiu enganar, o suposto enganado sabe que esta sendo enganado, e não se ofende, nem briga ou chama a polícia. Ele cede o dinheiro! Ora, conjecturaríamos que o mestre da falsificação no mundo dos negócios sentir-se-ia muito frustrado. Tudo aquilo... se, se podia pedir o dinheiro logo! O sentimento que muitas vezes surge no leitor é o de pena, mas talvez, Dostoiévski não estivesse falando de um fraco, dispunha-se a narrar um espírito livre. Totalmente desprendido desta vida amarrada a normas, regras, disposições de humor e convívio social, formas de negociação, enriquecimento, poder. “ – O senhor não desconfia, amável príncipe – continuou rindo Ievguiêni Pávlovitch, sem responder a pergunta direta -, o senhor não desconfia de que vim aqui simplesmente para engazopá-lo e de passagem arrancar alguma coisa do senhor? / - De que o senhor veio arrancar alguma coisa não há dúvida – riu finalmente o príncipe -, e talvez tenha resolvido até me enganar um pouco. Mas, e daí, eu não o temo; além do mais, agora tudo é a mesma coisa para mim, acredita? E... e... uma vez que estou convencido de que, apesar de tudo, o senhor é um homem magnífico (...)”<sup>142</sup> O ladrão anuncia o assalto e a vítima assente ao pedido, aceita a leviandade do outro e ainda devolve ao crápula aquilo que lhe é mais bonito, valioso, altivo, grandiloquente, demonstrando sua indisposição para as inimizades, para os ódios, para os sentimentos reativos. Para espíritos decadentes entender o príncipe é uma tarefa dispendiosa, por isso a necessidade de ofender, maltratar com gestos, palavras e ações, reduzir sua complexidade, sua singularidade, a um idiota.

Ser rico, proprietário de uma herança, indiferente aos golpistas e interesseiros, não é suficiente, ainda se tem que se portar bem em sociedade. Há, nas famílias nobres e, até mesmo em famílias burguesas muito ricas e poderosas, influentes, rituais de inserção no secto dos eleitos e intocados. “Pela primeira vez na vida ele via um cantinho daquilo que se chama pelo terrível nome de ‘alta sociedade’.”<sup>143</sup> Quando de sua ida a Moscou, conta a generala que Bielokónskaia lhe apresentara a algumas casas

---

142 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 415.

143 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 597.

importantes e que se portou bem, nem demonstrando timidez excessiva, nem expressando-se de modo inapropriado. Nem sempre as coisas seguirão esse rumo habitual!

A velha o procurara em Moscou, tomara informações sobre ele, ficara sabendo de uma coisa muito boa; o príncipe finalmente aparecera em pessoa na casa dela e lhe deixara uma impressão quase extraordinária. “Via-se daí que ela o convidava quase todos os dias a visitá-la pelas manhãs, de uma a duas horas, que ele ia a sua casa todos os dias e não estava farto” – concluía a generala, acrescentando que “através da velha” o príncipe estava sendo recebido em duas ou três casas boas. “É bom que ele não esta ficando pregado na cadeira e nem se acanha feito um bobo”.<sup>144</sup>

Depois deste primeiro contato do príncipe com a nobreza em Moscou, houve outro no qual seria o acontecimento definitivo de sua inserção na alta sociedade. Aglaia, bastante sensibilizada com o príncipe, lhe advertia, recomendava ficar quieto e nada falar, temia pelo pior. Pois ela sabia da malícia dos homens sofisticados e entendia que a inocência do príncipe o colocaria em maus lençóis. Brava, chamou-lhe atenção sobre o antigo vaso chinês que se encontrava exposto na sala pronto para um desastrado esbarrar nele. O príncipe até teme o acidente e comenta que agora que ela o havia avisado poderia mesmo esbarrar por medo de esbarrar. “(...) estou certo de que começarei a falar de medo e de medo quebrarei o vaso.”<sup>145</sup> Dentre as preocupações de Aglaia encontrava-se o receio dele explicar sobre assuntos polêmicos ou inadequados desobedecendo ao tato, à etiqueta do que comentar ou não.

- Ouça de uma vez por todas – finalmente não se conteve Aglaia -, se você começar a falar de alguma coisa como pena de morte ou da situação econômica da Rússia, ou de que “a beleza salvará o mundo”, eu... é claro, vou ficar contente e vou rir muito, mas eu o previno de antemão: não me apareça depois diante dos meus olhos! Esta ouvindo: eu estou falando sério! Dessa vez estou falando sério mesmo!

Curiosamente, todos os receios de Aglaia se realizaram. Primeiramente, o príncipe sentiu-se a vontade com aquele meio social, parecendo-lhe que todos lhe eram amigos de tão afáveis e solícitos que se mostravam ser. Como era de esperar, não teve tato para deduzir que aquilo tudo eram aparências, que muitos ali se odiavam, mas que conviviam porque poderiam se beneficiar do poder social e político do outro. “O encanto das maneiras elegantes, da simplicidade e da aparente sinceridade era quase mágico. Não podia nem passar pela cabeça dele que toda essa sinceridade e essa

---

144 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 217.

145 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 590.

nobreza, o senso de humor e a alta dignidade pessoal fossem, talvez, apenas um magnífico arranjo artístico.”<sup>146</sup> Não suspeitava que toda essa beleza no trato com os outros fazia parte de um inumerável escarcéu de recursos para manter as aparências, que aquilo tudo era falsidade, ostentação e esnobismo. Se no primeiro momento, esteve convicto de que iria se “comportar”, noutra sentiu-se tranquilo para falar, pois além da amabilidade dos convivas, o assunto Pavlishov ( que assumira sua educação) surgiu como uma bomba incendiária.

Ivan Pietróvitch anunciava-se como parente de Pavlishov. A um canto conversavam e o príncipe ao ouvir o nome levantou a orelha e compenetrrou-se na conversa. Pouco tempo depois foi inserido na roda e dado o tempo das apresentações, os relatos de infância dos quais Míchkin denuncia sua idiotice daquela época, as suas preceptoras, bastante rígidas inclusive, nada de extraordinário ocorreu. *Papo vai papo vem* e no enredo até suave e leve em que se encaminhava a conversa, Pietróvitch informa aos circundantes que Pavlishov convertera-se ao catolicismo. O príncipe, decepcionado, inicia uma longa explanação sobre suas impressões sobre a igreja romana promovendo duros ataques a instituição. Se por um lado havia um tom eslavófilo e nacionalista no sentido de exaltar a Igreja Ortodoxa Russa destituindo a Igreja Romana, por outro os seus golpes preconizavam uma opinião por demais dura, “O catolicismo é o mesmo que uma fé não cristã!”<sup>147</sup> Assunto interessantíssimo, porém inapropriado para uma reunião de caráter confraternizador.

- Uma fé não cristã, em primeiro lugar! – tornou a falar o príncipe com uma inquietação extraordinária e com uma nitidez fora da medida. – Isso em primeiro lugar; em segundo, o catolicismo romano é até pior que o próprio ateísmo, é essa a minha opinião! Sim! É essa a minha opinião! O ateísmo também prega o nada, mas o catolicismo vai além: prega um cristo deformado, que ele mesmo denegriu e profanou, um cristo oposto! Ele prega o anticristo, eu lhe juro, lhe asseguro! Esta é uma convicção minha e antiga, e ela mesma me atormentou... O catolicismo romano acredita que sem um poder estatal mundial a Igreja não se sustenta na terra (...). A meu ver, o catolicismo não é nem uma fé mas, terminantemente, uma continuação do Império Romano do Ocidente, e nele tudo esta subordinado a esse pensamento, a começar pela fé.”<sup>148</sup>

Não é necessário nem se alongar em comentar que tal opinião não fora recebida com todo o acolhimento. Mas, não acabou por aí, Míchkin continua sua argumentação!

---

146 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 597.

147 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 607.

148 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 607.

Entretanto, inapropriada àquele círculo e naquele contexto. De dentro do catolicismo haveria nascido tanto o ateísmo quanto o socialismo. O primeiro porque a crença do sacerdócio no embuste que eles mesmos criaram seria inverossímil já que o Cristo da cruz nunca fez a defesa de um império mundial solidificado pela destreza da espada, que Jesus constituía-se o extremo oposto disto, ou seja, o mais apolítico dos profetas de uma Jerusalém que clamava por um nome para liderar seu povo, - o profeta do amor e do perdão. “O ateísmo derivou deles, do próprio catolicismo romano! Antes de mais nada o ateísmo começou deles mesmos; poderiam eles crer em si mesmos? Ele se fortaleceu da repulsa a eles; ele é produto da mentira e da impotência espiritual! Ateísmo!”<sup>149</sup> O segundo como negação ao cristianismo fundado por Paulo como uma tentativa de substituir o poder religioso moral católico corrompido por seus políticos por uma ordem política moral incorruptível e justa.

Ora, se as advertências de Aglaia sobre não tomar partido de determinados assuntos não foram correspondidas, a do vaso chinês menos ainda. O príncipe esbarrou no vaso e ele caiu, para desespero da plateia. Essa cena muito comum no cinema de humor, assim como em desenhos animados hoje em dia, ganha contornos de gargalhada e diversão, e no romance tem esse aspecto de riso também. Entretanto, há uma linha tênue entre o riso e o total desespero, pois nos compadecemos do príncipe e torcemos por ele. O acidente demonstra, mais uma vez, a completa falta de tato para lidar em sociedade. Naquele ambiente se tem um modo delicado, ponderado para se expressar, corporalmente e verbalmente. Se sabe que determinadas relíquias, objetos de estima, por causa de seu valor monetário e raridade artística, são expostos como símbolo de poder e que pessoas educadas neste universo conseguem mensurar ações de contemplação sem, contudo, cometer alguma atitude que destrua a peça de valor inestimável.

Ao dizer estas últimas palavras, ele se levantou de súbito, agitou imprudentemente um braço, fez um movimento de ombro e... ouviu-se um grito geral! O vaso balançou, primeiro como que vacilando: talvez fosse o caso de cair na cabeça de algum dos velhotes, mas de repente inclinou-se para o lado oposto, na direção do alemãozinho, que mal se levantara de um salto tomado de horror, e desabou no chão. Um estouro, um grito, cacos preciosos espalhados pelo tapete, susto, estupefação – oh, como ficou o príncipe, é difícil e quase até desnecessário representar!<sup>150</sup>

---

149 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 608.

150 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 612.

Por fim, é digno de nota ainda, o caso em que escreveram um artigo, já referido acima, completamente calunioso, no qual pretendiam usá-lo para extorquir dinheiro do “idiota”. Um grupo grande de homens vai a casa dele para pressioná-lo, afrontá-lo, no sentido de convencê-lo a dar-lhes um dinheiro para que desmentissem as ofensas. Como se o príncipe fosse daqueles que vivem se comparando aos outros, como se ele necessitasse de aceitação social para conduzir a sua vida. Ou seja, deduziam que ele não iria querer ter sua imagem desfalecida publicamente, que não suportaria os olhares e burburinhos de uma gente insossa e desocupada fofocando sobre seu comportamento, talvez, um pouco, dispare da totalidade serializada do rebanho. Míchkin encontrava-se aquém do que os outros iriam falar, mais do que isso, também estava alheio ao golpe dos rapazes e inclusive concede o dinheiro, menos que o pedido e sustentava que o resto seria pago com a sua amizade. Fez algumas críticas, denunciou o caráter vil da presepada, entretanto acolheu a demanda dos farsantes.

Eu lhes digo francamente, senhores, que esse caso me pareceu a maior vigarice, precisamente porque nele Tchebarov está metido... Oh, não se ofendam, senhores! Pelo amor de Deus não se ofendam! – gritou assustado o príncipe (...) - Se eu disse que considero este caso uma vigarice, isto não pode se referir pessoalmente aos senhores! Porque antes eu não conhecia nenhum dos senhores pessoalmente, não sabia dos vossos sobrenomes; julguei apenas por Tchebarov; falo em linhas gerais, porque... se os senhores soubessem o quanto me enganaram terrivelmente desde que recebi a herança!<sup>151</sup>

À frente, o príncipe faz a proposta:

– Como! Só dez mil! – gritou Hippolit.  
- Bem, príncipe, o senhor é muito fraco em aritmética ou então muito forte, ainda que procure se fazer de simplório! – exclamou o sobrinho de Liébediev.  
- Eu não concordo com os dez mil – disse Burdovski.  
- Antip! Concorda! Sugeriu-lhe com um cochicho rápido e nítido o boxeador, que se inclinara por trás do encosto da cadeira de Hippolit. – aceita e depois veremos.<sup>152</sup>

Um pouco depois, comenta, ingenuamente, para a surpresa de todos.

Mas eu desejava recompensar tudo isso mais tarde com a minha amizade (...).<sup>153</sup>

A dificuldade de lidar com as questões públicas e de Estado são encontradas no tipo psicológico do Redentor. E aqui, vale a pena consultar o Apêndice I desta

---

151 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 312.

152 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 314.

153 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 315.

dissertação, para uma aproximação com Tolstói, que também elaborou uma interpretação de Jesus, bem diferente das anunciadas pela tradição eclesiástica. De modo similar, Nietzsche desenvolve um cristo anárquico, inimigo das instituições. Não porque declarou guerra aos poderosos e sacerdotes judeus e prometia junto aos seus correligionários uma revolução social estrutural profunda. “Ora, Jesus não pretendia destruir o jugo romano sobre Israel através de uma revolução social marcada pela imposição do vigor físico, da força corporal.”<sup>154</sup> Sua não reação e sua forma privada de estar no mundo o transformavam em inimigo do Estado e dos sacerdotes.

O mesmo vale para o Estado, para toda ordem e sociedade civil, para o trabalho, a guerra – ele jamais teve motivo para negar o ‘mundo’, jamais teve ideia do conceito eclesiástico de ‘mundo’... Justamente o negar é impossível para ele.<sup>155</sup>

Viver o seu próprio mundo, separado dos outros, uma experiência crística, o reino dos céus no coração do homem, em si mesmo, já é uma ação desestabilizadora. Ou seja, Jesus não detinha o poder político como a lutar contra um problema, para ele essas delongas eram desconhecidas do seu mundo interior. Entretanto, a camisa de força social na qual todos estamos aprisionados, não aceita, de bom grado, uma atitude apolítica, no sentido de não entender ou não acatar as regras judiciais, de mercado, de rituais religiosos: “(...) por não fazer diferença entre forasteiros e nativos(...); por não se deixar ver nem invocar nos tribunais.”<sup>156</sup> No caso judeu, o dia de sábado serve de descanso e nele nada se faz. Jesus realizava diversas atividades no sábado e, aliás, mantinha-se longe dos anúncios de se guardar o sétimo dia. Na verdade não via sentido naquilo. Todavia, como uma regra social consolidada, não cumpri-la poderia ser tomado como rebeldia, desacato e conspiração.

6 Em outro dia de sábado, Jesus entrou na sinagoga e ensinava. Achava-se ali um homem que tinha a mão seca. 7 Ora, os escribas e os fariseus observavam Jesus para ver se ele curaria no dia de sábado. Eles teriam então pretexto para acusá-lo. 8 Mas Jesus conhecia os pensamentos deles e disse ao homem que tinha a mão seca: “levanta-te e põe-te em pé, aqui no meio”. 9 Disse-lhe Jesus: “pergunto-vos se no sábado é permitido fazer o bem ou o mal; salvar a vida ou deixá-la perecer”. 10 E, relanceando os olhos sobre todos, disse ao homem: “estende tua mão”. Ele a estendeu e foi-lhe restabelecida a mão. 11 Mas eles encheram-se de furor e indagavam uns aos outros o que fariam a Jesus.<sup>157</sup>

---

154 BITTENCOURT, Renato Nunes. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Ítaca, n. 15, 2010, p. 116.

155 AC 32

156 AC 33

157 Lc 6, 6-11

A rebelião de Jesus foi contra os sacerdotes judeus, cheios de hipocrisia. Faladores de um modo de vida ou, de um modo de condenar a vida, inadequado ao tipo Jesus. A mensagem do Redentor como já aludimos, não promete o além-mundo, estas palavras são de Paulo, Jesus anuncia o reino de Deus aqui na Terra, sem intermediários, sem sacerdotes, igrejas, sinagogas, mas como uma prática de vida envolta no amor, no genuíno amor. Se, por um lado, a redenção não é o paraíso neste além-mundo, o inferno, por outro, não é o chão no qual pisarão os pecadores para que os eleitos possam saborear sua reconfortante vingança vendo seu irmão queimar na pedra incandescente de satã. Isto é, os ensinamentos de Jesus não servem aos desígnios da casta sacerdotal, seja ela a judia ou a cristã. Um Deus que é só perdão não serve a humanos fracos sedentos por vingança. “Não vejo contra o que se dirigia a rebelião da qual Jesus Cristo foi entendido – ou mal entendido – como sendo o causador, se não foi uma rebelião contra a Igreja judia, ‘Igreja’ no exato sentido em que hoje tomamos a palavra.”<sup>158</sup> O mais grave ou mais típico de Jesus é que ele não fez política no sentido de escamotear, fazer aliados, conhecer poderosos que lhes dessem retaguarda. Realizava o que considerava ser realizado sem se apoiar nas convenções sociais, políticas, econômicas ou culturais. Sua disposição apolítica era sua principal arma contra uma sociedade eminentemente política, como a hebraica no contexto do Império Romano.

Nesse contexto apresentado, pode um cristão ser eleitor, juiz ou agente de governo, assim como tomar parte em guerras, disputas ideológicas e compactuar com os aparatos normativos do Estado? Numa perspectiva radicalmente crística, a resposta indubitavelmente será negativa.<sup>159</sup>

É significativo sempre lembrar que os evangelhos foram adulterados segundo os interesses do sacerdote cristão, por isso a necessidade, segundo Bittencourt, de uma aposta na intuição no sentido de recuperar os traços psicológicos do Redentor. A disposição apolítica de Jesus é seu ato beatífico e qualquer aproximação da sua existência do jogo das amarras políticas é artimanha de velhaco. Por exemplo, quando:

15 Disse-lhes Jesus: E vós quem dizei que eu sou? 16 Simão Pedro respondeu: Tu és o Cristo, o filho de Deus vivo! 17 Jesus então lhe disse: feliz és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que te revelou isto, mas meu Pai que esta nos céus. 18 E eu te declaro: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela. 19 Eu te darei as chaves do Reino dos Céus: tudo que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo que desligares na terra será desligado nos céus.<sup>160</sup>

---

158 AC 27

159 BITTENCOURT, Renato Nunes. *A Psicologia da Idiotia em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120, p.112.

160 Mt 16, 15-19

A igreja de Jesus não é uma instituição feita de tijolos e argamassa, cheia de sacerdotes sequiosos por poder e dinheiro. A igreja que Jesus pediu a Pedro que edificasse não é a igreja católica de um Paulo moralista que com uma cartada transformou todo o falatório de rabino em ritualística e tradição. Uma quaresma sombria para reflexão do pecado, uma sexta-feira santa mórbida teatralizada pelos *chandala*, um sábado para malhar o Judas, desferrar nele todo o veneno de uma alma vingativa, um domingo edificante para a glória do Senhor. Uma túnica para cada tempo litúrgico, uma canção para cada momento do culto, um culto metodicamente construído, com altos de energia e intensidade, e baixos de melancolia, tristeza e dor. Cada palavra com sua carga de culpa, toda oração como uma lembrança de que este mundo não vale nada e que somos os assassinos de um Deus misericordioso. A Igreja com seus espaços, cheios de detalhes, sentidos, lugares, modos de se portar, gestos, desenhos, esculturas, artes, músicas, falas, tons, uma imensidão de cultura, séculos após séculos, milênios após milênios, passados todos os grandes políticos, todos os exércitos mais combativos da história, tudo se torna picuinha diante da poderosa e gigantesca estrutura moral religiosa católica. Mesmo o homem mais sábio e mais visionário, é ele também contaminado pelo anticristo, o tempo do homem sucumbe diante da imensidão de uma cultura tão arditamente programada. Tudo e todos estão enlameados de cristianismo, de todas as suas vicissitudes, culpa, pecado, ressentimento, memória, vontade de vingança.

Efetivamente, não é esta a igreja de Jesus! Ao pedir a Pedro que funde a sua igreja, fala de sua prática beatífica de amor. A estrutura que funda a igreja do Redentor é a sua não-reação como ação junto aos pecadores e desprezados pela sociedade. As chaves do Reino dos Céus não abrem as portas do paraíso no além, tais chaves são o exemplo de Jesus que na sua vivência no sentido de sua interiorização encontrou o Reino dos Céus. Esse estar no Reino dos Céus aqui na terra religa tudo, já não há mais anteparos, sacerdotes, emissários do além-mundo, o Reino dos Céus no coração de cada um já não é mais uma dualidade Céu Terra, Céu inferno, mas uma unidade plena de significado e alegria porque faz de todo homem igreja do Senhor, pois pela prática efetiva do amor como puro despojamento o liberta de todo rancor, de todo ressentimento, de toda memória, faz do homem morada de Deus pela santificação da ausência de vontade de poder.

Jesus era perigoso. Seu evangelho exerce um modo de vida totalmente distinto, outro, “não é uma fé, mas um fazer, sobretudo um não-fazer-muitas-coisas, um ser de outro modo... ( ...)”<sup>161</sup> O Estado organizado, assim como o judaísmo instituído não compactuariam com o pronunciador de uma boa nova, que se não nega, abstém-se, é indiferente aos pressupostos historicamente dados naquela sociedade. Tal indiferença retira o sujeito da condição de amansado e domesticado para realocá-lo a outra posição, que se não é hostil, também não é obediente ao chicote do carrasco. Destarte, a singularidade de sua vivência crística o levou a cruz.

Esse “portador da boa nova” morreu como viveu, como ensinou – não para “redimir os homens”, mas para mostrar como se deve viver. A prática foi o que ele deixou para a humanidade: seu comportamento ante os juízes, ante os esbirros, ante os acusadores e todo tipo de calúnia e escárnio – seu comportamento na cruz.<sup>162</sup>

Jesus não estava preocupado com política *stricto sensu*. Mas com a vivência beatífica de plenitude no amor. A política é terreno para a expansão dos afetos reativos, dos ódios, das vinganças. As alianças são estratégias instáveis, utilitaristas. O ambiente propício para o desenvolvimento do ressentimento é a política, portanto o Cristo enquanto não reatividade e esquecimento não afinar-se-ia a uma prática política. Seja uma política institucional ou um conjunto de relações de forças, todas em disputa como elenca Michel Foucault.

A ideia de que a inserção de questões políticas numa dada religião motiva não raro a inserção de tendências psicológicas reativas não é de forma alguma desprovida de sentido, pois a relação política requer uma disposição agonística da parte dos indivíduos, e essa disposição, caso não seja devidamente regulada pelos sectários, pode vir a se transformar em estímulo para o desenvolvimento de afetos ressentidos.<sup>163</sup>

Portanto, o projeto do único cristão não passava pela dissolução do Estado, pela rebelião popular ou alguma coisa do tipo. Seu ato subversivo foi negar as instituições por, simplesmente, desconhecê-las, por negar o sacerdócio e anunciar que o reino de Deus não depende de ninguém mais além de nós mesmos, uma alegria do coração. “O projeto evangélico de Jesus, tal como compreendido por Nietzsche, não consistia no questionamento e na supressão da ordem política estabelecida, mas na instauração do estado de alegria mediante a prática doadora de amor, circunstância que retira a pessoa

---

161 AC 39

162 AC 35

163 BITTENCOURT, Renato Nunes. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Ítaca, n. 15, 2010, p. 118.

das picuinhas corriqueiras da realidade.”<sup>164</sup> Os sacerdotes e chefes do poder da época não conseguiam combater o Cristo, pois não entendiam o que ele estava fazendo perdendo, amando e vivendo sua interioridade.

A missão profética de Jesus havia sido cumprida, se não fosse a sagacidade de Paulo em deturpar a mensagem evangélica. As noções de morte e ressurreição, de salvação da humanidade como pecadora e condenada, que deveria redimir-se e recolher-se num ascetismo meditativo- penitencial; a condenação do mundo como pecado e sofrimento contaminado pelo erro; a falsificação da verdade, o aniquilamento da vida como dor de uma provação no qual os homens devem ser portadores para entenderem o sacrifício de Deus em sua pedagogia do bem; tudo isso simbolizou a morte dos evangelhos e a institucionalização do cristianismo ou, o estabelecimento do anticristo na terra. “ – Jesus havia abolido o próprio conceito de ‘culpa’ – ele negou todo o abismo entre Deus e homem, ele viveu essa unidade de Deus e homem como sua ‘boa nova’... E não como prerrogativa!”<sup>165</sup> Todos os ensinamentos de Jesus perderam-se pela adulteração dos evangelhos. A não reatividade, o não vingar-se, somente amar, perdoar, não julgar, não condenar, sentir a plenificação do Deus abundante como uma experiência de vida, terrena, humana, no coração, “o reino de Deus está em nós”<sup>166</sup>, tudo se perdeu. Lentamente, todo o evangelho foi destruído. Vagarosamente, toda espontaneidade de uma vida aqui, sem culpa e pecado, aniquilou-se. “A partir de então entra no tipo do Redentor, passo a passo, a doutrina do julgamento e do retorno, a doutrina da morte como uma morte sacrificial, a doutrina da ressurreição(...).”<sup>167</sup> E o golpe de mestre da casta sacerdotal judaica consubstancia-se marcando na memória a dívida impagável do assassinato de Deus invertendo os valores morais.

Mas, inequivocamente, toda a trama paulina sustentou-se no seu desejo, o mais antievangélico, sua sede pelo poder. O apolítico converteu-se no mais ambicioso político. No instituir-se a Igreja, a Lei, a hierarquia, no fundar as bases políticas do papado, se negou a mensagem do Cristo em prol do jogo vaidoso do Alto Clero e sua vontade de fundar o império da absoluta verdade moral no mundo. “- Sua necessidade era o poder, com Paulo o sacerdote quis novamente chegar ao poder – ele tinha utilidade

---

164 BITTENCOURT, Renato Nunes. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Ítaca, n. 15, 2010, p. 117.

165 AC 41

166 AC 29

167 AC 41

apenas para conceitos, doutrinas, símbolos com que são tiranizadas as massas, são formados os rebanhos.”<sup>168</sup>

A instituição se tornou engessada, velha, adulta. O homem esquecido, de caráter privado, o não reativo, o apolítico, podem ser isto porque são pueris. A infantilidade de seus traços faz com que se pareçam idiotas. Na observação de um corpo adulto que tem todos esses atributos se verifica também uma forma de estar no mundo, própria das crianças. A Igreja não proíbe a entrada das crianças, seria leviano demais, assim como pouco inteligente, do ponto de vista da catequese e da manutenção do rebanho. Entretanto, se estabelece normas, não se quer que elas gritem, corram, brinquem, e se pune a bagunça ameaçando-as a habitarem as grandes fornalhas do inferno longe do papai e da mamãe. “11 Quando era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Desde que me tornei homem, eliminei as coisas de criança.”<sup>169</sup> Com a institucionalização do cristianismo, Paulo deixa claro a sua distância do mundo das crianças, se tolheu até a irrestrita entrada dos pequenos no Reino dos Céus como assim anunciava o Redentor.

#### 1.2.1.5 – O pueril

O príncipe é uma criança, tamanho de adulto, características psicológicas infantis, “estou na casa dos vinte e sete anos, mas acontece que sei como sou uma criança.”<sup>170</sup> A narrativa demonstra diversos traços dessa infantilidade, tais como: uma forma de sabedoria e de compreensão próprias, na qual Dostoiévski desenvolverá ao longo de toda a sua obra, um entendimento de Deus e do mundo que os adultos não conseguem acessar; uma bondade intrínseca ao modo de ser infantil; uma personalidade estúpida e imbecil que não dá conta de sua autonomia política e social porque desconhece o mundo dos adultos; uma ingenuidade como traço de uma falta de malícia para com o real. “Míchkin é o indivíduo ‘quase criança’, que não gosta de estar com adultos, com pessoas, com ‘grandes’, vivendo assim em uma ‘inocente menoridade’.”<sup>171</sup> Uma vida singular, própria, antissocial.

---

168 AC 42

169 1Cor 13, 11

170 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 616.

171 BITTENCOURT, Renato Nunes. *A Psicologia da Idiotia em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120, p.105.

O advento de uma concepção extra-moral como perfil psicológico da infância, que na sua inocência segue o trajeto da vida, sem justificações ou razões, como um dever. Um organismo ainda esquecedor e não ressentido. A criança como o além-do-homem, segundo Renato Nunes Bittencourt, é expressada na imagem desenhada por Dostoiévski no príncipe Míchkin e por Nietzsche no tipo psicológico do Redentor. Pois seus atributos, condenados pelo mundo dos adultos, são precisamente aquilo que o homem deveria perseguir no sentido de alcançar a independência necessária para criar seus próprios valores morais, desatrelando-se das noções judaico-cristãs, assim como das instituições, leis, dogmas. “Talvez as noções mais solenes, em torno das quais sempre se lutou e sofreu, os conceitos de ‘Deus’ e ‘pecado’, não venham a nos parecer mais importantes que um brinquedo ou uma dor de criança para o homem velho – e talvez o ‘velho homem’ necessite então de outro brinquedo e outras dores – ainda criança o bastante, uma eterna criança.”<sup>172</sup> Formando-se assim um espírito livre.

A tipologia simbólica do “Idiota” é a de uma pessoa com traços de inocência e ingenuidade na sua personalidade, incapaz de participar da constituição do sistema normativo da ordem civilizada; sendo “inocente”, o “Idiota” é, portanto, “amoral”, pois a sua axiologia pessoal não se fundamenta em valores normativos de “Bem” ou de “Mal” e tampouco os reconhece como efetivamente existentes.<sup>173</sup>

O príncipe Míchkin conta sua história na Suíça e como se sentia bem com as crianças, de como se tornou amigo delas e como era feliz. Explica que, inicialmente, as crianças zombavam dele, tacavam pedra, mas com o tempo, conversava com elas, e logo viraram grandes amigos. Não era o adulto que educa os infantes, mas aquele que vive com as crianças uma experiência plena. Com as crianças podia vislumbrar uma alegria *sui generis*, algo inadmissível ao mundo dos adultos. Ora, se o príncipe envolvia-se com as crianças numa dinâmica da vida que é puro brincar, nenhuma compreensão infantil do mundo passa por outro jogo que não seja o brincar, então o seu universo psicológico observava similitudes com o das crianças. Ele não brinca para entreter as crianças como pais e filhos, ele brinca porque se entende como tal e era feliz assim.

– Lá ... lá havia apenas crianças, e o tempo todo eu estava lá com as crianças, apenas com as crianças. Eram crianças daquela aldeia, toda a tropa que estudava na escola. Não é que eu ensinasse a elas; oh, não, para isso havia lá um mestre-escola, Julie Tibot; eu talvez até ensinasse a elas, mas eu estava

---

172 BM 57.

173 BITTENCOURT, Renato Nunes. A *Psicologia da Idiotia em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120, p.110.

mais com elas, e todos os meus quatro anos se passaram assim. Eu não precisava de mais nada.<sup>174</sup>

Ele relata às Iepántchina como a experiência com as crianças lhe era extraordinária. A alegria, o choro, a espontaneidade. A força que direciona-se para fora, num permanente agir, o brincar, que não se ressentia com as diferenças, com o passado ou com a projeção do futuro. A vida é esse fenômeno completamente fluído e aleatório que deslumbra-se neste instante, não há um antes totalitário que imponha o segundo do instante. Ele, o instante, simplesmente, ocorre! Se, é assim, se esquece, se está pronto, para a cada novo segundo ser uma nova experiência e estar na vida numa alegria atemporal intraduzível. As desavenças ocorrem, pois a criança ainda não foi adestrada pelo chicote da norma social, portanto o mundo é ela mesma. Ela afirma sempre um *Sim* a si mesma e se afirma em relação aos outros. O brinquedo é dela e se a sua convicção perspectiva alude o não compartilhamento do mesmo, assim ela o fará. O outro se disporá em luta corporal, berros, socos, puxões de cabelo, para a aquisição do brinquedo. Resolvida a pendência, ao mais forte e destemido ficará o brinquedo. Três minutos depois as duas crianças, de novo, brincam, muitas vezes com o brinquedo motivo da contenda. Novamente amigas! A luta de antes acabou, fora resolvida, a força ativa descarregou-se numa ação e dissipou-se para sempre no mundo. O mundo dos adultos é bem distinto, depois de uma briga, são incapazes de continuar, querem reparação, justificações para o atributo morto há muito tempo na tumba da história. A força ativa, graças à camisa de força social, é redirecionada para dentro, - ao invés de ser desferrada -, envenenando, obstruindo fisiologicamente o corpo. As crianças tem uma certa leveza na lida com a vida, são espíritos livres.

Não sei, mas eu passei a experimentar uma sensação extraordinariamente forte e feliz a cada encontro com aquelas crianças. Eu parava e ria de felicidade, olhando para as suas perninhas curtas, que se deslocavam com rapidez e corriam sem parar, olhava para meninos e meninas correndo juntos, para o seu riso e as suas lágrimas ( porque muitos já tinham conseguido brigar, acabado de chorar, tornar a fazer as pazes e a brincar enquanto corriam da escola para casa), e então eu esquecia toda a melancolia.<sup>175</sup>

Sendo as crianças isto que são e o príncipe assumindo sua admiração por elas e a sua própria infantilidade, não é de se espantar o descrédito com que foi conduzido o acolhimento de suas falas. Ou seja, o mundo dos adultos silencia as crianças como se

---

174 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 91.

175 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 99.

elas nada soubessem do que se trata, porém, parece bastante salutar a hipótese de que os adultos, por não compreenderem um mínimo do universo infantil, reagem violentamente tentando aniquilar suas vontades e desejos porque são pouco conscientes, são alienados, estúpidos, ignóbeis, são vontades de uma mente que ou é louca ou precisa ser adestrada pela vara que tortura o corpo reprimindo seus instintos naturais invertendo o sentido da força para dentro, transformando um espírito livre num escravo ressentido, vingativo e doente. O adulto coloniza a infância com sua inveja ressentida. “(...), como irias te casar, quando tu mesmo ainda precisas de babá?”<sup>176</sup> Assim a criança ou o príncipe ( o idiota como infantilidade) são tratados. O seu discurso não serve, não é entendido como algo que mereça respeito, não tem autonomia sobre si mesmo, porque não sabem o que são, sua consciência, ainda espantado do corpo, não hipertrofiou-se numa memória capaz de dar razão as vontades intuitivas. Ser essa espontaneidade é erro para os adultos. Todavia, a criança como um lunaticozinho incompreendido pelos adultos, porque é bastante misteriosa, enigmática, às vezes, mágica, é um olho capaz de penetrar a alma adulta com uma sutileza e uma sabedoria inquietantes. Já anunciei aqui o tino do príncipe para penetrar na alma do homem. Mas esta habilidade não foi uma metáfora qualquer fabricada por Dostoiévski, ele está observando e pensando as crianças. Se for possível a elas falar da forma mais livre, sem que sejam torturadas, se vislumbrará pequeninos sábios psicólogos, tamanha a sua inventividade para atacar o ponto nevrálgico da questão.

O senhor é uma criança completa, príncipe. Não obstante, eu noto que o senhor está sempre me tratando por cima dos ombros como... como uma xícara de porcelana... não é nada, não é nada, não me zango. (...) o senhor é uma criança completa.<sup>177</sup>

As crianças não são boas ou más, elas são vigorosas porque tem a força para suportar a existência, uma existência que para elas é bastante natural. Natural no sentido de animalesca, selvagem, bárbara, corporal. Assim, elas tomam atitudes que aos olhos de um adulto devidamente forjado na moralidade dos costumes, são más ou, em outro momento, são fofinhas. O caso Marie é sintomático! Primeiramente, o príncipe narra como a sua vida estava envolvida com as crianças da escola, como as conheceu e como era feliz. De como deixou de ser hostilizado para depois ser agraciado com a doçura dos

---

176 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 197.

177 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 584.

pequenos. Do mesmo modo que zombavam dele também zombavam de Marie, uma mulher miserável que trabalhava em condições quase de escravidão e que supunham ter algum transtorno psiquiátrico. Todavia, acusaram-na de imoralidade e ela fora expulsa da casa da mulher e escoraçada pelos moradores do vilarejo. O príncipe que não suportava a solidão mais premente dos sofredores injustiçados aproximou-se de Marie e ela teve o seu conforto. As crianças a humilhavam, tacavam coisas nela, mas percebiam, isto não é nem maldade, nem bondade, é uma forma de dispor-se com o outro. Aos poucos, o príncipe conquistava os afetos da menina e contava a história de Marie. Aos poucos, as crianças sentiam pena de Marie e queriam ajudar.

Contei a elas o quanto Marie era infeliz; logo elas deixaram de insultá-la e passaram a afastar-se em silêncio. Pouco a pouco passamos a conversar e eu nada escondia delas; contava-lhes tudo. Elas ouviam com muita curiosidade e logo passaram a ter pena de Marie. Algumas passaram a saldá-la carinhosamente quando a encontravam; lá é hábito as pessoas fazerem reverência e dizerem ‘Bom dia’ quando se encontram, sejam conhecidas ou não. Imagino como Marie ficou surpresa. Uma vez, duas meninas arranjaram comida e levaram para ela, entregaram-lhe, vieram me procurar e me contaram. Disseram que Marie havia chorado e que elas agora gostavam muito dela.<sup>178</sup>

Marie, a mais afortunada das almas, pobre, solitária, louca, acusada de promiscuidade, triste, viu-se cercada de crianças, que levavam comida, companhia, alegria. Uma prática gratuita, sincera. As crianças não procuram recompensas no seu cotidiano, é a moralidade dos costumes, o processo de adestramento por Reforço Positivo, que ensina as crianças a buscar retorno material ou discursivo psicológico para suas ações. Conta o príncipe que por pouco ela não enlouquecia de tamanha felicidade. “Marie por pouco não enlouquecia de tamanha e instantânea felicidade; ela nem chegara a sonhar com tal coisa; ficava acanhada e alegre e, o mais importante, as crianças queriam, principalmente as meninas, correr para ela e lhe dizer que gostavam muito dela e falavam muito a seu respeito.”<sup>179</sup> Esses encontros aconteciam quase todos os dias depois da escola. Em certo momento proibiram, porque Marie não representaria uma boa amizade para as crianças. Os pequenos iam escondidos e todos se confraternizavam com a exuberância emotiva que simples encontros dotados de singelos e sinceros afetos podem produzir transbordando a vida de sentido e valor. Ninguém lhe dava trabalho e, literalmente, as crianças a alimentavam. Depois arrumou uma fazenda que

---

178 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 95.

179 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 96.

acompanhava o rebanho, ali lhe arrumaram um lugarzinho para dormir e algumas refeições.

Marie adoeceu. Ela só tinha as crianças e foram elas que cuidaram dela. Todos os dias iam ao quartinho no qual dormia. Faziam rodízio, se organizavam para não deixá-la sozinha. Todas queriam ajudar como podiam. Brincavam ajudando. Tudo aquilo era parte de uma grande cena do brincar que não é uma falsificação do mundo, como se não fosse importante, nem útil. Dispor-se a brincar é retirar a seriedade do mundo do homem de memória hipertrofiada e jogar, tratar a vida como jogo, um jogo de regras que se produzem no próprio processo de jogar, do brincar. As crianças cuidavam de Marie, essa é uma nova forma do jogo, é, talvez, um pouco mais triste e com outras regras, porém não se pode ficar martirizando-se, mortificando-se, lamentando-se porque não se esta no pasto brincando ao ar livre. Tem que jogar!

Certa vez ela já não pôde sair de manhã para acompanhar o rebanho e permaneceu em sua casa vazia. As crianças souberam no mesmo instante e quase todas foram visitá-la nesse dia. Ela estava deitada na sua cama sozinha, sozinha. Durante dois dias só as crianças cuidaram dela, corriam para lá e se alternavam (...) <sup>180</sup>

Marie morreu. Todos na cidade sabiam do seu adoecimento. As mulheres cuidaram dela também e, inclusive, expulsavam as crianças de perto da enferma. Os pequerruchos olhavam da janela, davam “Bom dia” a ela. Se ouvia, até se animava um pouco, mas depois caía desanimada. No velório poucos compareceram. As crianças compunham o maior número e o cortejo avançou com o caixão sendo disputado pelas crianças chorando o fim de uma bonita amizade. “E na manhã seguinte aparecem de repente e me dizem que Marie tinha morrido. Aí não foi possível segurar as crianças: elas encheram todo o caixão dela de flores e puseram na cabeça uma coroa. (...), mas quando chegou a hora de levar o caixão, as crianças se precipitaram todas de uma vez para levá-lo elas mesmas.”<sup>181</sup> A morte não é uma perda de algo que se tem, para as crianças a morte não se justifica como a passagem ao além-mundo, como a estaca do presente demarca o existir infantil, o que se chora é o fim da amizade, o término da brincadeira, o anúncio de um novo jogo com outras regras, novos amigos e uma outra história. As crianças não sabem das invenções mirabolantes e justificadoras dos homens, como Deus, paraíso, inferno, pecado, morte e, portanto, assumem como parte

---

180 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 97.

181 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 98.

significativa da vida, o aviso de que há um fim que instaura o nada e, logo, vivem essa única existência que se tem certeza que existe.

O tipo Jesus, o Redentor, aquele que anunciou a “boa nova”, o reino de Deus está em nós, no coração, estava mais perto das crianças que dos adultos. Ora, esse cristianismo que nega o Cristo, do homem ressentido sequioso por vingança, o tempo todo uma mortificação, uma falsificação da vida, uma tristeza sem fim que tem uma reparação numa outra realidade, esse cristão decadente e doente dista consideravelmente do tipo infantil, alegre, espontâneo, esquecido, ativo, do príncipe Míchkin e de Jesus. Se Jesus assumia os traços de uma criança, com suas vicissitudes mais caras, o Redentor opunha-se ao mundo perverso dos adultos. O cristianismo não entendeu o infantilismo como uma prática crística, mas como tabula rasa na qual dever-se-ia educar na verdadeira fé: a catequese. Assim, o modo de ser das crianças não tem nada a contribuir para uma experiência de vida gigantesca, já que são ignorantes acerca dos conceitos mais duros e transcendentais. No máximo, se elaborou a crença de que as crianças possuem atributos especiais, mágicos, dos quais Deus as usaria para anunciar profecias e cânticos novos, que sua bondade intrínseca é atributo para a construção de arquétipos como anjos, espíritos protetores, santos milagreiros. A mitologia cristã associa as crianças a espécies de anjos loirinhos voando no além-mundo com asinhas e tudo mais. Isso é expresso e permanece na memória popular em grande medida pelas imagens criadas pelos pintores. Dostoiévski, inclusive, pinta, no seu texto, os traços de uma tela que aproxima Jesus do infantilismo, das crianças.

Os pintores pintam Cristo sempre com base nas lendas dos evangelhos; eu o pintaria de modo diferente: eu o pintaria sozinho (...). Eu deixaria com ele apenas uma criancinha pequena. A criancinha brincaria ao lado dele; talvez lhe contasse alguma coisa em sua linguagem de criança, Cristo a escutaria, mas agora caía em meditação; sua mão permaneceria esquecida, involuntariamente na cabeça luminosa da criança.<sup>182</sup>

O reino dos céus é o dos que se assemelham as crianças. Não o reino no além-mundo, mas este reino dos céus como essa experiência crística de amor, privada. O mundo de uma criança é particular, por isso a dificuldade dos adultos de entendê-las acolhendo seu discurso. “14 Disse-lhes Jesus: ‘ deixai vir a mim estas criancinhas e não as impeçais, porque o reino dos céus é para aqueles que lhes assemelham”.<sup>183</sup> Ou seja,

---

182 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 510.

183 Mt 19,14

essa fé é ingênua, sem artifícios teóricos, estudos teológicos ou árduas e longas leituras, é uma vivência singular de contato com Deus, sem intermediários.

(...) o reino dos céus pertence às crianças; a fé que aí se exprime não é uma fé conquistada – ela está aí, existe desde o começo, é como que um infantilismo recuado para o plano espiritual.<sup>184</sup>

#### 1.2.1.5.1. - O além-do-homem e a criança

O além do homem como o advento da criança é uma hipótese apresentada pelo próprio Nietzsche. No Zaratustra quando trata das três metamorfoses anuncia a transformação do leão, aquele originado do espírito de peso do anão, em criança.

A criança é inocência e esquecimento, um começar de novo, um jogo, uma roda que gira por si própria, um primeiro movimento, um sagrado dizer sim. Sim, meus irmãos, para o jogo da criação é preciso um sagrado dizer sim; agora, o espírito quer o seu próprio querer, aquele que se perdera para o mundo conquista o seu próprio mundo.<sup>185</sup>

Segundo Julião, Zaratustra depois de seus dez anos no alto da montanha retorna a sociedade para expor sua sabedoria e o ancião que o havia acompanhado quando da subida agora percebe a criança que brilha em seu olhar. “O velho constata uma mudança em Zaratustra que, segundo ele, despertara de seu sono e voltara a ser criança.”<sup>186</sup> Mas é Renato Nunes Bittencourt que aproxima a prática evangélica a uma concepção transvalorada infantil.

(...) leva uma inestimável contribuição na literatura moderna tanto na descrição tipológica do homem do ressentimento como na análise sublime da "idiotia" enquanto disposição psicológica regida pelos símbolos da inocência e extra-moralidade.<sup>187</sup>

A beatitude de Jesus é infantil porque não é expressamente reativa, mas ativa, é uma existência inocente que não necessita comparar-se, julgar ou ressentir. Sua prática de amor, talvez desprovida de vontade de poder, não fora entendida por aqueles que quiseram ser cristãos. “Contudo, os ‘seguidores’ do legado evangélico de Jesus não compreenderam a sua perspectiva beatífica, inserindo traços reativos, moralistas e teleológicos no discurso “extra-moral” do Nazareno, negando assim a autenticidade e a inocência sagrada dos Evangelhos.”<sup>188</sup> Uma pista disponível nos evangelhos demonstra

---

184 AC 32

185 Za I, Das três Metamorfoses.

186 JULIÃO, José Nicolao. *Sobre o prólogo do Zaratustra*. Cadernos Nietzsche 23, 2007, p. 77.

187 BITTENCOURT, Renato Nunes. *Das profundezas do ressentimento ao sublime amor crístico: Dostoiévski e Nietzsche*. Ítaca 21, p. 55.

188 BITTENCOURT, Renato Nunes. *Das profundezas do ressentimento ao sublime amor crístico: Dostoiévski e Nietzsche*. Ítaca 21, p. 70.

Jesus como apreciador das crianças, dando-lhes lugar, reservado-lhes o Reino dos Céus. E se “o Reino dos Céus está em nós”, no coração de Jesus, então o lugar das criancinhas é o coração do alegre mensageiro que *in toto* não se diferencia tanto do modo de ser infantil.

A narrativa evangélica descreve Jesus como alguém que sempre apreciava brincar com as crianças que se lhe apresentavam nas suas peregrinações: “Traziam-lhe até mesmo as criancinhas para que as tocasse; vendo isso, os discípulos as reprovavam. Jesus, porém chamou-as, dizendo: ‘Deixai as criancinhas virem a mim e não as impeçais, pois delas é o Reino de Deus. Em verdade vos digo, aquele que não receber o Reino de Deus como uma criancinha, não entrará nele’”<sup>189, 190</sup>

A tese de Bittencourt sustenta-se no além-do-homem como a criança que Jesus representou, ou seja, sem tato para lidar com os negócios, sem predisposição para reagir, uma vida plena apesar das suas condições instáveis. “A criança evangélica abre suavemente o caminho para a singularidade do homem transvalorado, sem fazer oposições nem estabelecer contendidas, sendo a aurora de um porvir de inocência e de beatitude.”<sup>191</sup> A criança é negada pelo sacerdócio, pois este sobrevive pela ameaça e produção de afetos reativos; a criança, outrossim, já se livrou das amarras morais que o sacerdote, perseverantemente, inventou, ou nunca chegou a adquirir tal dor artificial.

Tudo passa a fazer parte de uma grande unidade imanente, permeada pelo espírito de alegria que unifica todos os seres: trata-se da beatitude e da inocência do homem livre do peso do ressentimento e do medo, instrumentos de dominação moral utilizados pela casta sacerdotal cristã.<sup>192</sup>

Gisel considera que o homem saudável lida com a realidade considerando seus aspectos constituintes, não os negando, mas suportando sua condição, às vezes, inóspita e beligerante.

O homem não-doente, que não reage, é antes de mais nada o homem que não julga e não interfere. Para ele, toda realidade tem seu próprio direito, além do Bem e do Mal. Ele não deprecia a realidade por ressentimento. É o homem que considera o devir inocente, que tem atitude de criança, atitude de Jesus. Está tanto além do “eu sou responsável” como do “qualquer um deve ser responsável.”<sup>193</sup>

---

189 Lc 18, 15-17

190 BITTENCOURT, Renato Nunes. *A Psicologia da Idiotia em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120, p.109.

191 BITTENCOURT, Renato Nunes. *A Psicologia da Idiotia em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120, p. 109, p. 111.

192 BITTENCOURT. *Nietzsche e sua compreensão extra-moral da experiência originária da beatitude evangélica de Jesus*. Revista Dissertatio de Filosofia, v. 34, p. 447-468, 2011, p. 464.

193 GISEL, Pierre. “Perspectivismo nietzscheano e discurso teológico” In: *Nietzsche e o Cristianismo*. Trad. de Lucia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, p. 102-112, 1981, p.103.

Assim, o homem que supera o homem sofre a transformação do leão em criança, porque assume a vida como criação, como jogo, como devir, sofrendo suas intempéries, mas as enfrentando com jovialidade e alegria, não ressentindo o passado, nem projetando no futuro uma suposta felicidade que signifique uma fixidez, uma falta de movimento, uma paz.

A ideia de uma transvaloração dos valores de nossa civilização, divisada sob a ótica da criação, implica uma simbiose entre o leão e a criança de Zaratustra: o entrelaçamento entre a reconquista da infância perdida do mundo como inocente devir, e a atividade criadora cardinalmente leonina.<sup>194</sup>

O jogo, portanto, é o motor gigante da vontade de poder, que como tal, aposta, e, se ganha e se perde. Daí o jogar ser uma atitude primorosa da infância, daquele que suporta a derrota, não como aprendizado ou como respeito ao oponente, mas como condição da vida. O homem, orgulhoso de sua “superioridade”, de seu saber, este leão moderno, não dá conta da dimensão completamente aleatória da vida e cria planejamento requerendo anular a brincadeira e o acaso, anestesiando um pouco a sua dor.

“O jogo”, o inútil, como ideal daquele-sobrecarregado-de-força, como “infantil”. A “infantilidade” de Deus<sup>195</sup>. Em outras palavras, o jogo se desloca da periferia para o centro da vida como a mais alta possibilidade humana, e é considerado como quintessência da vida, elevando-se ao grau supremo, pois certamente a maioria das ações humanas são atividades, movimentos em que se descarrega uma força que visa sempre a transbordar.<sup>196</sup>

Se joga por jogar numa vida como brincadeira. Porque se é brincando que se vive, a criança vive brincando, algo sem a seriedade moral dos medrosos que inventaram regras para controlar e prever, abstendo-se da aventura da sempre novidade deste desbravar a existência.

Por isso, Heidegger, ao se perguntar por que a grande criança do mundo de Heráclito joga, responde buscando justificar ontologicamente o modo de ser do jogo: “joga porque ele joga (*es spielt*). Permanece somente jogo: o supremo e mais profundo”. E esse acontecer do jogo que representa sua verdadeira essência, à margem dos que dele participam, é possível precisamente porque “o jogo é sem porquê”.<sup>197</sup>

A sinceridade com a qual a criança lida com a vida permite a Bittencourt aproximar o além-do-homem da criança, pois o homem transvalorado ou superou os

---

194 APOLINÁRIO, José Antônio Feitosa. *As andanças do homem superior em Nietzsche*. Cadernos Nietzsche 28, 2011, p. 291.

195 Nachlass/FP do outono de 1885-outono de 1886, 2 [130], KSA 12.129.

196 GUERVÓS, Luis Enrique de Santiago. *A dimensão estética do jogo na filosofia de F. Nietzsche*. cadernos Nietzsche 28, 2011, p.52.

197 GUERVÓS, Luis Enrique de Santiago. *A dimensão estética do jogo na filosofia de F. Nietzsche*. cadernos Nietzsche 28, 2011, p. 54.

valores morais judaico-cristãos, socrático-modernos, ou cria seus próprios valores morais a partir da dinâmica do jogo que se reconfigura a cada contexto da vida. “É só no seio desse jogo que surgem e aparecem os valores para além de bem e mal, porque o jogo é amoral.”<sup>198</sup> Não há meta na vida. Nem um objetivo a ser alcançado. Nada em si mesmo significa o porquê sermos esta existência. As projeções futuras são arranjos semânticos desenvolvidos pelo homem moderno para acalmar sua angústia sobre a completa falta de sentido da vida. Por isso o jogo, um arranjo que se perde e se ganha, mas que perder e ganhar não tem um valor absoluto e pesado, se esquece para de novo jogar.

Nietzsche utilizará essa metáfora de Heráclito para expressar simbolicamente que o acontecer da vida dentro de um mundo finito é uma criança inteligente com poder sobre-humano que, a partir de si e por si mesmo, produz de modo infantil um movimento sem meta nem fim.<sup>199</sup>

Para Guervós é o jogo capaz de fazer o homem superar o niilismo. “Por fim, Nietzsche mostrará em seu *Zarathustra* como o jogo é a forma mais alta da atividade humana e ao mesmo tempo a forma de atividade capaz de superar o niilismo.”<sup>200</sup> Daí a necessidade de aprender a aprender a jogar, isto é, aceitar os arranjos do acaso, do caos, assumir a dor da existência não como a ranger os dentes ou como uma vontade de vingança, mas como uma jogatina sem regras pré-definidas. “Para poder superar a si mesmo e poder ‘criar para além de si’, é preciso aprender a jogar, a saber jogar. E saber jogar é afirmar o acaso.”<sup>201</sup> A inocência é o modo de dispor-se à vida sem negá-la, sem condená-la. Essa concepção filosófica é afirmadora da Terra, do sentir o mundo numa prontidão para as demandas nunca sabidas de antemão, do assumir a existência como dor, sem choramingar; de sofrer cada quinhão da dor no movimento do jogo que transfigura o apolíneo no dionisíaco. “A ‘grande era’, diz o filósofo, ocorrerá por um aumento das ilusões e um retorno à inocência — triunfo que depende da ‘República dos gênios’<sup>202</sup>.”<sup>203</sup>

---

198 GUERVÓS, Luis Enrique de Santiago. *A dimensão estética do jogo na filosofia de F. Nietzsche*. cadernos Nietzsche 28, 2011, p. 56.

199 GUERVÓS, Luis Enrique de Santiago. *A dimensão estética do jogo na filosofia de F. Nietzsche*. cadernos Nietzsche 28, 2011, p. 59.

200 GUERVÓS, Luis Enrique de Santiago. *A dimensão estética do jogo na filosofia de F. Nietzsche*. cadernos Nietzsche 28, 2011, p. 67.

201 GUERVÓS, Luis Enrique de Santiago. *A dimensão estética do jogo na filosofia de F. Nietzsche*. cadernos Nietzsche 28, 2011, p. 68.

202 Nachlass/FP 1869 – 1874, 29[52], KSA 7. 649

203 NASSER, Eduardo. *O destino do gênio e o gênio enquanto destino: o problema do gênio no jovem Nietzsche*. cadernos Nietzsche 30, 2012, p. 294.

A criança é o grande gênio, o além-do-homem, algo indigesto aos olhos das massas corrompidas pelo espírito de rebanho. Sua jovialidade é incompreendida pela maioria. Sua espontaneidade e amor com relação à vida, uma existência que brinca, é insuportável ao homem que se tornou sério demais e que de sua altura não diminui-se a brincar. Entretanto, tal assertiva é produto da inversão dos valores morais nos quais este homem que não brinca é um fraco que construiu rebanho para ter alguma segurança e garantia, enquanto a criança ou, a metáfora da criança, é forte, pois lida com a vida sem procrastinação, com sinceridade e alegria. “A rigor, a massa resiste ao surgimento dos grandes indivíduos em função da extemporaneidade que o caracterizam. O heroísmo dos grandes homens que se recusam a ser um ‘brinquedo’ nas mãos do tempo — essa ‘grande criança’ — contrasta com a covardia e comodidade da massa.”<sup>204</sup>

E, por isso, a criança como além-do-homem anuncia-se em Míchkin e no tipo Jesus. A hipótese levantada por Bittencourt sustenta que o tipo “idiota” é uma metáfora importante criada pelos escritores russo e alemão para anunciar o novo homem, sem os traços ressentidos, mesquinhos, doentes, do homem forjado pela moralidade dos costumes. Que a criança fecunda uma experiência suprema, beatífica, de vida, de corpo, de terra. Nesse sentido, “a criança evangélica abre suavemente o caminho para a singularidade do homem transvalorado, sem fazer oposições nem estabelecer contendas, sendo a aurora de um porvir de inocência e de beatitude.”<sup>205</sup> Jesus seria o anúncio do novo homem, um homem desprovido de vontade de poder, que não reage, o que justificaria um reposicionamento da doutrina da vontade de poder do tipo Zaratustra. Ou seja, Nietzsche teria abandonado o Zaratustra em prol de um cristianismo de concepção totalmente privatista, infantil e idiota. Isto ainda é pouco, afirmar o tipo Jesus não exige a anulação do tipo Zaratustra. A doutrina da vontade de poder enquanto vigoroso sentido da vida anunciada pelo filósofo dançarino não impede a formulação da possibilidade hermenêutica de um tipo Jesus, pois o modo existencial de um é completamente distinto do outro, o ser do Zaratustra é vontade de poder; o ser Jesus é a sua santidade beatífica dimensionada pela ausência de vontade de poder. Enquanto o primeiro é na medida da sua ampliação de força, o segundo é na redutibilidade de seu poder instintual até a nulidade.

---

204 NASSER, Eduardo. *O destino do gênio e o gênio enquanto destino: o problema do gênio no jovem Nietzsche*. cadernos Nietzsche 30, 2012, p. 294.

205 BITTENCOURT, Renato Nunes. *A Psicologia da Idiotia em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120, p.111.

O Cristianismo originário é a infância livre de toda discórdia e contradição e acolhida ao mesmo tempo no espiritual, um ser-homem que descansa ingenuamente em si mesmo.<sup>206</sup>

Até aqui sustentamos que a influência russa sobre Nietzsche foi edificante. Não arredamos o pé deste ponto, entretanto temos que dar outras nuances a nossa interpretação. No texto nietzschiano se alude, em diversos pontos, sobre uma perspectiva fisiológica ou mesmo faz referências a noções médico psiquiátricas. A discussão de se estas alusões são recursos estilísticos, metáforas apenas, ou se, de fato, Nietzsche estava se referindo aos fisiologistas da época, não finda e não se resolve por si mesma. De fato, a fisiologia dos novecentos evoluía rápido com grandes nomes da psicologia, da psiquiatria, da medicina em geral e, inegavelmente, os estudos chamavam a atenção da comunidade acadêmica e científica. Apostar numa perspectiva de análise fisiopsicológica não é absurda *in toto*. Logo, quando há indicações de uma criança como idiota perfazendo o tipo psicológico do Redentor, é possível sustentar a hipótese de que Nietzsche não está falando de qualquer concepção de idiota, mas refere-se ao transtorno psiquiátrico da idiotia<sup>207</sup>. Em que o desenvolvimento do indivíduo é paralisado ainda em idade bastante tenra, enquanto o corpo continua o seu desenvolvimento. “O caso de uma puberdade retardada e não desenvolvida no organismo, como consequência da degenerescência, é familiar aos fisiologistas, pelo menos.”<sup>208</sup> Assim como a não reação deve-se a uma obstrução fisiológica que impede o organismo de responder ao estímulo. Dostoiévski, inclusive, faz uso do termo idiota também como transtorno psiquiátrico.

Esse mundo peculiar e doente em que os evangelhos nos introduzem – como o de um romance russo, no qual a escória da sociedade, as doenças nervosas e o idiotismo ‘infantil’ parecem ter um encontro – deve ter em todo caso, tornado mais grosseiro o tipo(...)<sup>209</sup>

Nesse sentido, avançaremos ao próximo tópico para a discussão do termo idiota na sua acepção médica. Partiremos ainda de Dostoiévski, das suas considerações pertinentes ao idiota, mas com um sentido de doença. Daí, seguiremos para a tentativa de resolução da hipótese de se o tipo Jesus é desprovido de vontade de poder na acepção até agora construída haja vista a influência russa. Se a contribuição russa se esgota sem

---

206 BITTENCOURT, Renato Nunes. *A Psicologia da Idiotia em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120, p.111.

207 Hoje o termo Idiotia ou Idiota foram abolidos dos manuais de medicina e psiquiatria, assim como dos de psicologia, isto porque o termo tem uma conotação pejorativa que não contribui em nada para o tratamento e a cura. Muito pelo contrário, estigmatiza o paciente levando-o a desenvolver outros transtornos.

208 AC 32

209 AC 31

explicar eficientemente o problema, apontaremos as suas insuficiências teóricas e começaremos a formulação da transição textual. Todavia, reitero que a perspectiva fisiopsicológica não anula a influência de Dostoiévski. Evitemos esses caminhos ambivalentes, totalizadores e negadores, Dostoiévski pode não ser útil para explicar o tipo Jesus na sua amplitude conceitual como desprovido de vontade de poder, porém imiscui-se no texto nietzschiano, ajuda o alemão, potencializa seus enfoques. Como já dito, o próprio Nietzsche alimentava uma grande admiração pelo escritor russo, isto não deve ser desconsiderado.

### 1.2.2 – Idiotia como diagnóstico psiquiátrico

O idiota é o homem de caráter privado, ele é não reativo, apolítico e pueril. Todas essas características presentificam-se no romance russo. Num contexto aqui, noutro acolá, com as sutilezas e habilidades artísticas de Dostoiévski. Outrossim, idiotia associa-se também a um quadro de enfermidade psiquiátrica que o autor não abrirá mão de indicá-lo. Algumas vezes aproximará a epilepsia<sup>210</sup> da idiotia. São condições clínicas distintas, a primeira como uma descarga generalizada de Potenciais de Ação no Sistema Nervoso Central e Periférico<sup>211</sup> acarretando uma desordenada reação sináptica que leva

---

210 “Condição caracterizada por distúrbios periódicos da atividade elétrica cerebral, que pode levar a convulsões, perda da consciência e distúrbios sensoriais.” ( BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A. *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. São Paulo : Artmed editora, 2007, p. 76) Ou ainda, de acordo com as psicólogas Liane Maria Koch Gomes e Roberta de Figueiredo Gomes, “A epilepsia é uma condição neurológica em que existe aumento excessivo na atividade elétrica de regiões cerebrais mais ou menos localizadas, acometidas por algum tipo de patologia subjacente. Esse aumento da atividade elétrica representa a perda da capacidade de regulação elétrica neuronal, causando a epilepsia” (CASTELÓ; SOLER, 2004)”. (GOMES, Liane Maria Koch; GOMES, Roberta de Figueiredo. *Crises epiléticas x crises não epiléticas psicogênicas: diagnóstico diferencial*. Caderno pedagógico, Lajeado, v. 12, n. 1, p. 196-207, 2015, p. 198.)

211 Não é intuito desta dissertação debruçar-se sobre as descobertas e avanços das neurociências, porém, sucintamente, já que o debate é muito longo, apresentaremos algumas nuances do conceito para em termos didáticos posicionar o leitor acerca do que seja Potenciais de Ação. Grosso Modo, o Potencial de Ação é uma despolarização celular em que o meio intra e extracelular sofrem modificações de potenciais elétricos. “(...) o citosol do neurônio em repouso está carregado negativamente em relação ao fluido extracelular. O Potencial de Ação é uma inversão rápida dessa situação, de forma que, por um instante, o lado citosólico da membrana torna-se carregado positivamente com relação ao lado externo.” ( BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A. *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. São Paulo : Artmed editora, 2007, p. 76). Tal despolarização ocorre devido a reações químicas específicas de íons potássio e íons sódio nas quais são reativas as informações do mundo real. As informações provenientes do mundo são interpretadas em termos sensoriais, cognitivos e de ação contudente na resolução de problemas pontuais por estes processos neuroquímico elétricos. “A despolarização da célula durante o potencial de ação é causada pelo influxo de íons sódio através da membrana, e a repolarização é causada pelo efluxo de íons potássio.” ( BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A.; *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. São Paulo : Artmed editora, 2007, p. 80) O movimento dos íons ocorre por intermédio da membrana por causa do gradiente

ao colapso e desarranjo total das funções neurofisiológicas, fisiopsicológicas, motoras, de captação e interpretação visual, sonora, táteis, gustativas e olfativas; o outro corresponde a um diagnóstico de baixo desenvolvimento intelectual e psicológico o que levaria a uma dificuldade de socialização, aprendizado e adaptação.

Isso aconteceu depois de uma série de ataques fortes e angustiantes de minha doença, e se a doença se intensificava e os ataques se repetiam várias vezes seguidamente, eu sempre caía em total embotamento, perdia completamente a memória, e mesmo com a razão funcionando havia uma espécie de interrupção

---

de concentração. “(...) vamos supor que o  $K^+$  esteja vinte vezes mais concentrado dentro da célula e que o  $Na^+$  esteja dez vezes mais concentrado fora dela. De acordo com a equação de Nernst, a  $37^\circ C$ ,  $E_K = -80mV$ , e  $E_{Na} = 62mV$ .” Considerando ainda as Bombas de  $K^+$  e de  $Na^+$  que se abrem e se fecham para regular o movimento dos íons em direção ao seu gradiente de concentração tentando regular a carga elétrica da célula e do meio extracelular, se tem uma transmissão elétrica de um meio a outro. A corrente elétrica ( $I$ ) é a condução de informações, transmissão de dados, de uma célula a outra. “As bombas estabelecem gradientes de concentração iônicos de tal forma que  $K^+$  esteja concentrado dentro da célula, e  $Na^+$ , fora. A) Inicialmente, imaginemos que todos os canais estejam fechados, e o potencial de membrana seja igual a  $0 mV$ . [ $E_K = -80mV$ ,  $E_{Na} = 62mV$ ,  $g_K = 0$ ,  $I_K = g_K(V_m - E_K) = 0$ ]. B) Agora, abrimos os canais de potássio, e o  $K^+$  flui para fora da célula. Esse movimento do  $K^+$  é uma corrente elétrica,  $I_K$ , e flui enquanto a condutância da membrana aos íons  $K^+$ ,  $g_K$ , seja maior do que zero, e o potencial de membrana não se iguale ao potencial de equilíbrio do potássio. [ $E_K = -80mV$ ,  $E_{Na} = 62mV$ ,  $g_K > 0$ ,  $I_K = g_K(V_m - E_K) > 0$ ]. C) No equilíbrio, não há corrente de potássio porque, embora  $g_K$ , seja maior do que zero, o potencial de membrana em equilíbrio é igual ao  $E_K$ . No equilíbrio um igual número de íons  $K^+$  entra a sai da célula. [ $E_K = -80mV$ ,  $E_{Na} = 62mV$ ,  $g_K > 0$ ,  $I_K = g_K(V_m - E_K) = 0$ ]” ( BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A.; *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. São Paulo : Artmed editora, 2007, p. 81) E, ainda, o canal sódio dependente de voltagem também regula o trânsito iônico no meio intra e extracelular. É uma molécula complexa subdividida em quatro regiões em que cada uma delas tem seis outros segmentos chamados S1, S2...S6, nos quais se abrem e se fecham permitindo a passagem dos íons  $Na^+$ . “O canal de sódio dependente de voltagem é criado a partir de um único e longo polipeptídeo”. (BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A.; *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. São Paulo : Artmed editora, 2007, p. 84) Uma modificação no potencial elétrico da membrana provoca a abertura do canal sódio voltagem permitindo a migração do  $Na^+$  em direção ao seu gradiente de concentração. “O canal de sódio é ativado por uma alteração na voltagem através da membrana. Sabe-se hoje que o sensor de voltagem reside no segmento S4 da molécula. Nesse segmento, resíduos de aminoácidos carregados positivamente estão posicionados regularmente ao longo das voltas da alfa-hélice. Assim, o segmento inteiro pode ser forçado a mover-se quando se muda o potencial de membrana. A despolarização empurra o S4 do interior da membrana para fora, e essa mudança conformacional na molécula faz com que o portão se abra.” (BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A.; *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. São Paulo : Artmed editora, 2007, p. 86) O princípio de funcionamento dos potenciais de ação conduziu a descoberta, já no final do século XIX, das sinapses e da transmissão sináptica, ou seja, estas descargas elétricas precisavam passar de um neurônio específico a outro, em regiões altamente especializadas em receber determinadas proteínas, neurotransmissores, de modo a processar, por exemplo, uma informação motora de luta ou fuga. “Em 1897, o fisiologista inglês Charles Sherrington deu nome a esses sítios: sinapses.” As sinapses podem ser elétricas ou químicas, sendo as elétricas transmitidas mais rapidamente, “são relativamente simples em estrutura e função e permitem a transferência direta da corrente iônica de uma célula para outra.” (BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A.; *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. São Paulo : Artmed editora, 2007, p. 103), enquanto as sinapses químicas são mais lentas, pois exigem um processo de reação química na fenda sináptica, “as membranas pré e pós-sináptica nas sinapses químicas são separadas por uma fenda – a fenda sináptica – com largura de  $20 a 50nm$ (...). O terminal típico contém dúzias de pequenas organelas esféricas delimitadas por membranas, cada qual com um diâmetro de  $50nm$ , denominados vesículas sinápticas. Essas vesículas armazenam neurotransmissores, substâncias químicas utilizadas na comunicação com neurônios pós-sinápticos.” (BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A.; *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. São Paulo : Artmed editora, 2007, p. 105)

no fluxo lógico do pensamento. Eu não conseguia concatenar mais de duas ou três ideias de modo coerente.<sup>212</sup>

O romance, que não tem uma preocupação em descrever sintomas de uma determinada doença, mistura os efeitos da palavra e brinca com os sentidos semânticos. Então, às vezes, se refere ao príncipe como um idiota e atribui-se o sentido de louco, desajustado, pois o seu comportamento foge ao esperado normalmente. “ – Bem, sendo assim – exclamou Rogójin -, tu, príncipe, tu és um *iuródiv*<sup>213</sup>, e Deus ama pessoas assim como tu.”<sup>214</sup> Se em um determinado momento o diminuem agravando sua doença como uma alienação mental, em outro, indubitavelmente, quando requerem sua atenção e respeito e o tratam, não como uma criança, mas como alguém com autonomia para discernir o certo e o errado, ainda assim o amarram no calabouço dos anormais. “ – Bem, pode ser que realmente não estejas entendendo, eh-eh! Dizem mesmo que tu és... *tantã*. (...)”<sup>215</sup>

É relevante salientar que a doença mental, por ter o seu aspecto de profunda rebeldia e oposição a toda razão e consciência, fundadas como baluartes da modernidade, é rechaçada com o valor medieval de uma possessão demoníaca. Ou seja, mesmo a modernidade desenvolvendo ferramentas muito mais sofisticadas de análise do real, das doenças, ainda assim continuava bastante supersticiosa e preconceituosa. Se num momento os portadores de hanseníase foram execrados do mundo por sua proximidade com o demônio, em outro instituíram ao louco a alcunha de possesso e também o retiraram do convívio social. A questão aqui é que a noção do manicômio não é arquitetônica e higienista, apenas. O manicômio é uma ideia produzida pelo sujeito de razão como um asco ou mesmo um ódio a toda desrazão. Ou se não for isto, é o deboche, o descrédito, o infantilismo, a imbecilidade. Mesmo que o príncipe não recebesse as pancadas como se suporia, ainda assim é consistente a denúncia de Dostoiévski acerca de como a sociedade martiriza a loucura ou qualquer forma de diferença como algo perigoso, insuportável, inadmissível, satânico.

– Eu devo observar ao senhor, Gavrila Ardaliónovitch – disse subitamente o príncipe – que antes eu realmente era uma pessoa tão sem saúde que de fato era quase um idiota; mas hoje estou restabelecido há muito tempo e por isso acho

---

212 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 78.

213 Misto de bobo, mendigo, alienado e vidente.

214 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 33.

215 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 252.

um tanto desagradável quando me chamam de idiota na cara. Embora eu possa desculpá-lo, levando em conta os seus fracassos, no entanto o senhor, movido por seu despeito, chegou até a me insultar duas vezes.<sup>216</sup>

Não são grandes os movimentos corporais e suspiros por parte do interlocutor quando se confessa que se descobriu pela última ida ao médico que se tem uma úlcera gastrointestinal e que, portanto, alguns procedimentos curativos terão de ser realizados. Entretanto, algo de indecoroso e descortês arrebeta-se como comportamento quando muitas vezes o falante declara ao ouvinte ser psicótico: diagnosticado com uma esquizofrenia paranoide. E não vale o argumento de que o louco é violento, que suas crises colocam em risco a integridade física dos sujeitos da sociedade, pois em qualquer das enfermidades se é possível cuidar e mudar o quadro do paciente; e, destarte, é válida a provocação, um paciente não tratado com diagnóstico de úlcera gastrointestinal pode ser um risco iminente para a sociedade porque as fortes dores que sente talvez o conduzam a um ataque de fúria solapando vítimas inocentes. Porém, ele nunca foi um risco, afinal uma úlcera nunca esteve vinculada a ideia de pecado e culpa. No caso do idiota ou dos ataques compulsivos de epilepsia, o espectador, além de todas essas interpretações asilares de uma suposta periculosidade, pode ainda soltar um risinho ou um desdém esnobe rebaixando a humanidade do outro.

Ao responder ele declarava, entre outras, que realmente não vinha à Rússia há muito tempo, há quatro anos e uns quebrados, que havia sido enviado ao exterior para tratamento de saúde, por causa de uma estranha doença nervosa, coisa como epilepsia ou dança de São Vítor, uns tremores e umas convulsões. Ao ouvi-lo, o moreno riu várias vezes; riu particularmente quanto a pergunta “E então, o curaram?” – o louro respondeu “não, não curaram”.<sup>217</sup>

Ser o idiota tem a carga negativa do imbecil, do incapaz, do alienado. E quando a psiquiatria clássica classifica um transtorno de desenvolvimento atípico como retardo mental, isto é, um atraso, quando comparado aos outros, no desenvolvimento intelectual do sujeito, como se as pessoas fossem comparáveis, como se o desenvolvimento tivesse um caminho típico no qual toda atipicidade seria anormal; ou como idiota porque o tamanho do corpo não corresponde à cognição fisiopsicológica, a psiquiatria lança mão de bons apontamentos e hipóteses, ela se pretende ciência, mas continua normalizadora e normatizadora, corroborando para preconceitos, ajudando na formação do rebanho. Portanto, Míchkin enquanto essa existência única não tem seus atributos especiais

---

216 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 114.

217 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 22.

qualificados como potentes, poderosos, magnânimos. Ao contrário, porque se difere, por causa de um quadro nosológico, perde toda a vida, pois é reduzido a isto ou aquilo como conferido no manual de medicina. “Por essas provas, e mais uma vez como confirma a sua mãe, verifica-se que ele (Pavlishov) gostou do senhor principalmente porque na infância o senhor tinha o aspecto de gago, de aleijado, de criança triste, infeliz (...)”.<sup>218</sup> Não poderia ser uma criança de um outro modo, uma pessoa com suas singularidades, nas quais deveriam ser respeitadas como condição própria de sua humanidade. Não! Tudo, toda a complexidade daquele humano, sempre uma impossibilidade compreensiva para o outro, foi reduzida a alguns epítetos negadores da vida: um doente. “– Bem, é bom e parvo; e se queres saber a minha opinião, é mais parvo. Tu mesma esta vendo que homem é ele, um homem doente!”<sup>219</sup>

Interessante como Dostoiévski consegue trazer esses arranjos para a trama. Nenhuma destas agressões ao doente mental foram inventadas pelo romancista, elas circulam no meio acadêmico, na sociedade culta e leiga, entre os trabalhadores, o que o escritor fez foi formular uma trama na qual gerasse contexto para descrever esses fenômenos. Há um desmerecimento do cuidado a ser praticado ao louco, como se ele, completamente tolhido de toda forma de humanidade, perdesse o direito ao cuidado e ao profissional de cuidado.

Precisamos reconhecer que, apesar de tudo, foi bafejado pela sorte, de tal forma que ele, já sem falar da sua interessante doença, e da qual estava se tratando na Suíça ( veja se pode alguém se tratar de idiotice, o senhor imagina isso?!), poderia ter demonstrado sua fidelidade ao provérbio russo: a sorte chega para certa categoria de gente!<sup>220</sup>

A sociedade exige que o doente reporte-se ao passado, lembrando daquela fase em que a consciência não constituía-se plena, e que agora já se encontra melhor. Porque se quer estigmatizar o louco com a coroa de espinhos de sua incurabilidade. Ora, melhor a metáfora da coroa de espinhos que a do possesso, diga-se! Todavia, há um bastião que o tempo todo é sustido para condenar o príncipe a uma inferioridade indigna de qualquer valor. “(...) eu realmente estive tão doente naquela época que parecia mesmo um idiota; mas que idiota sou agora, quando eu mesmo compreendo que me consideram

---

218 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 321.

219 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 619.

220 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 301.

um idiota?”<sup>221</sup> A consciência, o ter a perspectiva de que se está no mundo com suas regras e seus valores, como uma certeza neuronal, agora retornam ao príncipe, mas ele precisa elevar a consciência a uma altura que consiga (des)culpá-lo pelo pecado da idiotia, da alienação. No fim das contas, não importa mais nada, o príncipe é o idiota.

(...) foi dito ao senhor, na cara, diante de todas as suas testemunhas, que o senhor é um homem de inteligência grosseira e pouco desenvolvido; que não ousa e nem tem direito àquilo que se chama um homem de honra e consciência, que o senhor esta querendo comprar esse direito barato demais.<sup>222</sup>

Nietzsche se referirá ao tipo Jesus como doente, idiota, mesmo epilético. A epilepsia como um fardo a ser carregado por aqueles que experimentam o contato direto com Deus a partir da catarse neuroquímica, uma ponte que se abre como a sobrecarga de imagens e visões, profecias e avisos, arautos e adivinhações. Os epiléticos nem sempre foram vistos como incapacitados ou possessos, em algumas culturas eram porta-vozes, intermediários e sábios capazes de plasmar ao mundo dos espíritos e trazer frases reconfortantes ou não a comunidade. “Outro aspecto marcante dessas oscilações emotivas observadas entre os sujeitos insanos e epiléticos consiste nas visões estranhas acerca de sua própria individualidade, na ilusão de que seu corpo não lhes pertence ou de que ele foi tomado por uma força estranha.”<sup>223</sup> Dostoiévski, que sofria de epilepsia, narra o fenômeno, e como algo de mágico emplaca a condição delirante do sujeito.

Entre outras coisas, pôs-se a meditar como em seu estado epilético, quase no limiar do próprio ataque ( se é que o próprio ataque aconteceu na realidade), chegara a um grau em que subitamente, em meio a tristeza, à escuridão da alma, à pressão, seu cérebro pareceu inflamar-se por instantes e todas as suas forças vitais retesaram-se ao mesmo tempo com um ímpeto incomum. A sensação de vida, de autoconsciência quase decuplicou nesses instantes que tiveram a duração de um relâmpago. A mente, o coração foram iluminados por uma luz extraordinária; todas as inquietações, todas as dúvidas, todas as aflições pareceram apaziguadas de uma vez, redundaram em alguma paz superior, plena de uma alegria serena, harmoniosa, e de esperança, plena de razão e causa definitiva. Mas esses momentos, esses lampejos ainda eram apenas um pressentimento daquele segundo definitivo ( nunca mais que um segundo) após o qual começava o grande ataque. (...) Refletindo mais tarde sobre esse instante, já em estado sadio, ele dizia frequentemente de si para si: que todos esses raios e relâmpagos da suprema autossensação e autoconsciência e, portanto, da “suprema existência” não passam de uma doença, de perturbação do estado normal e, sendo assim, nada tem de suprema existência, devendo, ao contrário, ser incluídos na mais baixa existência.<sup>224</sup>

---

221 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 100.

222 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 309.

223 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012. P. 261.

224 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 263.

Na época de Jesus era muito comum esses gurus, adivinhos, sacerdotes, messias que afirmavam ter visões durante/depois de uma crise epilética. E como Dostoiévski, Nietzsche também aproximou a idiotia da epilepsia. “Nietzsche vai dar um parecer bem mais próximo de seu diagnóstico posterior ao afirmar que Jesus foi um ‘neurótico, epilético e visionário’”.<sup>225</sup> Ora, ao que tudo indica a alusão de Nietzsche a Jesus como idiota ultrapassa a noção mais elementar de uma simples blasfêmia. Um deboche verborrágico a casta religiosa cristã. Nietzsche não é um autor fácil, há possibilidades hermenêuticas imensas no texto e com a paciência de uma vaca, se pode ruminar<sup>226</sup> muitos detalhes para tomar os muitos acessos.

Portanto, Nietzsche se apropria do termo idiota no seu sentido médico psiquiátrico. Mas uma questão ainda permanece, como o percurso nosológico de diagnóstico da idiotia coincide tanto no príncipe Míchkin quanto no tipo Jesus se não podemos afirmar com bastante certeza que Nietzsche leu *O Idiota*? A hipótese levantada por Miller é plausível, entretanto a obra *O Idiota* tem mais detalhes acerca das características do idiota, das qual analisamos, ponto por ponto, e procurei identificar no texto russo e no alemão. Allan Sena sustenta a tese de que tanto Nietzsche quanto Dostoiévski leram os autores da medicina, da psiquiatria, da psicologia experimental e da fisiologia e chegaram a resultados semelhantes. Um escrevendo uma memorável obra de arte e o outro construindo uma interpretação que desmascarasse o cristianismo enquanto, não uma religião dos bons, mas dos decaídos, que enquanto vencedores da revolução escrava da moral inverteram os valores e o impuseram como única forma de valoração.

Acreditamos que uma tentativa de verificar no personagem criado por Dostoiévski a presença dos três aspectos que caracterizam o idiota de acordo com Nietzsche pode não só demonstrar ainda com mais intensidade a semelhança que há entre o significado do termo “idiota” em *O Anticristo* e no romance do escritor Russo (semelhança essa, a nosso ver, causada pela proximidade de estudos de fontes médicas e psiquiátricas que foram realizados tanto pelo filósofo quanto pelo romancista) como nos garantir uma maior compreensão do uso que Nietzsche faz do termo em seus últimos escritos.<sup>227</sup>

Destarte, se o príncipe Míchkin se assemelha ao tipo Jesus, seriam eles desprovidos de vontade de poder? Pois, conseguimos tecer um tipo psicológico que não reage, que tem um comportamento infantil, distinto do mundo dos adultos, um homem de caráter privado, porém não conseguimos explicar por que estas características se

---

225 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 263.

226 GM Prólogo 8

227 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 354.

apresentam no quadro da idiotia. Sustentamos que o termo *Idiota* usado por Nietzsche não é uma blasfêmia ou uma metáfora para enaltecer o valor elevado de uma prática crística de não resistência endossada no amor. Na verdade Jesus não reage porque é obstruído fisiologicamente, seu desenvolvimento sofreu um retardo que o impediria de reagir. “A idiotia é, portanto, em última instância, uma interrupção global do desenvolvimento de todas as faculdades e habilidades que o ser humano adulto pode vir a usufruir.”<sup>228</sup> Assim, a expansão da força, saudável ao organismo, sofre uma paralisia que o destitui de sua vontade de poder. O sujeito degenerado fisiologicamente evita todo confronto para não exaurir-se totalmente eliminando o último *quantum* de energia e penetrar numa melancolia mórbida.

Apenas como tópico de transição ao próximo capítulo ou um pequeno aperitivo, segundo Sena o maior influenciador na formulação do tipo Jesus por Nietzsche foi o médico Charles Féré que lançou mão do conceito de hiperexcitabilidade. Ou seja, quanto maior o grau de degenerescência do paciente maior será sua hiperexcitabilidade que o levará a um esgotamento extremo e menor energia para reagir. “*J'ai réalisé une expérience qui met en lumière, jê crois, l'action dynamogène du mouvement en général, et montre que le mouvement est susceptible d'accroître la valeur d'un excitant.*”<sup>229</sup>

Ademais, uma hiperexcitabilidade extrema é igualmente acompanhada por um esgotamento extremo, já que o desperdício de energia se torna constante, não havendo nenhum tipo de acumulação. Sem energia, não há aumento de força necessário para resistir às excitações, nem mesmo para representá-las mentalmente, para senti-las, o que dá origem aos estados anestésicos, comuns entre sujeitos histéricos. No capítulo XXI de *Sensation et mouvement*, Féré aborda exatamente as relações entre excitação e esgotamento, que resulta na abulia, a ausência de vontade, fenômeno que preocupou particularmente Bourget em sua análise da *décadence* literária francesa. Segundo Féré, o esgotamento, o enfraquecimento, a exaustão de forças traz como resultado extremo a abolição da própria sensibilidade e a produção de paralisias motrizes.<sup>230</sup>

Nesse sentido, já temos condições de avançar ao próximo capítulo que antes, reitero, insisto neste posto, porque não gostaria de deixar a impressão ao leitor de que o segundo capítulo nega o primeiro. Não, Dostoiévski e Nietzsche chegaram aos mesmos resultados porque leram obras similares, o debate médico fisiológico sobre a degenerescência e a idiotia. Por isso, o segundo capítulo é o prosseguimento do

---

228 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 321.

229 FÉRÉ, *Sensation et mouvement*, p. 83. (“ Realizei um experimento que destaca, acredito, a ação dinamogênica do movimento em geral, e mostra que é provável que o movimento aumente o valor de um excitante.”)

230 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 333.

primeiro na medida em que aprofunda a temática. Ora, é digno de nota ainda que a tradição leu, por muito tempo, Nietzsche sobre influência de Dostoiévski e não a partir da fisiologia. “Por conta disso, em nossa leitura, consideramos que dois fatores que contribuem para o entendimento da investigação do tipo psicológico do redentor têm sido equivocadamente superestimados, a saber, a influência de Dostoiévski (como supostamente *direta e decisiva*) no uso do termo ‘idiota’ por parte de Nietzsche, e a referência à acepção original do termo grego para explicar o que consiste a idiotia que o filósofo atribui a Jesus.” Aqui, Sena demarca sua posição anulando a hipótese literária. Entretanto, a opção fisiológica como perspectiva, é mais um recurso, que se, se precisa validar pela negação da hipótese literária, nos parece precipitado, pois, além de não concebermos uma univocidade interpretativa, X só vale na medida em que Y não vale, porque Y é equívoco, a hipótese fisiológica não é consensual entre os nietzschianos. Outrossim, a hipótese literária também não! Mas a questão é exatamente esta, o consenso hermenêutico funda os grupos, cria o rebanho, inibe a autenticidade criativa de uma interpretação, de uma leitura que potencialize a vida. Não é nem ler Nietzsche e Dostoiévski sozinhos, os intérpretes são primordiais no aprendizado, na penetração do texto russo e alemão, e como comunidade acadêmica temos que discutir os pontos, colocar autor contra autor; nem ler com os intérpretes para aderir a esta ou aquela concepção como a dualizar e silenciar o outro, ressentindo sua teoria aprisionando-a na cidade conspirada dos inimigos inumeráveis; nem ler com os intérpretes e tomar a passiva postura de enumerar os pontos do debate como a sustentar uma suposta neutralidade e ser amigos de todos. Caminhamos em meio a gigantes e serão eles que nos elevarão ao alto, e ao invés de assistirmos a luta furiosa dos titãs, optamos por aproximar os pontos em que há proximidade e usar os pontos distantes para provocar a dúvida, desajustar nossas certezas, retirar o chão, para da posição confrontada que assumirmos, adotarmos este ou aquele autor sempre com a seta do contraponto pronta a disparar, com isto teremos toda a educação que recebemos e que nos tornou transcendentalistas, ressentidos, vingativos, invejosos, mesquinhos, medrosos, tencionada e alerta às ingerências substancialistas. O autor que porventura adotarmos serve a construção interpretativa de uma hipótese. Logo, Allan Sena nos ajudará a demonstrar como o tipo Jesus é desprovido de vontade de poder. Bittencourt contribuiu para a construção de uma hermenêutica sobre a influência de Dostoiévski sobre Nietzsche, irrefutável isso, seu método é ousado e instigante, diria até necessário a uma academia que, às vezes, precisaria se soltar mais e se deixar voar leve como uma pluma

pelos labirintos estilísticos das palavras, sem sentimento de culpa, de erro, de inutilidade sistêmica. Mas Bittencourt não contribui *essencialmente* para a demonstração de nossa hipótese, ele deixa brechas, abre perspectivas, instiga o debate, e, portanto, vislumbraremos Allan Sena como outro suporte teórico a nossa defesa.

Consideremos que Bittencourt e Sena caminhem juntos desde a descoberta de Dostoiévski por Nietzsche, inegavelmente, em Nice, com *Memórias do Subsolo* e *A Senhoria*, aquela edição horrorosa, até os apontamentos sobre Míchkin e o tipo Jesus. Todavia, divergem se Nietzsche leu ou não *O Idiota*. Enquanto o método intuitivo sugere a leitura quase que obrigatória, o método de visitação as fontes não comprova a leitura, todavia elenca fundamentos para afirmar que ambos os autores chegaram aos mesmos resultados pela leitura das obras médicas. Portanto, dando enfoque maior a no es médicas de diagnóstico da idiota buscaremos no próximo capítulo demonstrar como o tipo Jesus é desprovido de vontade de poder, sem, contudo refutar a hipótese literária como menor e inadequada como a fazer vitoriosa a hipótese médica.

## 2 - O TIPO JESUS COMO DESPROVIDO DE VONTADE DE PODER

O capítulo 1 traçou um logo percurso no sentido de analisar as considerações teóricas da hipótese literária requerendo buscar os limites de sua interpretação. Verificado os pontos de contato entre as obras de Nietzsche e Dostoiévski, haja vista *Genealogia da Moral* e *Memórias do Subsolo* para discutir a questão do ressentimento e *O Anticristo* e *O Idiota* para anunciar o oposto do homem ressentido como aquele que esquece e consegue criar novas formas de vida; e sustidos pelo método intuitivo de Bittencourt, verificamos que a análise literária nos ajuda na demonstração de nossa hipótese até um determinado ponto. Ou seja, se o tipo Jesus é desprovido de vontade de poder porque a influência de Dostoiévski e Tolstoi parecem decisivas, no entanto outros indicativos no próprio texto nietzschiano sugerem outras interpretações, como o rigor do fisiólogo. Por isso, consideramos oportuno avançar a discussão apresentando outros aportes neste novo capítulo. Nossa questão proposta para esta dissertação fora colocada pelo professor Stegmaier de que, se o projeto de Nietzsche continuaria se sustentando na superação do homem enquanto vontade de poder no Zaratustra ou se, não, a revelação do tipo Jesus indicaria um reposicionamento com relação ao além-do-homem afirmando a suspensão completa da vontade de poder.

Com a sua “teoria do tipo Jesus”, ele esboça uma vida sem vontade de poder; na medida em que tal vida foi possível, isso parece ter despertado em Nietzsche a suspeita de que a sua doutrina da vontade de poder pudesse ser propriamente apenas algo de “desejável”, cuja origem remontaria a própria vontade de poder.

231

A prática evangélica de Jesus de plenitude no amor, que não se impõe como dogma ou verdade, que se justifica na compreensibilidade de todas as atitudes, não lhes atribuindo certo ou errado é, inicialmente, sem vontade de poder. A princípio, a prática evangélica aparece como uma doutrina radical de não reação, que não sucumbe à violência do mundo, pois que o cristão voltado para dentro de si, encontra a Deus, que é amor e, responde ao mundo com o perdão, perdão, inclusive, ao patife que pode atentar contra a sua vida, como Rogójin, rival do príncipe, que tentou matá-lo eliminando o concorrente ao coração de Nastácia Filippovna. “Os dois olhos de antes, os mesmos, súbito se cruzaram com o olhar dele. O homem que se escondia no nicho também já conseguira recuar um passo dali. Em um segundo os dois estavam cara a cara, quase encostados. Súbito o príncipe o agarrou pelos ombros e o virou para trás, no sentido da

---

231 STEGMAIER, Werner. *As Linhas Fundamentais do Pensamento de Nietzsche*. Editora Vozes, 201, p. 68.

escada, mais próximo da claridade: queria ver seu rosto com mais nitidez. Os olhos de Rogójin brilharam e um riso furioso lhe deformou o rosto. Sua mão direita ergueu-se e alguma coisa brilhou dentro dela; o príncipe não pensou em detê-la. Lembrava-se apenas de que parecia haver gritado: - Parfem, não acredito!...”<sup>232</sup> A seguir, o príncipe sofre um ataque de epilepsia que lhe salvou a vida. Depois, recuperado do acontecido, Michkin perdoa Rogojín, mesmo este tendo fugido com Nastácia Filippovna e lhe ter tentado ceifar a vida. Por isso, a suposição de que num primeiro olhar a doutrina de Jesus, similar a do príncipe, vivificar-se-ia sem vontade de poder.

Ora, neste capítulo buscaremos estudar como essa não reação vincula-se com aspectos fisiológicos de um paciente degenerado e mórbido. Para isto leremos o médico francês Féré com sua teoria da hiperexcitabilidade e esgotamento, assim como as contribuições de Morel acerca da teoria da degenerescência, tudo isso como recursos explicativos elaborados no trabalho de mestrado de Allan Sena. Pretendemos perseguir a hipótese de que o tipo psicológico de Jesus é sem vontade de poder e demonstraremos que, segundo a psiquiatria do século XIX, isto se deve a um quadro severo de idiotia.

A aproximação da interpretação de Nietzsche a partir de Dostoiévski e Tolstói serviu para distanciar *O Anticristo* de uma simples blasfêmia ou indício de sua doença (o surto de Nietzsche), para retomar a obra como um escrito filosófico, no qual o autor teria usado de sofisticados recursos metafóricos. Porém, a hipótese perseguida por Sena é que, provavelmente, Nietzsche refere-se a Jesus como um idiota na acepção fisiológica do termo muito em voga nos manuais psiquiátricos de seu tempo. “Ora, consideramos extremamente relevante o fato de Nietzsche ter o cuidado de esclarecer, antes de oferecer o seu diagnóstico, que ele iria falar naquele momento com o ‘*rigor do fisiólogo*’, um alerta que, aparentemente, poucos interpretes deram a devida importância”.<sup>233</sup> Assim, Nietzsche não atribui valores morais judaico-cristãos ao idiota de Jesus, ou seja, o tom desqualificador do termo com seu conteúdo perverso que permanece no imaginário popular como uma espécie de xingamento, em grande medida por causa dos próprios médicos, não é um valor no qual o alemão gostaria de recuperar. Mas sim, enfatizar o seu tipo Jesus enquanto portador de um transtorno psiquiátrico. E que, se sabendo dessa característica do redentor, se conseguiria desmontar a corrupção psicológica dos evangelhos promovida por séculos pelo sacerdote e compreender

---

232 DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora, v. 34, 2002, p. 371.

233 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 283.

melhor a mensagem beatífica do anunciador da boa-nova. A hipótese médica aliada a hipótese literária configuraria uma poderosa ferramenta analítica, no sentido de que a categorização nosológica do idiota não explicaria *in toto* a complexidade psicológica do redentor, porém cria um solo humificado para o exercício do método intuitivo capaz de desvendar os traços que permaneceram apesar das adulterações do texto bíblico.

Não obstante, Jesus desempenha um papel essencial para que a meta nietzschiana seja perseguida, a saber: ele representa a manifestação de uma *décadence* que não impede a superação da vida, que não impede o surgimento de um tipo de homem mais elevado, como o faz o cristianismo eclesiástico. A prática de Jesus serve, portanto, como uma contraposição à doutrina cristã, pois oferece um fim digno para a *décadence*, isto é, a aceitação bem aventurada de sua dissolução. A doutrina cristã, brotada do ressentimento e do ódio contra a vida, pelo contrário, busca a conservação a todo custo, esse custo é precisamente a possibilidade de que a vida se supere. Jesus é importante para o projeto de uma transvaloração dos valores porque sua prática mostra a possibilidade de que a *décadence* se aceite como tal, não negando sua natureza e não negando, assim, a própria vida, não se ressentido dela e de suas condições, ao aceitar o seu fim.<sup>234</sup>

O método usado por Sena é o da investigação das fontes. Ir às cartas, escritos, debater os assuntos comparando os achados documentais. Ele reconstrói a trajetória de leitura dos textos nos quais Nietzsche teria entrado em contato. E segundo suas considerações, o filósofo alemão encontrava-se atualizado acerca das discussões médicas e suas patologias psiquiátricas. Além disso, havia no século XIX uma tentativa dos vários segmentos acadêmicos científicos de explicar o fenômeno religioso, e os médicos não se abstiveram da discussão. Os psiquiatras, em muitos aspectos, associaram o fenômeno religioso e suas peripécias performáticas e megalomaniacas a quadros doentios, neuróticos, delírios, patologias mesmo. Féré e Morel realizarão seus estudos não exatamente neste ponto, mas seus mecanismos explicativos levarão Nietzsche a sua construção do Redentor como idiota porque sua constituição psicofisiológica é obstruída por um processo de degenerescência mórbida.

Quero dizer que também a *inutilização* parcial, a atrofia e degeneração, a perda de sentido e propósito, a morte, em suma, está entre as condições para o verdadeiro *progressus*; o qual sempre aparece em forma de vontade e via de maior poder, e é sempre imposta à custa de inúmeros poderes menores.<sup>235</sup>

O conceito de degenerescência está inserido num amplo debate médico, mas é Morel que lança mão da noção de uma degenerescência hereditária no *Traité des dégénérescences* publicado em 1857 sustentando que o idiota seria o último representante desta forma de vida que decai. Segundo ele, os degenerados tendem a

---

234 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 433.

235 GM II, 12

descer a níveis cada vez mais baixos nos quais se extinguiriam por si mesmos, pois o idiota já não mais conseguiria se reproduzir, pois se tornou estéril. Pinel e Esquirol não foram taxativos em apontar o caráter hereditário como primordial, na reprodução da idiotia, acreditavam que outros elementos contribuiriam para a manifestação.

Embora Pinel e Esquirol também tenham identificado um fator biológico hereditário como uma das principais causas da alienação mental (e da idiotia), tal fator não era considerado por eles como um determinante absoluto, sendo responsável apenas pela transmissão de uma certa pré-disposição que poderia ou não se tornar manifesta devido a ação de diversos outros fatores acidentais, biográficos, morais e psicológicos.<sup>236</sup>

O conceito nosográfico da idiotia também, não foi cunhado sem disputa ou avanço conceitual. O debate se aprofundava e se configurava na característica do idiota como aquele que não oferece resistência. Os autores preocupavam-se com essa vida que poderia, simplesmente, ser destroçada numa sociedade tão competitiva e pouco empática, ocupada demais com seus afazeres. E, portanto, realizavam descrições dos quadros clínicos, identificavam indícios que se repetiam e, inequivocamente, concluíram que há um desenvolvimento interrompido, uma puberdade paralisada, “em que o desenvolvimento é interrompido antes da puberdade está plenamente de acordo com o conceito nosográfico de idiotia estabelecido por Esquirol e desenvolvido por Séguin, por Félix Voisin e Jules Voisin, e cuja discussão teórica exercia uma grande importância na literatura médica do final do século XIX.”<sup>237</sup> Indicavam como característica da idiotia, ainda, concordando com Morel, a esterilidade como fator típico dos portadores do transtorno e o não afeiçoamento a relações sexuais para fins reprodutivos ou meramente de prazer.

Félix Voisin atenta para o fato de que os instintos de conservação de diversos idiotas encontram-se praticamente ausentes. Jules Voisin, tendo como base Morel, aponta como principal característica da idiotia (profunda) a esterilidade, o não desenvolvimento da virilidade.<sup>238</sup>

Fére, influenciado por Morel, desenvolveu o conceito de hiperexcitabilidade e esgotamento, aludindo que os sujeitos gravemente degenerados constituir-se-iam extremamente reativos a um estímulo do meio, que recrutariam grandes somas de energia para responder ao estímulo, que realizariam um desgaste mental enorme para dar conta de uma pequena demanda. Como os degenerados não tem uma constituição psicofisiológica forte, são fracos, e se o dispêndio de energia para responder aos

---

236 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 313.

237 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 391.

238 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 391.

desafios da vida é desproporcional, isto quer dizer que toda esta energia que não esta disponível no seu corpo é recrutada e eliminada de uma só vez pelo hiperexcitável, aliás, - como fracos que são, há poucos *quantus* de energia acumulados, necessários apenas a manutenção da vida vegetativa do organismo. Após a descarga energética, o sujeito vê-se esgotado, num quadro de depressão melancólica e mórbida, pois o seu corpo, completamente fragilizado, sem poder, não consegue estabelecer nenhuma vontade e simplesmente sucumbe inerte na dor resignada do fatalismo russo. Para evitar tal resultado terrível, - ao hiperexcitável a dor lhe é insuportável, a menor dor, pois ele necessita de muita energia de que não dispõe para poder lutar -, o corpo, portanto, procura evitar a todo custo, a dor. Ele passa a não reagir. A não oferecer esforço, contrapartida, oposição, guerra. Ele procura a paz dentro de si não devendo mais responder as demandas do meio, da existência. “Os que sofrem tem que ser mantidos por uma esperança que não pode ser contrariada por nenhuma realidade – que não é terminada numa realização: uma esperança de além.”<sup>239</sup> A hipótese seriamente perseguida por Sena é a de que o tipo Jesus anunciado n’*O Anticristo* por Nietzsche como aquele que não reage, do mundo privado, o apolítico, o pueril, corresponde a esta concepção clínica de um tipo doente ou, nos termos psiquiátricos do século XIX, um retardado mental, um organismo que teve uma interrupção desenvolvimental ainda na infância e sofre de um desajuste entre aquilo que é, que adquiriu hereditariamente, a idiotia (patologia) e o que é considerado normal para a idade naquela sociedade. O idiota se diferencia não porque estabelece um *pathos* da distancia advindo da sua exuberância de poder, mas porque enquanto degenerado é menos, esta abaixo da linha mediana que iguala o rebanho na sua mediocridade.

Esse desprazer dominante é combatido, *primeiro*, através de meios que reduzem ao nível mais baixo o sentimento vital. Se possível nenhum querer, nenhum desejo mais; evitar tudo o que produz afeto, que produz “sangue” ( não comer sal: higiene do faquir); não amar; não odiar; equanimidade; não se vingar; não enriquecer; não trabalhar; mendigar; se possível nenhuma mulher, ou mulher o menos possível; em matéria espiritual, o princípio de Pascal “*il faut s’bêtir*” [ é preciso embrutecer-se]. Como resultado, em termos psicológico-morais. “renúncia de si”, “santificação”; em termos fisiológicos, hipnotização(...)<sup>240</sup>

A consolidação do saber médico psiquiátrico não se efetiva no século XIX como um poder, por acaso. Há uma história, um caminho que a medicina percorreu no sentido de se diferenciar dos outros saberes: dos curandeiros, dos magos, dos padres. Nada no

---

239 AC 23

240 GM III, 17

saber médico o tornava melhor ou mais eficaz que uma prática de cuidado ligada ao senso comum. É com o advento do discurso científico e o domínio intelectual da anatomia e da fisiologia do corpo que o médico ocupa o espaço antes disputado por diversos saberes. A capacidade de estabelecer um diagnóstico e construir uma estratégia curativa eficaz ao doente promovendo a saúde, serviram aos anseios do poder médico psiquiátrico. A descoberta do idiota como um sujeito degenerado, alheio ao mundo dos grandes porque sofreu uma paralisia no desenvolvimento corroborou para a generalização do poder psiquiátrico. “Ora, em *O poder psiquiátrico* e, logo depois, em *Os anormais*, Foucault defende que a descoberta da figura do idiota pela psiquiatria do século XIX foi decisiva para aquilo que ele denomina de *generalização do poder psiquiátrico*.”<sup>241</sup> Ou seja, os manuais com suas descrições das características observáveis dos pacientes em crise mental muniram o médico com um poder de verificação e intervenção clínicas capazes inclusive de proteger a sociedade de possíveis ataques daqueles tidos como loucos. O manicômio é a expressão melhor acabada da instalação do poder médico psiquiátrico como mecanismo de controle social e político da vida. Agora, o médico, respaldado pela estatística, consegue estabelecer uma média, na qual definirá como normal, uma curva gráfica Normal (N), e uma curva descendente *p*, definida como exceção, erro, o que escapa, foge, desvirtua, destoa: os anormais. A sociedade europeia a pleno vapor no que concerne a sua Revolução Industrial demandava por um profissional que detivesse esse tipo de conhecimento capaz de padronizar a massa, identificar os destoantes e enquadrá-los ou retirá-los do convívio social, primeiro porque são improdutivos e segundo porque confrontam a razão com um conteúdo diverso demais a uma sociedade aprisionada numa instrumentalização objetivo matemática do real, altamente planejada.

Nesse sentido, a determinação objetiva de uma suposta normalidade aniquila toda anormalidade enfatizando ainda mais o projeto moderno de arrebanhamento do homem. Excluindo todo *pathos* da distância, seja ele por uma afirmação de si enquanto uma força viril que almeja expandir e dominar, seja porque se é portador de uma doença, transtorno ou condição existencial, porque se é um degenerado. A vida mesmo degenerada, mesmo ressentida, mesmo adoecida e solapada por toda a dor, ela busca ampliar seu poder para estabelecer domínio e controle pela força e superação alcançado pelo esforço de guerra. Entretanto, se a vida, de uma ameba ou a de um homem: a forma

---

241 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 287.

mais decadente de existência se efetua como vontade de poder, como o idiota de Jesus assentar-se-ia no mundo como ausência de vontade de poder? Não há renormatização ao patológico da idiotia e, se não há de fato, essa condição, portanto, seria grave e crônica, mórbida? De que forma uma vida que não renormatiza, desprovida de vontade de poder, contribui para o projeto da transvaloração de todos os valores? Por todas essas questões preliminares avancemos ao próximo tópico.

## 2.1 – Teoria da degenerescência

A teoria da degenerescência foi desenvolvida para explicar e diagnosticar a idiotia. O desenvolvimento anormal das faculdades mentais, intelectuais e motoras devia-se a uma paralisia transmitida hereditariamente. O organismo, geração após geração, iria decaindo, reduzindo seu nível desenvolvimental até a aniquilação e fim. O sujeito degenerado não é interessante evolutivamente à vida humana e, a natureza, sabiamente, conduz tal organismo a sua extinção não comprometendo o processo evolutivo. A degeneração transmite uma condição de cada vez menos poder, de cada vez menos força, o que não conduziria a espécie a amplificar sua força. Morel pretendia investigar a relação entre o quadro clínico, a evolução e a causa biológica e disto avançar a constatação de que a degenerescência é progressiva e hereditária, quanto mais tempo ela perpetua na espécie, mais indivíduos piorados surgem. *“Les dégénérescences ne peuvent donc être que le résultat d'une influence morbide, soit de l'ordre physique, soit de l'ordre moral, et, comme tous les états maladifs, elles ont leurs caractères spéciaux et leurs caractères généraux.(...).”*<sup>242</sup>

A transmissão dessas características anômalas obedece à lei da degradação que segundo Morel é mais eficiente que a lei da hereditariedade. Ou seja, as características biogenéticas transmitidas às gerações futuras pelo cruzamento dos pais são menos abruptas e intensas na lei da hereditariedade que na lei da degradação. A degenerescência obedece à lei da degradação que, curiosamente, aguça os aspectos decadentes dos pais nos filhos fazendo do filho ainda mais idiota que os pais. Como a velocidade de transmissão na lei da degradação é maior que na lei da hereditariedade, apesar da evolução genética ser mais lenta há a seu favor o aprofundamento dos traços

---

242 MOREL, *Traité des dégénérescences*, p. 4. (“As degenerações podem, portanto, ser apenas o resultado de uma influência mórbida, tanto da ordem física quanto da ordem moral, e, como todos os estados doentios, eles têm seus caracteres especiais e seus caracteres gerais.”)

mórbidos dos degenerados que os leva a extinção abrindo caminho para o avanço lento da lei da hereditariedade.

*Un des caractères les plus essentiels des dégénérescences est celui de la transmission héréditaire, mais dans des conditions bien autrement graves que celles qui règlent les lois ordinaires de l'hérédité. L'observation rigoureuse des faits nous démontrera, qu'à moins de certaines circonstances exceptionnelles de régénération, les produits des êtres dégénérés offrent des types de dégradation progressive. Cette progression peut atteindre de telles limites que l'humanité ne se trouve préservée que par l'excès même du mal, et la raison en est simple: l'existence des êtres dégénérés est nécessairement bornée, et, chose merveilleuse, il n'est pas toujours nécessaire qu'ils arrivent au dernier degré de la dégradation pour qu'ils restent frappés de stérilité, et conséquemment incapables de transmettre le type de leur dégénérescence.*<sup>243</sup>

Considerando ainda que os organismos degenerados tendem a se agrupar e copular entre si, subtende-se que deste cruzamento formar-se-á gerações cada vez mais decaídas acelerando o processo natural de extinção dos fracos. As várias patologias degenerativas desembocam no mesmo sumidouro, o grave quadro da idiotia. O idiota é o produto final do cruzamento de várias gerações de sujeitos degenerados e corresponde a um nível de morbidez tão profundo que o organismo se torna totalmente estéril. Ora, a própria natureza consegue selecionar os melhores e conduzir os piores para o seu derradeiro fim garantindo a transmissão genética das características adaptativas interessantes a permanência da espécie no meio.

(...) essa marcha inclemente em direção a degenerescência total das faculdades físicas, intelectuais, psíquicas e morais, terminará com o nascimento de indivíduos que contém em si todos os estigmas que anunciam o grau máximo de degradação na espécie, tais indivíduos são justamente os *idiotas*(...).”<sup>244</sup>

As causas da degenerescência não são naturais, mas humanas, sociais. Por parte da natureza, haja vista seu aspecto de luta e combate permanente como condição intrínseca a sobrevivência do organismo no que concerne a todos os aspectos de uma eficiência na garantia da vida, - estrutura esquelético – muscular, visão aguçada, audição, capacidade de elaboração de estratégias de camuflagem, ataque e fuga, imobilização da presa, dentes e garras capazes de dilacerar regiões altamente

---

243 MOREL, *Traité des dégénérescences*, p. 4-5. (“Uma das características mais essenciais da degeneração é a transmissão hereditária, mas sob condições muito mais graves do que aquelas que regulam as leis comuns da herança. A observação rigorosa dos fatos nos mostrará que, a menos que haja certas circunstâncias excepcionais de regeneração, os produtos de seres degenerados oferecem tipos de degradação progressiva. Essa progressão pode atingir tais limites que a humanidade só é preservada pelo excesso de mal, e a razão é simples: a existência de seres degenerados é necessariamente limitada e, o que é maravilhoso, não é nem sempre é necessário que cheguem ao último estágio da degradação para permanecerem atingidos pela esterilidade e, conseqüentemente, incapazes de transmitir o tipo de degeneração.”)

244 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 315.

vascularizadas para o sucesso no abate do animal submetido, sucesso reprodutivo com machos geneticamente evoluídos, fortes e inteligentes, assim como fêmeas de mesmo porte e sapiência, poderosas na gestação, cuidado e proteção dos filhotes; assim como organismos bioquimicamente respondentes aos estímulos do meio: velocidade de reação a estímulos externos, liberação dos Potenciais de Ação, reação neuro sináptica, liberação de hormônios e resposta rápida e brutal; sistema imunológico eficiente em recrutar as células de defesa o mais rápido possível mobilizando forças para eliminar ou controlar o agente invasor disponibilizando o animal para a condição operacional de guerra própria da vida; capacidade sensitivo emocional no qual o animal dotado de um sistema nervoso bastante complexo, os mamíferos por exemplo, desenvolveram habilidades sofisticadas de leitura do mundo como medo, raiva, euforia, dor; mobilização de grupos para o trabalho em sociedade atribuindo uma divisão social do trabalho e, portanto, máxima eficiência da sobrevivência da coletividade (abelhas e formigas) ou formação de agrupamentos compactos sob a liderança de um macho destemido e guerreiro que provou a sua superioridade pela força, valentia, saúde e inteligência (lobos); a natureza, nestas condições beligerantes, jamais permitiria o surgimento e reprodução de organismos degenerados, ela os eliminaria imediatamente pela violência, pois no mundo biológico os instintos agressivos impedem o nivelamento dos bichos, eles são distintos, e os fracos serão aniquilados, mas este fraco já é detentor de uma força extraordinária, entretanto incapaz de suportar o combate com uma força ainda maior. Ou seja, a degenerescência é insustentável nesta guerra, se aquele que esta mais perto da força mais tirana é eliminado por ela, que dirá o degenerado que a cada geração se afasta dos mais altivos e poderosos.

Podemos de antemão ter como verossímil que de tempos em tempos, em determinados lugares da terra, um *sentimento de obstrução fisiológica* deve quase que necessariamente apossar-se de vastas massas, o qual, no entanto, por falta de saber fisiológico, não penetra como tal na consciência, de modo que seu “motivo”, seu remédio, pode ser procurado e experimentado tão-somente no domínio psicológico moral ( - e esta é minha fórmula mais geral para o que comumente é chamado de “religião”)<sup>245</sup>

Somente no mundo dos homens é possível a sobrevivência de sujeitos completamente incompetentes no esforço de uma existência nunca pronta, sempre provisória, uma grande travessia solitária na frágil canoa sobre o rio sem margens da vida. Morel considerava que três causas contribuem para o processo de variação dos

---

245 GM III, 17

humanos: o clima, a alimentação e os costumes. “*Trois causes principales, dit Buffon, produisent le changement, l’altération et la dégradation des animaux : ce sont le climat, la nourriture et la domesticité.*”<sup>246</sup> Que por sua vez estas causas atuam no processo de modificação dos organismos da espécie. Segundo Morel, tais transformações dão-se ou por agentes naturais ou mórbidos. Os primeiros atuam no melhoramento genético adaptativo do organismo atuando para uma seletividade melhor, criando seres mais robustos e criativos as intempéries. Isto é, as modificações “(...) naturais, que representam essas *variações na espécie*, dando origem, para Morel, as diferentes raças, e que permitem que as mesmas se adéquem às necessidades naturais específicas do meio em que habitam(...)”<sup>247</sup> Já as mórbidas, por sua vez, não contribuem para a evolução, muito pelo contrário degradam o organismo levando-o a uma ordem fisiológica sempre piorada e decadente. Ora, não seria surpreendente se aparecesse alguém levantando a suspeita de que a causa de diversos males nos quais estão submetidos os seres humanos fossem produto desta sociedade industrial, ou seja, de que determinados trabalhos são adoecedores, de que o uso de determinadas substâncias anestésicas, tanto fármacos quanto substâncias psicotrópicas não autorizadas pelas agências de saúde e sanitária, assim como pela legislação penal, são necessárias como escape, mas que corroboram para a promoção de enfermidades diversas; de que a solidão, o pessimismo, a dor de uma vida que perdeu a proteção da comunidade tribal, que introjeta a ilusão de um liberalismo que faz do indivíduo o protagonista de sua história, um individualismo que amarra a corda no próprio pescoço porque reivindica o tempo todo o grupo sem reconhecê-lo, ao mesmo tempo em que quer assumir o seu mérito, sabe, mesmo que inconscientemente, que a comunidade é parte do seu sucesso, e mais, a modernidade industrial individualista produz rebanho pela massificação do consumo, do trabalho industrial coordenado, isto é, o trabalho excessivo sob o argumento de uma meritocracia não funda o *pathos* da distância, ao contrário, aprisiona ainda mais o sujeito à manada dos normais.

Tal sentimento de obstrução pode ser de origem a mais diversa: seja como resultado do cruzamento de raças demasiado heterogêneas ( ou de classes – classes sempre expressam também diferenças de origem ou de raça: o “*Weltschmerz*” [dor do mundo] europeu, o “pessimismo” do século XIX, é essencialmente resultado de uma mistura de classes absurdamente subida); ou determinado por uma emigração equivocada – uma raça chegada a um clima

---

246 MOREL, *Traité des dégénérescences*, p.8. (“Três causas principais, diz Buffon, produzem mudança, alteração e degradação de animais: clima, comida e domesticidade.”)

247 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 317.

para o qual sua capacidade de adaptação não basta ( o caso dos hindus na Índia); ou consequência de velhice e cansaço da raça ( pessimismo parisiense de 1850 em diante); ou de uma dieta errada ( alcoolismo na Idade Média; o absurdo dos vegetarianos, que, é verdade, tem a seu favor a autoridade de *junker* Cristóvão, de Shakespeare); ou de degeneração do sangue, malária, sífilis e semelhantes ( depressão alemã após a Guerra dos Trinta Anos, que infectou metade da Alemanha com doenças ruins, preparando assim o terreno para a servilidade alemã, a mesquinhez alemã).<sup>248</sup>

Morel indica precisamente esses fenômenos sociais como causas do processo degenerativo. “*C’est dire en d’autres termes que l’exercice de professions dangereuses ou insalubres, l’habitation dans des centres trop peuplés ou malsains, soumettent l’organisme à de nouvelles causes de dépérissement et conséquemment de dégénérescence.*”<sup>249</sup> Evidentemente que como médico preocupava-se com os aspectos fisiológicos de promoção de saúde e doença, ou seja, não era seu intuito realizar uma denúncia do caráter nefasto desta novidade dos novecentos, a indústria. Não queria detalhar os processos de intoxicação que passam o homem moderno para instaurar uma consciência política nas massas nas quais pudessem acordar e começar sua luta por qualidade de vida. Sua empreitada é médico – científica: elaborar ferramentas teóricas para diagnosticar a idiotia. Destarte, lista uma série de fatores indicadores da degenerescência, fatores, inequivocamente produzidos por este contexto histórico específico. Fatores,

que conduzem a sua degradação hereditária progressiva, são, sobretudo, intoxicações, principalmente pelo abuso do álcool, uma alimentação deficiente, um meio social miserável, a indústria, profissões insalubres, a imoralidade dos costumes, uma conduta sexual desregrada, doenças da infância e a própria herança de uma carga de degenerescência (em outros termos, a degenerescência pode ser congênita ou adquirida).<sup>250</sup>

Entretanto, apesar dos fatores coincidirem bastante com o contexto socioeconômico cultural europeu, Morel dá indicativos que a idiotice e a degenerescência não são típicas da Europa e que o fenômeno se manifesta em diversas partes do mundo. Em todos os lugares demonstra o mesmo quadro observado nos pacientes europeus, uma degradação total do organismo dada de forma hereditária até um nível em que se torna impossível a sua reprodução. Como a lista é bastante extensa se pode atribuir diversas causas para o desenvolvimento da doença. Todavia, é importante salientar que a vida exige do organismo força e vigor, em qualquer lugar do

---

248 GM III, 17

249 MOREL, *Traité des dégénérescences*, p. 50. (“Em outras palavras, o exercício de ocupações perigosas ou insalubres, vivendo em centros muito aglomerados ou insalubres, sujeita o organismo a novas causas de desperdício e consequentemente de degeneração.”)

250 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 318.

mundo e, portanto, da mesma maneira, trabalha para sucumbir e eliminar uma vida baixa e degenerada. “O idiota profundo possui como elemento distintivo, portanto, o não desenvolvimento da puberdade, o não desenvolvimento de suas faculdades viris.”<sup>251</sup>

Dito isso, dentre todas as causas apontadas por Morel, a mais nefasta e atuante no desenvolvimento do degenerado é o alcoolismo. “*Nous avons vu que les transformations dégénératives chez les descendants d’individus livrés aux excès de boisson, conduisent en dernier résultat à l’imbécillité et à l’idiotie.*”<sup>252</sup> A fase mais aguda do uso do álcool denominado alcoolismo crônico leva a degenerescência e futura idiotice. O uso recreativo do álcool assim como o abuso e vícios não surgiram na modernidade industrial. Porém, o hábito social de beber, há muito transmitido por gerações, ganha especificidades no contemporâneo. O vício do álcool e outras drogas parecem bem comuns nestas épocas de desemprego, máxima exploração, do convite ao consumo e, ao mesmo tempo, dos baixos salários e escassos direitos trabalhistas e previdenciários. Associar a idiotia às condições impostas pela economia industrial seria uma perspectiva bastante apressada, até mesmo porque existiram idiotas antes do século XVIII, Jesus, por exemplo, mas não é grosseiro supor que uma séria de patologias surgiram ou sofreram grave processo de complexificação com as Revoluções Industriais, como o alcoolismo. Pais alcoolistas podem desencadear o processo degenerador: mais a frente, veremos como sujeitos degenerados necessitam de estimulantes fortes como o álcool, o que aumentaria as chances de iniciar a degenerescência.

Aliado a concepção de degenerescência está o conceito de neurastenia. Ou seja, uma doença da contemporaneidade, de acordo com o seu criador Beard, típica dos Estados Unidos. “O conceito de neurastenia foi elaborado pelo físico nova-iorquino George M. Beard em sua obra *A practical treatise on nervous exhaustion (neurasthenia)*, publicada em 1880.”<sup>253</sup> Ela apresenta como sintoma um esgotamento geral das funções psicomotoras devido ao excesso de demandas, trabalho, filhos, casa, estudos. Uma vida cada vez acelerada exige da pessoa mais atenção e esforço para permanentemente lutar, entretanto, devido à sobrecarga, talvez num corpo não tão forte assim, ele sofre um colapso e sucumbe recusando-se a reagir.

---

251 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 322.

252 MOREL, *Traité des dégénérescences*, p. 353. (“Vimos que as transformações degenerativas nos descendentes de indivíduos excessivamente indulgentes com a bebida levam, em última análise, à imbecilidade e à idiotice.”)

253 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 326.

*In this country, nervous exhaustion (neurasthenia) is more common than any other form of nervous disease. With the various neuroses to which it is allied, and to which it leads, it constitutes a family of functional disorders that are of comparatively recent development, and that abound especially in the northern and eastern part of the United States.*<sup>254</sup>

A neurastenia será apropriada pela psiquiatria francesa que fará uma leitura bastante instigante, ou seja, de que esta doença seria a causa primeira do processo desencadeador da degenerescência. “Essa doença passará a ser identificada como a principal origem da cadeia degenerativa hereditária.”<sup>255</sup> Mas não só isto, o salto analítico deve-se a identificação deste quadro depressivo como associado a uma excitabilidade com relação as demandas do meio. Isto é, o sujeito, fraco, não consegue dar conta dos estímulos do meio, e no caso da sociedade estadunidense altamente competitiva, os níveis de respostas do organismo necessitam de certa criatividade e mutabilidade quase cotidianas, condicionando o animal a responder de forma eficiente o tempo todo. Porém, a educação niveladora tornou a besta louca um animal dócil e manso que terá dificuldade em assumir a responsabilidade existencial de sua vida, pois necessita do rebanho para se sentir seguro. Assim, tal quantidade de estímulos vem acompanhada de uma carga afetiva de irritabilidade que progressivamente cresce até o nível do colapso e o corpo dilacerado pelo esforço da dor passa, simplesmente, a evitar a dor.

Logo, a chave interpretativa que nos levará a Féré e sua interpretação da hiperexcitabilidade e do esgotamento encontra-se no diagnóstico da neurastenia que conseguirá unir diversos conceitos dando maior precisão no entendimento da idiotia como fenômeno no qual o sujeito não mais reage. Pois, a neurastenia é o esgotamento de energia devido a um esforço prolongado do organismo que ao adquirir tal patologia desenvolve também uma irritabilidade mórbida. Em linguagem nietzschiana, o agravamento da neurastenia leva a um aprofundamento hereditário da degenerescência o que conduziria o sujeito a uma condição de cada vez menos poder, porque poder requer luta, combate, o que o neurastênico (esgotado) não tem, logo, a condição mais baixa da degenerescência corresponderia a um sujeito desprovido de vontade de poder. Fisiologicamente o organismo cede, desacelera, hiberna, espera a morte e morre. O

---

254 BEARD, *A practical treatise on nervous exhaustion*, Preface, p. v. (“Nesse país, a exaustão nervosa (neurastenia) é mais comum do que qualquer outra forma de doença nervosa. Com as várias neuroses às quais se alia, e às quais leva, constitui uma família de distúrbios funcionais que são de desenvolvimento relativamente recente e que abundam especialmente nas regiões norte e leste dos Estados Unidos.”)

255 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 325.

idiota não reage porque tem como filosofia de vida a não reatividade, o idiota é organicamente incapaz de contrapor-se.

Deve ser uma necessidade de primeira ordem, a que faz sempre crescer e medrar essa espécie *hostil à vida* – deve ser de *interesse da vida mesma*, que um tipo tão contraditório não se extinga. Pois a vida ascética é uma contradição: aqui domina um ressentimento ímpar, aquele de um insaciado instinto e vontade de poder que deseja senhorar-se, não de algo da vida, mas da vida mesma, de suas condições maiores, mais profundas e fundamentais; aqui se faz a tentativa de usar a força para estancar a fonte da força; aqui o olhar se volta, rancoroso e pérfido, contra o florescimento fisiológico mesmo, em especial contra a sua expressão, a beleza e a alegria; enquanto se busca satisfação no malogro, na desventura, no fenecimento, no feio, na perda voluntária, na negação de si, autoflagelação e autosacrifício. Tudo isso é paradoxal no mais alto grau: estamos aqui diante de uma desarmonia que se *quer* desarmonica que *frui* a si mesma neste sofrimento, e torna-se inclusive mais triunfante e confiante à medida que diminui o seu pressuposto, a vitalidade fisiológica.<sup>256</sup>

Esquemáticamente, Morel leu Sauvages, Pinel, Esquirol, Belhomme, Séguin e Voisin. Deste vasto debate travado pelos médicos para a consolidação do poder psiquiátrico, que Morel se insere com sua teoria da degenerescência, aperfeiçoada e aprimorada. Entretanto, algumas querelas ainda permaneciam no diagnóstico da idiotia e a contribuição de Beard enfatizou os pressupostos já consolidadas na França e deu os indícios para que Féré conduzisse sua investigação sobre a hiperexcitabilidade e o esgotamento. É a neurastenia o elo primordial que concatenará a degenerescência hereditária, a hiperexcitabilidade e o esgotamento. Ora, a neurastenia

desempenhará uma importância fundamental para as investigações de Féré e para o entendimento da idiotia no final do século XIX, por meio dela, será possível estabelecer uma íntima conexão entre as novas condições de existência impostas pela civilização, o fenômeno da hiperexcitabilidade e do esgotamento, o abuso do álcool, a degenerescência progressiva hereditária, as patologias mentais, o alcoolismo crônico e a idiotia.<sup>257</sup>

Por fim, é este debate, são essas leituras que Nietzsche realizava quando do preparatório para a anunciação do Redentor. Sua perspectiva é eminentemente médica, ele avisou que iria falar com o “rigor do fisiólogo”. E, portanto, a constituição idiota de Jesus apenas demonstra como Nietzsche inteirou-se da teoria da degenerescência. Mas avancemos ainda mais no debate, Féré tem seus comentários a oferecer ao estudo acerca de um sujeito sem vontade de poder e como esta condição dá suporte a transvaloração de todos os valores.

## 2.2 – Hiperexcitabilidade e esgotamento

---

256 GM III, 11

257 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 326.

O discurso fisiologista estava bastante em voga no século XIX e Nietzsche tinha pleno conhecimento dele. Evidentemente que tais leituras não ficarão esquecidas quando da elaboração de seus tipos e interpretações. A questão é perspectivista, logo não se pretende afirmar, de uma vez por todas, que seja isto, mas fortes indícios de análises documentais remetem o leitor a tal hipótese. Apesar de Féré ser pouco conhecido hoje, o alemão o teria estudado. Féré trabalhou em Sapêtrière sob a direção de Charcot e faz parte do movimento que Foucault denominou de “generalização do poder psiquiátrico”.

Ainda que em nossos dias, o nome de Charles Féré (1852-1911) tenha sido quase que totalmente esquecido, ele foi um cientista e ensaísta bastante reconhecido e estimado pelos seus contemporâneos. Médico, fisiologista e neuropsiquiatra, Féré foi interno no famoso hospital de Salpêtrière, então sob a direção do renomado neurologista Jean-Martin Charcot (...)<sup>258</sup>

Féré poderia ser identificado àquele grupo que na História da Psicologia ficou conhecido como os psicólogos experimentalistas em que o laboratório de Wundt em Leipzig é a principal referência. Féré testava suas hipóteses em ambientes controlados no intuito de promover a verificação, comportamento e repetição do fenômeno. Ou seja, a ciência em geral do século XIX, encantada com as pistas lançadas por August Comte, aproximava-se do método científico das *Hard Science*, a Física, bastante rígida na elaboração das hipóteses, assim como nas demonstrações e experiências laboratoriais, e não por acaso, com uma capacidade de afirmações gerais e criações de leis mais consistentes e duradouras que as Ciências Sociais e Históricas. Féré dedicou-se ao estudo das forças psicomotrices ou como as afetações, as descargas de energia emocional condicionam um determinado tipo de comportamento motor.

A perspectiva médico fisiológica é plenamente coerente ao projeto nietzschiano da vontade de poder. “Por trás de toda lógica e de sua aparente soberania de movimentos existem valorações, ou, falando mais claramente, exigências fisiológicas para a preservação de uma determinada espécie de vida.”<sup>259</sup> Assim, a perspectiva médica explica de forma científica, logo, com demonstrações empíricas, como fisiologicamente o organismo é dotado de vontade de poder, não só o homem, mas tudo que encontra-se neste infinito universo. Porque todo o existir é estar em disputa, em luta contra ingerências hostis que da mesma maneira tentam te aniquilar, assim a vida é

---

258 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 218.  
259 BM 3

sempre um esforço hercúleo para o aumento da força com o único intuito de dominar e submeter os fracos. Não se domina por maldade ou bondade, se expande a força para garantir a vida do próprio organismo, para que ele consiga organizar sua alimentação e se reproduzir de modo eficaz perpetuando sua genética vitoriosa. Neste sentido, Nietzsche buscará suporte conceitual na fisiologia para desenvolver uma explicação sobre as religiões e o comportamento religioso já que quando se trata da revolução escrava da moral judaico-cristã não é o dispor-se em guerra, da força ativa que se lança para fora, que vigora, mas o ressentimento e o rancor. “Mas é sobretudo a partir de 1887, muito provavelmente impulsionado pela leitura das obras de Féré, que a tentativa de realizar uma fisiologia da religião e do homem religioso começa a adquirir contornos bem mais precisos e a receber um grande destaque nas discussões dos últimos escritos do filósofo.”<sup>260</sup> Allan Sena aponta que desde 1870 Nietzsche já considerava os valores fisiológicos para interpretar a decadência e o declínio. “Sabe-se que desde os anos de 1870, Nietzsche já analisa a decadência (*Verfall*) ou declínio (*Niedergang*) de uma cultura em termos biológicos, como um fenômeno ocasionado pela desintegração de um princípio orgânico central.”<sup>261</sup> Ora, se Nietzsche elabora uma filosofia *Além de Bem e Mal* é de se sustentar que uma perspectiva fisiologista explique o fenômeno religioso<sup>262</sup>, mas não há condições de afirmá-la tão solidamente a ponto de se perder as multiplicidades grandiosas de um filósofo que ataca as considerações transcendentalistas; ao se afirmar uma perspectiva, não se faz como a negar as outras, mas para conseguir alcançar as outras, não por vias pacatas e sem dor, viver é estar em disputa.

Deste modo, pode-se dizer que a fisiologia, em Nietzsche, engloba um aspecto biológico (daí a importância das fontes científicas), cultural (daí a importância da crítica literária), mas também de modelos interpretativos elaborados no interior de um combate de forças, de luta de *quantas* de poder, que interpretam, em busca de crescimento, de um aumento de poder, e, nesse sentido, o filósofo confere um novo significado aos dados que suas diferentes fontes fornecem.<sup>263</sup>

---

260 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 215.

261 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 216.

262 “Confucius pensait que l’habitude de gestes et d’attitudes convenables détermine nécessairement des sentiments convenables, et c’est là le but en somme du cérémonial qui joue un si grand rôle dans la religion et on peut dire dans la morale des Chinois.” (Féré, *Sensation et mouvement*, P. 15). (“Confúcio pensava que o hábito de gestos e atitudes adequados determina necessariamente sentimentos adequados, e esse é o objetivo, além do cerimonial, que desempenha um papel tão importante na religião e que se pode dizer na moral dos chineses.”)

263 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 225.

Em *Sensation e mouvement*, Féré levanta a hipótese que a forma emocional como o organismo recebe e interpreta a informação proveniente do meio detona uma reação motora esquelético-muscular. O problema de pesquisa proposto é analisar se a variável, Representações Mentais, influencia diretamente ou não a Atividade Motora do homem. Assim, quanto mais sensível o sujeito, mais suscetível a um esforço mecânico maior, e, portanto, a um gasto maior de energia. É óbvio que tais considerações parecem bastante primárias, entretanto, quando se trata de termos científicos, quando se levanta uma questão, se tem a responsabilidade metodológica de testá-la e provar a veracidade ou não do problema. Por isso, Féré levanta o imbróglio, descreve as suas suposições e parte para dentro de seu laboratório.

Nessa interpretação e superação do mundo à maneira de Platão havia uma espécie de *gozo* distinto daquele que nos oferecem os físicos de hoje, ou os darwinistas e antiteleológicos entre os que trabalham na fisiologia, com seu princípio da “força mínima” e da estupidez máxima.<sup>264</sup>

Ora, se o organismo gasta mais energia que a demanda do meio exige, é de se supor que haverá um desgaste excessivo. Se a cada nova informação do meio o sujeito recruta somas cada vez maiores de energia, uma hora a pessoa terá um esgotamento geral das funções encaminhando o animal a estados mórbidos e depressivos extremamente perigosos a sustentação da vida.

*Sous l'influence de la fatigue déterminée par un travail intellectuel prolongé, la force dynamométrique diminue et offre cette particularité qu'elle tend à s'égaliser de deux côtés, c'est-à-dire que la force diminue moins à gauche qu'à droite. Supposons par exemple à l'état normal 55 à droite et 45 à gauche, on trouvera sous l'influence de la fatigue 40 des deux côtés. (...) Les hystériques sont dans un état permanent de fatigue psychique qui se traduit par un affaiblissement de la sensibilité, du mouvement, de la volonté; mais des excitations diverses peuvent réveiller momentanément leur énergie. La même observation peut s'appliquer aux neurasthéniques; on peut dire que tous ces sujets ont un certain degré de paralysie psychique.*<sup>265</sup>

Esta resposta exagerada deve-se ao fenômeno irritadiço no sujeito hiperexcitável, uma singela demanda do meio é entendida como uma torrente titânica. Essa atitude é própria dos indivíduos fracos. Os saudáveis reagem de forma

---

264 BM 14

265 FÉRÉ, *Sensation et mouvement*, p.21. (“ Sob a influência da fadiga determinada por um trabalho intelectual prolongado, a força dinamométrica diminui e oferece essa característica que tende a igualar nos dois lados, ou seja, que a força diminui menos para a esquerda do que para a esquerda. direita. Suponhamos, por exemplo, no estado normal 55 à direita e 45 à esquerda, que encontraremos sob a influência da fadiga 40 de ambos os lados. (...) Os histéricos estão em permanente estado de fadiga mental, o que resulta em um enfraquecimento da sensibilidade, movimento, vontade; mas várias excitações podem despertar temporariamente sua energia. A mesma observação pode ser aplicada à neurastênica; podemos dizer que todos esses sujeitos têm um certo grau de paralisia psíquica.”)

proporcional liberando a quantidade de energia necessária para se resolver a pendência, assim como calculando se para este ou aquele evento, se poderia poupar energia, o animal saudável tenderá a poupar gasto porque consegue prever que a vida exigirá um *quantum* maior de energia em outro evento. O doente se esgota, gasta tudo de uma vez e entra num quadro profundo de morbidez, fragilidade, perca e esfacelamento da vontade de poder.

Como os estímulos solicitam resposta, os hiperexcitados, por sentirem de forma exagerada as excitações e por as representarem mentalmente de forma igualmente intensa, respondem aos estímulos de maneira sempre desproporcional, acabando, assim, por se esgotarem. Ser resistente, então, significa poder responder às solicitações, significa, portanto, não ser vulnerável às excitações, não ser morbidamente sensível a elas; porém, um indivíduo esgotado, devido ao desperdício de força que sua irritabilidade lhe impõe, não consegue mais opor resistência às excitações.<sup>266</sup>

Colocada as questões preliminares, falta testá-las. Como Féré fará para medir como um estímulo do meio acarretará uma reação motora e como tal reação é diferente nos indivíduos? Para demonstrar os aspectos da hiperexcitabilidade precisar-se-ia de um aparelho capaz de apresentar números no que concerne a liberação de força do organismo quando exposto a um estímulo. Conseguindo-se aferir quantitativamente a relação entre estímulo e força muscular liberada se conseguiria comparar os indivíduos (pesquisa transversal) e comparar as quantidades de força liberada pelo próprio sujeito quando exposto a estímulos diferentes em tempos variados (pesquisa longitudinal). Esse aparelho já existia naquela época e com um pouquinho de criatividade do cientista se conseguiu descobrir interessantes fenômenos: foi o dinamômetro de Regnier o aparelho usado por Féré em sua metodologia de pesquisa.

Os resultados da pesquisa constataram que quando o sujeito era submetido a alguma atividade de leitura ou conversa, a pressão sobre o dinamômetro aumentava, o que permite afirmar que se definirmos Representação Mental como X e Reação Esquelético-Muscular como Y, escreveremos que tais grandezas são diretamente proporcionais, ou seja, se X cresce, Y também cresce. Mais do que isso, partindo de um ponto zero no Plano Cartesiano e supondo que a reta Y vertical cruza com a reta X horizontal formando um ângulo de 90° dando origem a quatro quadrantes e, se consideramos na pesquisa apenas números positivos da reta dos números reais por causa das condições quantificadoras (Representação Mental e Força não seriam grandezas sob

---

266 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 228.

condições atmosféricas de 1atm de pressão das quais pudéssemos quantificá-las negativamente); então o gráfico constituir-se-ia uma reta  $F(X)$  infinita saindo de Zero e formando um ângulo exato de  $45^\circ$  tanto com relação a  $X$  quanto com a  $Y$  no segundo quadrante do plano. E, portanto, “*La plus grande énergie de l’effort momentané coïncide avec la plus grande activité des fonctions intellectuelles.*”<sup>267</sup> A psicofisiologia novecentista perseguia seriamente um método objetivo e matemático capaz de descrever as grandezas psicológicas e unificar os discursos acadêmicos sobre as interpretações sobre percepção, pensamento, linguagem, aprendizado, inteligência, etc.

Logo, o sujeito saudável transforma Representação Mental em energia motora de forma proporcional e não dispendiosa. Entretanto, o hiperexcitável responde ao estímulo de forma mais aguda. Nesse sentido o ângulo de  $F(X)$  seria maior que  $45^\circ$  em relação à reta  $X$ , pois a cada  $1X$  de Representação Mental há um esforço de  $2Y$ , hipoteticamente conjecturando. Ou seja, a reta teria uma acentuação mais vertical que no caso do sujeito normal. Esses dados são importantíssimos para o médico munir-se de um aparelho conceitual capaz de diagnosticar, prescrever e tratar doenças. Ancorado nesta estratégia Féré descreverá como determinados pacientes neuropatas e histéricos reagem de maneira completamente distinta daqueles tidos como normais.

Com os dados em mãos se pôde realizar algumas inferências e o próximo passo, portanto, foi explicar o fenômeno fisiologicamente. Ora, o que acontece no organismo que faz que ele reaja desta ou daquela maneira! Imagina-se que uma reação excessiva foi causada por um estímulo muito forte. Entretanto, as pessoas sentem o mundo de forma distinta, isto quer dizer que um mesmo estímulo forte é sentido de forma diferente pelas diferentes pessoas. Nesse sentido há um grau de excitabilidade para cada indivíduo, sendo os mais fracos ou degenerados os mais excitáveis enquanto os fortes e saudáveis menos excitáveis ou excitáveis a um grau normal.

Mas uma excitação é excessiva quando ela é *sentida* de maneira excessiva, ou seja, a medida de sua intensidade depende do grau de *excitabilidade* de cada indivíduo. As sensações são, portanto, de modo geral, ou agradáveis, quando são responsáveis pelo aumento de energia estática, ou dolorosas, quando provocam a diminuição dessa mesma energia, dependendo sempre de sua intensidade e duração e, em última instância, da constituição fisiológica de cada indivíduo.<sup>268</sup>

---

267 FÉRE, *Sensation et mouvement*, p. 7. (“A maior energia do esforço momentâneo coincide com a maior atividade das funções intelectuais.”)

268 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 236.

O homem tem receptores sensitivo-neuronais nos órgãos dos sentidos nos quais lhe possibilita receber a carga informacional do mundo e interpretá-la. O Sistema Nervoso Autônomo é dividido em Simpático (SNS) e Parassimpático (SNP). O Simpático está associado ao mecanismo de Luta ou Fuga e comporta-se no sentido de acelerar o corpo aumentando consideravelmente os batimentos cardíacos vascularizando os músculos, dilatando a pupila, acelerando a respiração, tudo isso pela liberação instantânea de hormônios catalisadores de reações químicas disponibilizando energia para o combate. O parassimpático regula a ação do Simpático liberando outros hormônios capazes de reduzir as reações químicas, desacelerando o sujeito, relaxando-o para uma atividade digestiva, ou seja, queda da frequência cardíaca, redução do tamanho da pupila, vascularização das áreas digestivas, principalmente, dos tubos peristálticos. Ora, essa interpretação neurovegetativa é iniciada pela leitura ambiental realizada pelos órgãos dos sentidos, sem eles estaríamos condenados a sucumbir. Nesse sentido, a conclusão elementar na qual chegou Féré é a de que as suas experiências laborais de indução psicomotora relacionam-se ao Sistema Nervoso Simpático e que a hiperexcitação corresponde a uma deficiência no funcionamento deste sistema e, concomitantemente, do Sistema Nervoso Parassimpático.

O grande salto interpretativo corresponde à conexão entre o cristão, filho do ressentimento e do rancor, com a hiperexcitabilidade. “ ‘Alguém deve ser culpado de que eu esteja tão mal’ – esta maneira de raciocinar é comum a todos os doentes, tanto mais quanto lhes for desconhecida a verdadeira causa do seu mal-estar, a fisiológica (ela pode encontrar-se, digamos, numa enfermidade do *nervus sypathicus*, numa anormal secreção de bÍlis, numa pobreza de sulfato e fosfato de potássio no sangue, em estados de tensão do baixo ventre que impedem a circulação do sangue, ou ainda numa degeneração dos ovários etc)”<sup>269</sup> Ou seja, o sujeito forjado na cultura judaico-cristã é portador de uma irritabilidade mórbida, o *quantum* de energia gasto por ele como resposta a pequenos estÍmulos é muito maior. Como falado no primeiro capítulo, o ressentido não reage, fica remoendo, inverte o sentido da força para dentro e fica planejando uma vingança imaginária. Fisiologicamente: isto é uma desregulagem funcional entre a informação do meio e a reação simpática.

O cristão típico (já predisposto) e o ressentido típico possuem uma irritabilidade mórbida que afeta o funcionamento de seu sistema nervoso simpático, resultando em um profundo mal-estar, um enfraquecimento geral

---

269 GM III, 15

das funções orgânicas, que condiciona, em contrapartida, a elaboração de idéias e sentimentos depressivos, interpretados de acordo com o que o filósofo denomina idiosincrasia moral religiosa.<sup>270</sup>

A fraqueza do cristão é treinada pelo sacerdote cristão, como o próprio Nietzsche sugere, o objetivo do sacerdote não é curar a ferida, mas alimentá-la, piorá-la, tornar o doente ainda mais doente para assim conseguir estabelecer seu domínio. Ora, a predisposição do fiel a ressentir, comum a todas as pessoas, é alimentada com treinamento, para Féré a *folie circulaire*. O fraco é submetido a estados de euforia e depressão, ou seja, um estímulo é lançado, a catarse de um discurso, de um momento do culto, da oração, uma romaria dos homens, em que o sujeito tem a sensação de um aumento de poder, até vê imagens, ouve vozes, talvez por causa dos momentos prolongados de jejum; mas, após a liberação desta força, muitas vezes escassa no fraco, se tem momentos de depressão e morbidez, o efeito rebote. O sacerdote, uma fera ardilosa, sabe desse decréscimo de energia, o esgotamento do fiel, e programa outra sessão na qual de novo será liberado o último *quantum* de energia e nova depressão. Isto porque nenhum sofrimento é comparável ao de Jesus que morreu pelos pecados da humanidade. O cristianismo eclesiástico lança mão de uma vida somente dor, pois somos pecadores e temos que renunciar a ela para conquistar o Paraíso. Renúncia exercitada pela *folie circularie*: jejum, catarse e melancolia.

*Cette corrélation entre l'état somatique et l'état psychique est surtout saisissante chez les individus atteints de formes atténuées de folie circulaire et qui sont sujets à des périodes alternantes de dépression et d'excitation. Chez les sensitifs, qui ont surtout fait le sujet de mon étude, on peut retrouver les mêmes alternatives sous l'influence d'excitations modérées ou excessives ou du défaut d'excitation. A l'exagération de la motilité, de la sensibilité, de l'afflux sanguin à la périphérie, correspond une exaltation psychique, qui se traduit par une diminution des temps de réaction en général, une exaltation de la mémoire et de l'imagination, etc.*<sup>271</sup>

Em *Dégénérescence et criminalité* Féré objetivava analisar a relação entre criminologia e degenerescência. Encontrar uma relação entre crime e o quadro degenerativo dos fracos. Segundo o médico francês, o criminoso almeja prazer sem dor, são hiperexcitáveis. Se são fracos, não dispõe de uma grande reserva de força para lutar,

---

270 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 241.

271 FÉRÉ, *Sensation et mouvement*, p. 123. ("Essa correlação entre o estado somático e o psíquico é especialmente notável em indivíduos que sofrem de formas atenuadas de loucura circular e que estão sujeitos a períodos alternados de depressão e excitação. Entre os sensíveis, que foram o principal assunto do meu estudo, podemos encontrar as mesmas alternativas sob a influência de excitação moderada ou excessiva ou falta de excitação. Ao exagero da motilidade, sensibilidade, fluxo sanguíneo para a periferia, corresponde uma exaltação psíquica, que resulta em uma redução do tempo de reação em geral, uma exaltação da memória e da imaginação, etc.")

mas, ao mesmo tempo, requerem doses exorbitantes de prazer. O prazer é o resultado de horas de sofrimento e dor, a vida é uma longa profusão de angústia com poucos momentos alegria e prazer. Entretanto, o pessimista (o esgotado) considera isso um fardo e, ou se entrega ao adestramento sacerdotal para sofrer (mas este sofrer é consagrado com alguma excitação) e nega a vida em prol do além-mundo, ou ele usa o seu último *quantum* de energia para conseguir o mais rápido possível esse suposto prazer, o crime.

Supondo que a necessidade o obrigue (ao sacerdote), ele andar­á entre os outros animais de rapina, sério como urso, venerável, prudente, frio, superior enganador, como arauto e porta-voz de poderes misteriosos, decidido a semear neste terreno, onde puder, sofrimento, discórdia, contradição, e, seguro bastante de sua arte, fazer-se a todo instante senhor dos sofredores. Ele traz unguento e bálsamo, sem dúvida; mas necessita primeiro ferir, para ser médico; e quando acalma a dor que a ferida produz, *envenena no mesmo ato a ferida* – pois disso entende ele mais que tudo, esse feiticeiro e domador de aves de rapina, em volta do qual tudo o que é são torna-se necessariamente doente, e tudo doente necessariamente manso.<sup>272</sup>

Ou seja, se a hipótese de Beard tiver correspondência com a análise de Féré sobre a criminalidade, deduzimos que uma sociedade altamente individualista e competitiva arregimentadora de um modo de vida consumista e esbanjador, quase hedonista, levariam o esgotado a buscar o êxtase desta embriaguez, contudo, de forma rápida, pois não lhe há força suficiente para perseverar na aquisição destes materiais de ostentação prazerosa.

O desejo excessivo de prazeres com o mínimo de dor é característico dos hiperexcitados e esgotados, devido a sua extrema suscetibilidade à dor e sua necessidade de estímulos cada vez mais poderosos, todavia, sua exaustão de forças os tornam inaptos ao trabalho e à luta pela existência na civilização.<sup>273</sup>

Estes hiperexcitados e esgotados, que transmitem seus caracteres as outras gerações, estes degenerados mórbidos não teriam surgido numa sociedade jovem e ascendente. É porque os valores morais de um determinado povo decaem que a degenerescência e o esgotamento tomam forma. “(...) o ‘mundo interior’ do homem religioso assemelha-se totalmente ao ‘mundo interior’ dos superexcitados e esgotados; os estados ‘supremos’, que o cristianismo ergueu sobre a humanidade como valor entre todos os valores, são formas epileptoides(...)”.<sup>274</sup> Os valentes guerreiros de outrora, a besta louca e sua vontade de dominar, controlar, espolar, guerrear, não perfazem o grupo dos adoecidos. Da inversão dos valores morais que se proliferou um tipo humano

---

272 GM III, 15

273 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 345.

274 AC 51

incapaz de lidar com a dor, com a jovialidade que ela exige, o sofrimento serve para que zombemos dele, pois o tipo fisiologicamente forte luta e não mortifica-se porque dói. O sacerdote judeu sorrateiramente planejou sua vingança e lentamente instalou na cultura um estilo de vida que se envergonha da dor, que não combate, que se enclausura no interior das frias e desconfortáveis sinagogas executando sua *folie circularie*. “(...) é justamente por conta de uma incapacidade para o esforço contínuo que a nação judia vai eleger o modo de vida do homem santo como ideal, pois semelhante tipo de vida, assim como a vida criminosa, também depende do trabalho do outro: uma ‘existência parasitária’ como declara Nietzsche.”<sup>275276</sup> Por isto, não é absurda a hipótese segundo a qual Féré considera que a causa da degenerescência deve ser buscada na civilização, foi o judeu sob ataque de todos os povos e incapaz de reagir por sua fraqueza endógena que estabeleceu a baixaza como valor elevado.

Portanto, a sociedade, no processo de constituição da civilização, criará seus próprios neurastênicos, aqueles que sensíveis demais não dão conta da realidade e a negam. A doença evolui e avança tornando-se cada vez mais grave, entretanto tomando dimensões não de enfermidade, mas de culto, religião, credo. Porque a vida, esta a qual conhecemos não vale a pena, só existe o além-mundo, o mundo não é lugar para lutar, aqui é só pecado, se retirar deste erro e internar-se num convento talvez fosse mais sensato!

*When the nervous system loses, through any cause, much of its nervous force, so that it cannot stand upright with ease and comfort, it leans on the nearest and most convenient artificial support that is capable of temporarily propping up the enfeebled frame. Anything that gives ease, sedation, oblivion, such as chloral, chloroform, opium, or alcohol, may be resorted to at first as an incident, and finally as a habit. Such is the philosophy of many cases of opium or alcohol inebriety.*<sup>277</sup>

Estes primeiros neurastênicos se agrupam<sup>278</sup>, lhes é impossível suportar a dor sozinhos, a tendência natural deste grupo é constituir rebanho no qual possam, o tempo

---

275 FP 15 [37] da primavera de 1888.

276 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 250.

277 BEARD, *A practical treatise on nervous exhaustion*, p.49. (“Quando o sistema nervoso perde, por qualquer causa, grande parte de sua força nervosa, de modo que não possa ficar de pé com facilidade e conforto, ele se apóia no suporte artificial mais próximo e mais conveniente, capaz de sustentar temporariamente a estrutura enfraquecida. Qualquer coisa que proporcione facilidade, sedação, esquecimento, como cloral, clorofórmio, ópio ou álcool, pode ser recorrida inicialmente como um incidente e, finalmente, como um hábito. Essa é a filosofia de muitos casos de embriaguez de ópio ou álcool.”)

278 “D’ailleurs on a remarqué depuis longtemps que les aliénés se cherchent et se trouvent; il n’est pas rare de trouver dans les familles de névropathes des exemples de sélection dégénérative; il n’est pas douteux que le vice et le crime donnent souvent lieu à des accouplements du même genre et tendan

todo, se comparar e invejar a pequena altura do outro, não mobilizando nenhuma força, pois o pouco que tem de poder é para manter as funções vegetativas do corpo. “(...), os degenerados se buscam e se atraem, a figura do santo e do redentor, tem o poder de atrair em torno de si os indivíduos mais fracos e desprezados pela sociedade: mulheres, crianças, criminosos, prostitutas, ‘endemoniados’, etc.”<sup>279</sup> Completamente fragilizados, não assumem a responsabilidade existencial e histórica de sua própria vida, a dor que o acomete é culpa do outro, porque se é bom demais, logo não pode sofrer por causa própria. Essa gente tem que justificar o seu sofrimento para conseguir algum sentido. Uma existência que é dor é a mais dura e cruel constatação, uma verdade impossível de aceitar e, evidentemente, de contornar.

Como os degenerados são de modo geral os que mais sofrem, eles se sentem, pois, irresistivelmente atraídos um pelo outro, ou seja, obrigados a compartilharem a dor um do outro. Os degenerados são levados, assim, a se associarem, ou melhor, a se buscarem e se aglomerarem, procriando entre si e gerando seres cada vez mais degenerados, o que vai conduzir inevitavelmente à interrupção deste processo pelo fenômeno da *infertilidade* nos sujeitos que se localizam *na escala mais baixa* da cadeia degenerativa.<sup>280</sup>

Os hiperexcitados e esgotados procuram ambientes, substâncias que estimulem. A falta de energia chegou a tal ponto de degenerescência que se tornou difícil acessar as coisas do mundo. Se nega-o, numa vontade de poder que declina, o mundo e a vida se esvaem. Daí a necessidade de buscar produtos tóxicos e estimulantes como chás, cafés, álcool. Tais narcóticos levam o corpo a experimentar novamente o mundo, usando o último dos últimos fluxos de energia, como uma euforia, mas após o uso, a ressaca consome o indivíduo em dor e melancolia. E porque o outro dia foi depressivo, o sujeito tende a não querer mais o uso afastando-se em esgotamento. Todavia, a não reatividade mórbida faz o doente buscar de novo a substância, pois até mesmo um moribundo ainda tenta ampliar a força e o poder, a vida exige isto. E, o dia seguinte, novamente terá a derradeira tristeza, a dor de uma culpa, um vazio.

A tese de Féré coaduna-se a de Morel, haja vista o álcool como principal elemento constituidor da degenerescência. O idiota, o estágio mais profundo da decadência, é produto do consumo excessivo de álcool, ou seja, da necessidade daquele esgotado, por causa de sua hiperexcitação, conseguir aumentar sua força, de poder estar

---

*naturellement à la destruction.*” (Féré, *Dégénérescence et criminalité*, p. 93.) (“Além disso, notamos há muito tempo que os loucos procuram e se encontram; não é incomum encontrar exemplos de seleção degenerativa em famílias de neuropatas; não há dúvida de que o vício e o crime geralmente levam a acasalamentos do mesmo tipo e naturalmente tendem à destruição”.)

279 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 246.

280 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 253.

no mundo sem que seja uma mera passividade, um indiferente passar dos dias. Porém, o alcoolista entra num embuste porque almeja aumentar o poder a partir da falsificação do mundo. O bêbado reestabiliza seu contato com o mundo com uma falsa sensação de crescimento de poder. Mas, o outro dia devolve a facticidade do real e ele se embriaga novamente, mais do que antes até. “Essa tese de Morel irá ressoar, como já foi visto, nas investigações empreendidas por Féré: quanto mais grave a degenerescência, maior a hiperexcitabilidade e o consequente esgotamento do sujeito, daí a necessidade de estímulos fortes: o álcool e outros agentes tóxicos, que só aceleram ainda mais a degradação.”<sup>281</sup>

A Igreja sabe dessa busca incessante por estimulantes cada vez mais fortes. O sacerdote trabalha o fiel enfatizando estes sintomas nos quais Morel e Féré dedicam-se, isto é, a degenerescência, a hiperexcitabilidade e o esgotamento. O ideal ascético perseguirá estas veredas e sua dose será dada semanalmente, senão diariamente. O álcool pode ser substituído por outros estímulos tão fortes quanto, elaborados pela mente criativa do clero. “Para Nietzsche, é por conta de uma sensibilidade mórbida que a moral ganha terreno em uma sociedade cuja fraqueza da vontade já se tornou generalizada.”<sup>282</sup> A *folie circularie* é o mecanismo eficiente aplicado pelo sacerdote no processo de adestramento do rebanho. E como a condição dessas pessoas é medíocre, tendem ao nivelamento, há uma hiperexcitabilidade mórbida constitutiva desde a vitória da revolução escrava da moral, basta ao sacerdote conduzir o treinamento: estímulos fortes (penitência, autoflagelação, Missas enormes como as da Semana Santa com movimentos repetitivos de leitura, salmos cantados e joelhos dobrados, muita música, cheiros – incenso -, cores de túnicas, modos de entoar a voz ) seguida de uma melancolia profunda que fará o fiel procurar novamente o cuidado sacerdotal. “Uma vez me permiti designar todo o *training*[treinamento] cristão de penitência e salvação ( que hoje é estudado de melhor maneira na Inglaterra) como uma *folie circularie*[loucura circular] metodicamente produzida, claro que num solo já preparado para ela, ou seja, inteiramente mórbido.”<sup>283</sup> O cristianismo eclesiástico pensado por sujeitos hiperexcitados contribui para agravar a degenerescência, “*a inaptidão à luta: isso é degenerescência [Das Unvermögen zum Kampf: das ist Degenerescenz]*”<sup>284</sup> e o

---

281 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 248.

282 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 252.

283 AC 51

284 FP 15 [37] da primavera de 1888.

esgotamento. O esgotamento leva a hiperexcitabilidade e a hiperexcitabilidade conduz ao esgotamento. Porque o indivíduo não suporta a dor se torna esgotado, sua condição esgotada agrava sua hiperexcitabilidade.

### 2.3 – Jesus e o tipo fisiologicamente obstruído

Quem combate monstruosidades deve cuidar para que não se torne um monstro. E se você olhar longamente para um abismo, o abismo também olha para dentro de você.<sup>285</sup>

O tipo psicológico do Redentor, - não os seus traços históricos como pretendia Strauss e Renan -, projeto de Nietzsche para atacar o cristianismo institucional, é possível porque parte de seu conteúdo permaneceu apesar das adulterações. E considerando a recepção de *O Anticristo* como problemática para o meio intelectual, pois além da dureza das palavras, por exemplo, denominando Jesus de idiota e considerando que um ano depois ele teve um colapso psíquico, quem recuperou Nietzsche como filósofo e deu consistência a tese do Redentor foram os interpretadores apoiados em concepções intuitivas inspiradas no próprio modo do filósofo alemão fazer filosofia. Tais assertivas têm o seu valor, mas retiram o conteúdo mais conceitual acadêmico, ou seja, as leituras que Nietzsche realizara para compor sua filosofia.

Em nossa proposta interpretativa, vemos esse exagero da importância conferida ao papel de uma adivinhação, ou de uma intuição congenial, ou de uma sorte de afinidade subterrânea, como algo problemático e confuso, e que só acaba favorecendo a interpretação que vê na filosofia do *Anticristo* uma volta à mensagem original de Jesus, à sua boa nova. Nietzsche não classifica Jesus de idiota por uma questão pura e exclusivamente intuitiva.<sup>286</sup>

Outrossim, a aproximação que se fez entre as teses russas, haja vista Tolstói e Dostoiévski, com os escritos de Nietzsche demonstram o quanto estes influenciaram o alemão e que quem confirmou inicialmente o tipo Jesus foram eles. Não porque tivessem acessado documentos e realizado uma narrativa histórica, apontando as contradições do texto, mas que conseguiram penetrar psicologicamente no tipo pensado por Nietzsche sem terem lido *O Anticristo* (posterior). Aliás, a discussão de se Nietzsche leu *O Idiota* ou se Dostoiévski lera o alemão é menor, pois os dois

---

285 BM 146

286 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 363.

conseguiram propor tipos psicológicos bastante similares. Ora, uma interpretação mais intuitiva apostaria numa sintonia entre eles. Porém, segundo a hipótese defendida por Sena, por terem lido as mesmas fontes médicas do século XIX chegaram aos mesmos resultados.

Quem é que fornece as pistas e confirma o tipo original de Jesus, que mostra que ele é *sempre possível*, que atesta que sua compreensão não está em sua reconstrução histórica, mas em sua realidade psicológica, em sua permanente possibilidade? Tolstoi e Dostoiévski, a circunspeção psicológica que o pessimismo russo permite.<sup>287</sup>

No que se refere aos nossos esforços de trabalho consideramos que o tipo psicológico do Redentor foi diagnosticado por Nietzsche sob a influência direta da literatura psiquiátrica do século XIX. Sua interpretação não é, apenas, intuitiva, mas alicerçada em conceitos. Aqui, deve-se imaginar que o processo de leitura destes materiais aguçou determinados *insights*, saltos intuitivos capazes de construir o diagnóstico do Redentor. Conceito e intuição numa comunhão criativa: um no outro, um pelo outro.

A doença da vontade está difundida irregularmente na Europa: mostra-se mais intensa e variada onde a cultura se estabeleceu há mais tempo, desaparece à medida que o bárbaro ainda – ou novamente – faz valer seu direito sob as vestes frouxas da educação ocidental.<sup>288</sup>

A novidade em Nietzsche está precisamente em não ter que aceitar uma hipótese para negar a outra, ou seja, bom e mau são duas categorias excludentes forjadas a partir de uma interpretação moral desde Sócrates, isto é, a vida não se resume a dois lados de uma moeda, bom e mau estão implicados no mesmo fenômeno que é viver. “Não existem fenômenos morais, apenas uma interpretação moral dos fenômenos...”<sup>289</sup> Deste modo, perseverar no ponto de que o idiota de Jesus é uma referência clara a nosografia médica dos novecentos não anula os aspectos intuitivos da construção de sua filosofia. Aliás, muito pelo contrário, comprova mais uma vez o caráter criativo e genial do alemão e como ele fazia uso dos conceitos de uma determinada teoria de um jeito genuinamente particular. “Seu diagnóstico recorre sem dúvida à abstração conceitual, em que a intuição tende, naturalmente, a exercer um grande valor, mas tal diagnóstico está devidamente ancorado em toda uma tradição teórica com respeito ao tema, ele não surge espontaneamente, repentinamente, por ‘caminhos ocultos’, *ex nihilo*.”<sup>290</sup> O alvo

---

287 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 362.

288 BM 208

289 BM 108

290 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 363.

de Nietzsche é o cristianismo, não exatamente Jesus, acerca dele há um ancoradouro positivo que serve para atacar a negatividade do cristianismo. Todavia, forjados que fomos, na caldeira moral judaico-cristã, demonstramos dificuldade para traduzir as pistas lançadas sobre Jesus e o cristianismo, pois tendemos a colocar tudo no lugar bom/mau, bem/mal, certo/errado, verdade/falsidade, etc. E aí parece que Nietzsche está *falando mal* para atacar o cristianismo ou *falando bem* de Jesus para contrapor-se ao cristianismo. Mas não é isto, esta *além de bem e mal*, é uma filosofia que transvalora todos os valores.

Em uma passagem decisiva de *O Anticristo*, e que consideramos uma chave para sua interpretação, Nietzsche, ao negar o Deus criado por Paulo, não por qualquer questão de ordem ontológica, mas por considerar esse conceito mesmo de Deus como extremamente danoso para a vida, delineando, assim, aquilo que separa o *seu ateísmo* do *ateísmo moderno*, afirma: “Na verdade, não se é filólogo e médico sem ser também *anticristão*. Como filólogo, olha-se *por trás* dos ‘livros sagrados’; como médico, *por trás* da degeneração fisiológica do cristão típico. O médico diz ‘incurável’; o filólogo, ‘fraude’.”<sup>291 292</sup>

O idiota de Jesus enquanto condição degenerada, completamente esgotado, não surgiu por acaso numa região dispare. A região onde Jesus nasceu era povoada por todo tipo de gente doente pelo alcoolismo crônico, pela moral sacerdotal, pelos chandala. Jerusalém era o terreno propício para o aparecimento destes negadores da vida. “A idiotia de Jesus é fisioculturalmente condicionada, não é mero acaso, um golpe do destino, mas algo previsível sob tais condições e, até mesmo, inevitável.”<sup>293</sup> Os negadores do mundo, os blasfemadores da vida, constituíam-se os sacerdotes judeus, nada sabiam do mundo, sequer pretendiam se envolver. Conduziam-se como apolíticos, absortos em mentalizações além-mundo, perdidos em suas divagações esperançosas de uma paz eterna pós-morte. “O judaísmo sacerdotal nada entendia das relações práticas da vida, das questões ligadas aos negócios públicos, mas tão-somente de questões ‘espirituais’, religiosas, morais, abstratas, antinaturais, irrealis.”<sup>294</sup> Uma gente preguiçosa, incapaz de ir a luta para conquistar o seu quinhão de sobrevivência, grupo de parasitas que espoliam os fiéis sob a argumentação de que detém um saber do qual se alcança a vida eterna. “Livros de todo mundo sempre são livros malcheirosos: o odor da gente pequena adere a eles. Ali onde o povo come e bebe, e mesmo onde venera, o ar

---

291 AC 47.

292 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 360.

293 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 365.

294 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 366.

costuma feder. Não se deve frequentar igrejas, quando se deseja respirar ar puro.”<sup>295</sup> Sua ladainha pedinte é arcabouço de sua estratégia de controle, pedir dinheiro faz o gado sentir-se pertencente a uma coisa maior, grandiosa, mágica, a igreja, a imortalidade da alma, a felicidade eterna.

Tal como o criminoso, o santo é uma parasita da sociedade. Devido a sua hiperexcitabilidade e ao seu esgotamento, os sujeitos degenerados se vêem impossibilitados de continuarem na luta pela existência, mostrando-se igualmente incapazes de um esforço contínuo, inábeis para o trabalho, tomados pela preguiça, e, por conseguinte, dependentes do trabalho alheio.<sup>296</sup>

É neste ambiente de seres decaídos, degenerados, hiperexcitados, que Jesus surgirá, não como alguém que se diferencia desta gente, mas como produto mesmo da degenerescência, o último estágio, aquilo que aquela sociedade conseguiu fabricar de pior, o idiota filho do cruzamento de alcoolistas, com um desenvolvimento interrompido e estéril.

No cristianismo, os instintos dos sujeitados e oprimidos vem ao primeiro plano: são as classes mais baixas que nele buscam a sua salvação. Nele a casuística do pecado, a autocrítica, a inquisição da consciência é praticada como *ocupação*, como remédio para o tédio; nele o afeto em relação a um *poderoso*, chamado “Deus”, é continuamente sustentado( mediante a oração); nele o mais elevado é visto como inatingível, como dádiva, como “graça”.<sup>297</sup>

Tais seres ignóbeis aparecem no mundo o tempo todo. Aparecem e desaparecem. A própria vida exige que seres subdesenvolvidos surjam e desapareçam. A vida necessita disto para se superar. “Na natureza, observa-se a produção regular e necessária de seres degenerados como parte da efetivação da vida; a vida não pode prescindir da degenerescência: esse fenômeno pertence necessariamente a ela como condição de superação.”<sup>298</sup> Portanto, o tipo Jesus não destoava da totalidade daquela sociedade, tanto dos sacerdotes quanto da massa chandala. Porém, a sua redenção é a chave interpretativa para uma crítica aos valores do cristianismo eclesiástico. Diferentemente da moral evangélica, a Igreja estabeleceu como ideais a luta pelo nivelamento da sociedade, fazendo dos valores nobres anúncios de uma arrogância, considerando-os vergonhosos, elevando seus valores decaídos como nobres, isto é, aquilo que deveria ser eliminado naturalmente pela brutalidade do meio social e biológico permaneceu como fundação da compaixão cristã. Todavia, a existência prolongada destes degenerados configurou-se como estratégia de negação da vida. O sofredor, a cada geração, ainda

---

295 BM 30

296 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 369.

297 AC 21

298 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 382.

mais sofredor, passa por uma provação, e que sua disciplina, sua dieta, seu ideal ascético o conduzirá a uma eternidade plenificada de paz e alegria.

A moral da compaixão propalada pelo cristianismo e pelos “valores modernos” ameaça seriamente a vida quando busca conservar a degenerescência *a todo custo*, fazendo com que ela se propague e predomine como única forma de vida existente. A *tipologia* nietzschiana do “Código de Manu”, do sistema de castas indiano, da *tschandala*, tem como função ilustrar exatamente essa realidade: “Os fracos e malogrados devem perecer: primeiro princípio de *nosso* amor aos homens. E deve-se ajudá-los nisso.”<sup>299 300</sup>

O idiota é a nomenclatura criada pela medicina para indicar o que o senso comum chama de inábil mental, termo, aliás, que parece estar mais perto das considerações realizadas por Nietzsche. “O que na literatura médica do século XIX era chamado de idiotia, hoje é conhecido – vulgarmente – como retardo mental, deficiência mental, e, de um modo mais correto, *inabilidade mental*.”<sup>301</sup> A pessoa com essa característica teve seu desenvolvimento interrompido ainda na infância e é portador de um atraso hereditário, uma condição piorada, degenerada, que não contribui para o processo evolutivo de melhoramento genético da espécie. E quanto maior a degenerescência maior a hiperexcitabilidade. Ora, a moral ressentida é uma moral não ativa no sentido de que evita o confronto direto porque a pessoa reage fisiologicamente de forma desproporcional, assim mantém a força dentro de si elaborando estratégias de vingança a partir de uma memória afetiva rancorosa que no fim não se efetivará como uma descarga, pois o organismo bastante combalido não tem forças.

Antes direi ao ouvido dos psicólogos, supondo que desejem algum dia estudar de perto o ressentimento: hoje esta planta floresce do modo mais esplêndido entre os anarquistas e antissemitas, aliás onde sempre floresceu, na sombra, como a violeta, embora com outro cheiro. E como do que é igual sempre brotarão iguais, não surpreende ver surgir, precisamente destes círculos, tentativas como já houve bastantes de *sacralizar* a vingança sob o nome de justiça – como se no fundo a justiça fosse apenas uma evolução do sentimento de estar ferido – e depois promover, com a vingança, os afetos *reativos*. Quanto a este ponto, eu não teria em absoluto o que objetar: tendo em vista o problema biológico no seu todo (...).<sup>302</sup>

Esta moral similar aos dos organismos esgotados não é produto do acaso, mas consequência de um longo processo educacional de uma religião auspiciada por um sacerdócio hiperexcitável a uma gente predisposta também a hiperexcitabilidade e o esgotamento. Jesus e o cristianismo são instituições da degenerescência fisiológica, mas

---

299 AC 2

300 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 382.

301 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 384.

302 GM II, 11

é o processo redentor da prática evangélica que permite uma contraposição ao discurso de convento.

Dizeis que acreditais em Zaratustra? Mas, que importa Zaratustra? Vós sois meus crentes; mas, que importam todos os crentes!

Vós não vos havíeis buscado ainda; então me encontrastes. Assim fazem todos os crentes: por isso é a fé tão pouca coisa. (...)

E um dia devereis ser meus amigos e filho de *uma* só esperança, então quero estar ao vosso lado pela terceira vez para festejar convosco o Grande Meio-dia.

E será o Grande Meio-dia, quando o homem esteja à metade de seu trajeto, entre a besta e o além-homem, e celebrará como sua esperança suprema o seu caminho para o crepúsculo: porque será o caminho para um novo amanhecer.

Então, no momento de perecer, ele se bendirá a si mesmo, a fim de passar para o outro lado, e o sol de seu conhecimento estará no Meio-dia.

*Todos os deuses morreram; agora queremos que viva o Além-homem!* Tal será um dia, ao chegar o Grande Meio-dia, o nosso último querer.

Assim falava Zaratustra.<sup>303</sup>

Morel e Féré explicam o desenvolvimento do idiota. Fundamentam seus conceitos, Morel com a teoria da degenerescência e sua transmissão hereditária, e Féré com o conceito de hiperexcitabilidade, esgotamento e esterilidade. De seus pressupostos que a idiotia perde seu traço vulgar e ganha contorno de transtorno mental no qual tanto Nietzsche quanto Dostoiévski irão recuperar para fundamentar seus escritos “Nas obras dos dois últimos médicos, sobretudo, a idiotia já não é mais unicamente entendida como uma inabilidade mental, e sim como um estado degenerativo em que a *totalidade* das habilidades tem o seu desenvolvimento interrompido antes que o sujeito venha a atingir a idade adulta.”<sup>304</sup> É na seção 29 de *O Anticristo* que Nietzsche descreve o seu tipo Jesus, enfaticamente ancorado nos conceitos de Morel e Féré.

Conhecemos um estado de doentia excitabilidade do sentido do *tato* [*krankhafter Reizbarkeit des Tastsinns*], no qual se recua, tremendo, ante qualquer contato, qualquer apreensão de um objeto sólido.<sup>305</sup>

Por isso, o tipo Jesus, é o idiota, porque nele está contido todas as características observáveis do diagnóstico médico, ou seja, uma não reatividade por causa de uma hiperexcitabilidade congênita produto da degenerescência na qual conduzirá a um esgotamento das funções: um ser desprovido de vontade de poder. “Mas o que em tais mestiços adoece e degenera mais profundamente é a vontade: eles não conhecem mais a independência no decidir, o ousado prazer no querer – duvidam até em sonhos da

---

303 Za I, Da virtude dadivosa, III

304 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 391.

305 AC 29

‘liberdade da vontade’.”<sup>306</sup> A sua condição patológica o impede de exercer sua vontade como expansão de seu poder de domínio.

Um sujeito que apresenta um grau extremo de degenerescência, vê-se, deste modo, devido a sua hiperexcitabilidade extrema, desprotegido frente ao mundo externo, vulnerável à excitação mais sutil, mais imperceptível, não conseguindo mais, por conta de seu esgotamento, responder, resistir aos estímulos externos.<sup>307</sup>

Exposto o debate, acreditamos indicar solidamente os principais argumentos para justificar e sustentar a nossa hipótese. Nesse sentido, leiamos ainda este último ponto a título de fechamento hermenêutico, ao menos provisoriamente, e finalização do trabalho.

### 2.3.1 – Ausência de Vontade de Poder no Redentor

As leituras dos autores da medicina do século XIX são de relevância estratégica para uma interpretação d’*O Anticristo* que não seja uma mera consideração do seu caráter ateu e blasfemador. O encanto da inteligência nietzschiana refere-se ao processo de pensar como o ato de se alimentar de uma vaca, é necessário ruminar os aforismos, as seções, os recortes de suas cartas. E ao se chegar a uma concepção mais acertada dos compêndios estar pronto para enveredar por outras perspectivas. “É certo que, a praticar deste modo a leitura como *arte*, faz-se preciso algo que precisamente em nossos dias está bem esquecido – e que exigirá tempo, até que minhas obras sejam ‘legíveis’ -, para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e não um ‘homem moderno’: o *ruminar...*”<sup>308</sup> Quando se trata de Nietzsche, se chega a um ponto mais preciso, não para consolidar o final do pensamento, mas para, talvez, iniciar outra caminhada hermenêutica. A interpretação é móvel, polivalente, diversa, sempre pronta a transmutar-se em um novo necessário e urgente.

O diagnóstico de Jesus como idiota feito por Nietzsche não possui caráter ofensivo, agressivo, detratador, não constitui uma mesquinha tentativa de polemizar, de chocar, de provocar a indignação dos cristãos ao escarnecer de seu objeto de fé; não há aqui nenhuma brincadeira, nenhuma piada de mau gosto, nem tampouco uma arbitrariedade ou um sintoma de delírio. Por outro lado, toda tentativa de suavização da classificação de Jesus como idiota, pelo uso das aspas, pela busca de um significado literário, metafórico, simbólico, herético, religioso, ou seja, não médico, não psiquiátrico, não fisiológico, etc., representa um desvio ainda mais alarmante da real intenção de Nietzsche,

---

306 BM 208

307 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 396.

308 GM Prólogo 8

intenção que ele mesmo esclarece a contento ao declarar que quer se entendido com o rigor do fisiólogo ao classificar Jesus de idiota.<sup>309 310</sup>

O suporte teórico que direciona o pensamento do alemão é consistente e parte dos conceitos de hiperexcitabilidade, esgotamento e degenerescência. Ou seja, o desenvolvimento psicológico-cognitivo-fisiológico do doente sofre uma paralisação abrupta ainda na infância e o corpo continua seu desenvolvimento esquelético muscular, - mas há casos de idiotas com atrofias ou doenças causadas por lesões -, criando uma desconexão entre a maturidade corporal e intelectual. Seu psiquismo é ainda muito subdesenvolvido e incapaz de realizar algumas conexões necessárias à interpretação e instrumentalização de ações no mundo dos grandes. O idiotismo é produto de uma longa cadeia reprodutiva na qual ele é o representante mais decaído dentre os degenerados. É estéril e representa o último elo da sequência que mantém a fraqueza e a doença como condições de vida possíveis. “A hiperexcitabilidade desse sujeito é extrema, seu desenvolvimento é interrompido em um certo estágio da infância, ele é estéril, representa o fim da cadeia degenerativa hereditária que lhe gerou, a auto supressão da mesma, um aborto de uma sociedade abortada, em que a cultura não existe, uma má formação de uma sociedade má constituída, ou seja, um *idiota*.”<sup>311</sup> Todavia, ao leitor profissional de Nietzsche é evidente que há traços de uma outra inteligibilidade no texto, há mais sentidos escondidos, nuances, jogos de palavras, nos quais conseguimos perfazer no processo de ruminação, não para alcançar a verdade semântica, mas para exercitar o pensar, o refletir, para inaugurar mais perspectivas. Entretanto, ao leitor menos especializado poderia parecer que o filósofo alemão almeja desrespeitar, destratar, ofender os cristãos. Motivos para isto ele teria de sobra já que a revolução escrava da moral nos aprisionou a esta cultura de ressentimento, rancor e negação da vida. Ora, é duvidoso supor que a filosofia de Nietzsche fosse uma vingança aos valores judaico-cristãos, o passo do alemão não constituir-se-ia melhor do que o do sacerdote! Neste sentido, sua análise do tipo Jesus é uma tentativa de diagnosticar, segundo os preceitos médicos fisiológicos dos noventa e dois, um transtorno psiquiátrico pela observação das ações do Redentor. A aposta não é uma prerrogativa para negar o valor de Jesus, mas para dele combater uma cristologia que promoveu a falsificação da

---

309 AC 29

310 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 389.

311 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 364.

prática evangélica como sustentáculo do poder de dominação do sacerdote sobre o rebanho, enfatizando aos dominados que pela negação do mundo se tem o outro mundo.

Verifica-se, dessa forma, que é somente pela reinserção do projeto de uma psicologia do redentor no interior de todo um debate médico e psiquiátrico ocorrido no século XIX a respeito da associação entre os fenômenos religiosos e as patologias mentais, que se torna possível compreender a real natureza da investigação de Nietzsche.<sup>312</sup>

O tipo Jesus como parte integrante de *O Anticristo*, assim como o combate travado em todo o livro à cristologia paulina, o estilo literário-filosófico e seu refinamento crítico, compõe o grande projeto da transvaloração de todos os valores. A aparente crítica a Jesus, numa perspectiva transvalorada, distende os dualismos e incorpora uma noção móvel na qual a blasfêmia é um elogio, uma admiração, um afeto. O leitor tem que se desvincular, ou pelo menos, lutar para desgarrar-se um pouco dos valores judaico-cristãos, e empreender uma jornada intelectual para morder, mesmo que de soslaio, a crítica ao cristianismo. “Eu sigo novos caminhos e encontro uma nova linguagem; à semelhança de todos os criadores, cansei-me das línguas antigas. Meu espírito não quer já correr com sandálias gastas.”<sup>313</sup> Há duas concepções acerca da redenção, a de Jesus e a paulina eclesiástica. Ambas avançam na medida em que a vontade de poder declina, pois a degenerescência é hereditária e a cada nova geração mais hiperexcitados serão fieis. “Eis as duas *realidades fisiológicas* nas quais, a partir das quais cresceu a doutrina da redenção. Eu as chamo de um sublime desenvolvimento do hedonismo sobre uma base inteiramente mórbida.”<sup>314</sup> E Jesus significa o final da cadeia degenerativa, é o idiota, hiperexcitado e, portanto, incapaz de suportar qualquer dor, por isso esgotado.

Nos últimos escritos do filósofo, um tal “pensamento elevado” do santo e mesmo a alegre mensagem do redentor são consequências diretas da degenerescência, de uma vontade de poder que declina, de um retrocesso fisiológico, e não o contrário, ou seja, Jesus não foi idiota como consequência da realidade evangélica que ele vivenciou, isto é, sua constituição não é enferma por conta de sua alegre mensagem, de sua boa nova, é, de modo inverso, sua alegre mensagem que surge como consequência da idiotia, embora essa alegre mensagem constitua, sim, uma prática de grande valor para a efetivação da vida, pois ela está de acordo com a ordem natural das coisas, não constituindo nenhuma ameaça, e sim até mesmo um elemento favorável para o cultivo de um tipo mais elevado de vida (– que não é aquele representado por Jesus, mas cujo cultivo sua prática favorece ao não fazer com que a *décadence* se conserve e se propague –) no cômputo geral da existência.<sup>315</sup>

---

312 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 389.

313 Za O menino do espelho

314 AC 30

315 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 386.

Jesus, diferentemente do ressentido, não reage, porque está esgotado, porém aceita a sua condição. Não fica elaborando justificativas, ressentindo, invertendo o sentido do rancor, lançando para o além-mundo a felicidade. O caráter redentor da prática evangélica está no fato de se assumir a sua condição de incapaz de suportar a dor e assim, por essa fraqueza, ausência de vontade de poder, interiorizar-se anulando o contato com o mundo, completamente hostil, e efetivar a sua beatitude, o encontro com Deus, o ser Deus numa relação profunda de conexão fisiológico cosmológica. A distorção conduzida pelo traiçoeiro do alegre mensageiro obscureceu o tipo psicológico do Redentor. Pois, ao explicar a cruz como sacrifício de Deus para redenção dos pecados da humanidade anulou toda a mensagem de Jesus. A vida de pecado é a única que se tem e assumi-la, com toda a sua dor, é ser portador de uma existência capaz de gerar novos valores, de criticar os valores, de transvalorar todos os valores. A vida de Jesus enquanto sem vontade de poder não cria valores, entretanto promove a crítica aos valores cristológicos por desconhecer a cultura, o método litúrgico, o sacerdote, o ritual; por ser uma vida degenerada, embriaga-se de Deus, porque só tem condições de olhar para si, porque fisiologicamente é incapaz de combater o mal, a Igreja, os sacerdotes. O não combate a Igreja em si já é um ataque voraz ao fanatismo cristão, o incapaz de ter inimigos não é inimigo nem da Igreja, - esta que é cheia de inimigos e o tempo todo reage, ou ressentindo ou declarando a guerra santa -, nem ao sacerdócio e seus asseclas. Concomitantemente, essa não reação efetiva-se porque a redenção se dá no encontro, sem intermediários, com Deus. Ora, tais pressupostos são inapropriados a uma cultura cristã de domínio e adestramento da vida, a prática evangélica, portanto, é a mais contrária e por isso, a principal inimiga do cristianismo. Foi a sua idiotia o valor que sustentou a sua capacidade de não reagir e, por isso, constranger o sacerdócio que se sentiu forçado a inventar uma lógica de vingança e culpados para consolidar seu projeto político. Jesus não nega a sua própria vida, ele a aceita com alegria e jovialidade, mesmo na sua condição degenerada e em iminente extinção.

O que Jesus fez e o que torna sua mensagem evangélica importante para a transvaloração dos valores foi obedecer ao seu instinto de vida mais básico, procurando aquilo que lhe era favorável de acordo com sua condição degenerativa, diferente do homem ressentido, que é atraído pelo que é prejudicial à sua constituição fisiológica degenerada.<sup>316</sup>

---

316 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 387.

Como fisiologicamente obstruído Jesus não tinha um projeto político revolucionário, uma missão profética como um enviado para redimir o mundo de sua maldade endógena e transcender a escuridão do mal pela luz de um projeto beatífico de autoflagelação e ascetismo. A sua beatitude era a idiotia, o seu transtorno era seu ato criador, haja vista a não reação. Por isso, as investidas de *A Vida de Jesus* de Renan não deram conta de uma realidade psicológica aquém das premissas historiográficas comprimidas nas fontes nas quais constituem-se corrompidas. Gênio e herói não correspondem ao modo de ser de Jesus, enquanto esgotado não era conhecedor nem da política, nem da cultura. Nietzsche enfatiza esses aspectos como os mais inapropriados para uma aproximação do tipo psicológico do redentor. O mundo lhe é insuportável. Os estímulos provenientes dele desencadeiam uma reação neuroquímica tal no Sistema Nervoso Simpático que uma quantidade de energia enorme é recrutada para uma demanda bem reduzida. O corpo degenerado, fragilizado por sua condição piorada, não concebe tal descarga, portanto para evitar a liberação do pouco que ainda há, evita todo o contato. “Segundo o filósofo essa doentia excitabilidade do sentido do tato faz com que todo e qualquer contato com a realidade provoque uma dor insuportável para Jesus, por isso, ele é obrigado a voltar-se para o seu interior e evitar toda forma de contato, de resistência, de conflito, a fim de evitar todo tipo de dor.”<sup>317</sup> Essa prática é o seu ato criador, não reagir, ser uma consciência presa ao instante, esquecida, apolítica, pueril. Sua condição como a mais vil é aquela que o torna grandioso. A vontade de poder, uma ausência, é o seu ato de redenção.

Se Jesus não é um gênio, isso se deve muito mais a sua incapacidade de entrar em contato com uma realidade qualquer (que é resultado direto de sua incapacidade de resistir às excitações externas), de, por consequência, entender as necessidades do homem público (que não poderiam vir a ser compartilhadas por ele), de compreender as noções de tempo e espaço, de fixidez, de identidade, de alteridade, de conhecer o que é ciência, lei, arte, política, economia, cultura, moral, lógica, conceito, doutrina, dogma, religião, etc.<sup>318</sup>

Não há vontade. A mínima força que seja não lança mão da vontade. Este corpo sem vontade é uma interioridade em si mesmo, uma negação da verdade do mundo em prol de uma verdade que diz respeito apenas a si mesmo, impossível de ser transmitida aos outros, seja por palavras ou palestras, lições. Jesus pratica uma vida condenada a uma falta de vontade, uma vida sempre estranha ao olhar dos solidarizados pelo rebanho, um estranho a mediocridade do mundo. Não porque fosse excelso e

---

317 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 395.

318 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 392.

magnânimo, mas porque era um idiota, a mais rastejante e última forma de existência. “É por não suportar o contato com a realidade, que o idiota Jesus cria o seu reino de Deus em seu interior, ou seja, que ele sente *necessidade* de voltar-se sobre si mesmo.”<sup>319</sup> Este mundo singular é desprovido de dor. Toda dor é produção da vontade de poder que viril na expansão de seu domínio, no aprimoramento das táticas de combate para a aquisição de mais poder, procura contrapor, marcha em direção à guerra, tem vontade de inimigos poderosos e corajosos dos quais possa testar suas habilidades guerreiras e isto é angustiante: se pode ser derrotado, submetido, escravizado, morto, ferido, pode-se não saber o que fazer e ter que improvisar; mas a besta louca não sucumbe frente a reflexões angustiadas da pré-batalha, o guerreiro luta e sofre a sua dor com a coragem de aceitar a vida nestas condições beligerantes. A besta bárbara é poderosa, ela suporta a carga, seu funcionamento fisiológico é saudável. O hiperexcitado, por outro lado, teme o pior, pois sua constituição fisiológica é fraca. Para ele é melhor não resistir ao confronto, nele se gasta muita energia, melhor é evitar.

Todo tipo de resistência a um obstáculo, e, portanto, a um estímulo, traria como consequência para o idiota Jesus uma dor lancinante: primeiro, por conta de sua hiperexcitabilidade, que torna toda sensação intensa demais, e, depois, por conta de seu esgotamento, de sua reserva mínima de força, insuficiente para responder à altura, que traz como consequência uma profunda sensação de impotência, de infelicidade, de desprazer, de dor.<sup>320</sup>

Aceitar a condição de um animal desprovido de vontade de poder é o valor de Jesus. Tal ato resignado significou a sua forma de encontrar a paz, a redenção. De encontrar na vida, mesmo esta vida sofrida, insossa, ignóbil, os pedregulhos de uma possibilidade de ser feliz. Ser fraco e desta condição mentalizar uma existência forte, observando a exuberância e alegria dos outros como a invejá-los é negar a sua existência e viver uma mentira de imagens cerebrais de um ser que não se pode ser. “O cristianismo é chamado religião da compaixão. – A compaixão se opõe aos afetos tônicos, que elevam a energia do sentimento de vida: ela tem efeito depressivo. O indivíduo perde força ao compadecer.”<sup>321</sup> Jesus, ao contrário, não foi antinatural. Isto é típico dos escravos, escondidos no rebanho, tristes por saberem de sua fraqueza e, assim, incapazes de estabelecer o *pathos* da distância. Então, ficam a imaginar como poderiam ser felizes se fossem como aquele outro que é rico, tem mansões, empresas. Ou, se já sucumbiram à consciência de que esta vida é somente dor, enfatizam que ela é

---

319 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 396.

320 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 398.

321 AC 6

uma provação, um castigo pelo pecado original ou pela morte sacrificial de Deus, porém que as ações disciplinadas e coordenadas do agir bem redimirão a dor num paraíso para sempre feliz como recompensa de todo esse esforço ascético. A novidade de Jesus é não elaborar todas essas narrativas para justificar ou inventar esperanças reconfortantes, como idiota não tem energia potencial suficiente para pensar tais conjecturas e, apenas, por instinto, age e assume o seu não poder. “Por *instinto*, Jesus intuiu que sua felicidade residia em aceitar sua própria condição, convertendo o *não poder* resistir em ‘não querer’ mais resistir, seja em ato, seja no coração, vendo na entrega, na desistência ‘voluntária’, a sua única possibilidade de encontrar o prazer, a felicidade, a paz da alma.”<sup>322</sup> O que os psiquiatras diagnosticariam como um quadro de degenerescência grave, de um desvio severo da norma, como a indicação de uma enfermidade digna de pena por seu fatalismo, pela impotência dos outros em poder acolher, cuidar e medicalizar este sujeito condenado; enfim, o tipo Jesus desprovido de vontade de poder é por isto mesmo: virtude, o seu dispor-se no mundo, não em disputa com ele, negando-se a ele, evitando a dor numa interiorização de si que desembocará numa beatitude de amor. “Deste modo, o idiota Jesus encontrou um caminho em que a não resistência, em que a aceitação de si mesmo é o fundamento da bem-aventurança; sua própria incapacidade se torna sua grande virtude: será ela que fará com que não haja mais ocasião para a dor.”<sup>323</sup>

Os figos caem das árvores: são bons e doces; e conforme caem, abre-se-lhe a pele vermelha. Eu sou um vento do Norte para os figos maduros.

Assim como figos, caem em vós estas lições, meus amigos: tomai-lhes o sumo e a doce polpa. À vossa volta, reina o outono, e o céu puro da tarde. (...)

Outrora, quando se olhavam os mares longínquos, dizia-se: “Deus”; mas agora eu vos ensino a dizer: “Além-Homem”. (...)

Poderíeis *criar* um Deus? Pois então não me faleis de Deuses! Contudo podereis criar o Além-Homem.<sup>324</sup>

A distorção crística da mensagem evangélica, muito mais uma prática que uma doutrina transmissível aos outros por uma catequese epistolar, promovida por Paulo e conduzida metodicamente pelo sacerdote cristão ao longo dos séculos travestiu Jesus de conceitos inapropriados a seu ato beatífico. O homem Jesus não queria se vingar, punir ao inferno, anunciar o reino dos céus a uns e negar a outros, “o reino dos céus esta em

---

322 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 398.

323 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 399.

324 Za II, Nas Ilhas Bem-aventuradas.

nós”<sup>325</sup>. O homem Jesus foi o mais divino dos homens porque a sua condição idiota, degenerada, o desligou de todos os elos constituidores de uma educação judaica colada a uma Lei moral que julga, ressentido, inventa inimigos imaginários e nega a vida. A morte de Jesus é produto do que ele era, ou seja, o extremo oposto de uma sociedade profundamente ressentida. A mentalidade manicomial de uma gente arraigada no ressentimento e na vontade de comparar-se não concebe a ideia de que um idiota seja plenamente feliz. Isto confunde o fraco, o já em processo de degenerescência, que ao ver Jesus inveja sua jovialidade e alegria imaginando desejar ser ele. Mas ser ele é ser o idiota, o mais profundo grau de degenerescência! Como é possível ser isto, aceitar isto, desejar isto para sorrir levemente como uma criança!? Por isso a necessidade de sanitizar a sociedade de toda forma de loucura e desrazão segregando esses afortunados em manicômios ou exterminando-os, pois a loucura confunde a ordenação lógica que o homem deu ao mundo, ao nível insolúvel de uma desconexão total entre, por exemplo, as palavras e as coisas. O louco nos é insuportável porque escancara sem nenhuma cordialidade a natureza completamente caótica da vida, desorganizando todas as nossas certezas e aprofundando a angústia de que a vida em si mesma não faz sentido algum. A gente que ordena o mundo a partir dos conceitos para ter o conforto de alguma certeza no intuito de sentir menos dor. Jesus tinha que ser assassinado, não porque fosse inimigo, mas porque era incapaz de fazer inimigos. Os assassinos de Jesus estavam confusos, pois a prática evangélica colocou o mundo de cabeça para baixo quando evidenciou-se que o beato sofria toda a agressão do mais fundo ódio, da mais leviana classe de humanos e não respondeu de nenhuma maneira, sua não reação se tornou seu ato de amor. Por que matar ao que não pode ser inimigo e, fisiologicamente, é só amor? Ora, se os contemporâneos de Jesus, judeus, seus discípulos, os adeptos da seita, não entenderam a mensagem evangélica, menos ainda compreendeu Paulo e as igrejas cristãs.

Foi somente com a morte de Jesus, “essa morte inesperada, ignóbil”, com o paradoxo da cruz, com essa sentença de morte “geralmente reservada para a *canaille*”, que os apóstolos passaram a interpretar como um fracasso o empreendimento ao qual se associaram, transportando para o tipo do alegre mensageiro tudo aquilo que contraria seu instinto mais básico, ou seja, a revolta, a rebelião, a vingança, o ressentimento, o ódio(...).<sup>326</sup>

---

325 AC 29

326 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 404.

Qual a atitude esperada por um evangélico quando do assassinato de Jesus, se vingar do agressor arrumando um culpado, a própria humanidade pecadora que agora assume a dívida impagável e redireciona o ressentimento para dentro, pois reconhece sua responsabilidade pela morte de Deus; ou perdoar o algoz pelo ato cruel? A resposta do cristianismo eclesiástico consistiu na inteira distorção da prática de Jesus. O evangelho do idiota responde ao ódio com nenhuma ação ou mesmo reação e isto foi convertido na sua prática de amor, que por sua obstrução fisiológica significa um impedimento orgânico de uma vivência hostil ao agressor. Esta resposta não foi a de Paulo nem a da igreja cristã. O judeu matou Jesus, acusarão alguns! A Nova Aliança que anula os sacrifícios de sangue descritos no Levítico<sup>327</sup> fez-se pelo Cordeiro de Deus imolado em holocausto a devassidão pecadora do homem, ensinarão outros! Devemos nos penitencializar para louvar a dor do Cristo morto na cruz por todos nós, gritarão algures! Jejum, terço e meditações, dias a fio, praticarão alguns! A dor é resultado da desobediência e do assassinio de Deus, sentenciarão alhures! A mais inevangélica das formas de imitar o Redentor para conseguir a Redenção configurou a formação do cristianismo. O cristianismo quer o outro mundo e deste mundo sentencia sua discórdia e podridão.

De fato, como Nietzsche observa, esses dois tipos, esses “dois Jesus” coexistem nos Evangelhos, mas são sintomas de dois corpos distintos, de duas vontades distintas, do idiota e do ressentido; um Jesus querelante, hostil, revolucionário, só pôde ser concebido quando o ressentimento dos apóstolos dele teve necessidade(..).<sup>328</sup>

O amor de Jesus não é produto de uma vontade, mas exatamente o do não poder ter vontade alguma por sua obstrução fisiológica. O amor como recurso de um corpo saudável que lança-se para fora, para o outro, é uma força ativa e viril. O tipo Jesus vive sua última geração com o mínimo de energia. “Jesus é aqui chamado de ‘espírito livre’ apenas de modo provisório, porque essa sua ‘liberdade’ não provém de um excesso de força, mas sim de sua idiotia, de uma compleição fisiológica degenerada.”<sup>329</sup> Nesse sentido, uma vontade de poder como uma força que se expande para o tempo todo se auto superar, num avanço que constitui uma marcha ininterrupta, reconhecendo a vida como uma torrente de percalços, mas também de glórias e alegrias pela luta constante de uma guerra interminável que serve apenas para amplificar a força para de novo

---

327 Lv 16,17-29.

328 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 405.

329 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 412.

destróçar outros inimigos e gozar os espólios, não é a condição do tipo Jesus. Ele é um fraco, fisiologicamente fraco, e este é seu ato criador.

Um homem elevado jamais poderia reconhecer nessas máximas o fundamento de sua virtude, pois elas não traduzem uma vida que busca a superação, mas sim a “paz da alma”, mediante a aceitação de sua própria condição degenerada, e, portanto, de sua extinção eminente, encontrando nisso – e somente nisso – a sua bem aventurança.<sup>330</sup>

A boa nova se cumpriu. A mensagem do alegre mensagem foi vista: uma prática, uma vivência. Seu quadro degenerativo o possibilitou a experiência suprema e extraordinária de suprimir todo contato com o mundo e voltar-se para dentro de si, uma interiorização por causa de seu esgotamento que se dá e se consolida na sua boa nova. A alegria do idiota já não é mais uma dor por causa de suas limitações, mas o extraordinário encontro com Deus. Somente por uma hiperexcitabilidade crônica seria possível essa redenção, esse encontro supremo, singular, individual, algo que não se passa as gerações futuras como cultura e ensinamentos, mas que se sente por essa condição degenerada que destitui o organismo de toda vontade de poder.

No entanto, para Nietzsche, um homem só poderia experimentar tal sublime experiência como consequência de uma hiperexcitabilidade extrema, é tal realidade fisiológica que faz com que ele “decida” não mais resistir às excitações externas, não mais enfrentar os obstáculos, não mais responder aos estímulos, voltando-se para o seu interior, e descobrindo que lá se encontra a fonte de sua felicidade, não no prazer que a sensação de aumento de poder que advém da superação de obstáculos fornece ao homem elevado, mas no *amor*, ou melhor, em algo que está até mesmo para *além do amor*.<sup>331</sup>

Já não há mais intermediários, sacerdotes, homens santos, sabedores do que fazer para o encontro com o divino. O reino de Deus foi achado, não está no outro mundo, está no ser para dentro de si como mecanismo de defesa inconsciente de não reação ao mundo. O tipo Jesus é uma subversão ao modo de ser religioso, não porque tivesse elaborado mentalmente essa tática de combate, sua incapacidade de reagir o conduz a um estado de euforia endógena na qual parece abraçar Deus, sem ajuda de ninguém. A prática evangélica exercida por Jesus é uma rebelião, uma ação antirreligiosa em si mesma, pois nega o sacerdócio, o cristianismo. Todo o cristianismo na verdade é anticristão. Homem e Deus segundo esse olhar para si do alegre mensageiro não estão mais separados. Juntos e inseparáveis pela prática do amor, o estar com Deus significa uma não reação ao mundo como condição fisiológica, que se converte em amor: sem força alguma Jesus é tomado por Deus. O amor como uma

---

330 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 416.

331 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 409.

impossibilidade de indispor-se, como uma passividade doentia que diante do ódio e do rancor abstém-se de qualquer ação porque desconhece tais preceitos e, portanto, nada elabora. Este não poder ser uma vontade é a chave interpretativa para o amor como prática evangélica.

A boa nova de Jesus é de que, mediante a prática do amor incondicional, homem e Deus não se encontram separados por nenhum abismo, as noções de pecado, castigo, recompensa, juízo, salvação, redenção dos pecados já não fazem mais qualquer sentido, já nem mesmo existem: “Não se acha, em toda a psicologia do ‘evangelho’, o conceito de culpa e castigo; nem o conceito de recompensa. O ‘pecado’ qualquer relação distanciada entre Deus e homem, está abolido – *justamente isso é a ‘boa nova’*.”<sup>332</sup> O portador da boa nova, o alegre mensageiro assevera que tudo se cumpriu, já não há tarefas, não há mais necessidade de ritos, de oração, de intermediação: “*somente a prática evangélica conduz a Deus, ela justamente é Deus*”.<sup>333 334</sup>

Sua morte e ressurreição fazem parte do projeto cristão de distorção da prática beatífica de Jesus. Morrer uma morte bárbara para sofrer a assunção ao Paraíso como o cumpridor da profecia nos parece uma interpretação histórico-teológica bastante primorosa. Ora, Jesus já vivia o seu paraíso, aqui na terra, a sua vida, mesmo uma existência que se sabe, fraca e dolorosa, mas era seu paraíso. Ser o idiota é estar no reino dos céus, junto a Deus, completamente absorto no sentir, no ser Deus, uma unidade beatífica. Jesus ama porque não consegue odiar. Odiar é um movimento que exige gasto de energia. Amar, não! O amor incondicional a toda forma de vida. Amou/“ama” aos loucos, bandidos, prostitutas, leprosos, homossexuais, transexuais, travestis, usuários de crack, estupradores, pedófilos, assassinos da pior estirpe; ama inclusive o cristão que não entendeu o amor como prática redentora, caminho para a beatitude e condição para a felicidade como embriaguez aqui mesmo neste mundo. O ressentimento do cristianismo reage ao ódio, ao inimigo (o cristianismo tem inimigos), com o veneno da vingança, da inveja, do combate subterrâneo e mesmo imaginário, porque como fracos e esgotados não conseguem uma atitude vigorosa contra o inimigo. O cristão típico odeia porque inveja outras formas de existência, não está satisfeito com a sua vida medíocre e decadente, ou seja, imagina outros mundos onde possa ser feliz, olha para o outro imaginando sê-lo, porém como não dispõe de um corpo farto de energia, não consegue lutar cotidianamente para conquistar essa outra vida que inveja. Dia após dia enfraquece-se mais, reclamando, fofocando, falando mal da vida dos outros, comentando no portão do vizinho, aos sussurros, a roupa pobre e gasta que o

---

332 AC 33

333 AC 33

334 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 403.

fulano de tal foi a Missa ou ao culto querendo enfatizar sua “superioridade” porque pode se vestir bem para esse encontro mediado pelo sacerdote com Deus. A vida para o cristão é um fardo. Um peso incólume. Uma rastejante caminhada de vermes em direção ao além-mundo.

Contudo, nada disso tem a ver com a morte de Jesus. Ele nem mesmo morreu porque quis, ele morreu porque não saberia, porque não “queria”, porque não *poderia* resistir. Ele morreu *no Paraíso*, ele sempre esteve lá, ele nunca saiu de lá. Seu reino de fato não era desse mundo, ele nem soube o que era “mundo”, tudo se resumia para ele em suas experiências mais íntimas, em seu reino de Deus; o caminho para esse reino é o amor incondicional, pelo inimigo, pelas excitações, ou seja, pelas sensações que lhe são insuportavelmente dolorosas, pela dor em si, pelo malvado, pelo mal; todo aquele que age e sente assim, não precisa esperar nenhum advento, nenhum grande acontecimento, nenhuma redenção, por mil anos, pois ele já se tornou uma criança, um filho de Deus, ele já está no Paraíso, eis aí o seu reino de Deus, em seu coração, iluminando todo o seu ser(...)<sup>335</sup>

As vicissitudes de um organismo saudável, condição própria da vida é a vontade de poder. A vida exige para ser, uma energia que busca sempre a expansão, o crescimento. Isto é, o organismo pleno de saúde, viril e jovial busca no conflito, na guerra, a sua alegria. A cada vitória se sente um aumento da força, um aumento de poder, a ascensão da glória do suor misturado a sangue do guerreiro impávido, horas a fio de combate numa horda insana de bárbaros. Cerveja, dança e mulheres celebram o campo vermelho de milhares de mortos. Mas a guerra não acabou, outras batalhas virão, outras, e ainda mais outras, muitas e mais algumas, até o dia em que a força de uma vontade de poder mais vigorosa impõe-se ao seu jugo e o afiado e suave gume da espada manchada de todo o tipo de sangue atravessa indócil o vão móvel da armadura sem a qual a cabeça não se moveria atingindo a jugular derrubando o valente guerreiro. “Os juízos de valor cavalheiresco aristocráticos têm como pressuposto uma constituição física poderosa, uma saúde florescente, rica, até mesmo transbordante, juntamente com aquilo que serve à sua conservação: guerra, aventura, caça, dança, torneios e tudo que envolve uma atividade robusta, livre, contente.”<sup>336</sup> A vida exige aumento de força para dominar, controlar, estabelecer diferença entre senhores e escravos, fortes e fracos, saudáveis e doentes. O campo de batalha da existência é sem paz. O fim destas palavras não significa o fim da dissertação e, portanto, paz e sossego. A vida não termina num ápice que fosse a paz. A vida é confronto, as batalhas se enumeram fortalecendo o organismo, acumulando força e glória. O homem produto da inversão dos valores

---

335 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 406.

336 GM I, 7

morais é exatamente este que não consegue lidar com o esforço de guerra que é a vida, tem dificuldade de assumir sua animalidade guerreira porque sofreu o processo de adestramento. Entretanto, mesmo este homem é provido de alguma vontade de poder. O tipo cristão e o tipo Jesus são desprovidos de vontade de poder, o tipo Jesus completamente sem vontade de poder, enquanto o cristão com ainda um *quantum* de energia. Os dois constituem-se organismos doentes, degenerados, hiperexcitados e esgotados. Entretanto, é Jesus o portador da boa nova que por sua inerte perspectiva de mundo transfigurou sua não reação em amor estabelecendo a crítica profunda ao cristianismo como transvaloração de todos os valores. “Deste modo, o agressor, tudo o que agride (toda realidade, portanto) incita, no agredido, uma resistência, uma resposta, uma defesa, da qual o degenerado se mostra incapaz. O degenerado se vê, então, com apenas duas opções: *ressentir* ou *amar*.”<sup>337</sup> Jesus amou incondicionalmente!

O tipo Jesus de Nietzsche é desprovido de vontade de poder e esta condição se faz perceptível pela análise psicofisiológica. Outros métodos mostraram-se ineficazes ou insuficientes. Sua realidade esgotada o afasta de toda forma de conflito e combate, sendo uma existência de puro amor. “O reino de Deus encontrado por Jesus é um estado do coração porque esse tipo só pode lograr alcançar um estado de beatitude em sua própria intimidade, porque ele é *incapaz* de resistir, sua vontade de poder alquebrada não poderia se efetivar por meio do combate, da luta, da resistência, do domínio (nem mesmo pelo domínio de si), da superação, mas somente por meio do *amor*.”<sup>338</sup> Portanto, Jesus, sem qualquer *quantum* de energia, não reage e assume sua vida sem nenhum ressentimento, não consegue ressentir, não há forças. Sem força alguma Jesus ama, ama porque no seu processo degenerescente encapsulou-se e não tem forças para combater o externo, ama porque é tomado por uma força, que não é dele, mas acredita ser motor que ainda move a vida. A força que o conduz na sua impotência absoluta vem do Pai. E porque sua idiotia o colocou em contato direto com Deus e por Ele toda força conduz a uma prática de amor, que ele pode ser filho. “(...) com a palavra ‘filho’ se expressa a *entrada* no sentimento geral de transfiguração de todas as coisas (a beatitude), com a palavra ‘pai’, *este sentimento mesmo*, o sentimento de eternidade, de perfeição.”<sup>339</sup> A condição do filho levado pelo Pai transforma o espírito livre num Espírito Santo. Mas o

---

337 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 423.

338 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 411.

339 AC 34

filho idiota em comunhão com o Pai santificado em sua beatitude de amor, não é mais filho, mas o próprio Pai: Deus e Santo.

Não obstante, esse amor, esse poder tão elevado que esse sujeito de compleição fisiológica degenerada não consegue reconhecer como absolutamente seu, que parece tomar conta de seu ser a partir de seu interior, mas que, ao mesmo tempo, se apresenta como uma força superior, como “Pai”, não poderia vir, tal sujeito acredita, de si próprio, esse amor só pode vir do seu Pai que está no céu, de seu querido *Abba* (Paizinho), esse amor é a manifestação do poder, da glória, do reino de Deus. Pelo amor, ele se torna filho de Deus.<sup>340</sup>

---

340 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012. P. 424.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### A insustentável leveza da interpretação

O maior dos pesos é desejado como um valor, o que é grandioso trás consigo a carga imensa do sofrimento e da dor. Ao retirar o peso de sobre os ombros, a leveza se anuncia como uma dádiva. “O mais pesado fardo nos esmaga, nos faz dobrar sobre ele, nos esmaga contra o chão. Na poesia amorosa de todos os séculos, porém, a mulher deseja receber o peso do corpo masculino. O fardo mais pesado é, portanto, ao mesmo tempo a imagem da mais intensa realização vital. Quanto mais pesado o fardo, mais próxima da terra esta nossa vida, e mais ela é real e verdadeira.”<sup>341</sup> Há leveza no peso e o leve não pode ser sem peso. É porque há peso que existe leveza e quanto maior o peso mais sublime o significado da leveza. De modo similar, a leveza detém um peso que opera sobre sua ação, deslizando sobre seus contornos a fruição do delicado. Sem o peso a leveza não seria leve, constituir-se-ia apenas angústia de uma liberdade *sem quê nem pra quê*. O peso sem a leveza esmagaria tudo. “Por outro lado, a ausência total de fardo faz com que o ser humano se torne mais leve que o ar, com que ele voe, se distancie da terra, do ser terrestre, faz com que ele se torne semirreal, que seus movimentos sejam tão livres quanto insignificantes.”<sup>342</sup> No peso e na leveza encontram-se os ingredientes de uma grande história, a História da Filosofia, a enorme discussão dessa fratura exposta do sujeito-objeto, do corpo alma, do teologia ciência, do literatura ciência, do eu outro, do ser não ser, como um eterno retorno do mesmo. Milan Kundera recupera Nietzsche em seu romance erótico, *A insustentável leveza do ser*, e anuncia o paradoxo do peso e da leveza, um pouco de filosofia e arte.

No mundo do eterno retorno, cada gesto carrega o peso de uma insustentável leveza. Isso é o que fazia com que Nietzsche dissesse que a ideia do eterno retorno é o mais pesado dos fardos (*das schwerste Gewischt*).<sup>343</sup>

Ora, do mesmo modo que a leveza não pode ser sem o peso e o peso sem a leveza, a interpretação não é sem os conceitos e os conceitos sem a interpretação. Os conceitos duros fixam o real para uma interpretação, mas isto é momentâneo: uma fagulha. No interpretar, aqueles conceitos se perdem e o próprio real escapa, correndo-

---

341 KUNDERA, Milan. *A Insustentável leveza do ser*. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1983, p. 11.

342 KUNDERA, Milan. *A Insustentável leveza do ser*. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1983, p. 11.

343 KUNDERA, Milan. *A Insustentável leveza do ser*. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1983, p. 10.

se o risco da interpretação cair no redemoinho da interpretação da interpretação, uma metalinguagem da semiótica, já sem os conceitos e sem o real, e isto não é nem filosofia nem literatura, mas o sumidouro da dor resignada da constatação elementar de que o real nos é impossível. Não, há no interpretar um rigor conceitual numa relação paradoxal de uma insustentável leveza da interpretação construída pela força titânica de uma vontade de poder. Tateando palavra por palavra, o mundo se descortina da interpretação, não um mundo falso, tampouco um mundo verdadeiro, mas o mundo que se pode fundar naquele ponto da interpretação. Neste sentido, indiquemos desde já que o método intuitivo de Bittencourt não é melhor ou pior que o método experimental de Féré, sua investida interpretativa avança na produção dos conceitos necessários a sua formulação genealógica do tipo Jesus; por outro lado, Féré, fortemente ancorado nos conceitos e nos testes laboratoriais de psicomotricidade não é mais contundente por dedicar-se a uma metodologia supostamente mais objetiva; ele, Féré, também lança mão de sua intuição enquanto cientista. A ciência dura demais nos seus conceitos se perde do real, a interpretação solta demais se perde do real. É por causa da leveza da interpretação que é possível suportar o fardo dos conceitos, é por causa do imenso peso dos conceitos que se torna necessária a leveza da interpretação. Porque fomos forjados na caldeira infernal dos conceitos judaico-cristãos que nos tornamos escravos de uma moral, a moral de rebanho, substancialista, somente peso, nenhuma leveza, e por isso não conseguimos sentir o peso e a leveza das coisas com saúde e vigor; acabamos por sempre dicotomizar artificialmente aquilo que é para (doxa). Não há uma oposição entre a hipótese literária e a hipótese médica, há peso e leveza na tentativa de uma transvaloração de todos os valores.

E até eu.. .acaso quererei ser com isto acusador do homem? Ah, meu animais, sei apenas uma coisa neste mundo; é que o homem precisa do que tem de pior em si mesmo para alcançar o que tem de melhor. O pior é o melhor de sua força e a pedra mais dura que se oferece ao mais alto criador; é mister que o homem se torne melhor e pior.<sup>344</sup>

Promover um rasgo semântico entre Bittencourt e Sena para separá-los no abismo do eixo Rio-São Paulo sem uma ponte aérea ou uma via Dutra que seja, é mais uma vez perseveramos numa filosofia moral do ressentimento que ao invés de ver conjunções, vê, de novo, polaridades, rancor, inimizades, impossibilidades. Nesta dissertação de mestrado quis fazer diferente, pois numa filosofia *além de bem e mal*,

---

344 Za III, O Convalescente, II

Jesus não é nem idiota, nem santo, ou nenhuma destas duas coisas isoladamente negando-se mutuamente, mas uma prática beatífica que só é possível por causa da idiotia. Se o idiota alguma vez foi menor por sua dificuldade de tato com o mundo, então a hipótese médica com seu diagnóstico, corrobora com a hipótese literária porque aprisiona Jesus na sua nosologia, mas por movimentos intuitivos de interpretação se elaborou sua santificação como imanente ao diagnóstico médico. O idiota de Jesus só pode ser santo porque é um idiota. Santo e idiota não estão separados por um abismo, eles se coadunam numa realidade interpretativa. O peso e a leveza: um paradoxo!

Ler Nietzsche como a encontrar uma certeza ou uma posição dura é insuficiente, pois sua filosofia tenta promover uma crítica não apenas formulando um contraponto argumentativo, mas também pela linguagem peculiar negadora de uma sintaxe objetiva, os aforismos e metáforas, lançar mão de imagens, sons, ideias que distorçam a interpretação desenvolvendo mundos. O mundo não existe em si mesmo como uma exterioridade não contextual, dado desde sempre, no qual poderíamos observá-lo com um método e descrevê-lo como ele é de fato. E o homem também não é uma interioridade em si mesmo. Homem e mundo se copertencem numa relação, e neste *entre* que somos no mundo que criamos soluções para dar conta da complexidade do todo. Ler Nietzsche é se aproximar do objeto sorrateiramente, indo, devagar, desconfiado. E com a lentidão de um filólogo: Nietzsche exhibe os contornos de uma imagem e quase já temos certeza das suas dimensões e valores, e movidos pela paixão sentimos no corpo o significado daquilo que “é”. Porém, bem perto, na ponta final de uma frase bem pequena, uma palavra, duas quem sabe, uma vírgula talvez, modifica todas as noções substancialistas que perseguíamos, como um estalo, um choque, um advento, como uma dor ou uma alegria que bate no corpo sua semântica dos afetos. Por isso, o projeto nietzschiano da vontade de poder no Zaratustra não foi substituído pelo tipo Jesus desprovido de vontade de poder. Não existe vida sem vontade de poder, mas o tipo Jesus não é exatamente uma representação de um organismo, Jesus é o Santo necessário ao combate do projeto de negação da vida protagonizado por Paulo. Novamente, a afirmação de que Nietzsche haveria abandonado o seu tipo Zaratustra pelo tipo Jesus é de novo cair na cilada moral dos valores totalitários e puros. O destino de Zaratustra não é o de Jesus. Zaratustra é o profeta do eterno retorno, Jesus uma prática de vida que não se ensina, nem se transmite, uma existência de amor enquanto último guardião de uma cadeia degenerescente, ou seja, a impossibilidade fisiológica de seu eterno retorno.

Canta, e distrai-te, Zaratustra; cura a tua alma com cantos novos, para poderes suportar o teu grande destino, que ainda não foi destino de ninguém.

Que os teus animais bem sabem quem és, Zaratustra, e o que deves chegar a ser: *tu és o profeta do Eterno Retorno das coisas*. E este é agora o teu destino.<sup>345</sup>

Ora, se vontade de poder é vida e de algum modo Jesus é vida, como poderia ser desprovido de vontade de poder? Alguma força existe em Jesus, pois não estava morto! Sim, há força e esta força vem de Deus, não é dele, ele é apenas movido por ela. E conseguiu ser mecanismo da vontade de poder de Outro porque sua idiotia permitiu esse ensimesmar-se na plenitude de contato com Deus, sem intermediários ou anunciadores. A manobra hermenêutica de Sena é colossal, porque ao dispor desta pitada do teológico na sua culinária do tipo psicológico do Redentor rompeu com os dualismos e anunciou uma posição transvalorada. No sentido de que ao ateu o tipo Jesus tem um conteúdo blasfematório e zombeteiro, e serve como ataque ao cristianismo institucionalizado; ao crente é uma distorção desrespeitosa da figura máxima de Jesus. Ateus e crentes jamais estariam perto em qualquer arranjo que se vislumbre. Para o ateu, Jesus não poderia ser tomado pela vontade de poder proveniente de Deus que fez do espírito livre, o Espírito Santo, traduzindo a multiplicidade da trindade na Unidade de Javé; para o crente, Jesus não é o idiota, último elo da degenerescência crônica, aquele que reconhece a sua existência decadente e mórbida e aceita sua condição sem ressentimento e rancor, existindo na alegria de sua prática beatífica de amor: o crente quer um Jesus todo poderoso que pune e dissemina o ódio pela vingança. O ateu ficaria decepcionado pelo Jesus levado por Deus. O crente se surpreenderia com uma filosofia “ateia” que leva em conta Deus na prática do alegre mensageiro. Crentes e ateus, talvez, concordariam em sua insatisfação com relação ao desfecho desta dissertação. E aqui esta a chave interpretativa para uma filosofia que transvalore todos os valores.

Ateus e crentes, assim como todos nós, justificamos o mundo a partir destes pressupostos substancialistas, dualistas, rancorosos, rígidos. O mundo, todo ele, uma totalidade compacta em si mesmo, sem causa e sem razão, uma profusão de tudo ao mesmo tempo o tempo todo, sem nada muito duro e seguro. Esse mundo assim tão inseguro nos é insuportável, a vida precisa fazer sentido. A invenção de Deus é uma solução útil para estancar a torrente de sofrimento de uma vida vazia. É porque a vida se impõe como força, vontade de poder, que se criam deuses no sentido de alimentar no

---

345 Za III, O Convalescente, 2

homem a esperança no além-mundo evitando sua morte por desejo da vontade. O ateu, por outro lado, é um crente, entretanto, sem Deus. Estes, tão acostumados as suas certezas, sequer levantando uma ponta de dúvida, teriam dificuldades para uma filosofia *além de bem e mal*. Nossos esforços neuronais, cognitivos, emocionais, não dão conta de um mundo todo ele de uma vez e por isso nos apegamos a fragmentos do todo e o isolamos para neste sedimento do existir sermos o que somos. Uma filosofia do futuro exigiria do pensador as não-categorizações, o reconhecimento da incompletude, da impossibilidade do real, do sofrimento como condição da vida. Não é uma formulação que denuncia culpados e vítimas, todos esses pressupostos estacionários são estratégias da própria vida para nos proteger da derrota frente a uma dor lancinante e voraz.

A transvaloração de todos os valores morais anuncia-se quando o valor dos valores é questionado para a criação de novos valores. Mas os novos valores morais são passíveis de serem questionados e superados. O além-do-homem seria aquele capaz de fabricar seus próprios valores libertando-se da moralidade dos costumes, se desgarrando dos conceitos finalistas, promovendo uma *Hermenêutica do Sujeito* e do mundo, uma interpretação tão leve quanto uma pluma. Leve, mas se toda leveza tem um peso, uma interpretação que cria conceitos. O homem transvalorado já não mais se apequena com uma razão que estabelece dogmas, defende seu mundo com a paixão dos afetos alegres, bastante leveza; com uma razão sapiente, um pouco de peso; despreocupado com os rastejantes axiomas morais de certo, errado, verdade, falsidade, culpa, pecado; na sua defesa apaixonada, se equivoca e se acerta, e isto não tem relação nenhuma com certo e errado, culpa ou pecado, isto tem haver com o corpo, com a vida que exuberante na expansão de sua força se afirma como tal enquanto vontade de poder. Isto ou aquilo me servem na medida em que forem úteis ao crescimento da força. Depois podem ser descartados porque são sempre categorias provisórias que não explicam o mundo, mas servem a vida. O tipo Jesus como desprovido de vontade de poder anarquiza as categorias morais gerando confusão no leitor educado no chicote da culpa. A posição do idiota de Jesus é transvalorada porque aniquilou todas as verdades, todos os abismos. Sua beatitude como condição da idiotia, ao mesmo tempo, que exalta, rebaixa, o idiota que é baixo se torna alto, Jesus que é alto se abaixa, Deus que é todo poderoso, a magnânima altura, rasteja junto ao completamente sem poder. Tudo que era certo reduziu-se a interpretação, mas a interpretação nem um pouco certa, quis os conceitos

das concepções transcendentalistas. É como um incessante *looping*, o eterno retorno, em que as separações arbitrárias cessaram, e tudo conectado a tudo, numa grande rede significativa, acata todas as dimensões do possível, as nega, as reavalía, as retransmite, as esquece, inventa outras, tudo como profícuo estatuto de uma vontade de poder.

Regressarei com este sol, com esta terra, com esta águia, com esta serpente, não numa vida nova, numa vida melhor, nem numa vida análoga, tornarei eternamente para esta mesma vida, igual em suas grandezas e suas misérias, para ensinar outra vez o Eterno Retorno das coisas, para anunciar mais uma vez o Grande Meio-dia da terra e dos homens, para anunciar mais uma vez o Além-homem.<sup>346</sup>

Superado os dualismos ingênuos. A hipótese médica como instrumento para aguçar os anseios do intuitivo, e um Jesus sem vontade de poder: colocada uma posição materialista diagnosticada pela psiquiatria, a idiotia, e o idiota como uma invenção russa. Aqui, se perderam todos os alicerces, pois o idiota de Jesus performa uma vontade de poder sem um conteúdo moral específico. Talvez, o tipo Jesus quando tomado pelo Pai assuma uma outra vontade de poder capaz incorporar novos valores, sem indicar valores em absoluto. Ou seja, sua existência performática, faz surgir uma vida transvalorada na medida em que assume o reino dos céus neste mundo, que não julga ou condena, que, apenas, ama. Idiota e sábio, Santo e louco, Pai e filho, espírito livre e Espírito Santo, poder sem poder, interpretação e conceito, medicina e literatura, peso e leveza, todas essas categorias assumem sua condição em Jesus, sempre numa transitoriedade, servindo aos anseios da vida, isto é, o tipo Jesus em sua mutabilidade frequenta os diversos modos de ser para mostrar, expor, exaltar a vida, sem procrastinação ou justificações. O seu sentido da vida é sem conteúdo porque é uma existência pronta, plenificada, pois reconhece sua condição decadente e vive sem maiores subterfúgios, de forma natural, com jovialidade e alegria.

O idiota de Jesus não é nem uma criação literária, nem médica, talvez, médico-literária, mas suspeito que ainda seja pouco. O idiota de Jesus é o paradoxo de uma vida, sem vida, a nulidade de vida que unido a toda vida(Deus), afirma todas as vidas pelo exercício prático do amor. Isto não é nem blasfêmia, nem proselitismo cristão, isto é uma filosofia para *além de bem e mal*.

---

346 Za III, O convalescente, 2.

## APÊNDICE I

### O Debate das Fontes

#### *Jesus como “gênio” e “herói”*

A interpretação nietzschiana para o tipo Jesus como alguém que não reage, que perdoa, é completamente oposta a de Renan que usou das categorias “gênio” e “herói” para se referir ao redentor. “O senhor Renan, esse bufão *in psychologicis* [ em coisas psicológicas], utilizou em sua explicação do tipo Jesus os dois conceitos mais inadequados que pode haver neste caso: o de gênio e o de herói ( ‘héros’).”<sup>347</sup>

Ora, a primeira questão que se coloca é a de se seria possível uma história do tipo Jesus. Ou seja, se apesar das mutilações das quais os evangelhos sofreram e da atuação monumental da catequese paulina ao longo dos séculos pela Igreja, ainda assim poder-se-ia reconstituir os traços do redentor! Antes de adentrar na discussão, é digno lembrar que uma história que narrasse de uma vez por todas os fenômenos é impossível, o real não é apreensível em sua totalidade sem que nada escapasse ao observador, por melhor que seja a sua ferramenta de análise, nas palavras de Nietzsche: “(...) todos os conceitos em que um processo inteiro se condensa semioticamente se subtraem a definição; definível é apenas aquilo que não tem história”.<sup>348</sup> Só com esse parêntese já seríamos capazes de sustentar a hipótese de que uma história de Jesus como uma verdade, é pura perda de tempo ou pretensões de fanático religioso. Mas, observemos o debate de Renan e Strauss ( “ Esta longe o tempo em que, como todo jovem erudito, saboreei, com a sábia lentidão de um refinado filólogo, a obra do incomparável Strauss”<sup>349</sup>) e o contraponto nietzschiano.

Allan Sena em sua dissertação *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor* faz uma rica discussão sobre as considerações de Strauss e Renan, autores que Nietzsche teve contato, acerca de uma História de Jesus. Strauss era um entusiasta do método científico e acreditava nele como recurso para sua empreitada, haja vista, num primeiro momento, solucionar as contradições internas e externas dos evangelhos. “*Widely as in this respect the tone of the present work may be contrasted with the edifying devoutness and enthusiastic mysticism of recent books on similar subjects ; still it will nowhere depart from the seriousness of science, or sink into frivolity; and it seems a just demand*

---

347 AC 29

348 GM II 13

349 AC 28

*in return, that the judgments which are passed upon it should also confine themselves to the domain of science, and keep aloof from bigotry and fanaticism.*”<sup>350</sup> Renan, por sua vez, vislumbrava recuperar os traços originais de Jesus perseverando numa abordagem moral.

Ora, segundo Nietzsche, a aplicação feita por Strauss dos métodos científicos que a história dispunha na época para a análise dos Evangelhos revelou-se infrutífera, pois, a despeito do êxito obtido pelo historiador em exibir as inúmeras contradições existentes nos relatos evangélicos, sua tentativa de explicar as origens do cristianismo do ponto de vista mitológico não conseguiu atingir o cerne da questão sobre as dificuldades de se reconstituir uma “vida de Jesus”. A inépcia de Renan em questões psicológicas, por outro lado, não permitiu que o historiador percebesse que somente as manipulações operadas em torno do caráter de Jesus puderam fazer com que esse mestre da pacata Galiléia fosse confundido com algo que só poderia ser explicado mediante os atributos “gênio” e “herói”.<sup>351</sup>

David Strauss considerava a crença em Jesus como completamente descabida na modernidade. Uma época de florescente avanço científico, com metodologias de análise mais sofisticadas, assim como instrumentos técnico-maquínicos cada vez mais eficientes e precisos, era de emancipação do homem do jugo das crenças, da fé inabalável. Pois o homem, agora exímio conhecedor, não poderia pecar por ignorância. Entretanto, segundo Nietzsche, apesar de todo esse avanço científico, o trabalho historiográfico do autor não resolveu a sua questão primordial “(...) de Jesus como um produto mitológico criado coletivamente.”<sup>352</sup>

Em *Das Leben Jesu (The Life of Jesus)*, Strauss procura as contradições internas e externas do redentor no texto.

*The religion and sacred literature of the Greeks and Hebrews had been gradually developed with the development of the nation, and it was not until the intellectual culture of the people had outgrown the religion of their fathers, and the latter was in consequence verging towards decay, that the discrepancy which is the source of these varying interpretations became apparent.*<sup>353</sup>

---

350 STRAUSS, David Friedrich. *The Life of Jesus*. Swan Sonnenschein & Co. Lim., Londres, 1902, p. 30. (“Amplamente, a esse respeito, o tom do presente trabalho pode ser contrastado com a devoção edificante e o misticismo entusiasmado de livros recentes sobre assuntos semelhantes; ainda assim, em nenhum lugar se afastará da seriedade da ciência ou afundará na frivolidade; e, em troca, parece uma exigência justa que os julgamentos que lhe são proferidos também se limitem ao domínio da ciência e se afastem do fanatismo e fanatismo.”)

351 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 45.

352 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 46.

353 STRAUSS, David Friedrich. *Life of Jesus*. Swan Sonnenschein & Co. Lim., Londres, 1902, p. 44. (“A religião e a literatura sagrada dos gregos e hebreus foram gradualmente desenvolvidas com o desenvolvimento da nação, e não foi até a cultura intelectual do povo ter superado a religião de seus pais, e este último, em conseqüência, à beira da decadência, que a discrepância que é a fonte dessas diferentes interpretações se tornou aparente.”)

Ele classifica as contradições externas como aquelas que correspondem à dúvida de se os evangelhos foram escritos pelos apóstolos ou por testemunhas oculares ( Mateus e João). Já as contradições internas seriam aquelas que se encontram no corpo do próprio escrito bíblico. O mito não é necessariamente histórico. Por isso, a necessidade de se separar mito e história, entretanto, a tradição eclesiástica e popular misturaram ambos dificultando sobremaneira uma análise mais lúcida do tipo Jesus. A questão mesma é a de que, inevitavelmente, o mito se instalou no próprio texto de maneira que a tarefa do historiador ( a pretensão de Strauss), é conseguir separar os eventos analisando as próprias contradições textuais e comparando os relatos com os achados arqueológicos, por exemplo, se os comportamentos narrados em um determinado ponto eram de fato praticados daquela maneira naquela cultura. As inconsistências aparecerão no estudo, porém, insuficientes para sustentar a hipótese do mito como criação coletiva.

Mas, na verdade, a questão sobre a autoria dos Evangelhos é mesmo de menor monta, porque ela pouco poderia dizer em relação aos problemas que surgem do exame do conteúdo em si desses relatos, ou seja, suas inúmeras contradições internas. A começar pela total imprecisão geográfica a respeito de onde se passam os acontecimentos, os erros acerca de eventos históricos e sobre a política do Império; bem como a confusão de datas, de nomes, de pessoas (ora Maria Madalena é uma prostituta, ora uma discípula; ora Lázaro é um amigo próximo de Jesus, ora um quase desconhecido), da descrição de costumes em total desacordo com a época e o lugar, da descrição anacrônica dos rituais, da hierarquia e política do Templo, da quantidade de milagres de Jesus, do número de vezes que ele teria ido a Jerusalém durante sua missão pública, de como ele teria feito essa entrada, etc.; o caráter completamente fantasioso das árvores genealógicas de Jesus e a contradição entre aquela apresentada em Mateus e aquela de Lucas; a ambiguidade sobre se sua mãe e alguns de seus irmãos e irmãs o viam como um Messias ou como um louco, etc.; e por último, os elementos sobrenaturais contido neles, em franco desacordo com o estado atual do conhecimento científico, suas descrições e referências a fatos absurdos e falsos.<sup>354</sup>

O mito do redentor não foi criado na Galileia, mas ao longo do tempo, com finalidades políticas, todavia elementos culturais pululavam no Antigo Testamento e deram suporte a esperteza dos sacerdotes que o utilizaram como eventos estabelecidos no Novo Testamento. Os evangelhos não estão intactos, havia a necessidade de modificá-los, de acordo com a conveniência desta ou daquela conjuntura. Assim, a imagem do Jesus com essa exuberância de contornos estilísticos no qual conhecemos hoje, foi, vagarosamente, construída e pensada. O conteúdo do mito concorda com a cultura local onde emergira, por isso ele se consolidou e se perpetuou. “Por exemplo,

---

354 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 59.

como os judeus apreciavam representar grandes homens como filhos de mães longamente estéreis, isso basta para desconfiarmos da historicidade, diz Strauss, do relato que mostra o nascimento de João Batista segundo esse modelo.”<sup>355</sup> Na letra de Strauss: “*Whilst these representations (such is Eichhorn's statement of the matter) are always, in reference to the Hebrew records, understood verbally and literally, it has hitherto been customary to explain similar representations in the pagan histories, by presupposing either deception and gross falsehood, or the misinterpretation and corruption of tradition.*”<sup>356</sup> Quando o caráter mágico se apresenta de forma abusiva, a história se perde. O mito de Jesus ganhou musculatura quando adquiriu a alcunha de messias.<sup>357</sup> Antes disso era mais um profeta, como tantos outros que havia na época, louco ou visionário, fanático ou idiota<sup>358</sup>.

As condições para o surgimento do mito do messias estavam relativamente consolidadas pelos sacerdotes judeus que interpretavam mal as passagens do Antigo Testamento. Aludindo que profecias para questões pontuais de um determinado contexto num tempo próximo eram alavancadas como o anúncio de um grande líder do povo hebreu ou o salvador. Correndo paralelamente, conteúdos paganistas e/ou de outras orientações não judaicas ou cristãs aglutinaram-se na formulação do messias. “Sendo assim, o mito do Messias foi se desenvolvendo aos poucos, por meio da má interpretação dessas profecias; uma má interpretação condicionada tanto pela nova realidade histórica em que se estava inserido quanto por influência do paganismo (nascimento virginal, nascimento na caverna, expiação, etc.), do zoroastrismo (anjos, magos, estrela guia, juízo final, ressurreição, céu, inferno, etc.), do mitraísmo (vida após a morte, julgamento, salvação da alma, etc.) e do gnosticismo (doutrina do Verbo,

---

355 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 64.

356 STRAUSS, David Friedrich. *The Life of Jesus*. Swan Sonnenschein & Co. Lim., Londres, 1902, p. 47. (“Embora essas representações (como a afirmação de Eichhorn sobre o assunto) sejam sempre, em referência aos registros hebraicos, entendidas verbal e literalmente, até agora costumava-se explicar representações semelhantes nas histórias pagãs, pressupondo engano e falsidade grosseira, ou a má interpretação e corrupção da tradição.”)

357 “*Wie der Mythos selbst die zwei Seiten an sich hat, erstlich nicht Geschichte, sondern zweitens eine aus der Geistesrichtung einer gewissen Gemeinschaft hervorgegangene Dichtung zu sein: so wird er eben auch an diesen zwei Seiten, mithin einerseits na negativen, andererseits an positiven Kriterien, als solcher sich erkennen*” (*Das Leben Jesu*, Erster Band, p. 103). (“Assim como o mito em si tem dois lados, em primeiro lugar, não a história, mas em segundo lugar uma poesia que surgiu do espírito de uma determinada comunidade: assim também é nesses dois lados, por um lado, negativo, por outro, critérios positivos, como reconhecer a si mesmo”)

358 O termo idiota será discutido detalhadamente ao longo da obra e não tem aqui um tom blasfematório.

Evangelho de João, etc.).”<sup>359</sup> Algumas passagens do antigo testamento coincidem bastante com eventos milagrosos de Jesus, induzindo o leitor mais desconfiado a pensar que, talvez, tivessem sido copiadas e readaptas com finalidades espúrias.

<sup>8</sup>Então o Senhor disse-lhe:<sup>9</sup>Vai para Sarepta de Sidon e fixa-te ali: ordenei a uma viúva desse lugar que te sustente.<sup>10</sup>Elias pôs-se a caminho para Sarepta. Chegando à porta da cidade, viu uma viúva que ajuntava lenha. Chamou-a e disse-lhe: Por favor, vai buscar-me um pouco de água numa vasilha para que eu beba.<sup>11</sup>E indo ela buscar-lhe a água, gritou-lhe Elias: Traze-me também um pedaço de pão.<sup>12</sup>Pela vida de Deus, respondeu a mulher, não tenho pão cozido: só tenho um punhado de farinha na panela e um pouco de óleo na ânfora; estava justamente apanhando dois pedaços de lenha para preparar esse resto para mim e meu filho, a fim de o comermos, e depois morrermos.<sup>13</sup>Elias replicou: Não temas; volta e faz como disseste; mas prepara-me antes com isso um pãozinho, e traze-mo; depois prepararás o resto para ti e teu filho.<sup>14</sup>Porque eis o que diz o Senhor, Deus de Israel: a farinha que está na panela não se acabará, e a ânfora de azeite não se esvaziará, até o dia em que o Senhor fizer chover sobre a face da terra.<sup>15</sup>A mulher foi e fez o que disse Elias. Durante muito tempo ela teve o que comer, e a sua casa, e Elias.<sup>360</sup>

E,

<sup>42</sup>Veio um homem de Baalsalisa, que trazia ao homem de Deus, à guisa de primícias, vinte pães de cevada e trigo novo no seu saco. Dá-os a esses homens, disse Eliseu, para que comam.<sup>43</sup>Seu servo respondeu: Como poderei dar de comer a cem pessoas com isto? Dá-os a esses homens, repetiu Eliseu, para que comam. Eis o que diz o Senhor: Comerão e ainda sobrá.<sup>44</sup>E deu-os ao povo. Comeram e ainda sobrou, como o Senhor tinha dito.<sup>361</sup>

Em sua *Das Leben Jesu (The Life of Jesus)*, Strauss tentou afastar o mito da história, trabalho sem sucesso, e, ademais, buscou recuperar o Jesus histórico, desmistificando-o, para retirar-lhe o tom visionário, principal contraponto de Strauss a Renan.

*The only supernatural incident of the narrative, of which the Old Testament may seem to offer no precise analogy, is the dumbness ; and this is the point fixed upon by those who contest the mythical view. But if it be borne in mind that the asking and receiving a sign from heaven in confirmation of a promise or prophecy was usual among the Hebrews<sup>362</sup>; that the temporary loss of one of the senses was the peculiar punishment inflicted after a heavenly vision<sup>363</sup> ; that Daniel became dumb whilst the angel was talking with him, and did not recover his speech till the angel had touched his lips and opened his mouth<sup>364</sup>: the origin of this incident also will be found in the legend, and not in historical fact.<sup>365</sup>*

---

359 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 69.

360 1 Reis 6-16

361 2 Reis 4-42ss

362 Is 7:2

363 At 9:8- 17

364 Dn 10: 15

365 STRAUSS, David Friedrich. *Life of Jesus*. Swan Sonnenschein & Co. Lim., Londres, 1902, p. 107. (“O único incidente sobrenatural da narrativa, do qual o Antigo Testamento parece não oferecer analogia precisa, é a idiotice; e este é o ponto fixado por aqueles que contestam a visão mítica. Mas se lembre-se de que pedir e receber um sinal do céu em confirmação de uma promessa ou profecia era comum entre os hebreus; que a perda temporária de um dos sentidos foi o castigo peculiar infligido após uma visão

Nietzsche em *O Anticristo* critica o trabalho deste historiador por deixar cristalino que os evangelhos foram deturpados e mutilados, não havendo muito ao que se apegar ali. Além, de, evidentemente, ser uma tarefa inalcançável separar o mito da história já que por milênios ambos caminharam unidos como irmãos siameses, filhos de um parto premeditado pelos obstetras da decadência.

De acordo com Nietzsche, a noção de *tradição*, ou seja, o conjunto das produções espirituais (narrativas míticas, relatos históricos, objetos artísticos, etc.) que conservam, transmitem, reelaboram, reinterpretam, criam e recriam toda a herança cultural de um povo, *não pode ser aplicada aos Evangelhos*, visto que neles *não se encontra o caráter inconsciente, espontâneo, instintual, natural e sobretudo honesto* de uma tradição, porquanto eles são fruto de uma milenar *arte de falsificação*, corrupção e adulteração *consciente e intencional* dos valores culturais, recorrendo às mesmas técnicas utilizadas nos Livros Sagrados judeus escritos durante a diáspora e na adulteração feita pelo código sacerdotal nessa mesma época dos escritos mais antigos do povo hebreu.<sup>366</sup>

A crítica de Renan a Strauss é de que o seu trabalho nada tem de científico, que é teologia e pretende fazer polêmica. “Renan defende que a polêmica não pertence ao domínio histórico, e que, além disso, ainda que a mesma seja necessária, ela já teria sido suficientemente representada por talentos bem mais elevados, como Voltaire(...)”<sup>367</sup> Strauss teria se agarrado a denúncia dos disparates da Igreja e acabou provocando equívocos ao explicar que a falsificação fora de tal magnitude que já não se afastaria mais mito de história. Ora, com um tom bem ressentido, Renan ataca seu oponente exatamente naquilo que ele expunha de grande valor e gratidão, seu carinho pela ciência. Nega que a vida de Jesus tenha sido inventada por uma tradição de embusteiros. Aponta que a identificação de contradições no texto bíblico não retira o caráter histórico de Jesus. Que, aliás, é graças à história de vida de Jesus que ele é o que é e lança mão do conceito de gênio para restituir a Jesus o protagonismo pelo cristianismo. Não vê nenhum equívoco, contradição, nas narrativas falsas e verdadeiras conviverem no espaço bíblico, que isto não deslegitima o caráter heroico do redentor.

Nietzsche contrapõe-se, precisamente, a estes elementos visionários para identificar o tipo Jesus. Seu ato revolucionário não se dá como o de “herói” ou “gênio”, é de outro modo, segundo o método genealógico. A crítica de Renan a Strauss como trabalho não científico não torna mais científico ou menos teológico o seu, pois a

---

celestial; que Daniel ficou bobo enquanto o anjo estava conversando com ele, e não recuperou sua fala até que o anjo tocou seus lábios e abriu sua boca: a origem desse incidente também será encontrada na lenda, e não em fatos históricos.”)

366 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 79.

367 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 106.

alguém bem distraído poderia parecer um texto que tenta exaltar a figura de Jesus com o único intuito de promover obras maravilhosas por meio do poder da palavra aos homens de fé.

Pois bem, Renan em sua *Vie de Jésus* faz uma crítica às fontes afirmando que os evangelhos não são fontes como outras quaisquer. Detalhes da vida de Jesus não se encontram ali, pois as comunidades daquela época acreditavam estar no fim dos tempos, não vislumbravam que o futuro se estenderia por deveras adiante e que leitores gostariam de saber sobre a vida de Jesus. Analisa ainda as motivações políticas e partidárias as quais impulsionaram a redação dos evangelhos. Os divide em três evangelhos sinópticos ( Mateus, Marcos e Lucas) e João com suas especificidades. Sobre os textos apócrifos e outros escritos por pessoas daquele período, os considera ainda menos confiáveis que os evangelhos. Os milagres, os anjos, demônios e outras fantasias prejudicam a análise histórica, mas que é preciso ter discernimento científico e saber comparar as fontes e testar os relatos aos achados arqueológicos. Deste modo, o

evangelho de Mateus é o mais autorizado naquilo que diz respeito aos discursos de Jesus; o Evangelho de Marcos narra com mais precisão vários episódios da vida pública de Jesus; o Evangelho de Lucas une os dois primeiros numa única narrativa preenchendo certas lacunas segundo sua interpretação parcial (baseada, principalmente, na doutrina de Paulo); e o Evangelho de João é o mais problemático, pois distorce e recria claramente os ensinamentos legítimos de Jesus, numa linguagem por demais próxima do gnosticismo, apesar de oferecer uma impressionante precisão nos detalhes sobre os últimos dias de Jesus.<sup>368</sup>

A história para Renan aproximar-se-ia da poesia e deveria se distanciar das leis gerais nas quais os Positivistas a aprisionaram, ou seja, a ideia de um método objetivo e rigoroso, proveniente das *Hard Science*, que aplicado à análise da História elucidaria a verdade dos fatos. O historiador tinha que conjecturar, levantar hipóteses. Lançar mão da intuição<sup>369</sup>. A História não busca uma verdade, ela narra, a partir das indagações e vazios hermenêuticos, próprios dos estudos históricos, os eventos como possibilidades, ensejos, como uma arte de cronista que vislumbra colorir os traços da tropa humana em

---

368 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 118.

369 “*Por moi, je pense qu’en de telles occasions il est permis de faire des conjectures, à condition de les proposer pour ce qu’elles sont. Les textes, n’étant pas historiques, ne donnent pas la certitude; mais ils donnent quelque chose. Il ne faut pas les suivre avec une confiance aveugle; il ne faut pas se priver de leur témoignage avec un injuste dédain. Il faut tâcher de deviner ce qu’ils cachent, sans jamais être absolument sûr de l’avoir trouvé.*” (Renan, *Vie de Jésus*, Préface, p. 13.) (“Da minha parte, acho que nessas ocasiões é permitido fazer conjecturas, desde que você as ofereça como elas são. Os textos, não sendo históricos, não dão certeza; mas eles dão alguma coisa. Eles não devem ser seguidos com confiança cega; não se deve privar-se de seu testemunho com um desprezo injusto. Você precisa tentar adivinhar o que eles estão escondendo, sem nunca ter certeza absoluta de que o encontrou.”)

franco movimento; antes do artista historiador, só existia a tela, antes havia o branco sem fundo, completamente oco e vazio, apesar de algo no passado ter ocorrido e, sabemos que ocorreu; com o historiador surgem os traços, contornos, pinceladas, cores da gigantesca pintura do existir humano; para Renan o historiador faz arte da História. “Ou seja, por encerrar um rol de possibilidades superiores aos estudos históricos, a poesia consegue se aproximar mais de um conhecimento que abarque a essência dos acontecimentos.”<sup>370</sup> Pois, a História, para Aristóteles, é mais geral enquanto a poesia dá conta do mais específico.

Renan e Nietzsche concordam sobre Jesus quando afirmam que ele transmitia uma prática, muito mais que uma fé. Uma vida única e singular com Deus, na qual, dogmas, sistemas e instituições são completamente desnecessários. Aqui, Renan concorda com a análise desenvolvida por Tolstói após a sua conversão. Um Jesus anárquico, que enquanto puro amor repudia toda forma de opressão: as instituições, o Estado, as leis, significam controle e domínio coercitivo, portanto, opostos aos preceitos cristãos. Ele não anunciava o além-mundo, nem formas de alcançá-lo. A obra de Jesus era a sua vida, uma existência sem mediação com Deus. Por isso, a negação as instituições religiosas que funcionam como meio de acesso a Deus. A cristandade é o oposto do redentor.

Portanto, conforme Renan, nem mesmo Jesus se apresentava como veículo entre Deus e os homens em um sentido sacerdotal, ele não instituiu ritos exteriores, ele desejou unicamente mostrar aos homens que Deus era o Pai de todos em consonância com o que ele próprio experimentava em seu coração, que nenhuma ponte até Deus era mais necessária.<sup>371</sup>

Jesus levaria os homens a outro estágio de desenvolvimento espiritual sem os conceitos dogmáticos do judaísmo instituído. O herói destruído, aniquilado, porém maior e virtuoso, pois sua lição é elevada. Aqueles para sempre silenciados, trazidos a tona, como filhos de Deus, reivindicando junto ao sacerdote o direito a sua relação individual com o Pai. Renan escreve que Jesus vai tomando consciência de sua missão revolucionária, de anunciar o reino de Deus, que, inicialmente, não é o além-mundo, mas a relação de cada um com Deus, uma imensa fraternidade em comunhão com o Criador. Todavia, após o batismo com João Batista assume o seu caráter heroico e deflagra sua luta junto aos gentios e afortunados, contra os poderosos e opressores. A Renan a evidencia mais sublime de um revolucionário social.

---

370 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 119.

371 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 123.

Em ação ofensiva contra os fariseus e sua Lei, a sua hipocrisia, Jesus avança sua revolução social como reformador universal. Condenava o amontoado de normas inventadas pelos sacerdotes, regras que afastavam os homens de Deus. Sua impaciência com relação a este mundo tomava corpo e, indignado, fez divagações sobre o outro mundo e o julgamento final e o reino de Deus. Para Renan, a crucificação de Jesus era inevitável.

Renan expõe uma mudança radical operada no espírito de Jesus nos seus últimos discursos: uma exaltação violenta de seu papel no mundo e da chegada iminente do reino de Deus e do julgamento dos homens levava-o ao mais puro desprezo pela terra e pelo mundo, pelas instituições humanas, pela temporalidade e pelas preocupações da vida, Jesus se torna, por assim dizer, um “louco”, um *fanático*, que passa a exigir “*impérieusement*” a fé. Mas todas essas atribuições abandonam o seu espírito nos seus últimos momentos, em que ele aceita resignadamente o destino final de sua jornada, retornando à sua docilidade habitual.<sup>372</sup>

Jesus uniu o homem a Deus por um elo inquebrantável, o amor. Aprendeu junto às sinagogas, pregava numa linguagem acessível a todos, doutores da lei e miseráveis. A genialidade de Jesus está, segundo Renan, em ser o fundador de uma doutrina milenar, de amor e perdão. Os que vieram depois, tentando aprofundar e disseminar os ensinamentos do mestre, apesar das distorções e equívocos, não anularam o extraordinário do gênio do Galileu. “(...) sua originalidade está em ter intuído espontaneamente os maiores avanços espirituais alcançados até então e os ter levado a um novo nível. Renan acredita que o espírito de Jesus foi um oceano para onde escoaram, *por vias desconhecidas*, as ideias mais importantes alcançadas ao redor do mundo por sábios inspirados, e, nele, elas se fortaleceram até adquirirem uma densidade única.”<sup>373</sup>

---

372 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 137.

373 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 142. Como explica Renan: “*Jésus ignorait jusqu’au nom de Bouddha, de Zoroastre, de Platon, il n’avait lu aucun livre grec, aucun soutra bouddhique, et cependant il y a en lui plus d’un élément qui, sans qu’il s’en doutât, venait du bouddhisme, du parsisme, de la sagesse grecque. Tout cela se faisait par des canaux secrets et par cette espèce de sympathie qui existe entre les diverses portions de l’humanité. Le grand homme, par un côté, reçoit tout de son temps ; par un autre, il domine son temps. Montrer que la religion fondée par Jésus a été la conséquence naturelle de ce qui avait précédé, ce n’est pas en diminuer l’excellence ; c’est prouver qu’elle a eu sa raison d’être, qu’elle fut légitime, c’est-à-dire conforme aux instincts et aux besoins du coeur en un siècle donné.*” (Renan, *Vie de Jésus*, pp. 259-260.) (“esus nem sabia o nome de Buda, Zoroastro, Platão, ele não havia lido nenhum livro grego, nenhum sutra budista, e ainda assim há nele mais um elemento que, sem suspeitar disso, veio do budismo, parsismo, sabedoria grega. Tudo isso foi feito através de canais secretos e através do tipo de simpatia que existe entre as várias partes da humanidade. O grande homem, de um lado, recebe todo o seu tempo; por outro, ele domina seu tempo. Mostrar que a religião fundada por Jesus foi a consequência natural do que precedeu, não é diminuir sua excelência; é provar que teve sua *raison d’être*, que era legítima, isto é, de acordo com os instintos e necessidades do coração em um determinado século.”)

O primeiro erro de Renan, segundo Nietzsche, foi considerar como mais relevantes os aspectos históricos, o ambiente corrupto no qual Jesus vivia, que sua constituição fisiopsicológica. Ou seja, os termos “gênio” e “herói” são inapropriados para o tipo Jesus, pois este, segundo a interpretação nietzschiana n’*O Anticristo*, é uma interioridade encapsulada em si mesma. Logo, Jesus não é “gênio”, conhece apenas o seu mundo interior, não tem arcabouço para comparar-se com o exterior e os outros. Ele não teve acesso à produção cultural da humanidade. Jesus não é “herói”, pois como aquele que não reage porque está condicionado a uma interioridade, não enfrenta seus opositores, como quis sugerir Renan atribuindo-lhe o epíteto de revolucionário social. Por isso, Jesus seria um idiota, no sentido de que está alheio a este mundo e que não se constringe diante do veneno que corre solto no viver em sociedade.

Nietzsche admite, entretanto, que a prática de Jesus agredia necessariamente a Lei judaica, pois denunciava toda a sua crueza, incoerência e prejuízo, porém, Jesus não atacou deliberadamente a Igreja judaica, ele não poderia, não possuía constituição alguma para isso. Jesus não tinha, portanto, de acordo com Nietzsche, real consciência das consequências advindas de sua prática.<sup>374</sup>

Bittencourt considera que a crítica a Strauss e Renan deve-se a uma insuficiência metodológica da história na interpretação do tipo Jesus. Que, exatamente, por estarem presas a um método no qual vislumbra descrever, objetivamente, o real, acabam se perdendo nas armadilhas do texto bíblico mutilado. “(...)trata-se de restaurar os traços mutilados de seu tipo psicológico; de outro lado trata-se de despojá-lo de elementos que a ele são estranhos e que foram acrescentados por camadas diversas de interpretação.”<sup>375</sup> Renan, mesmo que se apropriando de elementos literários na sua narrativa, ainda assim levanta explicações incoerentes a perspectiva nietzschiana do redentor. Mais sensato para a análise dos evangelhos seria buscar recursos intuitivos e literários, mais livres e despojados, no que concerne ao rigor textual; mais descomprometidos com o rigor das afirmações transcendentais, ou mesmo, verdadeiras, do tipo Jesus.

Todavia, a motivação maior para a desvalorização da metodologia filológica, formalista e historiográfica, para o estudo da vida de Jesus ocorre pela seguinte hipótese: a atividade historiográfica se revela obtusa na compreensão da psicologia dos Evangelhos, induzindo os intérpretes a erros crassos em suas análises. Nessas condições, o método indutivo se revelará muito mais pertinente para a compreensão da tipologia cristológica, e a literatura, que não está necessariamente comprometida com o rigor textual, mas com a expressão

---

374 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 145.

375 BITTENCOURT, Renato Nunes. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Ítaca, n. 15, 2010, p. 114.

criativa da originalidade psicológica do autor, se revela mais favorável para o estabelecimento desse processo investigativo.<sup>376</sup>

Por tudo isso, apesar das aproximações entre Nietzsche e Renan no que se refere a alguns pontos acerca do tipo Jesus, eles divergem fortemente quanto aos atributos “gênio” e “herói”. Isto porque as concepções de como teria sido Jesus são completamente distintas nos autores, o francês atribui a Jesus uma humanidade revolucionária, o alemão uma idiotia. “Gênio” e “herói” cabem num revolucionário, porém não num idiota.

#### *Indicativos do contato de Nietzsche com a obra de Dostoiévski*

A discussão sobre como teria sido a descoberta de Dostoiévski por Nietzsche ancora-se, principalmente, nas correspondências do filósofo. Edmilson Paschoal em seu artigo *Vestígios de Dostoiévski na correspondência de Nietzsche* publicado na revista *Estudos Nietzsche*, v. 6, n. 2, 2016, rastreou as referências a Dostoiévski no texto do autor e nas suas correspondências. Sobre as citações nas obras publicadas, ele lista: *O Anticristo* (AC 29), *O crepúsculo dos ídolos* (CI, O problema de Sócrates, 7), *O Caso Wagner* (CW 5). Nas suas anotações pessoais aponta: KSA 13, p. 144; KSA 13, p. 409; em que ele contrapõe a ideia de Renan do redentor como gênio e herói a ideia de Dostoiévski como idiota. Segundo Paschoal, as primeiras indicações indiretas parecem ser de 1880 com alusão ao niilismo russo (KSA 9, p. 127). A primeira referência explícita ocorre em uma carta datada de 12 de fevereiro de 1887 e endereçada a Franz Overbeck. No dia seguinte escreve a Heinrich Köselitz, “ – Você conhece Dostoiévski? Fora Stendhal, ninguém produziu em mim tanta alegria e surpresa: um psicólogo com o qual ‘eu me entendo’. –” (KSB 8, p. 24). Em 23 de fevereiro escreve a Overbeck contando-lhe sobre seu encontro com *L’esprit souterrain* que se deu por acaso numa livraria em Nice. Em 4 de março relata a Emily Fynn:

– Diga, por favor, à tua estimada amiga, que nesse inverno tenho refletido muito sobre as qualidades afetivas do povo russo, graças ao eminente psicólogo Dostoiévski, cuja agudeza de análise, mesmo na Paris moderna não encontra qualquer equivalente. Aprende-se a amar os russos por meio dele – aprende-se também a *temê-los*. É um povo que ainda não consumiu suas forças, como a maioria dos povos europeus, tanto as forças de sua vontade quanto a de seus corações. –<sup>377</sup>

---

376 BITTENCOURT, Renato Nunes. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Ítaca, n. 15, 2010, p. 112.

377 KSB 8, p. 39.

Em 13 de maio escreve a Overbeck confessando interessar-se pelas questões colocadas em *Memórias do Subsolo* e tece vigoroso elogio as habilidades do romancista afirmando que o autor russo seria capaz de expressar o valor de um homem “com a mais elevada fineza e microscopia psicológica de uma forma como nunca foi feito anteriormente”<sup>378</sup>. Em 04 de julho de 1887 escreveu a Hippolyte Taine:

Também não gostaria de esquecer, que me alegrei ao encontrar vosso nome na dedicatória do último romance do Sr. Paul Bourget: embora eu não tenha gostado do livro – jamais seria possível ao Sr. Bourget tornar crível um buraco realmente fisiológico no peito de um concidadão (algo assim é para ele simplesmente *quelque chose arbitraire*, da qual ele espera, no futuro, manter afastado seu gosto delicado. Contudo, não parece que o espírito de Dostoiévski não deixa em paz o espírito desses romancistas parisienses?).<sup>379</sup>

Em novembro de 1888, no dia 20, em carta a Georg Brandes, Nietzsche apresenta um dos motivos de sua gratidão para com Dostoiévski: “Acredito plenamente em vossas palavras sobre Dostoiévski; contudo, por outro lado, o avalio como o material psicológico mais valioso que conheço – sou-lhe grato de um modo especial, pelo quanto ele sempre vai na direção contrária dos meus instintos mais baixos. Mais ou menos como minha relação com Pascal, a quem quase amo, porque me ensinou o tempo todo: o único cristão *lógico*...”<sup>380</sup>

Paschoal ainda enumera as obras de Dostoiévski lidas por Nietzsche: *O espírito subterrâneo* (KSB VIII, p. 27), *Recordações da casa dos mortos* (KSB VIII, p. 41), *Humilhados e ofendidos* (KSB VIII, p. 50), além de pelas leituras de Nietzsche se perceber aspectos de *Os demônios* e *O Idiota*. E, ainda, é digno salientar que a edição *L'esprit souterrain*, realizada por Ely Halpérine e Charles Morice, publicada pela *Librairie Plon*, em 1886 reúne *A Senhoria* e *Memórias do Subsolo* como partes de um mesmo texto, um erro crasso, pois nunca fora intenção de Dostoiévski juntar os dois textos. Além de as traduções serem ruins, pois as expressões do texto russo não se equivalem no texto em francês. Por exemplo, Paschoal investiga os problemas da tradução francesa e faz alguns apontamentos em seu artigo *Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do “homem do ressentimento”* publicado nos *Estudos Nietzsche*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 181-198, jan./jun. 2010, p. 209, no qual “(...)a palavra *ressentiment* aparece quatro vezes, utilizada para traduzir o termo russo *zlosti*, que tem

---

378 KSB 8, p. 74-75.

379 KSB 8, p. 106.

380 KSB 8, p. 483.

um papel central na caracterização do homem de consciência hipertrofiada ( ...)". Entretanto, em nota de rodapé ainda na página 209, esclarece:

o termo russo *zlosti*, traduzido para o francês como *ressentiment*, por Ely Halpérine e Charles Morice, na edição utilizada por Nietzsche, e como “rancor”, por Boris Schneiderman, na edição brasileira; pode ser traduzido também como “raiva”, “cólera” ou “fúria”, segundo Fátima Bianchi, tradutora da obra *A senhoria*.

Por fim, Nietzsche refere-se à Dostoiévski como um grande psicólogo: “o único psicólogo, diga-se de passagem, do qual [ele teve] algo a aprender”.<sup>381</sup>

Bittencourt afirma categoricamente que Nietzsche leu *O Idiota*. Entretanto, os métodos adotados pelos estudiosos são distintos, enquanto Sena realiza um trabalho arqueológico de visitação as fontes, Bittencourt avança pelo método intuitivo para sustentar sua hipótese literária. “Para compreender a práxis evangélica originária, Nietzsche se influenciaria em especial pela delineação psicológico literária criada por Dostoiévski em seu romance *O Idiota*(...)”<sup>382</sup>O autor carioca argumenta que as similitudes dos textos de Dostoiévski e Nietzsche no que se refere ao tipo psicológico do redentor são grandes e que Nietzsche comenta textualmente o contato com a obra. Todavia, o trecho não é explícito. “Eu conheço apenas um psicólogo que viveu num mundo onde o Cristianismo é possível, onde um Cristo pode surgir a qualquer momento. É Dostoiévski. Ele adivinhou Cristo: - e ele permaneceu instintivamente protegido de representar esse tipo com a vulgaridade de Renan”.<sup>383</sup> Bittencourt, intuitivamente, avança no texto russo encontrando o tipo Jesus no príncipe Míchkin verificando as características do cristianismo originário.

Certamente o recorte psicológico que Nietzsche faz da personalidade de Jesus é baseado na imagem quixotesca do príncipe Míchkin, decorrendo daí a apropriação do termo ‘idiota’.<sup>384</sup>

Ora, o valor semântico da palavra idiota, portanto, não é negativo, mas positivo, ou seja, refere-se ao sentido grego como aquele que não quer se envolver com os

---

381 CI, Incursões de um extemporâneo, 45.

382 BITTENCOURT, Renato Nunes. *Nietzsche e a intuição psicológica como método para a compreensão da tipologia existencial da personalidade de Jesus*. Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613, v. 8, n. 15, p. 86-96, 2013, p. 92.

383 NIETZSCHE, KSA XIII Fragmento Póstumo 15 [9], p. 409.

384 BITTENCOURT, Renato Nunes. *Nietzsche e a intuição psicológica como método para a compreensão da tipologia existencial da personalidade de Jesus*. Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613, v. 8, n. 15, p. 86-96, 2013, p. 92.

negócios da pólis, tem o seu mundo privado, particular, tese que Allan Sena refuta para sustentar sua perspectiva fisiológica.

(...) este seria um “idiota”, não na sua depreciativa conotação usual do senso comum, mas no sentido original do termo grego, ou seja, de uma pessoa “indiferente” aos valores estabelecidos usualmente pela sociedade, pela coletividade humana, pela civilização, por não compactuar axiologicamente com as circunstâncias que envolvem a realidade cotidiana. Mais ainda, o “idiota” pode ser compreendido como uma pessoa “original”, “singular”, “privada”, qualidades que reforçam a carga semântica positiva contida em tal tipologia psicológica.<sup>385</sup>

Deste modo, o tipo Jesus, assim como o príncipe, por sua idiotia, constituir-se-iam amorais, e se o homem é moral, forjado na moralidade dos costumes, eles ( o tipo Jesus e Míchkin) representariam não mais o homem, mas o além-do-homem. Nesse sentido, o tipo idiota promove um *pathos* da distância afirmando sua autenticidade, sua superioridade existencial.

A simbologia do “Reino de Deus” como dimensão de alegria atemporal somente pode ser formulada por uma compreensão amoral de mundo, própria da tipologia do “idiota”, que se constitui como uma pessoa original, própria, autêntica, pois ele não combina, de forma instintiva, com as características enfadonhas do “espírito de rebanho”.<sup>386</sup>

Míchkin não reage, Jesus não ofende, o príncipe perdoa, o redentor ama os inimigos. Ambos estão distantes do mundo dos grandes, vivem uma existência própria que os levará a seu colapso. Jesus terá a cruz, não para redimir os pecados da humanidade, mas para ser punido por anunciar que o reino de Deus é aqui, acessível a qualquer um, sem intermediários, sem sacerdotes, como uma prática evangélica particular de amor; Míchkin na sua ação não resistente, diante da mais profunda violência praticada contra Nastácia Filippovna, internaliza-se de vez, renunciando completamente ao mundo, vivendo seu mundo privado.

A esse tipo de homem dedica Dostoiévski a estima mais profunda, pois representa o homem verdadeiramente belo do ‘paraíso perdido’, cujo grande

---

385 BITTENCOURT, Renato Nunes. *Nietzsche e a intuição psicológica como método para a compreensão da tipologia existencial da personalidade de Jesus*. Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613, v. 8, n. 15, p. 86-96, 2013, p. 93.

386 BITTENCOURT, Renato Nunes. *Nietzsche e a intuição psicológica como método para a compreensão da tipologia existencial da personalidade de Jesus*. Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613, v. 8, n. 15, p. 86-96, 2013, p. 93.

amor deve tornar-se neste mundo sua loucura e crucificação, porque ele não julga nem resiste ao maligno.<sup>387</sup>

O leitor apressado poderia quase que imediatamente ler *O Anticristo* de Nietzsche e *O Idiota* de Dostoiévski e concluir que, “evidentemente”, Nietzsche leu o russo e foi influenciado por ele na elaboração do tipo psicológico do redentor. Todavia, Allan Sena em seu artigo *O Jesus de Nietzsche e o príncipe Míchkin de Dostoiévski* levanta a discussão sobre se, de fato, Nietzsche teria lido *O Idiota*, especialmente. O artigo faz um apanhado das várias exposições acerca do tema feitas por diversos autores. Alguns argumentam que leu, outros que não teria lido *O Idiota*, mas como traços do príncipe Míchkin atravessam outras obras do autor, que Nietzsche teria lido, então poder-se-ia inferir que *O Idiota* influenciou indiretamente. Alguns comentam que não há indícios documentais que comprovem que Nietzsche tenha lido a obra. Assim, Pacini compõe o grupo que defende que a influencia ocorreu: “É claro que, escrevendo que Dostoiévski ‘adivinhou Cristo’, Nietzsche tem em mente o personagem do príncipe Míchkin de *O Idiota*”<sup>388</sup> Stellino coloca em dúvida se teria lido mesmo, já que não há provas:

Muito mais problemática é a tentativa de estipular se a singular semelhança entre o idiota de Dostoiévski, o príncipe Míchkin, e a figura de Jesus, tal como ela é descrita no *O Anticristo*, é resultado desse referido parentesco entre ambos os autores ou se Nietzsche foi influenciado diretamente pelo romance *O Idiota*.<sup>389</sup>

Miller mantém-se reticente, porém parece estar mais próximo dos que acreditam na influência, nem que seja indireta, a partir da leitura de outros textos do autor russo, sua principal hipótese:

Miller se mantém ainda mais cauteloso, e declara que Nietzsche “talvez”<sup>390</sup> tenha lido *O Idiota*. Miller também afirma que o príncipe Míchkin é um tipo recorrente em outras obras de Dostoiévski, localizado, por exemplo, nas personagens Aliocha, de *Humilhados e ofendidos*, e Stiepan Trofímovitch, de *Os Demônios*, o que dá margem a que se pense que era a um ou mais desses

---

387 BITTENCOURT, Renato Nunes. *Nietzsche e a intuição psicológica como método para a compreensão da tipologia existencial da personalidade de Jesus*. Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613, v. 8, n. 15, p. 86-96, 2013, p. 92.

388 PACINI, G. *Nietzsche lettore dei grandi russi*, p. 30. In: SENA, Allan Davy Santos. *O Jesus de Nietzsche e o príncipe Míchkin de Dostoiévski*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche, v. 3, n. 1, p. 21-40, 2010, p. 23).

389 STELLINO, P. “Jesus als ‚Idiot’”, p. 204. In: SENA, Allan Davy Santos. *O Jesus de Nietzsche e o príncipe Míchkin de Dostoiévski*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche, v. 3, n. 1, p. 21-40, 2010, p. 24.)

390 MILLER, C. A. “Nietzsche’s ‘discovery’ of Dostoevsky”, p. 203.

tipos que Nietzsche estava se referindo ao afirmar que Dostoiévski “adivinhou Cristo”.<sup>391</sup>

E, ainda: “A hipótese advinda da tese de Miller de que o tipo idiota está presente em outros romances de Dostoiévski além de *O Idiota*, ou seja, a suposição de que Nietzsche poderia ter ‘coletado’ exemplos para o tipo de Jesus em outros personagens que não o príncipe Míchkin, não é uma solução plenamente satisfatória.”<sup>392</sup> Por fim: “Miller defende que os traços do mundo doente para o qual os Evangelhos nos transportam e os do tipo psicológico do Redentor, foram encontrados por Nietzsche no personagem Kirílov, de *Os Demônios*, e em sua descrição da experiência de ‘harmonia eterna’ vivenciada por ele, fruto, em grande parte, da possível constituição epiléptica do personagem, algo bastante próximo das sensações que o príncipe Míchkin experimenta.”<sup>393</sup>

Campione percorre outro caminho e sugere que Nietzsche tenha lido comentadores de Dostoiévski:

Campioni, por outro lado, prefere apostar em uma fonte indireta: a obra de Eugène-Melchior de Vogüé, *Le roman russe [O romance russo]*, publicada em 1886, que consiste numa coletânea de artigos já antes publicados na “*Revue des Deux Mondes*”, periódico francês bastante lido e apreciado por Nietzsche, que comentavam as implicações psicológicas das obras do romancista russo.<sup>394</sup>

Karl Jasper não acredita na leitura porque o texto não teria sido traduzido para o alemão, mas Nietzsche lia bem em francês: “É duvidoso que Nietzsche tenha lido *O Idiota*. A primeira tradução alemã só apareceu em 1889, de modo que não pôde conhecê-la. Não sei se já existia uma tradução francesa e se chegou as suas mãos, ou se só chegou aos seus ouvidos o título *O Idiota*, ou se se trata, sem que o houvesse sabido, de uma estranha coincidência.”<sup>395</sup> Kauffman sustenta que Nietzsche conhecia bem os temas dostoiévskianos o que o levaria a uma elaboração teórica parecida com a do russo sem ter tido contato com a obra: “Kaufmann, por sua vez, prefere acreditar que

---

391 SENA, Allan Davy Santos. *O Jesus de Nietzsche e o príncipe Míchkin de Dostoiévski*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche, v. 3, n. 1, p. 21-40, 2010, p. 24.

392 SENA, Allan Davy Santos. *O Jesus de Nietzsche e o príncipe Míchkin de Dostoiévski*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche, v. 3, n. 1, p. 21-40, 2010, p. 26.

393 SENA, Allan Davy Santos. *O Jesus de Nietzsche e o príncipe Míchkin de Dostoiévski*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche, v. 3, n. 1, p. 21-40, 2010, p. 27.

394 SENA, Allan Davy Santos. *O Jesus de Nietzsche e o príncipe Míchkin de Dostoiévski*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche, v. 3, n. 1, p. 21-40, 2010, p. 25

395 JASPERS, K. *Nietzsche und das Christentum*, p. 20, notas. In: SENA, Allan Davy Santos. *O Jesus de Nietzsche e o príncipe Míchkin de Dostoiévski*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche, v. 3, n. 1, p. 21-40, 2010. P. 25, notas.

Nietzsche ‘pode até não ter lido todo o romance *O Idiota*, mas parecia estar familiarizado com sua concepção central’<sup>396</sup>’.<sup>397</sup>

Dibelius acha que *O Idiota* não passaria ileso e Nietzsche teria se expressado de forma mais contundente acerca das impressões de sua leitura como fizera com *Memórias do Subsolo*:

Dibelius, porém, acha que seria muito difícil, caso Nietzsche estivesse se referindo ao príncipe, que ele não houvesse declarado isso explicitamente em cartas, póstumos ou mesmo em *O Anticristo*, tal como ele de fato o fez, no calor do entusiasmo, durante a leitura de outras obras de Dostoiévski.<sup>398</sup>

Sommer é enfático, lera sim: “Já para Sommer, a simples existência do fragmento póstumo intitulado ‘Jesus: Dostoiévski’ torna por si só toda a especulação de se Nietzsche teria ou não ouvido falar do romance *O idiota* ‘nula’.”<sup>399</sup>

Outrossim, a obra *Minha Religião* de Liev Tolstói, censurada na Rússia e publicada numa tradução em francês, autorizada pelo escritor, é, segundo Allan Sena, em *Nietzsche e o Tipo Psicológico do Redentor*, primordial para a construção do tipo Jesus.

O cristianismo professado por Tolstói tem como fundamento absoluto a crença de que a não-violência constitui a essência dos ensinamentos de Cristo e que, por conseguinte, toda forma institucional, eclesiástica do cristianismo é necessariamente contrária a essa doutrina, já que eleva seus alicerces por meio de procedimentos inevitavelmente coercitivos.<sup>400</sup>

Também, as instituições do Estado são anticristãs, pois para existirem necessitam de impor-se pelo uso da força.

Em seu cristianismo radical, Tolstói estava firmemente convicto de que agir de tal modo era necessário, racional e possível, e em seus últimos anos de vida procurou mostrar isso, o que lhe rendeu perseguições por parte do Estado russo, que proibiu os seus ensaios, e da Igreja ortodoxa russa, da qual foi rapidamente excomungado, já que a promulgação e a forte influência de suas idéias (...) ameaçava o cerne dos interesses dessas instituições.<sup>401</sup>

Como Nietzsche denuncia e Tolstói afirma, o cristianismo institucionalizado deturpou, adulterou e profanou os evangelhos, assim como a imagem do redentor:

---

396 KAUFMMAN, W. *Nietzsche, philosopher, psychologist, antichrist*, p. 340, nota 2.

397 SENA, Allan Davy Santos. *O Jesus de Nietzsche e o príncipe Míchkin de Dostoiévski*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche, v. 3, n. 1, p. 21-40, 2010, p. 26.

398 SENA, Allan Davy Santos. *O Jesus de Nietzsche e o príncipe Míchkin de Dostoiévski*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche, v. 3, n. 1, p. 21-40, 2010, p. 26.

399 SOMMER, A. U. *Friedrich Nietzsches “Der Antichrist”*, p. 317. In: SENA, Allan Davy Santos. *O Jesus de Nietzsche e o príncipe Míchkin de Dostoiévski*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche, v. 3, n. 1, p. 21-40, 2010, p. 26.

400 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 337.

401 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 342.

“Tolstoi vê no cristianismo eclesiástico não meramente uma má compreensão dos ensinamentos de Cristo, mas sim o mais pérfido inimigo e perseguidor do verdadeiro cristianismo, o grande responsável para que o termo ‘cristão’ tenha se tornado uma ofensa em relação ao que a vida de Cristo de fato representou(...)”<sup>402</sup> Este trabalho de Tolstoi corresponde a uma segunda fase de sua vida na qual havia convertido-se ao cristianismo e que, inclusive, negou sua produção anterior, as grandes obras como *Ana Karenina* e *Guerra e Paz*, como indignas e blasfematórias.

O ensaio *Ma Religion* pertence ao período do chamado ‘segundo Tolstoi’, isto é, o Tolstoi posterior à sua famosa conversão ocorrida entre os seus setenta e oitenta anos, a partir da qual ele aderiu a um cristianismo de caráter anárquico e radical, cuja personificação mais patente ele encontrava entre os camponeses russos. Nessa fase, Tolstói renegou todas as suas antigas convicções a respeito da vida e da natureza da obra de arte, rejeitando os livros que o tornaram mundialmente famoso, como *Guerra e Paz* (1868) e *Ana Karenina* (1875), como vãs futilidades.<sup>403</sup>

Renato Nunes Bittencourt lembra, ainda, em seu artigo *As Influências de Tolstoi e de Dostoiévski na Análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*, do livro *O Reino de Deus está em nós*, no qual salienta, mais uma vez, a incoerência entre uma vida crística e a institucionalização do cristianismo. Porque a vida crística, segundo Tolstoi, é completamente apolítica, as instituições oprimem e violentam, algo completamente oposto a uma vida de amor.

Ora, todos os indivíduos imbuídos do amor crístico se tornam plenamente capacitados a interagirem com o divino, sem a necessidade de uma intermediação hierárquica do sacerdote. Ao propor esse tipo de relação sagrada aos seus seguidores, Jesus retira da elite sacerdotal a sua autoridade eclesiástica tradicionalmente consolidada ao longo dos séculos, suprimindo inclusive a importância de um estado político calcado sob bases teológicas, conforme a antiga religião judaica preconizava.<sup>404</sup>

Num trecho da obra, Tolstoi escreve algo que se assemelha bastante a teoria nietzschiana da inversão dos valores morais e da vitória dos escravos sobre os senhores fazendo com que o homem decaído, seja algo a ser superado. “Mais ainda, é inegável em Tolstoi a existência de valorações escatológicas e teleológicas, conforme podemos depreender da passagem seguinte: ‘O progresso da humanidade acontece não porque os opressores se tornam melhores, mas porque os homens assimilam, cada dia mais, o conceito cristão de vida’<sup>405</sup> .”<sup>406</sup> O projeto de Tolstoi seria fundar uma sociedade

---

402 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 343.

403 SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012, p. 337.

404 BITTENCOURT, Renato Nunes. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Ítaca, n. 15, 2010, p. 130.

405 TOLSTÓI, Liev. *Minha Religião*. 1994, p. 279.

ancorada nos valores de não-resistência e amor apregoados por Jesus, fundar uma sociedade justa, sem a violência das instituições e, principalmente, das instituições clericais.

Tolstoi busca a instauração de um novo Cristianismo, na verdade o renascimento de uma experiência cristã tal como a demonstrada historicamente por Jesus em sua vida, em prol da instauração de uma sociedade mais justa e feliz; Nietzsche visa uma elevação do tipo crístico como exemplo de uma prática existencial beatífica, a qual, ainda que não capitaneie a transvaloração dos valores, ao menos faz do existir uma instância de alegria que permite o estabelecimento de uma concepção inocente da realidade.<sup>407</sup>

O cristianismo enquanto força ativa e atitude vigorosa da vida, daqueles que conseguem se desvincular do ressentimento, que sustentam o amor ao próximo, aos inimigos, o amor pleno, a qualquer um, independentemente, de estatuto social, cara e rosto, são professados por poucos.

De fato, existiram e existem pessoas que aplicaram e aplicam sinceramente os ideais evangélicos de Jesus, mas essa disposição beatífica é uma grande minoria, pois se realmente predominasse no dito mundo cristão a prática de ações dignas da nobreza do Nazareno, as relações interpessoais e a vida em sociedade seriam certamente mais saudáveis, alegres e propícias para o desenvolvimento de uma cultura afirmativa.<sup>408</sup>

Por fim, o cristianismo não é negação da vida, ao contrário, a afirma enquanto amor.

Ser um 'cristão' não é uma mera denominação ostensiva, uma classificação social que distingue o indivíduo das demais pessoas, mas uma transformação radical de conduta e de valoração da existência, na qual os conceitos arraigados pela ordem estabelecida são postos de lado, em prol de uma nova abertura para a criação, mediante o efeito tonificante do amor interpessoal, que associa todos os indivíduos, independentemente de qualquer estatuto social.<sup>409</sup>

O debate das fontes é importante para contextualizar o leitor sobre a produção teórica e documental sobre as nuances do contato de Nietzsche com Dostoiévski. Porém, em momento algum gostaríamos de ratificar a tese já superada de que as fontes elucidam objetivamente o real. Elas servem ao olhar do analista que lança sobre elas suas perguntas pertinentes e as interpreta a seu modo segundo seus pontos de vista político, teórico, metodológico, subjetivo. O debate, portanto, é longo e infundável, e o é porque não há aqui pretensões de solucionabilidade dos problemas como a construir

---

406 BITTENCOURT, Renato Nunes. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Ítaca, n. 15, 2010, p. 135.

407 BITTENCOURT, Renato Nunes. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Ítaca, n. 15, 2010, p. 136.

408 BITTENCOURT, Renato Nunes. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Ítaca, n. 15, 2010, p. 138.

409 BITTENCOURT, Renato Nunes. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Ítaca, n. 15, 2010, p. 139.

afirmações gerais e verdadeiras. Alguma coisa de Dostoiévski encontra-se em Nietzsche nos levando a conjecturar diversos aspectos. Todavia, o caminho mais promissor nos é impossível, que seria perguntar ao alemão como fora seu contato com o russo. Ademais, o debate se lera ou não os autores russos não compromete *in toto* a análise filosófica dos problemas colocados por todos estes autores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOLINÁRIO, José Antônio Feitosa. *As andanças do homem superior em Nietzsche*. Cadernos Nietzsche 28, 2011.

ARALDI, Clademir Luís. *A vontade de potência e a naturalização da moral*. Cadernos Nietzsche 30, 2012.

BARBOSA, Ildenilson Meireles. *O pensamento do eterno retorno e da vontade de poder como superação das teleologias cristã e científica*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche – 1º semestre 2010 – Vol.3 – nº1 – pp. 71-89.

BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A. *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. São Paulo : Artmed editora, 2007.

BEARD, *A practical treatise on nervous exhaustion*, 1880.

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos de Maredsous ( Bélgica). São Paulo: Editora Ave Maria, 2013.

BITTENCOURT, Renato Nunes. *A Psicologia da Idiotia e Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 103-120.

\_\_\_\_\_. *A tipologia do ressentimento em Dostoiévski e Nietzsche*. Revista Húmus, v. 1, n. 2, 2011.

\_\_\_\_\_. *As influências de Tolstói e de Dostoiévski na análise nietzschiana sobre a gênese da experiência crística*. Ítaca, n. 15, 2010.

\_\_\_\_\_. *Das profundezas do ressentimento ao sublime amor crístico: Dostoiévski e Nietzsche*. Ítaca, n. 21, 2012.

\_\_\_\_\_. *Espinosa, Nietzsche e a denúncia da moral teológica como distorção axiológica das disposições afirmativas da autêntica práxis crística*. Trilhas Filosóficas, v. 3, n. 1, 2010.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche e a intuição psicológica como método para a compreensão da tipologia existencial da personalidade de Jesus*. Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613, v. 8, n. 15, p. 86-96, 2013.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche e sua compreensão extra-moral da experiência originária da beatitude evangélica de Jesus*. Revista Dissertatio de Filosofia, v. 34, p. 447-468, 2011.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche e a Psicologia do Redentor*. Revista Filosofia Capital-ISSN 1982-6613, v. 7, n. 14, p. 57-71, 2011.

BRAZIL, Luciano Gomes. *Considerações acerca do conceito de vontade de poder*. Griot – Revista de Filosofia, Amargosa, Bahia – Brasil, v.5, n.1, junho/2012.

BUZZACHERA, Pricilla. *Da quantidade e qualidade da força segundo a filosofia de Nietzsche. Intuitio*, ISSN 1983-4012, Porto Alegre V.2 – Nº 3, Novembro 2009, pp. 225-238.

CABRAL, Alexandre Marques. *Nietzsche e a semântica da vontade de poder*. Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche, 1º semestre de 2009, Vol.2, nº1, pp.20-37.

CAMPOS, Anna Paula de Ramos. *Nietzsche e o esquecimento*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

COSTA, Mariana Lins. *Hierarquia, complexidade e coesão: a vontade de poder como multiplicidade e as suas possíveis combinações*. Perspectiva Filosófica, Recife, v. II, n. 38, ago./dez. 2012.

DA SILVA, Nelson José Batista. *Memória, Esquecimento e Criação em Nietzsche*. UNIRIO, 2012.

DE JESUS COSTA, Paulo Sérgio. *O conceito de catarse na interpretação do romance-tragédia de Dostoiévski*. Aisthe, v. 2, n. 2, p. 136-154, 2016.

DE SOUSA COUTINHO, Carlos Antonio. *A liberdade humana e o problema do mal: o pensamento trágico de Dostoiévski*. Sapere Aude-Revista de Filosofia, v. 6, n. 12, p. 755-770, 2016.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Correspondências (1838-1880)*. Trad. de Robertson Frizero. Porto Alegre: Inverso, 2009.

\_\_\_\_\_. *Crime e Castigo*. Editorial Presença, 2011.

\_\_\_\_\_. *Gente pobre*. Fiódor Dostoiévski, 2015.

\_\_\_\_\_. *Memórias do subsolo*. São Paulo: editora 34, 2017.

\_\_\_\_\_. *O idiota: romance em quatro partes*. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora, v. 34, 2002.

\_\_\_\_\_. *Os Demônios*, Trad. Paulo Bezerra, São Paulo: Editora, v. 34, 2004.

\_\_\_\_\_. *Os irmãos Karamázov*. Ed. 34, 2008.

DRUCKER, Claudia. *Comparatismo entre russos e brasileiros (parte II): a ocidentalização do niilismo*. Anais do XIII. Congresso Internacional da ABRALIC: Internacionalização do Regional. UEPB – Campina Grande, PB. 08 a 12 de julho de 2013.

ECHEVERRÍA, José. *Libro de convocaciones: Cervantes, Dostoyevski, Nietzsche, A Machado*. Anthropos Editorial, 1986.

FEILER, Adilson Felício. *Da justiça como princípio de vontade igualitária para a justiça como aumento de potência. Nietzsche e a justiça como meio de inversão da má consciência em aumento da potência afirmadora da vida*. Veritas, Porto Alegre, v. 63, n. 2, maio-ago. 2018, p. 458-472.

FÉRÉ, *Sensation et mouvement*.

FIANCO, Francisco. *Eterno Retorno e Vontade de Poder: Metafísica ou Metapsicologia?* Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche – 1º semestre de 2009 – Vol.2 – nº1 – pp.38-48.

FOGEL, Gilvan. “*O homem doente do homem. A colocação de um problema a partir de F. Nietzsche e F. Dostoevski*” In: Vânia Dutra de Azeredo (org.) *Encontros Nietzsche*. Ijuí: Ed.Unijuí, 2003, p. 51-70.

GALIMBERTI, Ana. *La salvación por la belleza: La obra de F. Dostoevski. Teología y vida*, v. 47, n. 4, p. 457-477, 2006.

GALTON, Francis. *Inquiries into human faculty and its development*. Originally published in 1883 by Macmillan.

GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. *Labirintos da alma – Nietzsche e a auto-supressão da Moral*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

GIACÓIA JR, O. *Nietzsche*. São Paulo: Publifolha, 2000.

GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. *Nietzsche como Psicólogo*. Vale do Rio dos Sinos: Ed. Unisinos, 2001.

GISEL, Pierre. “*Perspectivismo nietzscheano e discurso teológico*” In: *Nietzsche e o Cristianismo*. Trad. de Lucia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, p. 102-112, 1981.

GOMES, Liane Maria Koch; GOMES, Roberta de Figueiredo. *Crises epilépticas x crises não epilépticas psicogênicas: diagnóstico diferencial*. Caderno pedagógico, Lajeado, v. 12, n. 1, p. 196-207, 2015.

GUERVÓS, Luis Enrique de Santiago. *A dimensão estética do jogo na filosofia de F. Nietzsche*. cadernos Nietzsche 28, 2011.

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche–volume I*. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária2007, 1991.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche–volume II*. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária2007, 1991.

ITAPARICA, André Luís Mota. *Relativismo e circularidade: a vontade de potência como interpretação*. cadernos Nietzsche 27, 2010.

JÚNIOR, Francisco Chagas Vieira Lima. *A crucificação da moral: a sedução do cristianismo na análise genealógica de Nietzsche*. Revista Espaço Acadêmico, v. 10, n. 111, p. 71-80, 2010.

MACHADO, Bruno Martins. *A Psicologia em “Humano Demasiado Humano”: Nietzsche, Paul Rée e a História Natural da Moral*. Campinas, 2013.

MARTON, scarlett *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1990.

MAUDSLEY, Henry. *Responsibility in Mental Disease*. D. Appleton and Company, New York, 1898.

MOORE, Gregory. *Nietzsche, Biology and Metaphor*. Cambridge University Press, 2002.

MOREL, *Traité des dégénérescences*, 1857.

NASSER, Eduardo. *O destino do gênio e o gênio enquanto destino: o problema do gênio no jovem Nietzsche*. cadernos Nietzsche 30, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

\_\_\_\_\_; DE MORAES BARROS, Fernando. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*. hedra, 2007.

\_\_\_\_\_. *Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do Futuro*. Editora Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Editora Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Editora Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo*. Editora Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. *Escritos sobre história*. Edições Loyola, 2005

\_\_\_\_\_. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia de bolso, 2008.

\_\_\_\_\_. *O anticristo e ditirambos de Dionísio*. Editora Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da tragédia no espírito da música*. São Paulo: Abril, 1978.

\_\_\_\_\_; DE SOUZA, Paulo César. *A Gaia Ciência*. Editora Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_; GIACÓIA, Oswald. *Fragments póstumos*. IFCH/UNICAMP, 1996.

NUTO, João Vianney Cavalcanti. *Dostoiévski e Bakhtin: a filosofia da composição e a composição da filosofia. Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso. ISSN 2176-4573, n. 6, p. 129-142, 2011.

OLIVEIRA, Leonardo Camacho de. *Nietzsche e o determinismo: como a cosmologia da vontade de poder solapa a possibilidade de eventos contingentes*. SEARA FILOSÓFICA, N. 9, VERÃO, 2014, P.199-216.

PASCHOAL, A. E. *Memória e esquecimento em Nietzsche*. In: Falando de Nietzsche – Org. Vânia Dutra de Azeredo. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

\_\_\_\_\_. *Vestígios de Dostoiévski na correspondência de Nietzsche*. Estudos Nietzsche, v. 6, n. 2, 2016.

\_\_\_\_\_. *A superação do ressentimento na filosofia de Nietzsche*. Estudos Nietzsche, 2012.

\_\_\_\_\_. *Dostoiévski e Nietzsche: anotações em torno do “homem do ressentimento”*. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 181-198, jan./jun. 2010.

RENAN, Ernest. *Vida de Jesus*. Trad. de Eduardo Augusto Salgado. Porto: Livraria Chardron, Lello & Irmão, 1915.

RIVERA LEÓN, Lorena. *La risa es un asunto serio: lo carnavalesco en “El idiota”(Dostoiévski y Kurosawa)*. 2016.

SABINO, Paulo Cesar Jakimiu; NOYAMA, Samon. *Nietzsche e Dostoiévski: contraposições e aproximações para elucidar o que significa estar para além do bem e do mal*. Caderno de textos e resumos da XVII Semana Acadêmica de Filosofia. UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus Toledo, 2014.

SENA, Allan Davy Santos. *Nietzsche e o tipo psicológico do redentor*. Campinas, SP. 2012.

SENA, Allan Davy Santos. *O Jesus de Nietzsche e o príncipe Míchkin de Dostoiévski*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche, v. 3, n. 1, p. 21-40, 2010.

SOUZA, Cláudia Franco. *Dostoiévski, Nietzsche e Freud e o mal-estar na consciência*. Actas das Jornadas de Jovens Investigadores de Filosofia–, p. 39.

STEGMAIER, Werner. *As Linhas Fundamentais do Pensamento de Nietzsche*. Editora Vozes, 2013.

STELLINO, Paolo. *El descubrimiento de Dostoiévski por parte de Nietzsche*. Contrastes. Revista Internacional de Filosofía, v. 13, 2007.

STENDHAL. *O Vermelho e o Negro*. Editora Nova Cultural Ltda: São Paulo, 2002.

TOLSTÓI, Leon. *O Reino de Deus está em vós*. Trad. de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1994.

TOLSTÓI, Liev. *Minha Religião*. Trad. De Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: A Girafa, 2011.

VIANA, Nildo. *Nietzsche, Vontade de Potência e Irracionalismo*. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 20, n. 9/10, p. 569-589, set./out. 2010.

VIENSENTEINER, Jorge Luiz. *Experimento e Vivência: a dimensão da vida como pathos*. Campinas, 2009.

WELLHAUSEN, Julius. *Prolegomena to the history of ancient Israel*. Encyclopaedia Britannica, 1885.